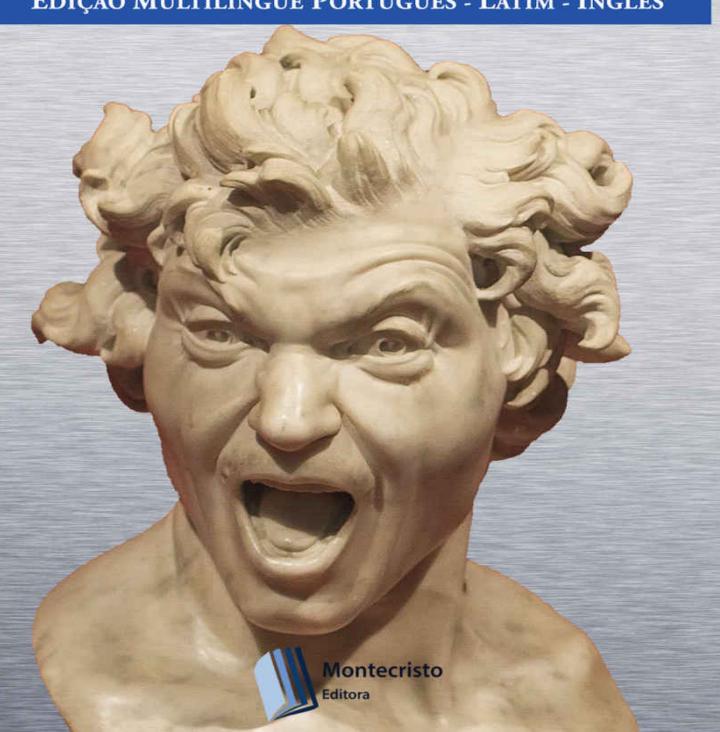
SÊNECA

SOBRE A IRA

EDIÇÃO MULTILÍNGUE PORTUGUÊS - LATIM - INGLÊS



SÊNECA

"O MAIOR REMÉDIO PARA A IRA É O ADIAMENTO."

SOBRE A IRA

Tradução, introdução e notas de ALEXANDRE PIRES VIEIRA



©2018 Copyright Montecristo Editora

LÚCIO ANEU SÊNECA SOBRE A IRA

Ad Novatvm, de Ira

Lucius Annaeus Seneca

Supervisão de Editoração/Capa

Montecristo Editora

Tradução

Alexandre Pires Vieira

Original em Latim

The Latin Library

Texto em inglês

Wikisource, Of Anger

Imagem da Capa

busto "Alma danada", por Gian Lorenzo Bernini, Palazzo di Spagna, Roma

ISBN:

978-1-61965-126-5 - Edição Digital

Montecristo Editora Ltda.

e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) SÊNECA Sobre a Ira / Sêneca; introdução, tradução e notas de *Alexandre Pires Vieira.* – São Paulo, SP : Montecristo Editora, 2018.

Título original: Ad Novatvm, de Ira

Introdução

O ensaio **Sobre a Ira** é dirigido ao irmão mais velho de Sêneca, Gálio. Embora decomposto em três livros, o texto é efetivamente dividido em duas partes.

A primeira parte (I-II, xvii) trata de questões teóricas, enquanto a segunda parte (II,xviii –final) oferece conselhos terapêuticos. A primeira parte começa com um preâmbulo sobre os horrores da ira, seguidos por suas definições. Continua com questões como se a ira é natural, se pode ser moderada, se é involuntária e se pode ser completamente apagada.

Nenhum homem se torna mais corajoso por meio da ira, exceto alguém que, sem ira, não teria sido corajoso: a ira, portanto, não vem para ajudar a coragem, mas para tomar seu lugar. (l.xiii,5)

Nada se convêm àquele que inflige punição menos do que a ira, porque a punição tem tanto mais poder de reforma, se a sentença for pronunciada com julgamento deliberado. É por isso que Sócrates disse ao escravo: "Eu surraria você, se não estivesse com ira". Ele adiou a correção do escravo para uma oportunidade em que estivesse mais calmo; no momento, ele se repreendeu. Quem pode se gabar de ter suas paixões sob controle, quando Sócrates não ousou confiar em si mesmo à sua ira?(I.xv,3)

A segunda parte (Livro II.xviii em diante) começa com conselhos sobre como evitar a ira e como isso pode ser ensinado a crianças e adultos. Seguido então por vários trechos de conselhos sobre como a ira pode ser adiada ou extinta, e muitos casos reais são dados de exemplos a serem imitados ou evitados. O trabalho conclui com algumas dicas sobre como acalmar outras pessoas, seguido de um resumo da obra.

"Outros vícios afetam nosso julgamento, a ira afeta nossa sanidade: outros vêm em ataques leves e crescem

despercebidos, mas as mentes dos homens mergulham abruptamente em ira. Não há paixão mais frenética, mais destrutiva para si mesma; é arrogante se for bem-sucedida e frenética se falhar. Mesmo quando derrotada, ela não se cansa, mas se o acaso coloca seu inimigo além de seu alcance, ela volta seus dentes contra si mesmo. " (III,i,5) "Que nada lhe seja permitido enquanto estiver irado. Por que razão? Porque irá querer que tudo lhe seja permitido." (III.xii,7)

Em "**Sobre a ira**" Sêneca defende a tese – contrária à de outros filósofos da Antiguidade, como Aristóteles – de que a ira sempre é prejudicial. Segundo o romano, um grande homem não deve irar-se nunca e, quando não for possível reprimir a ira, ele deve tentar se acalmar o mais cedo possível.

A profundidade do pensamento, a vivacidade do estilo e os ricos exemplos que o filósofo apresenta para confirmar suas teses tornam a leitura de "**Sobre a ira**" extremamente prazerosa.

Sobre o autor

Lúcio Aneu Sêneca, em latim: Lucius Annaeus Seneca, é conhecido também como Sêneca, o jovem ou o filósofo. Nasceu em Córdoba, aproximadamente em 4 a.C. Era de família abastada, que se transferiu para Roma quando ele ainda era criança. Muito jovem, Sêneca estudou com o estoico Átalo e com os neopitagóricos Sótion de Alexandria e Papírio Fabiano, discípulos do filósofo romano Quinto Séxtio.

Provavelmente por motivos de saúde, Sêneca mudou-se, por volta de 20 d.C., para Alexandria, no Egito, de onde retornou a Roma em 31. Aos quarenta anos iniciou carreira como orador e político, tendo rapidamente sido eleito para o senado. Em Roma, estabeleceu vínculos com as irmãs do imperador Calígula: Livila, Drusila e Agripina Menor, mãe do futuro imperador Nero. Sendo figura destacada no senado e no ambiente palaciano, foi envolvido numa conjuração contra Calígula.

Sêneca diz que se livrou da condenação à morte por sofrer de uma doença pulmonar (provavelmente asma). Assim, por intercessão de aliados, Calígula foi convencido que ele estaria condenado a uma morte natural iminente.

Com o assassinato de Calígula em 41, Sêneca tornou-se alvo de Messalina, esposa do imperador Cláudio, num confronto entre esta e as irmãs de Calígula. Acusado de manter relações adúlteras com Livila, foi condenado à morte pelo Senado. Por intervenção do próprio imperador, a pena foi comutada em exílio na ilha de Córsega. O exílio durou oito anos, período em que o filósofo se dedicou aos estudos e à composição de inúmeras obras.

Em 49 d.C. Agripina, então a nova esposa do imperador Cláudio, possibilitou o retorno de Sêneca e o instituiu como preceptor de seu filho Nero, então com doze anos. Após a morte de Cláudio em 54,

Nero foi nomeado seu sucessor e Sêneca tornou-se o principal conselheiro do jovem imperador. No entanto, o conflito de interesses envolvendo, de um lado, Agripina e seus aliados e de outro, conselheiros de Nero, os quais, por sua vez, se opunham a Sêneca, levou a uma crise que resultou na morte de Agripina e no gradual enfraquecimento político de Sêneca.

Em 62, Sêneca solicitou a Nero para se afastar totalmente das funções públicas, contudo o pedido foi negado. De toda forma, alegando saúde precária, Sêneca passou a se dedicar ao ócio, ou seja, à leitura e à escrita. Sua relação com Nero deteriorou-se principalmente pelo prestígio do filósofo no meio político e intelectual, onde era visto como um possível governante ideal. No início de 65, foi envolvido em uma conjuração para derrubar o imperador e foi condenado à morte por suicídio, morreu em 19 de abril.

Sêneca foi simultaneamente dramaturgo de sucesso, uma das pessoas mais ricas de Roma, estadista famoso e conselheiro do imperador. Sêneca teve que negociar, persuadir e planejar seu caminho pela vida. Ao invés de filosofar da segurança da cátedra de uma universidade, ele teve que lidar constantemente com pessoas não cooperativas e poderosas e enfrentar o desastre, o exílio, a saúde frágil e a condenação à morte. Sêneca correu riscos e teve grandes feitos.

Obras filosóficas de Sêneca:

- Cartas de um Estoico, Vol I (Epistulae morales ad Lucilium)
- Cartas de um Estoico, Vol II
- Cartas de um Estoico, Vol III
- Sobre a Ira (De Ira)
- Consolação a Márcia (Ad Marciam, De consolatione)
- Consolação a Minha Mãe Hélvia (Ad Helviam matrem, De consolatione)
- Consolação a Políbio (De Consolatione ad Polybium)
- Sobre a Brevidade da vida(De Brevitate Vitae)

- <u>Da Clemência</u> (De Clementia)
- Sobre Constância do sábio (De Constantia Sapientis)
- A Vida Feliz (De Vita Beata)
- Sobre os Benefícios (De Beneficiis)
- Sobre a Tranquilidade da alma (De Tranquillitate Animi)
- Sobre o Ócio (De Otio)
- <u>Sobre a Providência Divina</u> (De Providentia)
- Sobre a Superstição (De Superstitione) perdida, citada por Santo Agostinho.

Além de filosofia, Sêneca escreveu também Tragédias e peças de teatro, bastante populares em sua época:

- Hércules furioso (*Hercules furens*)
- As Troianas (*Troades*)
- As Fenícias (*Phoenissae*)
- Medeia (*Medea*)
- Fedra (*Phaedra*)
- Édipo (Oedipus)
- Agamemnon
- Tiestes (*Thyestes*)
- Hércules no Eta (*Hercules Oetaeus*)

Sobre a tradução

A tradução para o português foi baseada na versão em inglês de **Aubrey Stewart** publicada em 1889 por George Bell & Sons disponível no Internet Archive. Ao texto de Stewart foram acrescentadas as notas de rodapé esclarecendo nomes e personagens citados por Sêneca bem como referências a livros de autores mencionados. A leitura das seguintes obras foi fundamental para a conclusão da tradução: 1. *Moral Letters to Lucilius by Seneca* por Richard Mott Gummere; 2. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome* por Brad Inwood; 3. *A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy* por William Braxton Irvine.

O texto em latim que consta deste volume é da <u>The latin library</u>. Poucas observações sobre a tradução são necessárias.

No latim, o uso da segunda pessoa é natural para expressar a relação de proximidade e familiaridade. Nas traduções em português geralmente usa-se a segunda pessoa (*tu*). Contudo, no português atual, principalmente no Brasil, o uso da terceira pessoa (*você*) me parece mais adequado à intenção de Sêneca, que ensinava filosofia a um amigo. Assim, toda a tradução foi feita em terceira pessoa.

O termo "**fortuna/fortunae**", para o autor latino, se assemelha à nossa "sorte" ou "destino", mas era também uma divindade. O nome comum e o nome próprio são dificilmente distinguíveis no texto, portanto, usei sempre "Fortuna".

Que este livro o sirva como amigo, professor e companheiro. Espero que gostem tanto quanto eu,

Alexandre Pires Vieira Viena, verão de 2018

Livro I

- 1. Você me pediu, Novato¹, que eu escrevesse como a ira pode ser acalmada, e parece-me que você está certo em sentir um medo especial dessa paixão, que é acima de todas as outras coisas hedionda e selvagem: porque nas outras existe algum grau de paz e sossego, mas essa é plena de excitação e ímpeto, enfurecida por uma ânsia desumana de dor, armas, sangue e torturas, descuidado de si mesmo, desde que machuque outro, correndo sobre o próprio corpo a espada, e ávida por vingar-se mesmo quando arrasta o vingador à ruína.
- 2. Alguns dos homens mais sábios² têm em consequência chamado a ira de uma pequena loucura: pois ela é igualmente desprovida de autocontrole, independentemente do decoro, do esquecimento do parentesco, obstinadamente absorta no que quer que comece a fazer, surda à razão e ao conselho, excitada por causas insignificantes, estranha em perceber o que é verdadeiro e justo, e muito como uma rocha que se desfaz em pedaços sobre a mesma coisa que esmaga.
- 3. Para que você saiba que aqueles que a ira possui não são sensatos, olhe para sua aparência; pois há sintomas distintos que marcam os loucos, como um ar ousado e ameaçador, uma sobrancelha sombria, um rosto severo, uma caminhada apressada, mãos inquietas, cores mudadas, respiração rápida e forte; os sinais de homens raivosos também são os mesmos:
- 4. os olhos brilham, todo o rosto é vermelho escuro com o sangue que ferve do fundo do coração, os lábios tremem, os dentes estão cerrados, as cerdas de cabelo em pé, sua respiração é ofegante e sibilante, suas articulações estalam ao girá-las, gemem, berram e

começam a falar pouco inteligivelmente, muitas vezes batem palmas e batem no chão com os pés, todo o corpo fica tenso e mostra marcas de uma mente perturbada, de modo a fornecer uma imagem feia e chocante de auto perversão e excitação. Não se sabe se é mais detestável ou mais deformante esse vício³.

- 5. Outros vícios podem ser escondidos e alimentados em segredo; a ira se mostra abertamente e aparece no semblante, e quanto maior, mais claramente se manifesta. Você não vê como, em todos os animais, certos sinais aparecem antes de eles começarem a causar danos, e como seus corpos inteiros adiam sua habitual aparência silenciosa e agitam sua ferocidade?
- 6. Javalis espumam pela boca e afiam os dentes esfregando-os contra as árvores, os touros agitam os chifres no ar e espalham a areia com os golpes dos pés, os leões rosnam, os pescoços das cobras enfurecidas incham, os cães raivosos têm um olhar sombrio.
- 7. Não há um animal tão detestável e venenoso por natureza que, quando tomado pela ira, não demonstre ferocidade adicional. Eu sei bem que as outras paixões, dificilmente podem ser ocultadas, e que luxúria, medo e ousadia dão sinais de sua presença e podem ser descobertas de antemão, pois não há nenhuma paixão fortes que não afete o semblante: então qual é a diferença entre elas e a ira? É que as outras paixões ficam aparentes; esta fica proeminente.

- 2. Em seguida, se você analisar seus resultados e a maldade que fez, nenhuma praga custou à raça humana mais caro: você verá abates e envenenamentos, acusações e contra-acusações, saques de cidades, ruína de povos inteiros, príncipes vendidos em escravidão em leilão, tochas aplicadas a telhados e fogos não apenas confinados nas muralhas da cidade, mas fazendo com que trechos inteiros do país brilhassem com chamas hostis.
- 3. Veja os alicerces de cidades de tão vasto renome, os quais mal se distinguem: a ira as demoliu. Veja os desertos se estendendo por muitos quilômetros sem um habitante: eles foram desolados pela ira. Veja todos os chefes que a tradição menciona como casos de destino ruim; a ira esfaqueou um deles em sua cama, derrubou outro, embora ele estivesse protegido pelos sagrados direitos de hospitalidade⁴, despedaçou outro na própria casa das leis e, à vista do foro lotado, ordenou que se perdesse seu próprio sangue a mão parricida de seu filho, outro teve sua garganta real cortada pela mão de um escravo, outro esticado seus membros na cruz.
- 3. E até agora estou falando apenas de casos individuais. O que, se você fosse passar da consideração daqueles homens solteiros contra os quais a ira irrompeu para ver assembleias inteiras cortadas pela espada, o povo massacrado pelos soldados, e nações inteiras condenadas à morte em um comum arruinar. ... ⁵ como se abandonassem o cuidado de nós ou desprezassem nossa autoridade.?
- 4. Por que o povo está irado com gladiadores⁶, e tão injusto a ponto de se achar injustiçado se eles não morrem alegremente? ele se julga desprezado, e por olhares, gestos e excitação transforma-se de um mero espectador em um adversário.
- 5. Tudo deste tipo não é ira, mas a aparência de ira, como a dos

meninos que querem surrar o chão quando eles caem e muitas vezes nem sequer sabem por que estão com raiva, mas estão simplesmente zangados, sem qualquer razão ou tendo recebido qualquer dano, mas não sem alguma semelhança de dano recebido, ou sem algum desejo de cobrar uma penalidade por isso. Iludidos pela semelhança de golpes, e são apaziguados pelas lágrimas fingidas daqueles que depreciam sua ira, e assim uma dor irreal é curada por uma vingança irreal.

- 1. "Muitas vezes temos ira", diz o nosso adversário, "não com aqueles que nos ultrajaram, mas com os que mostram intenção de nos ultrajar, comprovando-se que a ira não nasce de uma injúria." É verdade que nos enfurecemos com os que mostram intenção de nos ultrajar, mas em nosso próprio pensamento nos ultrajaram, e quem fará uma injúria já a está fazendo.
- 2. "Para comprovar", diz alguém, "que a ira não é um desejo de castigo, os mais fracos amiúde se enfurecem com os mais poderosos e não almejam um castigo que não esperam." Primeiro, dissemos haver o desejo de exigir castigo, não a possibilidade; as pessoas, porém, almejam até o que não podem. Depois, ninguém é tão insignificante que não possa esperar o castigo mesmo do homem mais eminente. Todos nós somos poderosos para o mal.
- 3. A definição de Aristóteles não se afasta muito da nossa⁷. Pois ele afirma que a ira é o desejo de devolver uma dor. Encontrar a diferença entre essa definição e a nossa exigiria longa explanação. Contra ambas se afirma que as feras se enraivecem sem terem sido instigadas por uma injúria nem com vistas a um castigo ou à dor alheia. De fato, mesmo se realizam tais coisas, não as buscam.
- 4. Mas deve-se dizer que as feras carecem de ira, bem como todos os seres, exceto o homem. De fato, embora ela seja inimiga da razão, no entanto, em parte alguma ela nasce a não ser onde a razão tem lugar. As feras têm instinto, raiva, ferocidade, agressividade; mas ira, por certo, não têm mais do que luxúria, embora em certos prazeres sejam mais intemperantes que o homem.
- 5. Não há por que crer naquele que diz:

O javali não se lembra de sua ira, a corça, de fiar-se na corrida, nem os ursos de atacar os fortes rebanhos.⁸

Quando ele fala que as feras estão zangadas, ele quer dizer que estão excitadas, agitadas: pois de fato elas não sabem mais como ficar bravas do que sabem como perdoar.

- 6. Criaturas não têm sentimentos humanos, mas têm certos impulsos que se assemelham a eles: pois, se não fosse assim, se pudessem sentir amor e ódio, seriam igualmente capazes de amizade e inimizade, de desacordo e concordância. Alguns vestígios dessas qualidades existem mesmo nelas, embora adequadamente todos elas, sejam boas ou más, pertencem apenas ao seio humano.
- 7. Pois nenhuma criatura além do homem foi dada sabedoria, previsão, indústria e reflexão. Aos animais não apenas as virtudes humanas, mas até mesmo os vícios humanos são proibidos: toda a sua constituição, mental e corporal, é diferente da dos seres humanos. Sua faculdade diretora e principal foi diferentemente formada⁹, neles o princípio real e principal é extraído de outra fonte, como, por exemplo, possuir uma voz, mas não clara, mas indistinta e incapaz de formar palavras: uma língua, mas que é acorrentada e não suficientemente ágil para movimentos complexos: assim também possuem intelecto, o maior atributo de todos, mas em uma condição áspera e inexata. Consegue, por conseguinte, captar aquelas visões e aparências que a estimulam a agir, mas apenas de maneira nebulosa e indistinta.
- 8. Segue-se daí que seus impulsos e surtos são violentos, e que eles não sentem medo, ansiedade, tristeza ou raiva, mas algumas semelhanças desses sentimentos: Por isso, logo elas cedem e se convertem em seu contrário e, depois de eles se enraivecerem e de ficarem intensamente espavoridos, alimentam-se e, ao frêmito e ao ir e vir delirante, logo se seguem o repouso e o sono.

IV

- 1. O que é a ira foi suficientemente explicado. A diferença entre ela e a irascibilidade é evidente: é a mesma que há entre um homem bêbado e um alcoólatra; entre um homem assustado e um covarde. É possível que um homem irado não seja irascível; um homem irascível pode às vezes não ficar com raiva¹⁰.
- 2. Vou omitir as outras variedades de ira, que os gregos distinguem por vários nomes, porque não temos palavras distintivas para elas em nossa língua, embora chamemos homens amargos e duros, e também rabugentos, frenéticos, clamorosos, grosseiros e ferozes: todos das quais são diferentes formas de irascibilidade entre as quais pode-se incluir o mal-humorado¹¹, tipo refinado de irascibilidade.
- 3. Pois existem de fato alguns tipos de ira que não vão além do ruído, enquanto alguns são tão duradouros quanto são comuns: alguns são ferozes em atos, mas inclinados a poupar as palavras: alguns se gastam em palavras amargas e maldições: alguns não vão além de reclamar e virar as costas: alguns são grandes, arraigados e profundos dentro de um homem: há milhares de outras formas desse mal multiforme.

V

- 1. Acabamos de terminar nossa indagação sobre o que é a ira, se existe em qualquer outra criatura além do homem, qual é a diferença entre ela e a irascibilidade e quantas formas ela possui. Vamos agora questionar se a ira está em conformidade com a natureza e se ela é útil e vale a pena ser entretida em alguma medida.
- 2. Se de acordo com a natureza se tornará evidente se considerarmos a natureza do homem. O que há de mais suave enquanto o homem está em sua condição equilibrada? No entanto, o que é mais cruel que a ira? O que é mais carinhoso para os outros que o homem? No entanto, o que é mais selvagem contra eles do que a ira? A humanidade nasce da assistência mútua, ira para a ruína mútua: a primeira ama a sociedade, a última destrói. Uma ama fazer o bem, a outra faz mal; aquela para ajudar até mesmo estranhos, a outra para atacar até seus mais queridos amigos. Uma está pronta mesmo para se sacrificar para o bem dos outros, a outra para mergulhar no perigo que arrasta os outros com ela.
- 3. Quem, então, pode ser mais ignorante da natureza do que aquele que classifica esse vício cruel e prejudicial como pertencente à sua melhor e mais polida obra? A ira, como dissemos, está ansiosa para punir; e que tal desejo deva existir no seio pacífico do homem não está de acordo com a sua natureza; pois a vida humana é fundada em benefícios e harmonia e é unida em uma aliança para a ajuda comum de todos, não pelo terror, mas pelo amor uns aos outros.

VI

- 1- "O que, então? Não é às vezes necessário o castigo?" Por que não? Mas este sem a ira, com base na razão, pois ele não é nocivo, mas cura sob a aparência de ser nocivo. Assim como certas madeiras tortas, para que as desentortemos pomo-las ao fogo e, depois de lhes ajustar as cunhas, apertamos forte, não para quebrálas, mas para estirá-las, assim também é pela dor do corpo e da alma que corrigimos, ajustamos disposições que foram distorcidas pelo vício.
- 2. Certamente o médico, nos distúrbios mais leves, primeiro tenta não se desviar muito do hábito cotidiano e procura, com alimentos, poções, exercícios, impor um balanceamento, bem como firmar a saúde apenas pela mudança no hábito de vida. O próximo passo é ver se uma alteração em sua quantidade será útil. Se não são de proveito a dieta e o balanceamento, ele suspende algumas coisas e corta outras. Se nem mesmo assim há resposta, proíbe os alimentos e, com a abstinência, alivia o corpo. Se essas medidas mais brandas se mostraram inúteis, ele faz uma incisão sobre uma veia, bem como aplica suas mãos aos órgãos, se estão fazendo mal a tecidos adjacentes e espalhando a doença. Nenhum tratamento cujo efeito é salutar parece duro.
- 3. Assim, convém que o legislador e governante de uma cidade, por mais tempo que puder, trate os temperamentos com palavras e com essas medidas mais brandas, para que lhes aconselhe o que deve ser feito e concilie em suas almas o desejo do honesto e do justo, provoque o ódio aos vícios, o apreço pelas virtudes. Deve em seguida passar a um discurso mais severo, pelo qual ainda advirta e censure. Finalmente, recorra aos castigos, e estes ainda leves, revogáveis. Imponha suplícios extremos a crimes extremos, a fim de que ninguém perca a vida, exceto se perdê-la for do interesse até

mesmo daquele que a perde.

- 4. Por esse único aspecto ele se diferenciará daqueles que medicam, pois eles, aos que não puderam conceder a vida, uma saída fácil lhes fornecem, e o outro, com desonra e execração 12, expulsa da vida os condenados, não porque o castigo de alguém o deleita pois o homem sábio está longe de uma ferocidade tão desumana, mas pode ser uma advertência para todos os homens e, visto que eles não foram úteis quando vivos, a nação pode se aproveitar com sua morte. A natureza do homem não está, portanto, desejosa de infligir punição; nem, portanto, a ira está de acordo com a natureza do homem, só porque tem desejo de infligir punição.
- 5. Também acrescentarei o argumento de Platão¹³ que mal há em usar os argumentos de outros homens¹⁴, na medida em que eles estão do nosso lado? "*Um bom homem*", diz ele, "*não causa nenhum dano*". O castigo causa dano; portanto, o castigo não se ajusta ao homem virtuoso, e por isso, nem a ira, porque o castigo se ajusta à ira. Se o homem virtuoso não se alegra com o castigo, não se alegrará sequer com essa paixão à qual o castigo serve de prazer; portanto, a ira não é natural.

VII

- 1. Não pode ser que, embora a ira não seja natural, ser certo adotála, por que ela geralmente se mostra útil? Ele desperta o espírito e o excita; e a coragem não faz nada grandioso na guerra sem ela, a menos que sua chama seja suprida dessa fonte¹⁵; é o aguilhão que incita homens audaciosos e os envia para enfrentar perigos. Alguns, portanto, consideram ser melhor controlar a ira, não bani-la completamente, mas cortar suas extravagâncias e forçá-la a manterse dentro de limites úteis, de modo a reter aquela parte dela, sem a qual a ação se tornará lânguida e a energia e o vigor da alma serão dissipados¹⁶.
- 2. Em primeiro lugar, é mais fácil banir as paixões perigosas do que governá-las; é mais fácil não admiti-las do que mantê-las em ordem quando admitidas; porque quando se estabelecem na posse da mente, são mais poderosas do que o governante legítimo, e de modo algum se permitirão enfraquecer ou abreviar.
- 3. Em seguida, a própria razão, que segura as rédeas, só é forte enquanto permanece separada das paixões; se ela se misturar e se confundir com elas, não será mais capaz de restringir aquelas que ela poderia ter tirado de seu caminho; pois a mente, uma vez conturbada e abalada, vai para onde as paixões a conduzem.
- 4. O início de certas coisas está em nosso próprio poder, mas, quando desenvolvidas, nos arrastam por sua própria força e não nos deixam recuar. Aqueles que se lançaram sobre um precipício não têm controle sobre seus movimentos, nem podem parar ou diminuir seu ritmo uma vez iniciado, pois sua ação precipitada e irremediável não deixou espaço para reflexão ou remorso, e eles não podem deixar de ir ao fundo que eles poderiam ter evitado. Assim, também, a mente, quando se abandona à ira, ao amor ou a qualquer outra paixão, é incapaz de se controlar: seu próprio peso e a tendência

descendente dos vícios devem levar o homem abaixo e lançá-lo na profundidade.

VIII

- 1. O melhor plano é rejeitar imediatamente os primeiros incentivos à ira, resistir aos seus primórdios e tomar cuidado para não ser traído: pois se uma vez começar a nos levar, é difícil voltar a ser saudável, porque a razão não é potente uma vez a paixão ter sido admitida na mente, e por nossa livre vontade foi dada uma certa autoridade, ela irá no futuro fazer o quanto ela quiser, não somente tanto quanto você permitir.
- 2. O inimigo, eu repito, deve ser encontrado e levado de volta à linha de fronteira mais externa: pois quando ele já entrou na cidade e passou por seus portões, ele não permitirá que seus prisioneiros estabeleçam limites para sua vitória. A mente não está apartada e vendo suas paixões de fora, de modo a não permitir que avancem mais do que deveriam, mas ela mesma é transformada em paixão e, portanto, incapaz de controlar o que uma vez foi uma força útil e benéfica, agora que se tornou degenerada e mal aplicada: porque a paixão e a razão, como eu disse antes, não têm sedes distintas e separadas, mas consistem nas mudanças da própria mente para melhor ou para pior.
- 3. Como então a razão pode se recuperar quando é conquistada e retida pelos vícios, quando cede à ira? ou como pode se libertar de uma mistura confusa, a maior parte da qual consiste nos piores elementos?
- 4. "Mas", argumenta o nosso adversário, "alguns homens quando em raiva se controlam". Será então que agem de tal modo que nada fazem daquilo que a ira lhes dita ou de modo que fazem apenas parte daquilo? Se eles não fazem nada, torna-se evidente que a ira não é essencial para a condução das ações, embora sua escola filosófica defendesse que ela possui força maior que a razão. Finalmente, pergunto, a ira é mais forte ou mais fraca que a razão?

- 5. Se for mais forte, como pode a razão impor qualquer controle sobre ela, uma vez que são apenas os menos poderosos quem obedecem: se for mais fraca, a razão é competente para realizar seus fins sem ira e não precisa da ajuda de quem tem menos força.
- 6. "Mas alguns homens irados permanecem consistentes e se controlam". Quando eles fazem isso? É quando sua ira está desaparecendo e deixando-os por conta própria, não quando estava em brasa, pois então era mais poderosa do que eles.
- 7. "O que, então, os homens, mesmo no auge de sua ira, às vezes deixam seus inimigos incólumes e intactos os que odeiam e se abstêm de feri-los?" Sim. Eles fazem: mas quando fazem isso? É quando uma paixão domina outra, e o medo ou a ganância ficam em vantagem por algum tempo. Em tais ocasiões, não é graças à razão que a ira é silenciada, mas devido a uma trégua fugaz e indigna de confiança entre as paixões.

IX

- 1. Em segundo lugar, a ira não tem nada útil em si mesma e não desperta a mente para ações guerreiras: pois uma virtude, sendo autossuficiente, nunca precisa da assistência de um vício: sempre que precisar de um esforço impetuoso, não enfurece-se, mas cresce à ocasião, excita-se ou acalma-se tanto quanto julgar necessário, tal como as catapultas, que lançam dardos podem ser torcidas para um maior ou menor grau de tensão à vontade do gerente.
- 2. "A ira", diz Aristóteles¹⁷, "é necessária, e nenhuma luta pode ser ganha sem ela, a menos que ela preencha a mente e acenda o espírito. Ela deve, no entanto, ser usada não como um general, mas como um soldado." Isso é falso; pois se escuta a razão e segue para onde a razão conduz, não é mais a ira, cuja característica é a obstinação. Se é desobediente e não fica quieta quando ordenada, mas é levada pelo seu próprio espírito voluntarioso e teimoso; é, então, tão inútil uma ajuda à mente quanto um soldado que desconsidera o som da retirada seria para um general.
- 3. Se, portanto, a ira permite que limites sejam impostos a ela, ela deve ser chamada por algum outro nome, e deixa de ser ira, que eu entendo ser desenfreada e incontrolável: e se ela não permite que limites sejam impostos a ela, é nociva e não deve ser contada entre as ajudas.
- 4. Desse modo, portanto, ou não é ira ou é inútil: pois, se alguém exige a imposição de castigo, não porque está desejoso pelo castigo em si, mas porque é o certo, não deve ser contado como um homem irado: esse será o soldado útil, que sabe obedecer as ordens: as paixões não podem obedecer mais do que podem ordenar, são tão ruins como soldados quanto como generais.

X

- 1. Por isso, a razão nunca irá chamar à sua ajuda impulsos cegos e ferozes, sobre os quais ela mesma não possui autoridade, e que ela nunca pode conter, colocando contra si paixões similares e igualmente poderosas, como por exemplo, medo contra ira, ira contra preguiça, ganância contra o temor.
- 2. Que a virtude nunca chegue a tal ponto, que a razão deve apelar aos vícios! A mente não pode encontrar repouso seguro ai, seria sacudida e lançada pela tempestade se for garantida apenas por seus próprios defeitos, se não puder ser corajosa sem ira, diligente sem cobiça, serena sem medo: tal é a tirania que um homem deve viver se ele se tornar escravo de uma paixão. Você não tem vergonha de colocar virtudes sob o patrocínio dos vícios?
- 3. Então, também, a razão deixa de ter qualquer poder, se ela não pode fazer nada sem paixão, e começa a ser igual e semelhante à paixão; pois que diferença existe entre eles se a paixão sem razão é tão precipitada quanto a razão sem paixão é impotente? Ambas estão no mesmo nível se uma não pode existir sem a outra. No entanto, quem poderia afirmar essa paixão ser igual a razão?
- 4. "Então", diz o nosso adversário, "a paixão é útil, desde que seja moderada". Não, somente se for útil por natureza: mas se for desobediente à autoridade e à razão, tudo o que ganhamos por sua moderação é que quanto menos há, menos mal o faz: portanto uma paixão moderada não é nada além de um mal moderado.

XI

- 1. "Mas contra um inimigo", argumenta-se, "a ira é necessária." Em nenhuma outra ocasião ela o é menos do que quando é preciso que os impulsos sejam não precipitados, mas comedidos e obedientes. De fato, que outra coisa é o que derruba os bárbaros, que têm muito mais força corporal do que nós, tão resistentes a fadigas, senão a ira, extremamente nociva a eles mesmos? Aos gladiadores também, a habilidade os protege, a ira os desnuda.
- 2. Depois, de que serve a ira quando a razão oferece o mesmo proveito? Por acaso acha que o caçador fica irado com as feras? Ora, tanto ele captura as que lhe chegam quanto persegue as que lhe fogem, e tudo isso a razão faz sem ira. O que fez sucumbir tantos milhares de Cimbros¹⁸ e teutões espalhados pelos Alpes, que nenhum mensageiro, apenas boato comum, ter levado aos seus a notícia de tão grande desastre, senão o fato de que tinham ira em lugar de bravura? Ela, embora às vezes tenha rechaçado e aplanado obstáculos, com mais frequência, serve também de destruição para si mesma.
- 3. O que há de mais corajoso que os germanos? Que povo é mais arrojado no ataque? Qual mais ávido por armas, para as quais nascem e são criados, as quais são seu único cuidado, sendo negligentes em tudo o mais? Qual é mais empedernido perante todo sofrimento, a ponto de, em grande parte de seus corpos, não se terem provido de nada que os cobrisse, nem de abrigos contra o perpétuo rigor do clima?
- 4. Estes, porém, antes mesmo que possam avistar uma legião, os hispanos e os gauleses e homens da Ásia e da Síria, fracos na guerra, os massacram, vulneráveis por nenhuma outra razão além de sua irascibilidade. Pois bem, àqueles corpos, àquelas almas que desconhecem prazeres, luxo, riquezas, dá-lhes método, dá-lhes

disciplina; para não dizer nada além, será necessário remontarmos pelo menos à antiga conduta romana.

- 5. De que outro modo Fábio 19 reanimou as forças abaladas de nossa soberania, senão sabendo contemporizar, prolongar e retardar coisas todas que os irados não sabem? Teria perecido nossa soberania, que estava então em situação extrema, se Fábio tivesse ousado tanto quanto a ira tentava persuadi-lo. Levou em consideração a sorte de seu povo e, avaliadas as suas forças, das quais fração alguma podia perecer sem a perda do todo, pôs de lado o rancor e a vingança, atento unicamente à eficácia e às oportunidades. Ele venceu a ira antes de vencer Aníbal.
- 6. Que dizer de Cipião²⁰? Tendo deixado para trás Aníbal²¹ e o exército púnico e tudo com que deveria irar-se, não transferiu ele a guerra para a África com tanta lentidão que despertou nos malevolentes a opinião de preguiça e indolência?
- 7. Que dizer do outro Cipião²²? Não sitiou Numância por muito tempo e tolerou com resignação esse pesar, seu e de seu povo: o de Numância ser vencida em mais longo tempo que Cartago? Ao cercar e bloquear os inimigos, ele os levou a tais dificuldades que pereceram por suas próprias espadas.
- 8. Assim, a ira não é útil nem em batalhas ou guerras, pois ela é propensa à temeridade, e os perigos, enquanto quer impô-los, deles não se acautela. A virtude mais confiável é aquela que longa e cuidadosamente se considera, controla a si mesma e lenta e deliberadamente se coloca em marcha.

XII

- 1. "O que, então", pergunta o nosso adversário, "um homem virtuoso não fica irado se vê o pai assassinado ou a mãe violentada?" Não, ele não ficará irado, mas irá vingá-los ou protegê-los. Por que você teme que a devoção filial²³ não seja suficiente para ele, mesmo sem raiva? Você pode muito bem dizer: "E quando? Quando um homem virtuoso vê seu pai ou seu filho sendo abatido, eu suponho que ele não vai chorar ou desmaiar", como vemos as mulheres quando um insignificante rumor de perigo chega até elas.
- 2. O homem virtuoso cumprirá seu dever sem perturbação ou medo, e ele cumprirá o dever de um homem bom, de modo a não fazer nada indigno de um homem. Meu pai será assassinado: então eu o defenderei: ele foi morto, então eu o vingarei, não porque estou aflito, mas porque é meu dever.
- 3. "Os bons homens ficam irritados com injustiças aos seus amigos". Quando diz isso, Teofrasto²⁴, você procura lançar descrédito sobre máximas mais viris; você deixa o juiz e recorre à multidão: porque todo mundo está zangado quando tais coisas acontecem a seus próprios amigos, você supõe que os homens decidirão que é seu dever fazer o que fazem: porque via de regra todo homem considera justa uma paixão que ele reconhece em si.
- 4. Mas ele faz a mesma coisa se a água quente não estiver pronta para sua bebida²⁵, se um copo for quebrado ou seu sapato salpicado de lama. Não é a piedade filial, mas a fraqueza mental que produz essa ira, as crianças choram quando perdem seus pais, assim como quando perdem seus brinquedos.
- 5. Sentir ira em nome dos amigos não mostra uma mente amorosa, mas fraca: é uma conduta admirável e digna manifestar-se como defensor dos próprios pais, filhos, amigos e compatriotas, no próprio chamado do dever, agindo de livre e espontânea vontade, formando

um julgamento deliberado e olhando para o futuro, não de uma forma impulsiva e frenética. Nenhuma paixão é mais ansiosa por vingança do que a ira, e por isso mesmo é incapaz de obtê-la: sendo precipitada e frenética, como quase todos os desejos, ela impede a obtenção de seu próprio objetivo e, portanto, nunca é útil. Seja em paz ou guerra: pois faz a paz como a guerra, e quando nos braços esquece que Marte é imparcial, e cai no poder do inimigo, porque não está em seu próprio.

6. Em segundo lugar, os vícios não devem ser aceitos no uso comum, porque em algumas ocasiões eles se comportaram um pouco: pois assim também as febres são boas para certos tipos de problemas de saúde, mas mesmo assim é melhor estar completamente livre delas: é um modo odioso de cura aquele que deve a saúde à doença. Da mesma forma, a ira, assim como veneno, ou uma queda, ou naufragar²⁶, possa ter sido inesperadamente útil, ainda assim, não deve ser classificada como benéfica, pois os venenos têm se mostrado bons para a saúde.

XIII

- 1. Além disso, qualidades que devemos possuir tornam-se melhores e mais desejáveis quanto mais extensas forem: se a justiça é uma coisa boa, ninguém dirá que seria melhor se alguma parte fosse subtraída dela;
- 2. Se a bravura é uma coisa boa, ninguém desejaria que ela fosse de modo algum restringida: consequentemente, quanto maior a ira, melhor, pois já quem objetou que uma coisa boa fosse aumentada? Mas não é conveniente que a ira seja aumentada: portanto, não é conveniente que exista, pois aquilo que piora com o aumento não pode ser uma coisa boa.
- 3. "A ira é útil", diz o nosso adversário, "porque torna os homens mais prontos para lutar". De acordo com esse modo de raciocínio, então, a embriaguez também é uma coisa boa, pois torna os homens insolentes e ousados, e muitos usam melhor suas armas quando pouco sóbrios: mais ainda, de acordo com esse raciocínio, você também pode chamar o frenesi e a loucura essencial para a força, porque a loucura muitas vezes torna os homens mais fortes.
- 4. Por que, não teme frequentemente que a regra dos contrários torne os homens mais ousados, e o terror da morte não desperte nem covardes para se unir à batalha? Contudo, a ira, a embriaguez, o medo e coisas semelhantes são incitamentos básicos e temporários à ação, e não podem fornecer armas à virtude, que não necessita de vícios, embora às vezes possam ser de pouca ajuda para mentes lentas e covardes.
- 5. Nenhum homem se torna mais corajoso por meio da ira, exceto alguém que, sem ira, não teria sido corajoso: a ira, portanto, não vem para ajudar a coragem, mas para tomar seu lugar. O que devemos dizer ao argumento de que, se a ira fosse uma coisa boa, ela seria um atributo de todos os melhores homens?

No entanto, as criaturas mais irascíveis são bebês, velhos e pessoas doentes. **Todo fracote é naturalmente propenso a reclamar**.

XIV

- 1. "É impossível", diz Teofrasto, "que um homem bom não fique irado com os homens maus". Por este raciocínio, quanto melhor o homem for, mais irascível ele será: todavia não será mais tranquilo, mais livre de paixões e sem ódio a ninguém: de fato, que razão ele tem para odiar os pecadores, pois é o erro que os levam a tais crimes? Agora, não se torna um homem sensato odiar os que erram, pois, se assim for, ele se odiará.
- 2. Imagine quantas coisas ele faz ao contrário da boa moral, quanto do que ele fez precisa de perdão, e ele logo ficará irado consigo mesmo, pois nenhum juiz justo pronuncia um julgamento diferente em seu próprio caso e no de outros.
- 3. Ninguém, eu afirmo, será encontrado quem possa se absolver. Cada um, quando se chama inocente, olha mais para testemunhas externas do que para sua própria consciência. Quão mais humano seria lidar com os que erram com um espírito gentil e paternal e chamá-los para o caminho certo, em vez de caçá-los? Quando um homem está vagando pelos nossos campos porque perdeu o caminho, é melhor colocá-lo no caminho certo do que rechaçá-lo.

XV

- 1. O pecador deve, portanto, ser corrigido tanto pela advertência quanto pela força, tanto por meios brandos como severos, e pode tornar-se um homem melhor tanto para si quanto para os outros por castigo, mas não pela ira: pois quem se ira com o paciente cujas feridas está cuidando? "Mas eles não podem ser corrigidos, e não há nada neles que seja gentil ou que admita boa esperança." Então, sejam removidos da sociedade mortal, se forem capazes de depravar a todos com quem entram em contato e deixem de ser nocivos da única maneira que podem, mas isso sem ódio;
- 2. Por que odiar o homem a quem estou fazendo o maior bem, já que estou resgatando-o de si mesmo? Um homem odeia seus próprios membros quando os amputa? Isso não é um ato de ira, mas um método lamentável de cura. Golpeamos os cachorros loucos na cabeça, matamos touros ferozes e selvagens, e condenamos ovelhas doentes à faca, para que não infectem nossos rebanhos, eliminamos os fetos malformados, inclusive afogamos nossos filhos se nasceram fracos e disformes. Não é ira, mas um ato racional separar o que é inútil do que é são.
- 3. Nada se convêm àquele que inflige punição menos do que a ira, porque a punição tem tanto mais poder de reforma, se a sentença for pronunciada com julgamento deliberado. É por isso que Sócrates disse ao escravo: "Eu surraria você, se não estivesse com ira"²⁷. Ele adiou a correção do escravo para uma oportunidade em que estivesse mais calmo; no momento, ele se repreendeu. Quem pode se gabar de ter suas paixões sob controle, quando Sócrates não ousou confiar em si mesmo à sua ira?

XVI

- 1. Portanto, para a correção dos que erram e incidem em crimes, não é preciso um censor irado. Realmente, sendo a ira um delito da alma, não convém que quem corrija esteja em erro ele também. "Como? Não vou me irar com o ladrão? Não vou me irar com o envenenador?" Não, também não me irrito comigo quando me faço uma sangria. Todo tipo de punição eu aplico como um remédio.
- 2. Está ainda enredado no primeiro estágio dos erros e neles não incorre com gravidade, mas com frequência: uma censura, primeiro em particular, depois em público, tentará lhe corrigir²⁸. Você avança demasiado longe para poder ser curado com palavras: será refreado pelo rebaixamento de seu status²⁹. Há necessidade de imprimir-lhe marca mais funda³⁰ para que possa senti-la: será mandado para o exílio, a lugares desconhecidos. Uma perversidade já solidificada exige remédios mais amargos: recorrer-se-á às prisões públicas e ao calabouço.
- 3. Sua alma é incurável, entrelaça crimes com crimes e não é mais impelido por pretextos, que para o mal nunca hão de faltar, mas a própria prática de delitos é para você pretexto suficiente para praticar novos delitos. Está imbuído na maldade e a tal ponto a tem mesclada com suas vísceras que, a não ser junto com estas, não poderia ela ser expelida. Há muito tempo, pobre-diabo, está a busca de morrer. Nós lhe prestaremos boa ajuda. Iremos privar-lhe dessa insânia pela qual sofre e é atormentado, e depois de ter se enlameado nos suplícios seus e nos alheios, diante de você poremos o único bem que lhe resta: a morte. Por que irar-me com alguém quando mais lhe posso ser útil? Matar é às vezes a melhor espécie de misericórdia.
- 4. Se eu fosse um médico habilidoso e instruído e tivesse entrado num hospital ou na casa de uma pessoa rica, não poderia prescrever

- a mesma coisa a todos os que por causas diversas estivessem doentes³¹. Noto uma variedade de vícios em tão numerosas pessoas e fui incumbido de cuidar da cidade. Para a doença de cada um, que seja buscado seu remédio. Este seja sanado pelo próprio senso de vergonha; aquele, por uma viagem; este outro, pela dor; aquele, pela privação; aqueloutro pela espada.
- 5. Assim, se for preciso vestir a toga escura de magistrado e convocar a multidão com a trombeta³², avançarei para o tribunal, não enfurecido nem hostil, mas com o semblante da lei, e formularei aquelas palavras solenes com voz branda e grave, em vez de enraivecida, e ordenarei, não com ira, mas com severidade, a execução. E quando eu ordenar que seja decapitado um condenado, quando eu costurar o parricida dentro de um saco³³, quando eu enviar para a execução o soldado e quando, sobre a rocha Tarpeiana³⁴, eu posicionar o traidor ou inimigo público, estarei sem ira e com aquela expressão e disposição com que golpeio serpentes e animais venenosos.
- 6. "É necessário cólera para punir." Por quê? Parece-lhe que a lei sente ira contra os que não conhece, os que não viu, os que espera que não venham a existir? Deve-se então assumir o espírito dessa lei, que não sente ira, mas emite uma sentença. De fato, se ao homem virtuoso convém irar-se diante de atos perversos, também lhe convirá ter inveja diante das situações afortunadas de homens perversos. O que é efetivamente mais revoltante do que florescerem alguns e abusarem da indulgência da sorte, pessoas para as quais não se encontra nenhuma sorte que lhes possa ser má o bastante? Mas o homem bom tanto olhará sem ódio para os privilégios de tais pessoas, quanto sem ira para seus crimes. O bom juiz condena as coisas reprováveis, não as odeia.
- 7. "Como, então? Quando o sábio tiver em suas mãos algo desse tipo, sua alma não ficará tocada e mais inflamada que de costume?" Admito que sentirá um leve e tênue impulso. Com efeito, como afirma Zenão³⁵, mesmo na mente do homem sábio, uma cicatriz permanece depois que a ferida é curada. Sentirá, portanto,

certos sinais e sombras das paixões, mas delas, na verdade, estará isento delas.

XVII

- 1. Aristóteles diz que certas paixões, se alguém faz bom uso delas, valem por armas. Isso seria verdadeiro se pudessem ser tomadas e largadas, tais como equipamentos bélicos, ao arbítrio de quem delas se reveste. Essas armas que Aristóteles quer dar à virtude lutam por si próprias, não esperam o manejo, são elas que dominam, não são dominadas.
- 2. Não precisamos de outros instrumentos; a natureza nos proveu suficientemente de razão. Deu-nos esse dardo robusto, duradouro, obediente, que não tem dois gumes nem é passível de ricochetear contra seu dono. Não apenas para nos precavermos, mas para agirmos, a razão é ela própria suficiente por si. De fato, o que é mais insensato do que ela pedir o apoio da cólera, desta que é inconstante, sendo ela estável; desta que é infiel, sendo ela fiel; desta que é enferma, sendo ela sã?
- 3. O que, de fato? Já que a razão é muito mais eficaz, por si só, mesmo na execução das operações em que a ajuda da raiva parece especialmente necessária: pois, quando a razão decide que determinada coisa deve ser feita, ela persevera em fazê-lo; não é capaz de encontrar nada melhor do que ela para trocar.
- 4. É frequente que a misericórdia tenha feito a ira recuar. Esta efetivamente apresenta não uma robusta solidez, mas um inchaço vazio, e serve-se de uma violência inicial que se assemelha aos ventos que se elevam da terra e são muito intensos ao se abaterem, sem persistência, sobre rios e pântanos.
- 5. Ela começa com grande ímpeto, depois arrefece, fatigada antes do tempo, e não se tendo ocupado de nada além de crueldade e novos tipos de castigos, quando é para punir, já está enfraquecida e suave. A paixão logo decai, a razão é inalterável.
- 6. De resto, mesmo quando a ira persevera, se são numerosos os

- que mereceram morrer, às vezes, depois do sangue de dois ou três, ela deixa de matar. Seus primeiros golpes são enérgicos. Assim também o veneno das cobras é nocivo quando saem de seu abrigo; são inofensivos quando frequentes mordidas os deixaram exauridos.
- 7. Portanto, não sofrem igual punição os que cometeram igual delito, e muitas vezes quem menos o cometeu é quem mais sofre, porque foi entregue a ela quando estava ainda bastante recente. E em tudo ela é instável: ora se manifesta além do que convém, ora perdura bem menos do que é devido. É de fato indulgente consigo, julga a seu bel-prazer, não quer ouvir, não deixa espaço para justificativa, agarra-se àquilo contra o que investiu e não permite que seja anulado seu julgamento, mesmo quando é errôneo.

XVIII

- 1. Razão concede tempo a cada lado para pleitear; além disso, ela mesma exige o adiamento, para que possa ter esfera de ação suficiente para a descoberta da verdade³⁶; enquanto a ira tem pressa: a razão deseja dar uma decisão justa; a ira deseja que sua decisão seja considerada justa:
- 2. A razão não procura mais do que o assunto em questão; a ira é excitada por questões vazias pairando na periferia do caso: ela fica irritada com qualquer coisa que se aproxime de um comportamento confiante, uma voz alta, um discurso desenfreado, trajes delicados³⁷, suplicantes ou popularidade com o público. Muitas vezes condena um homem porque não gosta de seu patrono; adora e mantém o erro mesmo quando a verdade o está encarando. Ela odeia ser provada errada, e acha mais honesto perseverar em uma linha de conduta equivocada do que retrair-se.
- 3. Eu me lembro de Cneu Pisão³⁸, um homem que estava livre de muitos vícios, ainda que de uma disposição perversa, e alguém que confundiu aspereza com firmeza. Em sua ira, ele ordenou que um soldado fosse levado à execução porque havia retornado de licença sem seu companheiro, como se ele devesse tê-lo assassinado, já que não pode mostrá-lo. Quando o homem pedia tempo para a busca, ele não permitia: o homem condenado foi levado para fora da muralha e estava oferecendo seu pescoço ao machado, quando de repente apareceu seu camarada que se pensava estar morto.
- 4. Nisso, o centurião encarregado da execução mandou o guarda embainhar sua espada e levou o condenado de volta a Pisão, para lhe restaurar a inocência que a Fortuna restituíra ao soldado. Eles foram conduzidos à sua presença por seus companheiros soldados em meio à grande alegria de todo o acampamento, abraçando-se uns aos outros e acompanhados por uma vasta multidão. Pisão

montou o tribunal em fúria e ordenou que ambos fossem executados, tanto o que não havia assassinado quanto aquele que não havia sido morto.

- 5. O que poderia ser mais indigno do que isso? Porque se provou que um era inocente, dois pereceram. Pisão acrescentou ainda um terceiro: pois ele realmente ordenou que o centurião, que havia trazido de volta o condenado, fosse condenado à morte. Três homens foram marcados para morrer no mesmo lugar porque um era inocente.
- 6. Ó, quão inteligente é a ira em inventar razões para seu delírio! "Você", diz, "Eu ordeno ser executado, porque você foi condenado à morte: você, porque você foi a causa da condenação de seu camarada, e você, porque quando ordenado a matá-lo, você desobedeceu ao seu general." Descobriu meios de produzir três crimes, porque não encontrou nenhum crime neles.

XIX

- 1. A irritabilidade, eu digo, tem essa falha é relutante em ser governada: está zangada com a verdade em si, se é contra sua vontade: ela agride aqueles que ela marcou por suas vítimas com gritos e barulho e gesticulação desenfreados de todo o corpo, junto com censuras e maldições.
- 2. Isso a razão não faz; porém, se assim é necessário, em silêncio e tranquila, ela faz desaparecer por completo casas inteiras e extingue famílias inimigas para o Estado, inclusive esposas e filhos, demole edifícios e os arrasa, extirpa nomes hostis à liberdade. E isso sem se indignar e agitar a cabeça, nem fazer algo indecoroso a um juiz, cujo semblante deve ser o mais plácido e natural, especialmente quando pronuncia sentenças de tanta importância.
- 3. "Que necessidade há", dizia Hierônimo³⁹, "quando querer matar alguém, de antes morder seus próprios lábios?" E se ele tivesse visto um pro cônsul saltando de sua tribuna, arrancando os feixes do lictor e rasgando sua própria vestimenta, porque as do outro, o réu, estavam demorando para serem rasgadas?
- 4. Que necessidade há de virar a mesa, atirar copos, jogar-se contra colunas, arrancar os cabelos, bater no peito? O que se pode pensar dessa potência da ira que, por não explodir contra outro com a rapidez desejada, se volta contra si mesma? São contidas, por fim, essas pessoas pelos que lhes estão próximos, os quais lhes rogam que acalmem a ira contra si.
- 5. Nada disso faz quem, estando livre de ira, aplica a cada um a pena merecida. Não raro absolve aquele cujo delito flagra. Se o arrependimento do ato oferece uma boa esperança, se ele entende que a maldade não vem do fundo da alma, mas, como dizem, está na superfície, concederá uma impunidade que não será nociva nem aos que a recebem, nem aos que a dão.

- 6. Por vezes reprimirá os crimes maiores com mais leveza do que os menores, se aqueles foram cometidos por um erro, não por crueldade, e nestes existe uma astúcia oculta, não só encoberta, mas inveterada. Ele não penalizará com punição igual um mesmo delito de duas pessoas, se uma incorreu por negligência e outra teve intenção de ser danosa.
- 7. Em toda punição ele manterá a consciência de que uma se aplica para corrigir os maus; outra, para eliminá-los. Em ambos os casos, terá em consideração não o passado, mas o futuro de fato, como diz Platão⁴⁰, nenhuma pessoa sábia pune porque se cometeu um erro, mas para que não se cometa outros, pois se os fatos passados não podem ser reparados, os futuros são prevenidos —, e os que quiser que se tornem exemplos do insucesso da maldade matara-los em público, não somente para eles próprios perecerem, mas para com seu perecimento dissuadir os outros.
- 8. Bem vê o quanto aquele que deve ponderar e avaliar questões como essas precisa, livre de toda inquietação, abordar com muito cuidado o tratamento deste recurso, o poder de vida e de morte. É um erro confiar a espada a um irado.

XX

- 1. Nem se deve crer que a ira contribua para a magnanimidade: o que ela dá não é a magnanimidade, mas a glória vã. O aumento que a doença produz em corpos inchados com humores mórbidos não é um crescimento saudável, mas um excedente maléfico.
- 2. Todos aqueles cuja loucura os eleva acima das considerações humanas, acham-se inspirados por ideias elevadas e sublimes; mas não há chão sólido embaixo, e o que é construído sem fundação está sujeito a desmoronar em ruínas. A raiva não tem base para se apoiar e não se ergue de uma fundação firme e duradoura, mas é uma qualidade ventosa e vazia, tão distante da verdadeira magnanimidade quanto a tola resistência da coragem, a arrogância da confiança, a melancolia da austeridade, a crueldade do rigor.
- 3. Há, eu digo, uma grande diferença entre uma mente elevada e orgulhosa: a ira não traz nada de grandioso ou belo. Por outro lado, ficar constantemente irritada parece-me ser parte de uma mente lânguida e infeliz, consciente de sua própria fraqueza, como pessoas com corpos doentes cobertos de feridas, que gritam com o toque mais leve. A ira, portanto, é um vício que afeta em grande parte mulheres e crianças. "No entanto, afeta os homens também". Porque muitos homens também têm intelectos femininos e infantis.
- 4. "Como, então? Não são proferidas pelos irados certas sentenças que pareceriam enunciadas por uma grande alma⁴¹?" Sim, para aqueles que não sabem o que é a verdadeira grandeza: como, por exemplo, aquele dito repugnante e odioso: "Deixem que me odeiem, contanto que me temam", o qual você pode ter certeza de que estava escrito no tempo de Sula. Não sei qual foi a pior das duas coisas que ele desejou, que poderia ser odiado ou que poderia ser temido. Ocorre à sua mente que um dia as pessoas o amaldiçoarão, conspirarão contra ele, o esmagarão: que pedido ele acrescenta a

- isso? Que todos os deuses o amaldiçoem por descobrirem uma cura para o ódio tão digno disso. "Deixe-os odiar." Como? Desde que me obedeçam? Não! Desde que eles me aprovem? Não! Como então? "Desde que eles me temam!" Eu não desejaria ser amado em tais termos⁴².
- 5. Você imagina que este foi um ditado muito espirituoso? Você está errado: isso não é grandeza, mas monstruosidade. Você não deve crer nas palavras de homens irados, cuja fala é muito barulhenta e ameaçadora, enquanto a mente deles é tão tímida quanto possível.
- 6. Nem você precisa supor que o mais eloquente dos homens, Tito Lívio⁴³, estava certo em descrever alguém como sendo "*Homem de caráter antes elevado que bondoso*". As coisas não podem ser separadas: ele deve ser bom, ou então não pode ser grande, porque tomo a grandeza de espírito para dizer que é inabalável, sólido, firme e uniforme até o próprio fundamento; tais como não podem existir em disposições más.
- 7. Tais disposições podem ser terríveis, frenéticas e destrutivas, mas não podem possuir grandeza; porque a grandeza repousa sobre a bondade e deve sua força a ela. No entanto, pela fala, ação e tudo o que é exterior, eles farão com que alguém os considere grandes.
- 8. É verdade que dirão algo que você pode pensar que mostra um grande espírito, tal como Calígula⁴⁴, que, tendo se irritado contra o céu, cujos estrondos perturbavam as pantomimas⁴⁵ que ele imitava com mais entusiasmo do que assistia —, e por causar susto durante o divertimento, devido aos raios (certamente mal direcionados⁴⁶), chamou Júpiter para uma luta até a morte, bradando aquele verso de Homero:

"Ou me arrebatas ou eu a ti!⁴⁷"

9. Ele deve ter achado que ele não poderia ser machucado nem mesmo pelo próprio Júpiter, ou que ele poderia ferir até Júpiter. Imagino que essa afirmação não tenha tido um peso pequeno em enervar as mentes dos conspiradores em sua tarefa⁴⁸: pois parecia ser o ápice da paciência tolerar alguém que não tolerasse Júpiter.

XXI

- 1. Não há, portanto, nada de grande ou nobre na ira, mesmo quando parece ser poderosa e desprezar tanto os deuses quanto os homens. Qualquer um que pense que a ira produz a grandeza da mente, pensaria que o luxo a produz: tal homem deseja descansar em marfim, ser vestido de púrpura e coberto de ouro; para remover terras, aterrar mares, acelerar o curso dos rios, erguer bosques suspensos⁴⁹.
- 2. Pensaria que a avareza mostra a grandeza da mente: pois o homem avarento possuiu montes de ouro e prata, trata províncias inteiras como meros campos em sua propriedade e tem extensões maiores de terra sob o comando de capatazes do que os que os cônsules tinham lotes para administrar.
- 3. Pensaria que a libido demonstra grandeza de espírito: pois o homem luxurioso nada através do estreito, castrava tropas de meninos e se colocava ao alcance das espadas de maridos feridos com total desprezo pela morte⁵⁰. A ambição, também, ele pensaria que mostra grandeza de espírito: pois o homem ambicioso não se contenta com o cargo uma vez por ano, mas, se possível, preencheria o calendário de dignidades somente com seu nome e cobriria o mundo inteiro com seus títulos.
- 4. Não importa em que alturas ou comprimentos essas paixões podem proceder: elas são estreitas, dignas de pena, rastejantes. Somente a virtude é sublime e elevada, e nada é grandioso se não for ao mesmo tempo sereno.

Livro II

- 1. Meu primeiro livro, Novato, tinha um assunto mais amigável: pois carruagens rolam facilmente colina abaixo: agora devemos prosseguir para assuntos mais áridos⁵¹. A questão diante de nós é se a ira surge da escolha deliberada ou do impulso, ou seja, se age espontaneamente ou como a maior parte das paixões que brotam dentro de nós sem o nosso conhecimento.
- 2. É necessário que o nosso debate se incline para a consideração destes assuntos, a fim de que possa depois subir para temas mais elevados; pois do mesmo modo em nossos corpos as partes que são colocadas primeiro em ordem são os ossos, tendões e juntas, que não são de modo algum agradáveis de ver, embora sejam a base de nossa estrutura e essenciais à vida: partes das quais toda beleza de rosto e aparência consiste; e depois disso, a cor, que acima de tudo encanta o olho, é aplicada por último, quando o resto do corpo está completo.
- 3. Não há dúvida de que a ira é despertada pela ideia de uma lesão ter sido feita: mas a questão diante de nós é: se a ira segue diretamente a ideia, e surge sem a ajuda da mente, ou se é despertada com a simpatia da mente.
- 4. Nossa opinião (dos estoicos) é de que a ira não pode se arriscar por si mesma, sem a aprovação da mente: para conceber a ideia de que um mal foi feito, para vingá-lo e para unir as duas proposições, que não deveríamos ter sido feridos e que é nosso dever vingar nossos ferimentos, não pode pertencer a um mero impulso que é excitado sem o nosso consentimento.

5. O impulso é um ato simples; este é complexo e composto de várias partes. O homem entende que algo aconteceu: ele fica indignado com isso: condena a ação; e ele vinga isso. Todas essas coisas não podem ser feitas sem que a mente concorde com as questões que a tocaram.

- 1. "Qual é a pertinência dessa questão?", pergunta. É para que saibamos o que é a ira, pois se ela surge contra nossa vontade, nunca irá se curvar à razão. Todos os movimentos que não são feitos por nossa vontade são invencíveis e inevitáveis, como os tremores ao sermos aspergidos de água fria, o asco a certos contatos; diante de notícias muito ruins, eriçam-se nossos pelos, alastra-se um rubor diante de palavras insolentes e segue-se uma vertigem quando se olha para precipícios. Ainda que nenhuma dessas sensações esteja em nosso poder, nenhum raciocínio pode impedir que elas aconteçam.
- 2. A ira é evitada por preceitos. É efetivamente um vício voluntário da alma, não desses que ocorrem por certa condição da sorte humana e que, por isso, sucedem até com as pessoas mais sábias, devendo incluir-se entre eles também aquele primeiro impulso que nos move depois da suposição de uma injúria.
- 3. Este sobrevém até em meio a divertidos espetáculos teatrais e leituras de antigas histórias. Muitas vezes, parecemos ficar irados com Clódio⁵², ao exilar Cícero, e com Antônio⁵³, ao matá-lo. Quem não se exalta contra as armas de Mário, contra as proscrições de Sula? Quem não se enfurece com Teódoto e Áquila⁵⁴, e com o próprio menino⁵⁵ que ousou um crime nada pueril?
- 4. O cantar, às vezes, e sua veloz modulação nos estimula, bem como aquele som militar das trombetas. Toca nossas mentes tanto uma pintura medonha quanto a triste visão dos mais justos suplícios.
- 5. Daí é que sorrimos quando os outros estão sorrindo e nos contrista a multidão dos aflitos, e nos inflamamos diante de disputas alheias. Tais sentimentos não são iras, tanto quanto não é tristeza o que contrai nossa fronte à vista de um naufrágio encenado⁵⁶, tanto quanto não é temor o que percorre a alma dos leitores quando

Aníbal⁵⁷, depois de Canas⁵⁸, sitia nossas muralhas, mas todas essas coisas são movimentos de almas que, todavia, não querem ser movidas; não são paixões, mas princípios que preludiam as paixões.

6. Assim, pois, a trombeta excita os ouvidos de um velho militar, em

o. Assim, pois, a trombeta excita os ouvidos de um veino militar, em plena paz e já em traje civil, e o ruído das armas excita os cavalos de campanha. Dizem que Alexandre, enquanto Xenofanto cantava, colocou a mão em suas armas.

- 1. Nada dessas coisas que impelem fortuitamente a mente deve ser chamada de paixão: a mente, por assim dizer, sofre-as mais do que as produz. Portanto, a paixão não é ser movido em função de imagens que nos ocorrem dos fatos, mas entregar-se a elas e seguir esse movimento fortuito.
- 2. Realmente, se alguém considera um indício de paixão e um sintoma do estado da mente a palidez e as lágrimas caindo, a excitação de um desejo obsceno ou um suspiro profundo, um olhar repentinamente mais acerbo ou algo semelhante a tais coisas, engana-se e não entende que estes são impulsos do corpo.
- 3. Assim, não só o mais bravo guerreiro por vezes empalideceu enquanto se armava, como também, depois de dado o sinal de combate, os joelhos do mais feroz soldado tremeram um pouco e o coração de um grande general palpitou antes que as hostes se entrechocassem, e no mais eloquente orador, enquanto se preparava para falar, ficaram rígidas as extremidades de seus membros.
- 4. A ira não deve meramente se mover, mas sair dos limites, sendo ela um impulso. Nunca, porém, existe um impulso sem o assentimento da mente, pois não é possível ser tratada a vingança e o castigo sem que o saiba a mente. Alguém se julgou lesado, quis vingar-se, mas, dissuadido por algum motivo, aplacou-se de imediato: a isso não chamo ira, a esse movimento da mente obediente à razão. A ira é aquela que transpõe a razão, que a arrebata consigo.
- 5. Portanto, aquele primeiro abalo da alma, que a ideia de injúria incutiu, não é ira tanto quanto não o é a própria ideia de injúria. Aquele impulso seguinte, que não apenas recebeu a ideia de injúria, mas a aprovou, é ira, concitação da mente que procede à vingança por vontade e discernimento. Não há a menor dúvida de que o temor

contenha em si a fuga, e a ira, o impulso agressor. Veja, então, se julga ser possível ou buscar ou prevenir algo sem o assentimento da mente.

IV

- 1. Além disso, para que você possa saber de que maneira as paixões começam e incham e ganham espírito, aprenda que a primeira emoção é involuntária e é, por assim dizer, uma preparação para uma paixão e uma ameaça de uma. O próximo é combinado com um desejo, embora não obstinado, como, por exemplo, "É meu dever me vingar, porque fui ferido", ou "É correto que este homem seja punido, porque ele cometeu um crime." A terceira emoção já é incontrolada: ela não quer se vingar se for necessário, mas de qualquer maneira; derrota a razão⁵⁹.
- 2. Nós não somos capazes, por meio da razão, de escapar dessa primeira impressão na mente, mais do que podemos escapar daquelas coisas que mencionamos como ocorrendo ao corpo: não podemos impedir que os bocejos de outras pessoas nos obriguem a bocejar: não podemos deixar de piscar quando os dedos são subitamente levados a nossos olhos. A razão é incapaz de superar esses hábitos, que talvez possam ser enfraquecidos pela prática e constante vigilância: eles diferem de uma emoção que é trazida à existência e terminada por um ato mental deliberado.

V

- 1. É preciso ainda examinar o seguinte: se é fato que os que comumente ficam irados e se regozijam com sangue humano porventura se enfurecem quando matam aqueles de quem não receberam injúria, e nem julgam tê-la recebido, tal como foi o caso de Apolodoro⁶⁰ ou o de Fálaris⁶¹.
- 2. Isso não é ira, é ferocidade, pois não causa um mal porque recebeu uma injúria, mas está disposta inclusive a recebê-la, desde que possa causar um mal. Não são para sua vingança que lhe são requeridos açoites e lacerações, mas para seu prazer.
- 3. O que ocorre, então? A origem desse mal vem da ira, que, por sua frequente prática e satisfação, quando chega ao esquecimento da clemência e expulsa da mente todo fundo humano, converte-se finalmente em crueldade. Assim, pois, riem e se regozijam, desfrutam claro prazer e estão muito distanciados da aparência dos irados, sendo cruéis por diversão.
- 4. Dizem que Aníbal falou, quando viu uma trincheira cheia de sangue humano: "Que belo espetáculo!". Quanto mais belo lhe teria parecido se tivesse enchido um rio ou um lago! O que é supreendente, se é intensamente cativado por esse espetáculo, pois que nasceu no sangue e desde criança é afeito às matanças? Há de acompanhar-lhe uma sorte que irá favorecer por vinte anos sua crueldade e dará por toda parte a seus olhos um grato espetáculo: há de vê-lo ao redor do Trasimeno, de Canas e, finalmente, ao redor de sua Cartago.
- 5. Há pouco, Voleso⁶², pro cônsul da Ásia sob o divino Augusto, depois de, ter decapitado trezentos num só dia, caminhando entre os cadáveres com semblante soberbo, como se tivesse feito algo magnífico e digno de se contemplar, proclamou em grego: "Que façanha real!". Tivesse ele sido um rei, o que teria feito? Isso não foi

ira, mas uma doença maior e incurável.

VI

- 1. "A virtude", argumenta o nosso adversário, "deve estar irada com o que é vil, assim como ela aprova o que é honrado". O que devemos pensar se alguém disser que a virtude deve ser ao mesmo tempo baixa e elevada; mas isto é o que se diz, quando quer que ela seja exaltada e rebaixada, porque a alegria por uma boa ação é grandiosa e gloriosa, enquanto a ira contra o pecado de outrem é vil e condiz com uma mente limitada.
- 2. E a virtude nunca será culpada de imitar o vício enquanto ela estiver reprimindo; ela considera que a ira merece punição por si mesma, uma vez que muitas vezes é ainda mais criminosa do que as falhas com as quais está zangada. Regozijar-se e ser feliz é a função natural e adequada da virtude: é tão vil quanto digno zangar-se a ponto de chorar: agora, a tristeza é a companheira da ira, e toda a ira termina em tristeza, seja de remorso ou pós sofrer um revés.
- 3. Em segundo lugar, se for papel do homem sábio ficar irado com os pecados, ele ficará mais zangado quanto maior este for e com frequência ficará zangado; daí resulta que o homem sábio não ficará apenas zangado, mas irascível. No entanto, se não achamos que a ira intensa e frequente pode encontrar qualquer lugar na mente do sábio, por que não devemos libertá-lo totalmente dessa paixão?
- 4. Pois não pode haver limite, se ele deve estar zangado em proporção ao que todo homem faz: porque ele ou será injusto se estiver igualmente zangado com crimes desiguais, ou será o mais irascível dos homens, se ele se inflama em ira tão frequentemente quanto os crimes merecem sua ira.

VII

- 1. O que também pode ser mais indigno do homem sábio do que suas paixões dependerem da iniquidade dos outros? Se assim for, o grande Sócrates não poderá mais voltar para casa com a mesma expressão de expressão com a qual partiu. Além disso, se é dever do homem sábio ficar zangado com os atos vulgares, e ficar excitado e entristecido com os crimes, então não há nada mais infeliz do que o homem sábio, pois toda a sua vida será gasta em ira e pesar.
- 2. Que momento haverá em que ele não verá algo merecedor de repreensão? Sempre que ele sai de sua casa, ele será obrigado a andar entre os homens que são criminosos, miseráveis, gastadores, perdulários e que estão felizes em ser assim: ele não pode virar os olhos a qualquer direção sem que eles encontrem algo para chocálos. Ele vai desmaiar, se exigir ira de si mesmo tantas vezes quanto a razão exigir.
- 3. Todos esses milhares de pessoas correm para os tribunais ao romper do dia, quão vil é a base de suas causas e quão mais baixos são seus advogados? Um impugna o testamento de seu pai, quando ele nada fez para merecê-lo; outro aparece como o acusador de sua mãe; um terceiro vem denunciar um homem por cometer o próprio crime do qual ele mesmo é ainda mais notoriamente culpado. O juiz também é escolhido para condenar homens por fazer o que ele próprio fez, e o público toma o lado errado, desviado pela bela voz do advogado.

VIII

- 1. Por que preciso me debruçar sobre casos individuais? Tenha certeza, quando você vê o Fórum lotado com uma multidão, o Saepta⁶³ fervilhando de pessoas, ou o grande circo, no qual a maior parte do povo encontra espaço para se mostrar de uma só vez, de que entre eles há tantos vícios como existem homens.
- 2. Entre aqueles que você vê em traje de paz não há paz: por um pequeno lucro qualquer um deles tentará a ruína de outro: ninguém pode ganhar nada a não ser pelo prejuízo de outrem. Eles odeiam os afortunados e desprezam os desafortunados: toleram com má vontade os grandes e oprimem os pequenos: são despertados por diversos desejos: destroem tudo por causa de um pouco de prazer ou pilhagem: vivem como se estivessem em uma escola de gladiadores, lutando com as mesmas pessoas com as quais eles vivem.
- 3. É como uma sociedade de feras selvagens, exceto que os animais são mansos um com o outro, e se abstêm de morder sua própria espécie, enquanto homens rasgam um ao outro e se empanturram um ao outro. Eles diferem dos animais somente nisso, que os últimos são mansos com aqueles que os alimentam, enquanto a fúria do primeiro ataca aquelas mesmas pessoas por quem eles foram criados.

IX

- 1. O homem sábio nunca deixará de ficar irado, se uma vez começar, tão cheio é todo lugar de vícios e crimes. Mais mal é feito do que pode ser curado pela punição: os homens parecem empenhados em uma vasta competição de maldade. Todos os dias há maior vontade de pecar, menos modéstia. Deixando de lado toda a reverência pelo que é melhor e mais justo, a luxúria corre aonde quer que julgue melhor, e os crimes não são mais cometidos furtivamente, eles acontecem diante de nossos olhos, e a maldade tornou-se tão geral e ganhou tanto em todo coração que a inocência não é mais rara, mas não existe mais.
- 2. Os homens violam a lei individualmente ou de punhados de cada vez? Não, eles surgem em todos os quadrantes de uma só vez, como se obedecessem a algum sinal universal, para eliminar os limites do certo e do errado.
 - ... o hóspede não está a salvo do anfitrião, nem, de seu genro, o sogro; é rara a afeição mesmo entre irmãos; um homem ameaça de morte a esposa; ela, o marido; terríveis madrastas misturam acônitos cor de anil; o filho indaga antes do tempo a idade do pai.⁶⁴
- 3. E quão pequena é a parte dos crimes! O poeta não descreveu um povo dividido em dois campos hostis, pais e filhos matriculados em lados opostos, Roma incendiada pela mão de um romano, tropas de cavaleiros ferozes vasculhando o país para rastrear os esconderijos de proscritos, poços profanados com veneno, pragas criadas por mãos humanas, trincheiras escavadas por crianças ao redor de seus pais sitiados, prisões lotadas, conflagrações que consomem cidades inteiras, tiranias sombrias, conspirações secretas para estabelecer

despotismos e povos arruinados, e homens que se vangloriam naqueles atos que, enquanto era possível reprimi-los, eram contados como crimes - eu digo estupro, devassidão e luxúria...

4. Adicione a estes, atos públicos de má fé, tratados rompidos, tudo que não pode se defender levado como pilhagem por parte dos mais fortes, malfeitores, roubos, fraudes e calotes de dívidas, como três dos nossos atuais tribunais de justiça não seriam suficientes para lidar. Se você quer que o homem sábio fique tão irritado quanto a atrocidade dos crimes requer, ele não deve simplesmente ficar em ira, mas deve enlouquecer de ira.

X

- 1. Será melhor pensar o seguinte: não se deve sentir ira contra os erros das pessoas. Que diríamos se alguém se irritasse com os que tropeçam na escuridão; e com os surdos que não escutam suas ordens; e com as crianças porque, descuidando dos deveres, se voltam para jogos e divertimentos tolos com seus amigos? E se quiser irar-se com os que adoecem, os que envelhecem, os que se cansam? Entre outros incômodos da condição mortal, há também este: a turvação de nossa mente e não apenas a inevitabilidade de errar, mas o amor pelos erros.
- 2. Para que não fique irado contra cada indivíduo é preciso perdoar a todos, é preciso conceder vênia ao gênero humano. Se sente ira com os jovens e com os velhos porque erram, irrita-se com as crianças: elas vão errar. Alguém por acaso se irrita com crianças cuja idade ainda não dispõe de discernimento? Ainda maior e mais justa é a desculpa de ser humano do que a de ser criança.
- 3. Nascemos nessa condição, expostos a doenças da alma não menos numerosas que as do corpo, seres que não são obtusos ou ineptos, mas que utilizamos mal nossa inteligência, sendo exemplos de vícios uns para os outros. Alguém que segue os que antes tomaram um caminho errado, como não teria ele desculpa uma vez que se extraviou por uma via coletiva?
- 4- A severidade do general se mostra aos soldados individualmente, mas é necessária vênia quando o exército inteiro desertou. O que tolhe a ira do sábio? A multidão de faltosos. Ele entende o quanto seria não só injusto mas arriscado irar-se contra um vício coletivo.
- 5. Heráclito⁶⁵, toda vez que saía e via tantos em torno de si a viver mal mais do que isso, a morrer mal –, chorava, compadecia-se de todos que se aproximavam alegres e felizes, sendo terno seu coração, porém frágil demais, e ele próprio estava entre os que

deviam ser lamentados. Por outro lado, dizem que Demócrito⁶⁶ nunca aparecia em público sem sorrir, tanto não lhe parecia sério tudo que era tratado a sério⁶⁷. Onde há lugar aqui para a ira? Ou se deve rir de tudo ou se deve chorar de tudo.

- 6. O sábio não ficará irado com os que erram. Por quê? Porque sabe que ninguém nasce, mas se torna sábio; sabe que, em cada época, pouquíssimos se convertem em sábios; porque tem completo conhecimento da condição da vida humana, e nenhum homem sensato se enfurece contra a natureza. Iria ficar admirado de não penderem frutos nas matas silvestres? Iria se admirar de espinheiras e sarçais estarem repletos de ervas inúteis? Ninguém se enfurece quando é a natureza a defensora do vício.
- 7. Desse modo, o sábio, sereno e justo diante dos erros, não como inimigo, mas como alguém que corrige os que erram, todo dia sai à rua com esta intenção: "Vão me aparecer muitos que são viciados no vinho, muitos gananciosos, muitos ingratos, muitos mesquinhos, muitos que sofrem pelas fúrias da ambição". A todas essas coisas ele vai olhar tão benévolo quanto um médico a seus doentes.
- 8. Por acaso aquele cujo navio, depois de avariada sua estrutura, faz água por todo lado, enfurece-se com os marinheiros e com o próprio navio? Antes acorre e obstrui uma parte da água, outra parte ele faz escoar, veda as fendas visíveis, com um esforço contínuo combate as que são invisíveis e que causam infiltração nos porões, nem se detém pelo fato de brotar o mesmo tanto que havia escoado. É preciso um longo tratamento contra males contínuos e copiosos, não para que desapareçam, mas para que não subjuguem.

XI

- 1. "É útil a ira", dizem, "porque evita o menosprezo, porque amedronta os maus." Primeiro, a ira, se é equivalente a quanto ameaça, pela própria razão que a faz inspirar terror é também odiosa; ora, é mais perigoso ser temido do que desprezado. Mas se ela não tem força, fica mais exposta ao desdém e não escapa ao ridículo: o que é, de fato, mais inútil do que uma ira que agita no vazio?
- 2. Depois, certas coisas, por serem mais aterradoras, não são, por isso, preferíveis, e eu não desejaria que se dissesse isto a um sábio: "Esta arma que é das feras é também do sábio: causar temor". Como? Não se teme a febre, a gota, a úlcera maligna? Acaso há por isso algo de bom nessas coisas? Ao contrário, sendo todas repudiadas, disformes e repulsivas, por isso mesmo são temidas. Assim, a ira em si é disforme e muito pouco temível, porém é temida por muitos, tal como uma máscara disforme o é pelas crianças.
- 3. Que dizer do fato de que o temor sempre recai sobre seus causadores e de que ninguém é temido ficando seguro ele próprio? Que ocorra a você, aqui, aquele verso de Labério⁶⁸ que, pronunciado no teatro durante a guerra civil, atraiu para si a simpatia dos espectadores tal como se tivesse sido emitida a voz do sentimento público:

"Há de muitos temer alguém que muitos temem".

4. Assim, a natureza instituiu que tudo o que é grande por meio do temor alheio não está livre de seu próprio medo. O quanto ficam assustados os corações dos leões aos mais leves ruídos! Uma sombra, uma voz ou um odor insólito inquietam as mais fortes feras: tudo o que provoca terror também treme. Portanto, não há razão para que qualquer sábio deseje ser temido, nem para que alguém julgue a ira como algo bom porque ela serve para atemorizar, já que

até mesmo as coisas mais desprezíveis são temidas, como venenos, ossos pestilentos e mordidas.

- 5. Não é de abismar-se quando um cordão adornado com penas detém enormes bandos de feras e as atrai à armadilhas, o qual, por essa própria reação por ele produzida, é chamado de espantalho. Coisas fúteis são motivo de terror para criaturas fúteis. O movimento de uma carroça e a visão das rodas girando reconduzem os leões para a jaula; o grunhido dos javalis aterra os elefantes.
- 6. Assim, a ira é temida do mesmo modo que uma sombra o é pelas crianças e uma pena vermelha, pelas feras. Ela mesma não tem em si nada de firme ou de forte, mas abala os espíritos fúteis.

XII

- 1. "A maldade", afirma-se, "deve ser eliminada da natureza se quiser eliminar a ira; mas não se pode fazer nenhuma dessas duas coisas." Em primeiro lugar, alguém pode não ter frio apesar de, pela lei da natureza, ser inverno e pode não sentir calor, apesar de estar nos meses de verão: ou ele está protegido, por virtude do lugar, contra a intempérie da estação, ou a resistência de seu corpo prevaleceu sobre ambas as sensações.
- 2. Então, inverta o argumento: é forçoso que elimine de sua alma a virtude antes de acolher a ira, dado que os vícios não coexistem com as virtudes e que ninguém pode ser ao mesmo tempo colérico e virtuoso assim como enfermo e sadio.
- 3. "Não é possível", alega-se, "eliminar toda a ira da alma, nem a natureza humana permite isso." Ora, nada existe de tão difícil e árduo que a alma humana não possa vencer e um assíduo estudo não possa levar à familiarização, e nenhuma paixão é tão feroz e soberana que não possa ser domada pela disciplina.
- 4. Tudo o que o espírito ordenou a si próprio ele obtêm: alguns conseguiram nunca rir; alguns privaram seu corpo de vinho; outros, de sexo; outros, de líquidos; um outro, contentando-se com um breve sono, prolongou uma vigília infatigável; aprendeu-se a correr sobre cordas finíssimas e traiçoeiras, a carregar pesos enormes, quase intoleráveis para as forças humanas, a mergulhar em profundidades imensas e suportar as águas do mar sem respirar.
- 5. Há mil outras coisas nas quais a persistência transcendeu todo obstáculo e mostrou que não é difícil nada daquilo a que a própria mente se impõe resistir. Para esses casos a que pouco antes me referi, não houve remuneração alguma ou mesmo uma que fosse digna de esforço tão pertinaz. De fato, o que de magnífico consegue quem se adestrou a caminhar por cordas esticadas, a submeter os

- ombros a um fardo enorme, a não permitir aos olhos o sono, a mergulhar no mar profundo? E, no entanto, seu esforço alcançou o objetivo do trabalho sem uma grande recompensa.
- 6. Não recorreremos à paciência, nós a quem espera tamanha recompensa: a tranquilidade inalterável de uma alma feliz⁶⁹? Quão valioso é escapar do maior dos males, a ira, e junto com ela, da raiva, da violência, da crueldade, do furor e de outras paixões que são suas companheiras!

XIII

- 1. Não há razão para procurarmos defender uma paixão como essa ou desculpar seus excessos declarando que ela é útil ou inevitável. Qual vício, de fato, não tem seus defensores? Contudo, isso não é motivo para você declarar que a ira não é erradicável. Os males de que sofremos são curáveis e, uma vez que nascemos com um viés natural em relação ao bem, a própria natureza nos ajudará se tentarmos corrigir nossas vidas.
- 2. Tampouco o caminho para a virtude é íngreme e áspero, como alguns pensam ser: pode ser alcançado no nível do solo. Este não é um conto falso que venho dizer: o caminho para a felicidade é fácil; você só entra nele com boa sorte e com a boa ajuda dos próprios deuses. É muito mais difícil fazer o que você está fazendo. O que é mais tranquilo do que uma mente em paz e o que é mais fatigante do que a ira? O que é mais leniente do que clemência, o que é mais atribulativo do que crueldade? A modéstia mantém o descanso enquanto o vício está sobrecarregado com o trabalho. Em suma, a cultura de qualquer uma das virtudes é fácil, enquanto os vícios exigem uma grande despesa.
- 3 A ira deve ser removida de nossas mentes: mesmo aqueles que dizem que ela deve ser mantida baixa admitem isso em certa medida: deixe-a fora de tudo; Não há nada a ganhar com isso. Sem ela, podemos mais facilmente e com mais justiça acabar com o crime, punir os homens maus e emendar suas vidas. O homem sábio cumprirá seu dever em todas as coisas sem a ajuda de qualquer paixão maligna, e não usará auxiliares que exijam vigilância estreita, a fim de que não ultrapassem seu controle.

XIV

- 1. A ira, então, nunca deve se tornar um hábito nosso, mas às vezes podemos nos irritar quando desejamos despertar as mentes embotadas daqueles a quem nos dirigimos, assim como despertamos os cavalos que são lentos em largar com aguilhões e tochas. Às vezes, devemos aplicar o medo a pessoas sobre as quais a razão não causa nenhuma impressão: ainda assim, ficar com raiva não serve mais do que lamentar ou ter medo.
- 2. "O que? Não surgem circunstâncias que nos provocam a ira?" Sim: mas nesses tempos acima de todos os outros devemos sufocar nossa ira. Também não é difícil conquistar nosso espírito, visto que os atletas, que dedicam toda a sua atenção às partes mais vis de si mesmos, são capazes de suportar golpes e dor, a fim de exaurir a força do atacante e não atacar quando a ira provoca, mas quando a oportunidade os convida.
- 3. Diz-se que Pirro, o treinador mais célebre para competições de luta, costumava habitualmente não deixar que seus alunos perdessem a calma: a ira estraga sua ciência e só pensa em como isso pode doer: de modo que a razão aconselha a paciência enquanto a ira aconselha vingança, e nós, que poderíamos ter sobrevivido aos nossos primeiros infortúnios, estamos expostos a piores.
- 4. Alguns foram levados ao exílio por sua impaciência frente a uma única palavra de desprezo, foram mergulhados nas misérias mais profundas porque não suportaram o mais insignificante erro em silêncio, e trouxeram para si o jugo da escravidão porque foram orgulhosos demais para dar a menor parte de sua liberdade.

XV

- 1. "Para comprovar", diz seu oponente, "que a ira tem em si algo de nobre, verá povos livres que são os mais iracundos, como os germanos e os citas." Isso ocorre porque as índoles por natureza fortes e sólidas, antes que sejam abrandadas pela disciplina, são propensas à ira. De fato, certas qualidades são inatas apenas nas melhores índoles, tal como a terra fértil, mesmo sem cultivo, cria árvores robustas e é frondoso o bosque de um solo fecundo.
- 2. De igual maneira, também as índoles fortes por natureza sofrem a irritabilidade, e as que são ígneas e férvidas nada contêm de franzino e miúdo, mas seu vigor é imperfeito tal como o de todos os seres que se desenvolvem sem arte própria, apenas por dom da natureza. Mas se não são logo domados, os que eram predispostos ao fortalecimento, habituam-se à audácia e à temeridade.
- 3. Como? Às almas mais dóceis não estão ligados vícios mais leves, como a compaixão, o amor, a timidez? Assim, posso lhe apontar exemplos frequentes de boa índole por meio também de seus males, mas nem por isso deixam de ser vícios, ainda que sejam indícios de uma natureza superior.
- 4. Além disso, todos esses povos livres, devido à sua ferocidade, à maneira dos leões e dos lobos, assim como não podem viver na servidão, não podem também governar. Com efeito, não possuem o vigor da natureza humana, mas o de um ser feroz e intratável. Ora, ninguém pode governar se também não puder ser governado.
- 5. Desse modo, o poder esteve geralmente nas mãos dos povos que se valem de um clima mais ameno. Aqueles que estão expostos ao frio do norte são "*índoles incivilizadas*", como diz o poeta, "*e muito semelhantes a seu clima*".

XVI

- 1. "Esses animais", conclama nosso oponente, "são considerados os mais nobre aqueles que têm grande capacidade de ira". Ele se engana quando defende criaturas que agem por impulso, e não pela razão, como padrões a serem seguidos pelos homens, porque no homem a razão toma o lugar do impulso. No entanto, mesmo com os animais, nem todos lucram com a mesma coisa. A ira é útil para leões, timidez para cervos, ousadia para falcões, fuga para pombos.
- 2. E se eu declarar que nem é verdade que os melhores animais são os mais propensos à ira? Eu posso supor que bestas selvagens, que ganham sua comida por caça, são melhores quanto mais irritadas elas são; mas devo louvar bois e cavalos que obedecem às rédeas pela paciência. Que razão, no entanto, você tem para referir a humanidade a modelos tão miseráveis, quando você tem o universo e Deus⁷⁰, a quem sozinho o homem imita porque só ele O compreende?
- 3. "Os homens mais irritáveis", diz ele, "são tidos como os mais espontâneos". Sim, porque eles são comparados com os vigaristas e os mais trapaceiros, e parecem ser espontâneos porque são sinceros. Eu não deveria chamar esses homens de espontâneos, mas incautos. Damos este título de "incautos" a todos os tolos, glutões, gastadores e homens cujos vícios se encontram na superfície.

XVII

- 1. "Um orador", diz o nosso oponente, "às vezes fala melhor quando está irado". Não é assim, mas quando finge estar zangado: pois assim também os atores cativam o público, não quando estão realmente zangados, mas quando agem bem como homem furioso: e de igual maneira, dirigindo-se a um júri ou a uma assembleia popular, ou em qualquer outra posição em que as mentes dos outros tenham que ser influenciadas pelo nosso prazer, devemos fingir que sentimos raiva, medo ou piedade antes que possamos fazer com que os outros os sintam, e muitas vezes a pretensão de paixão fará o que a paixão em si não poderia ter feito. "A mente que não sente ira", diz ele, "é fraca"⁷¹.
- 2. Verdade, se não tem nada mais forte que a ira para apoiá-lo. Um homem não deve ser nem ladrão nem vítima, nem compassivo nem cruel. O primeiro pertence a uma mente excessivamente fraca, o segundo a uma mente excessivamente débil. Deixe o homem sábio ser moderado, e quando as coisas tiverem que ser feitas de maneira mais rápida, que ele chame o vigor, não ira, em seu auxílio.

XVIII

- 1. Agora que discutimos as questões propostas sobre a ira, passemos à consideração de seus remédios. Esses, eu imagino, são de dois tipos: um que impede que fiquemos em ira, o outro aquele que impede que façamos algo errado quando estamos irados. Tal como acontece com o corpo, adotamos um certo regime para nos manter saudáveis, e usamos regras diferentes para trazer de volta a saúde quando a perdemos, assim também precisamos repelir a ira de uma maneira e apagá-la em outra. Para que possamos evitá-la, certas regras gerais de conduta que se aplicam à vida de todos os homens devem ser impressas em nós⁷².
- 2. Podemos dividi-las em coisas que são úteis durante a educação dos jovens e às etapas subsequentes da vida. A educação deve ser levada adiante com a maior e mais saudável assiduidade: pois é fácil moldar as mentes enquanto elas ainda são tenras, mas é difícil arrancar os vícios que cresceram conosco.

XIX

- 1. Uma mente quente é naturalmente a mais propensa à ira: pois como existem quatro elementos, consistindo de fogo, ar, terra e água, também existem poderes correspondentes e equivalentes a cada um deles, a saber, quente, frio, seco e úmido. Agora, a mistura dos elementos é a causa das diversidades das terras e dos animais, dos corpos e do caráter, e nossas disposições se inclinam para uma ou outra dessas, conforme a força de cada elemento prevalece em nós. Por isso, chamamos algumas regiões de úmidas ou secas, quentes ou frias.
- 2. As mesmas distinções aplicam-se igualmente aos animais e à humanidade; faz uma grande diferença a quantidade de umidade ou calor que um homem contém; seu caráter vai se inclinar a qualquer elemento que seja majoritário⁷³. Um temperamento cálido fará com que os homens fiquem propensos à ira; porque o fogo está cheio de movimento e vigor; uma mistura de frieza torna os homens tímidos, pois o frio é lento e contraído.
- 3. Por causa disso, alguns dos nossos estoicos pensam que a ira é excitada em nossos seios pela ebulição do sangue em volta do coração: de fato, esse lugar é atribuído à ira simplesmente porque o peito é a parte mais quente de todo o corpo.
- 4. Aqueles que têm mais umidade se irritam com a lentidão, porque não têm calor à mão, mas tem que ser obtido pelo movimento; portanto, a ira de mulheres e crianças é mais aguçada do que violenta e surge em provocações mais leves. Em tempos de seca, a raiva é violenta e poderosa, mas sem aumento, e acrescentando pouco a si mesma, porque quando o calor morre, o frio toma seu lugar. Velhos homens são impacientes e cheios de queixas, como também são pessoas doentes e convalescentes, e todos cujo estoque de calor foi consumido pelo cansaço ou perda de sangue.

5. Aqueles que são vítimas de sede ou fome estão na mesma condição, como também são aqueles cuja estrutura é naturalmente sem sangue. O vinho acende a ira porque aumenta o calor; de acordo com a disposição de cada um, alguns se tornam irados quando estão totalmente embriagados, alguns quando estão um pouco embriagados: não há outra razão pela qual pessoas ruivas e de pele avermelhada devam ser excessivamente apaixonadas, visto que são naturalmente da cor que os outros vestem durante a ira; pois seu sangue é quente e facilmente colocado em movimento.

XX

- 1. Mas, do mesmo modo que a natureza torna alguns propensos à ira, podem incidir muitas outras causas de mesmo poder que a natureza: uns foram conduzidos a essa condição por uma doença ou uma lesão em seu corpo; outros, pelo trabalho ou pela constante vigília e inquietações noturnas, desejos e amores. Qualquer outra coisa que tenha sido nociva ao corpo ou à alma dispõe a mente enferma para a ira.
- 2. Mas tudo isso são fatores iniciais e suas causas. Maior poder tem o hábito, que, caso seja inveterado, alimenta o vício. Mudar a natureza é verdadeiramente difícil e, uma vez mesclados os elementos de cada um ao nascer, não é possível alterá-los. Mas é útil conhecê-los por este motivo: para que se privem as índoles ardentes do vinho, o qual Platão julga que se deva negar às crianças e veta que se incite o fogo com fogo⁷⁴. Nem mesmo se deve enchêlos de alimentos, pois os corpos se dilatam e, junto com o corpo, as almas intumescem.
- 3. Que uma atividade os exercite sem os cansar, para que seu calor diminua, não a ponto de consumir-se, e se dissipe aquela fervência excessiva. Os jogos também serão úteis. O prazer moderado relaxa a alma e a equilibra.
- 4. Para os temperamentos mais úmidos e os mais secos e frios não há risco decorrente da ira, mas é preciso temer os vícios mais paralisantes: o medo, a renitência, a desesperança e a desconfiança. Assim, é preciso abrandar e animar tais índoles e atraí-las para a alegria. E porque uns são os remédios que se devem usar contra a ira, outros, contra a tristeza, e esses males devem ser tratados por meios não apenas dessemelhantes, mas contrários, sempre atacaremos aquele mal que se mostrar exasperado.

XXI

- 1. Asseguro que será de grande proveito que as crianças tenham desde logo uma educação saudável. É difícil, porém, conduzi-las, porque devemos ter cuidado para não nutrirmos nelas a ira ou não abatermos sua índole.
- 2. O caso exige observação diligente, pois uma e outra tanto aquilo que se deve intensificar quanto aquilo que se deve reprimir alimentam-se de meios semelhantes, porém as semelhanças facilmente enganam mesmo mentes atentas.
- 3. O espírito cresce na liberdade; na servidão, ele se abate; eleva-se quando recebe elogio e é levado a ter confiança em si, mas essas mesmas ações geram insolência e irritabilidade. Assim, é preciso conduzir o espírito da criança entre um e outro procedimento, de tal maneira que ora utilizemos os freios, ora as esporas.
- 4. Não permita nada que seja humilhante ou servil. Nunca lhe seja necessário suplicar, nem lhe seja útil pedir; antes se faça concessão a uma de suas demandas em vista não só de suas ações anteriores, mas de suas boas promessas para o futuro.
- 5. Em disputa com seus companheiros, não devemos permitir que se torne mal-humorado ou se torne irado: vejamos que esteja em condições amistosas com aqueles com quem se opõe, de modo que, na luta em si, aprenda a desejar não ferir seu antagonista, mas conquistá-lo: sempre que ganhar ou fizer algo louvável, devemos permitir que desfrute de sua vitória, mas não apressar os transportes de prazer: a alegria leva à exultação e a exultação leva a um orgulho excessivo.
- 6. Devemos permitir-lhe algum relaxamento, mas não entregá-lo à preguiça e à indolência, e devemos mantê-lo longe do alcance do luxo, pois nada torna as crianças mais propensas à ira do que uma educação suave e frouxa, de modo que quanto se dá a mais filhos

- únicos, e quanto mais liberdade é dada aos órfãos, mais eles são corrompidos. Aquele a quem nada é negado jamais poderá suportar uma rejeição, cuja mãe ansiosa sempre enxuga suas lágrimas, cujo pedagogo⁷⁵ é obrigado a pagar por suas deficiências.
- 7. Você não observa como a raiva de um homem se torna mais violenta quando ele se eleva em posição? Isso se mostra especialmente naqueles que são ricos e nobres, ou em ótimo cargo, quando o vendaval que favoreceu despertou todas as paixões mais vazias e triviais de suas mentes. A prosperidade fomenta a ira quando os ouvidos orgulhosos de um homem são cercados por uma multidão de bajuladores, dizendo: "Aquele homem? vai deixar Ihe responder! Você não age de acordo com a sua dignidade, você se rebaixa". E assim por diante, com toda a linguagem que dificilmente pode ser resistida até mesmo por mentes saudáveis e originalmente bem-baseadas em princípios.
- 8. A lisonja, então, deve ser mantida fora do caminho das crianças. Deixe uma criança ouvir a verdade, e às vezes temer a verdade: deixe-a sempre reverenciar. Que levante-se em reverência aos mais velhos. Que nada obtenha por força da ira: o que lhe tenha sido negado ao chorar seja-lhe oferecido ao mostrar-se em calma. E tenha a riqueza dos pais à vista, não à disposição. Sejam-lhe repreendidos os malfeitos.
- 9. Será vantajoso equipar os meninos com mestres e pedagogos de temperamento moderado: o que é macio e flexível se apega ao que está próximo e toma sua forma: os hábitos dos homens jovens reproduzem os de seus nutrizes e pedagogos.
- 10. Certa vez, um menino que foi criado na casa de Platão foi para casa de seus pais e, ao ver seu pai vociferando, disse: "Nunca vi ninguém na casa de Platão agir assim". Não duvido que ele tenha aprendido a imitar seu pai mais cedo do que aprendeu a imitar Platão.
- 11. Acima de tudo, deixe sua comida ser frugal, seu vestido não luxuoso e da mesma maneira que a de seus colegas: se você começar colocando-o em nível com muitos outros, ele não ficará

irado quando alguém for comparado a ele.

XXII

- 1. Esses preceitos, no entanto, aplicam-se a nossos filhos: em nós mesmos, o acaso de nascimento e nossa educação não mais admitem erros ou conselhos; devemos lidar com o que segue. Agora devemos lutar contra as primeiras causas do mal: a causa da ira é a crença de que fomos feridos; essa crença, portanto, não deve ser levemente entretida.
- 2. Não devemos ficar furiosos mesmo quando a ferida parece estar aberta e distinta: pois algumas coisas falsas têm a aparência de verdade. Devemos sempre permitir algum tempo, pois o tempo revela a verdade.
- 3. Que nossos ouvidos não sejam facilmente emprestados a conversas caluniosas: deixe-nos saber e estar alerta contra essa falha da natureza humana, que estamos dispostos a crer naquilo que não estamos dispostos a ouvir, e que nos iramos antes de termos formado nossa opinião.
- 4. O que eu devo dizer? Somos influenciados não apenas por calúnias, mas por suspeitas, e pelo próprio olhar e sorriso de outros podemos nos zangar com pessoas inocentes, porque assumimos a pior intuição sobre elas. Devemos, portanto, advogar a causa do ausente contra nós mesmos e manter nossa ira em suspenso: pois um castigo que foi adiado ainda pode ser infligido, mas quando uma vez infligido não pode ser revogado.

XXIII

- 1. Todo mundo conhece a história do tiranicida que, sendo capturado antes de cumprir sua tarefa, e sendo torturado por Hípias⁷⁶ para fazê-lo trair seus cúmplices, nomeou os amigos do tirano que estavam por perto, e todos a quem ele conhecia ter a segurança do tirano especialmente querida. Quando o tirano ordenou que cada um fosse morto, assim que era delatado, finalmente, perguntado se alguém mais permanecia, disse: "Você permanece sozinho, pois não deixei mais ninguém vivo a quem você fora querido". A raiva fizera com que o tirano prestasse assistência ao tiranicida matando com sua própria espada os seus defensores.
- 2. Quão mais espirituoso foi Alexandre, que depois de ler a carta de sua mãe avisando-o para tomar cuidado com veneno de seu médico, Filipe, todavia, bebeu sem medo o remédio que Filipe lhe deu! Ele sentiu mais confiança em seu amigo: ele merecia que seu amigo fosse inocente e merecia que sua conduta o fizesse inocente.
- 3. Eu louvo o fato de Alexandre fazer isso ainda mais porque ele estava acima de todos os homens propensos à ira; mas a moderação mais rara entre os reis, merece ser elogiada.
- 4. O grande Caio César, que provou ser um conquistador tão misericordioso na guerra civil, fez o mesmo; ele queimou um pacote de cartas endereçadas a Cneu Pompeu por pessoas que se pensava serem neutras ou opositoras. Embora ele nunca tenha sido violento em sua ira, ele preferiu, porém, não incitá-la: ele achava que a melhor maneira de perdoar cada um deles não era saber qual era sua ofensa.

XXIV

- 1. Prontidão para crer no que ouvimos causa dano muito grande; muitas vezes nem devemos ouvir, porque em alguns casos é melhor ser enganado do que desconfiar. Devemos libertar nossas mentes de suspeita e desconfiança, as causas mais indignas da ira. "A saudação deste homem estava longe de ser civilizada; aquele não receberia o meu beijo; um dizia uma história que eu começara a contar; outro não me convidava para jantar; outro parecia me ver com aversão".
- 2. Não faltará argumento para a suspeita: o que queremos é franqueza e uma interpretação benevolente das coisas. Não cremos em nada, a menos que se imponha e seja inconfundível, e nos repreendamos por estarmos prontos para crer, sempre que nossas suspeitas se revelarem infundadas: pois essa disciplina nos tornará cautelosos para crer no que ouvimos.

XXV

- 1. Outra consequência disso será que não seremos exasperados pelas ninharias mais leves e desprezíveis. É mera loucura exaltar-se porque um escravo não é rápido, porque a água que vamos beber é morna ou porque o nosso sofá está desarrumado ou a nossa mesa descuidadamente colocada. Um homem deve estar em péssimo estado de saúde se ele se encolher de uma leve brisa; seus olhos devem estar doentes se estiverem aflitos com a visão de roupas brancas; ele deve ser discriminado com deboche se sentir dor ao ver outro homem trabalhar.
- 2. Diz-se que havia um tal Mindíride, da cidade dos sibaritas, que um dia vendo um homem cavando e vigorosamente brandindo uma enxada, queixou-se de que a visão o deixava cansado, e proibiu que o homem trabalhasse onde pudesse vê-lo. O mesmo homem queixou-se de ter sofrido com as folhas de rosa sobre as quais estava deitado.
- 3. Quando os prazeres corromperam tanto o corpo como a mente, nada parece suportável, não porque seja difícil, mas porque aquele que tem que suportar é fraco: por que deveríamos ser levados ao frenesi pela tosse e espirro de qualquer um, ou uma mosca não sendo afastada com cuidado suficiente, ou com um cachorro ao nosso redor, ou uma chave caindo da mão de um servo descuidado?
- 4. Será que alguém cujos ouvidos estão agoniados pelo barulho de um banco sendo arrastado pelo chão será capaz de suportar, com a mente serena, a linguagem grosseira dos conflitos partidários e o abuso que os oradores do fórum ou do Senado amontoam sobre seus oponentes? Será que aquele que está zangado com seu escravo por ter resfriado demasiadamente sua bebida⁷⁷, será capaz de suportar a fome ou a sede de uma longa marcha no verão? Nada, portanto, nutre a raiva mais do que o luxo excessivo e insatisfeito: a

mente deve ser fortalecida por um tratamento duro, de modo a não sentir nenhum golpe que não seja severo.

XXVI

- 1. Ficamos irados ou com aqueles dos quais nem sequer podemos receber uma injúria ou com aqueles dos quais poderíamos receber uma injúria.
- 2. Dentre os primeiros, alguns são desprovidos de senso, como um livro que às vezes jogamos fora por ter sido escrito com letras muito miúdas e o rasgamos por estar cheio de erros, como as vestimentas que retalhamos porque nos desagradam. Quanto é estúpido irar-se contra essas coisas que não merecem nem sentem nossa ira!
- 3. "Mas é evidente que nos ofendem os que as produziram." Primeiro, em geral ficamos irados antes que em nossa mente seja feita essa distinção. Depois, talvez também os próprios autores tragam justificativas válidas: um não pôde fazer melhor do que fez nem aprendeu mal para lhe deixar injuriado; outro não fez assim com intuito de ofender a você. Por último, o que é mais louco do que despejar contra as coisas a bile acumulada contra os homens?
- 4. Ora, tal como é próprio de um louco irar-se com essas coisas que são inanimadas, assim também com os animais, que não nos causam nenhuma injúria porque não podem querê-la; não há de fato injúria se não for decorrente de uma decisão. Assim, podem ser danosos a nós tal como o ferro ou a pedra, mas injúria não nos podem causar.
- 5. Além disso, alguns julgam ser depreciados quando os mesmos cavalos são obedientes a um cavaleiro e rebeldes com outro, como se por reflexão, não pelo hábito e pela técnica de manejo, os animais fossem mais submissos a uns que a outros.
- 6. Ora, assim como é estúpido irar-se com estes, igualmente com as crianças e com os que não estão muito distantes do discernimento infantil, pois todas essas faltas, diante de um juiz imparcial, apresentam em favor da inocência a irreflexão.

XXVII

- 1. Existem algumas criaturas que não podem ser nocivas e não têm nenhuma outra força que não seja benéfica e salutar, como os deuses imortais, que nem querem prejudicar, nem podem, pois a natureza deles é pacata e plácida, estando tão longe de injuriar os outros quanto a si mesmos.
- 2. Pessoas insanas, portanto, e que ignoram a verdade, imputamlhes a violência do mar, as chuvas excessivas, a persistência do inverno, enquanto nenhuma dessas coisas que nos são nocivas ou proveitosas são dirigidas propriamente a nós. Com efeito, não somos no mundo a causa do retorno das estações: essas coisas têm suas próprias leis, conforme as quais se exercem os atos divinos. Nós nos superestimamos se nos vemos como dignos de que fenômenos tão importantes sejam movidos por nossa causa. Por conseguinte, nada disso ocorre no intuito de nos injuriar, mas ao contrário, nada há que não se mostre em nossa salvaguarda.
- 3. Dissemos que há os que não podem ser nocivos e alguns que não querem. Entre estes últimos estarão os bons magistrados, nossos pais, nossos preceptores e os juízes, cuja punição deve ser recebida assim como o tratamento médico, a abstinência e outras coisas que para serem benéficas nos torturam.
- 4. Nos foi aplicada uma punição: pense não apenas o que estamos padecendo, mas o que fizemos. Submetamos nossa vida a um conselho. Se quisermos dizer a nós mesmos a verdade, julgaremos que ao nosso delito cabe pena maior.

XXVIII

- 1. Se quisermos ser juízes imparciais em todas as questões, primeiramente disto nos persuadamos: que dentre nós não há ninguém sem culpa. Pois uma enorme indignação origina-se deste pensamento: "Não cometi falta nenhuma", "nada fiz". Na verdade, nada reconhece. Indignamo-nos por termos sido castigados com uma advertência ou reprimenda, sendo que cometemos um erro nesse momento ao acrescentarmos a arrogância e a contumácia a nossas faltas.
- 2. Quem é este que se proclama inocente perante todas as leis? Ainda que assim fosse, que limitada inocência é ser bom perante a lei! Quão mais extensa é a regra dos deveres do que a de nosso direito! Quanto nos exige a devoção, a benevolência, a generosidade, a justiça, a lealdade, exigências que estão todas fora dos códigos legais!
- 3. Mas nós não podemos ser fiéis nem mesmo àquela tão estrita fórmula de inocência: fizemos o que estava errado, pensamos no que estava errado, desejamos o que estava errado e encorajamos o que estava errado: em alguns casos, permanecemos inocentes porque não tivemos sucesso.
- 4. Pensando nisso, sejamos mais benevolentes com os que cometem uma falta, confiemos nos que nos repreendem. De todo modo, não nos irritemos com os homens bons de fato, com quem não, se até com os bons? , muito menos com os deuses. Sem dúvida, não por falha deles, mas por uma lei relativa aos mortais, sofremos com tudo que nos acontece de prejudicial. "Mas nos acometem doenças e dores." De todo modo, havemos de nos liberar deste domicílio putrefeito que nos coube em sorte. Dirão que alguém falou mal de você: pense se não o fez primeiro, pense de quantos falou mal.
- 5. Pensemos, insisto eu, que uns não nos causam injúria, mas a

devolvem, que outros a fazem em nosso favor, uns a fazem obrigados, outros sem saber, que até os que a fazem por querer e intencionalmente não estão, apesar da injúria que nos fazem, buscando somente a injúria: ou se deixaram levar pelo deleite de um gracejo ou fizeram algo não para nos causar dano, mas porque não podia alcançar seu objetivo se não nos passasse para trás. Por vezes a adulação afronta enquanto bajula.

- 6. Cada um que recordar quantas vezes incorreu em falsa suspeita, quantos obséquios seus a fortuna revestiu com a aparência de injúria, a quantas pessoas, depois de odiá-las, começou a amar, não poderá irar-se de pronto, sobretudo se, em silêncio, disser para si mesmo a cada ocorrência que o ofender: "*Também eu fiz isso*".
- 7. Mas onde encontrará um juiz tão imparcial? Aquele que cobiça a esposa de alguém e julga o fato de ela ser de outro como motivo bastante justo para amá-la, ele mesmo não quer que sua própria esposa seja olhada. O mais enérgico guardião da lealdade é o traidor, é o próprio perjuro que faz perseguição às mentiras e o caluniador tolera de muito malgrado sofrer um processo; não quer que se atente contra o pudor de seus jovens escravos quem não preserva o seu próprio. Temos sob os olhos os vícios alheios, a nossas costas estão os nossos.
- 8. Daí por que um pai pior que o filho recrimina seus demorados festins e nada perdoa à luxúria alheia quem nada tenha negado à sua. De um lado, o tirano se enfurece contra o homicida; de outro, pune os furtos quem saqueia os templos. Há uma grande parte dos homens que não se sente irada com os delitos, mas com os delituosos. A reflexão sobre nós mesmos nos tornará mais moderados, se nos consultarmos: "Nós também por acaso cometemos algo semelhante? Erramos desse mesmo modo? Convém-nos condenar tais coisas?".

XXIX

- 1. O maior remédio para a ira é o adiamento. Peticione a ela em seu início não que perdoe, mas que pondere. Ela tem fortes impulsos iniciais; irá abandona-los, caso espere. E não tente eliminá-la de uma só vez; será inteiramente vencida ao ser consumida em suas partes.
- 2. Dentre essas coisas que nos ofendem, umas nos são relatadas, outras nós mesmos as ouvimos e vemos. Quanto às que nos foram contadas, não devemos logo lhes dar crédito: muitos mentem para enganar; muitos, porque foram enganados. Um capta um favor por meio de uma acusação e trama uma injúria a fim de parecer condoer-se por ela ter sido feita. Existe a pessoa maldosa que gostaria de romper amizades consolidadas. Existe o insuflador, que deseja assistir aos combates e observar de longe e em segurança os que pôs em conflito.
- 3. Se fosse ajuizar sobre uma pequena soma, sem uma testemunha, não aceitaria a causa, uma testemunha sem prestar juramento não valeria, iria conceder defesa a ambas as partes, iria conceder-lhes tempo, não as ouviria uma vez só. De fato, a verdade mais reluz quanto mais amiúde ela vem a nossa mão. Condena de imediato um amigo? Antes de ouvi-lo, antes de interrogá-lo, antes de lhe permitir conhecer seu acusador ou seu crime, se enfurece com ele?
- 4. Já ouviu de fato o que é alegado por ambas as partes? Essa mesma pessoa que delatou deixará de falar se tiver de apresentar provas: "Não vá me forçar a depor", dirá, "eu, se colocado lá na frente, negarei. Além disso, nunca mais lhe direi nada". Ele, ao mesmo tempo, não só instiga, como se retira da disputa e do combate. Não querer dizer-lhe algo se não for em segredo é quase nada dizer-lhe: o que há de mais injusto do que, em sigilo, dar crédito e, em público, irar-se?

XXX

- 1. De certas ofensas somos nós mesmos testemunhas. Nelas deveremos investigar a natureza e a intenção daqueles que as praticam. É uma criança: faça-se concessão a sua idade, ela não sabe se está agindo mal. É um pai: ou ele nos foi tão benéfico que tem até o direito de nos injuriar, ou talvez seja um favor o motivo por que somos ofendidos. É uma mulher: ela erra. Recebeu-se uma ordem: quem se exalta contra uma obrigação exceto um injusto? Recebeu um ferimento: não é injúria sofrer o que praticou primeiro.
- 2. Ele é um juiz: creia na sentença dele mais do que na sua. Ele é um rei: se ele pune um culpado, ceda à justiça; se um inocente, ceda à fortuna. É um animal desprovido de inteligência ou um ser semelhante a esse: você, ao enfurecer-se, o imita. É uma doença ou uma calamidade: ela passará mais acelerada por quem a aturar. É um deus: tanto perde tempo ao dirigir sua ira contra ele quanto ao rogar que ele dirija a dele contra outro. É um bom homem o que fez essa injúria: não acre. É mau: não se espante. Ele receberá de outro a punição que deve receber de você, e aquele que agiu mal já a recebeu de si mesmo.

XXXI

- 1. São dois, como disse, os fatores que incitam a ira: primeiro, que nos pareça ter recebido uma injúria sobre isso falou-se o bastante; depois, que nos pareça tê-la recebido injustamente isso deve ser discutido agora. Os homens julgam certas coisas como injustas porque não deveriam sofrê-las, outras, porque não as teriam esperado. Consideramos imerecidas as que são imprevistas.
- 2. Assim, nos afetam principalmente o que ocorre contra nossa esperança e expectativa. Não é outro o motivo para que, com as pessoas de casa, os mínimos fatos nos irritem; entre amigos, chamamos injúria um descuido.
- 3. "Como, então", pergunta nosso adversário, "as injúrias dos inimigos nos afetam?" É porque não as esperávamos ou, certamente, não tão graves. Isso se deve ao nosso excessivo amorpróprio. Julgamos que devemos ser invioláveis até aos nossos inimigos. Cada um tem dentro de si a alma de um rei, de modo que deseja atribuir livre poder a si, mas não contra si.
- 4. Ou a ignorância ou a arrogância nos deixam irados. Por que é de admirar que os maus empreendam más ações? Que há de novo se um inimigo é nocivo, um amigo nos ofende, um filho incorre em um deslize, um escravo comete uma falta? Dizia Fábio⁷⁸ que, para um general, a desculpa mais vergonhosa era dizer: "Não levei isso em conta". Eu acho que é a mais vergonhosa para um homem. Leve em conta e espere tudo: mesmo nas boas índoles existirá algo mais agressivo.
- 5. A natureza do homem produz almas insidiosas, produz ingratidão, produz cobiça, impiedade. Quando julgar os costumes de um indivíduo, pense sobre os da coletividade. Onde for maior sua satisfação, maior temor há de sentir; onde tudo lhe parecer tranquilo, aí os fatores danosos não estão ausentes, mas em repouso. Sempre

- considere que haverá algo que lhe ofenda: um timoneiro confiante nunca solta por inteiro as velas sem dispor de ferramentas para rapidamente recolhê-las.
- 6. Pense antes de tudo no seguinte: o ímpeto nocivo é repulsivo e execrável, e é absolutamente alheio ao homem, por cuja benevolência até criaturas ferozes se amansam. Olhe a nuca dos elefantes, submetida ao jugo, e lombo de touros impunemente pisoteados por crianças e mulheres, que saltam por cima deles, e serpentes rastejando em volta de taças e de ombros, num deslizar inofensivo, e, no espaço doméstico, ursos e leões que se mostram mansos com os tratadores, e feras que adulam seu dono. Será uma vergonha trocar de atitude com os animais.
- 7. É um pecado ser nocivo à pátria; portanto, também a um cidadão, pois este é parte da pátria as partes são sagradas se o todo é venerando; consequentemente, também a um homem, pois este é seu concidadão em uma cidade maior. E se as mãos quisessem fazer mal aos pés, e os olhos às mãos? Assim como entre si todos os membros estão em harmonia porque interessa ao todo que cada um deles seja preservado, assim também os homens pouparão cada um dos indivíduos porque foram gerados para a coletividade, e a sociedade, por outro lado, não pode manter-se preservada senão pela conservação e pelo amor de seus elementos.
- 8. Nem mesmo as cobras ou algum outro animal peçonhento por sua mordida ou ataque, nós mataríamos se posteriormente pudéssemos amansá-los ou fazer com que não representassem perigo para nós ou para os outros. Por conseguinte, nem mesmo seremos nocivos ao homem porque errou, mas para que não erre, e a punição não será nunca referente ao passado, mas ao futuro, pois não há ira, mas sim precaução. Realmente, se é preciso punir todo aquele que possui um caráter vicioso e lesivo, a punição não poupará ninguém.

XXXII

- 1. "Mas a ira possui um certo prazer próprio, e é bom vingar a dor que você sofreu." De modo nenhum; não é honroso retribuir ferimentos por danos, da mesma forma que reembolsar benefícios por benefícios. Neste último caso, é vergonha ser suplantado; no primeiro, suplantar. Vingança e retaliação são palavras que os homens usam e até pensam ser justas, mas não diferem muito do mal, exceto na ordem em que são feitas: aquele que paga dor pela dor tem apenas mais desculpas para o seu pecado.
- 2. Alguma pessoa que não conhecia Marco Catão o agrediu no banho público em sua ignorância, pois quem, conscientemente, lhe injuriaria? Depois, quando se desculpou, Catão respondeu: "Não me lembro de ter sido atingido". Achava melhor ignorar o insulto do que vingá-lo.
- 3. Você pergunta: "Não houve punição para esse homem por sua insolência?" Não, mas ao contrário, foi-lhe feito um bem enorme: passou a conhecer Catão. É parte de uma grande mente desprezar os erros cometidos a ela; a forma mais desdenhosa de vingança é julgar que o adversário não vale a pena vingar-se. Muitos levaram pequenos danos muito mais a sério do que precisam, vingando-os: que o homem é grande e nobre que, como uma grande fera, ouve indiferentemente os latidos de pequenos cães.

XXXIII

- 1. "Sofreremos menor desprezo", diz o oponente, "se nos vingarmos de uma injúria." Se chegamos à vingança como um remédio, usemo-la sem ira, não como se fosse doce vingar-se, mas como se fosse útil. Muitas vezes, porém, é melhor dissimular do que se vingar. As injúrias dos poderosos devem ser suportadas com ar alegre, não apenas com paciência. Irão fazê-las de novo se acharem que as fizeram bem. Isto têm de pior as almas insolentes devido a sua elevada fortuna: dos que ultrajaram, também sentem ódio.
- 2. É bem conhecida a frase daquele que envelheceu em convivência com reis; quando alguém o interrogou sobre como alcançara coisa tão rara num palácio, a velhice, respondeu-lhe: "Recebendo injúrias e agradecendo-as". Por vezes, é tão inconveniente castigar uma injúria que não convém sequer reconhecê-la.
- 3. Depois que Caio César⁷⁹ pôs na prisão o filho de Pastor, ilustre equestre romano, irritado por sua elegância e pelo trato de seus cabelos, enquanto o pai lhe rogava que concedesse a salvação do filho, como se o tivessem lembrado do suplício, mandou que aquele fosse imediatamente levado à morte. Porém, para que não agisse de forma completamente desumana em relação ao pai, convidou-o para jantar naquele mesmo dia.
- 4. Pastor veio com o semblante amigável. César ergueu-lhe um brinde numa taça e colocou junto a ele um guarda. O infeliz padeceu isso como se bebesse o sangue de seu filho. César fez trazer-lhe perfume e uma guirlanda e ordenou vigiar se os usaria. Usou-os. Naquele dia em que enterrara o filho, ou melhor, em que não o enterrara, punha-se à mesa como um conviva entre cem e, velho, sofrendo de gota, sorvia brindes que seriam pouco louváveis até mesmo pelo nascimento de seus filhos, e nem uma lágrima, entretanto, derramou, nem permitiu que sua dor irrompesse por sinal

- algum. Jantou como se rogasse em favor do filho. Pergunta por que razão? Ele tinha outro filho.
- 5. E quanto a Príamo⁸⁰? Não dissimulou sua ira e abraçou os joelhos de um rei, levou a seus próprios lábios aquela mão agourenta e banhada com o sangue de seu filho e depois jantou? Porém, sem perfume, sem guirlanda, e seu crudelíssimo inimigo exortou-o, com muitas palavras consolatórias, a que se servisse de alimento, não a que esvaziasse enormes copos tendo um guarda postado acima da cabeça.
- 6. Eu teria desfavorecido aquele pai romano se tivesse temido por si, mas foi o afeto que lhe reprimiu a ira. Ele se fez digno de que lhe fosse permitido retirar-se do banquete para recolher os restos mortais do filho. Nem mesmo isso lhe permitiu o jovem soberano, bondoso nesse momento e amável: com brindes constantes, provocava o velho, aconselhando-o a que aplacasse sua dor. Ele, por outro lado, parecia estar de bom humor, e ter esquecido o que havia sido feito naquele dia: ele teria perdido seu segundo filho se tivesse se revelado um convidado inaceitável para o assassino de seu filho mais velho.

XXXIV

- 1. Devemos, portanto, abster-nos da ira, quer seu alvo estar em nível com nós mesmos, ou acima de nós, ou abaixo de nós. Uma disputa com alguém igual é de assunto incerto, com um superior é loucura e com alguém inferior é desprezível. É papel de um homem mesquinho e miserável se virar e morder o mordedor: até camundongos e formigas mostram seus dentes se você puser a mão sobre eles, e todas as criaturas débeis acham que estão feridas se forem tocadas.
- 2. Ficaremos mais mansos se pensarmos em que nos foi útil alguma vez aquele contra quem nos iramos e, em vista de seus méritos, a ofensa será perdoada. Ocorra-nos também o seguinte: quanta estima há de nos trazer a fama de clemência, quantos amigos úteis o perdão já nos auferiu.
- 3. Uma das lições que a crueldade de Sula nos ensina é não ficar irado com os filhos de nossos inimigos, sejam eles públicos ou privados; pois ele levou os filhos dos proscritos ao exílio. Nada é mais injusto do que qualquer um herdar as brigas de seu pai.
- 4. Sempre que estivermos indecisos em perdoar alguém, pensemos se seria a nosso favor que todos os homens fossem inexoráveis. Aquele que se recusa a perdoar, quantas vezes ele implorou por si mesmo? Quantas vezes ele se humilhou aos pés daqueles que ele despreza dos seus? Como podemos ganhar mais glória do que transformando ira em amizade? Que aliados mais fiéis tem o povo romano do que aqueles que foram seus inimigos mais inflexíveis? Onde estaria o império hoje, se não houvesse uma sábia previsão integrado os conquistados e os conquistadores?
- 5. Se alguém estiver irado com você, encontre sua ira retornando benefícios para ela: uma briga que só é levada de um lado cai ao chão: são necessários dois homens para lutar. Mas suponha que

haja uma luta irada de ambos os lados, mesmo assim, é o melhor homem aquele que primeiro cede; o vencedor é o verdadeiro perdedor. Ele bateu em você; bem, então, você recua: se você o atacar, você lhe dará oportunidade e desculpa para atacá-lo novamente: você não será capaz de se retirar da luta quando quiser.

XXXV

- 1. Alguém deseja atacar seu inimigo com tanta força, a ponto de deixar sua própria mão na ferida, e não poder recuperar seu equilíbrio após o golpe? Contudo, tal arma é ira: dificilmente é possível atraí-la de volta. Temos o cuidado de escolher para nós mesmos armas leves, espadas úteis e manejáveis: não devemos evitar esses impulsos desajeitados, dificultosos e incontroláveis?
- 2. A única rapidez que os homens aprovam é aquela que, quando ordenada, controla a si mesma e não prossegue, e que pode ser guiada e reduzida de uma corrida para uma caminhada: sabemos que os tendões estão doentes quando se movem contra nossa vontade. Um homem deve estar idoso ou doente, que corre quando quer andar: Consideremos que essas são as operações mais poderosas e sadias de nossas mentes, que agem sob nosso próprio controle, não em seu próprio capricho.
- 3. Nada, porém, será de muito serviço a considerar, primeiro, o hediondo e, em segundo lugar, o perigo da ira. Nenhuma paixão tem um aspecto mais conturbado: limita a face mais justa, torna feroz a expressão que antes era pacífica. Do irado "toda a graça foi abandonada"; embora seu manto esteja na moda, ele irá arrastá-lo pelo chão e não dará atenção a sua aparência; embora seu cabelo seja suavemente penteado pela natureza ou pela arte, ele se eriçará em simpatia por sua mente. As veias ficam inchadas, o peito vai ser sacudido pela respiração rápida, o pescoço do homem inchará enquanto ele ruge sua fala frenética: então, também, seus membros tremerão, suas mãos ficarão inquietas, todo o seu corpo balançará para cá e para lá.
- 4. O que você acha que deve ser o estado de sua mente dentro dele, quando sua aparência é tão chocante? Quão aterradora é sua feição dentro do peito, ardente sua respiração e intenso o seu

ímpeto, que haverá de explodir se não extravasar!

- 5. Vamos mostrar a ira parecida com aqueles que estão manchados com o sangue de feras selvagens, ou aqueles que estão prestes a abatê-las como aqueles monstros do mundo inferior cingidos com serpentes e a respirar chamas, quando eles saem do inferno, os mais assustadores de se ver, a fim de que eles possam gerar guerras, provocar conflito entre as nações e derrubar a paz; Vamos pintar os olhos dela brilhando com fogo, sua voz sibilando, rugindo, rangendo, e fazendo sons piores, enquanto ela brande armas em ambas as mãos, pois ela não se preocupa em se proteger, sombria, manchada de sangue, coberta com cicatrizes e lívida com seus próprios golpes, enrolada como um maníaco, envolta em uma nuvem espessa, correndo para cá e para lá, espalhando desolação e pânico, abominada por todos e por si mesmo acima de tudo, disposta, se não machucar seu inimigo, derrubar tanto terra, mar e céu, prejudicial e odiosa ao mesmo tempo.
- 6. Ou, se quisermos vê-la, deixe-a ser como nossos poetas a descreveram –

"um açoite sangrento agita Belona com a destra" ou "com o manto rasgado, caminha Discórdia exultante" 81

ou então, se possível, imagine-se para essa terrível paixão uma face ainda mais terrível.

XXXVI

- 1. Algumas pessoas iradas, como Séxtio⁸² observa, foram beneficiadas olhando para o espelho: elas foram atingidas por uma alteração tão grande em sua própria aparência: elas foram, por assim dizer, trazidas à sua própria presença e não se reconheceram: mas quão pequena parte da verdadeira deformidade da ira aquela imagem refletida no espelho se reproduzia?
- 2. Poderia a alma ser exposta ou feita para aparecer através de qualquer substância, nós deveríamos ser confundidos ao vermos quão negra e manchada, quão agitada, distorcida e inchada ela parecia: é muito feia quando vista através de todas as telas de sangue, ossos e assim por diante: o que seria, se fosse exibida nua?
- 3. Você diz que não acha que alguém tenha ficado com medo da ira por um espelho: e por que não? porque quando quem veio ao espelho para mudar de ideia, ele já havia mudado: pois aos homens irados, nenhum rosto parece mais justo do que aquele que é feroz e selvagem.
- 4. Devemos antes considerar quantos homens a ira feriu. Alguns em seu calor excessivo estouraram suas veias; alguns, ao esforçaremse mais que suas forças, vomitaram sangue, ou feriram a visão injetando humores violentos e adoeceram quando o ataque passou.
- 5. De forma nenhuma carrega-se mais rapidamente a loucura: muitos, consequentemente, permaneceram sempre no frenesi da ira, e, tendo perdido sua razão, nunca a recuperaram. Ájax⁸³ ficou louco de raiva e foi levado ao suicídio pela loucura. Homens, frenéticos de ira, invocam o céu para matar seus filhos, reduzir-se à pobreza e arruinar suas casas e, ainda assim, declarar que não estão irados ou insanos. Inimigos para seus melhores amigos, perigosos para os mais próximos, independentemente das leis, influenciados pelas menores ninharias, não estão dispostos a emprestar seus ouvidos ao

conselho ou aos serviços de seus amigos, eles fazem tudo pela força, e estão prontos para lutar com suas espadas ou atirar-se sobre elas, pois o maior de todos os males, e aquele que ultrapassa todos os vícios, ganhou posse deles.

6. Outras paixões ganham terreno na mente em graus lentos: a conquista da ira é súbita e completa e, além disso, torna todas as outras paixões subservientes a si mesma. Conquista o amor mais caloroso: os homens transpassaram espadas nos corpos daqueles a quem amavam e mataram aqueles em cujos braços eles se encontravam. A avareza, aquela mais severa e rígida das paixões, é pisoteada pela ira, que a força a desperdiçar sua riqueza cuidadosamente coletada e incendiar sua casa e toda a sua propriedade em um só instante. Ora, o ambicioso não se desfez de suas insígnias, que tanto estimava, e não rejeitou a honraria que lhe foi deferida? Não há paixão sobre a qual a ira não tenha um domínio absoluto.

LIVRO III

- 1. Agora, caro Novato, nos tentaremos fazer o que você tão especialmente deseja fazer, isto é, expulsar a ira de nossas mentes, ou em todo caso, restringir e conter seus impulsos. Isso às vezes pode ser feito abertamente e sem ocultação, quando estamos apenas sofrendo de um ligeiro ataque desse mal, e outras vezes deve ser feito secretamente, quando a nossa raiva é excessivamente quente, e quando todo obstáculo jogado no seu caminho a aumenta e faz com que resplandeça mais alto. É importante saber quão grande e quão fresca sua força pode ser, e se ela pode ser impelida à força e suprimida, ou se devemos ceder a ela até que sua primeira tempestade acabe, para que ela não acabe com nossos remédios.
- 2. Devemos lidar com cada caso de acordo com o caráter de cada homem: alguns cedem a súplicas, outros são arrogantes e dominadores por submissão: podemos assustar alguns homens com ira, enquanto alguns podem ser desviados de seu propósito por meio de acusações, alguns por reconhecer a si mesmo estarem errado, alguns de vergonha e alguns atrasados, um remédio tardio para uma desordem apressada; que devemos usar apenas quando todos os outros falharam: pois outras paixões admitem que seu caso seja adiado, e pode ser curada em um momento posterior; mas a violência ansiosa e autodestrutiva da ira não cresce em graus lentos, mas atinge sua altura total assim que começa.
- 3. Nem, como outros vícios, apenas perturba a mente dos homens, mas os afasta, e os atormenta até que sejam incapazes de se conter e ansiosos pela ruína comum de todos os homens, nem se enfurece meramente contra o seu objeto, mas contra todo obstáculo que

encontra em seu caminho.

- 4. Os outros vícios movem nossas mentes; A ira arremessa-a de cabeça. Se não formos capazes de resistir às nossas paixões, de qualquer modo nossas paixões devem permanecer firmes, mas a ira se torna mais e mais poderosa, como relâmpagos ou furacões, ou qualquer outra coisa que não pode parar por estar caindo.
- 5. Outros vícios afetam nosso julgamento, a ira afeta nossa sanidade: outros vêm em ataques leves e crescem despercebidos, mas as mentes dos homens mergulham abruptamente em ira. Não há paixão mais frenética, mais destrutiva para si mesma; é arrogante se for bem-sucedida e frenética se falhar. Mesmo quando derrotada, ela não se cansa, mas se o acaso coloca seu inimigo além de seu alcance, ela volta seus dentes contra si mesmo. Sua intensidade não é de modo algum regulada por sua origem: porque sobe aos maiores patamares desde os começos mais triviais.

- 1. Não isenta idade alguma, não excetua nenhum grupo humano. Certos povos, mercê da pobreza, escaparam do luxo; alguns, por serem laboriosos e errantes, afugentaram a preguiça; aos que têm costumes rudes e uma vida agreste, são desconhecidos o embuste e a fraude e de todo mal que nasce no fórum. Nenhum povo há que a ira não instigue, poderosa tanto entre gregos quanto entre bárbaros, não menos perniciosa para os que temem as leis quanto para os que definem seus direitos pela medida de suas forças.
- 2. Enfim, as demais paixões acometem indivíduos, a ira é a única que por vezes é contraída coletivamente. Nunca um povo inteiro inflamou de amor por uma mulher, nem toda uma cidade lançou sua esperança no dinheiro e no rendimento. A ambição apossa-se individualmente de cada pessoa; a imoderação não é um mal público. A ira ingovernável é a única paixão que afeta as nações.
- 3. Homens e mulheres, velhos e crianças, os patrícios e os populares entraram em consenso, e a multidão inteira, concitada por pouquíssimas palavras, antecipou-se ao próprio concitador. Correuse prontamente às armas e às chamas, e guerras foram declaradas aos vizinhos ou travadas com os concidadãos.
- 4. Casas inteiras são queimadas com as famílias inteiras que elas contêm, e aquele que ultimamente foi homenageado por sua eloquência popular agora descobre que seu discurso move as pessoas à fúria. As legiões apontam seus dardos para seu comandante; toda a população briga com os nobres; o senado, sem esperar que as tropas sejam cobradas ou nomear um general, escolhe precipitadamente líderes, pois sua raiva persegue homens bem-nascidos através das casas de Roma, e os põe à morte com suas próprias mãos.
- 5. Foram violadas embaixadas após ter sido rompido o direito das

nações, e um ódio nefando levantou a cidade. Não houve tempo para que diminuísse a conturbação pública, mas esquadras foram logo lançadas e lotadas de soldados tumultuários. Sem disciplina, sem auspícios, o povo sai sob o comando de sua ira carregando objetos fortuitos e tomados como armas.

6. Em seguida, com grande ruína, ele expiou a temeridade dessa ira audaciosa. Este é o desfecho para bárbaros que se arrojam em guerras ao acaso: quando a ideia de uma injúria abalou suas almas instáveis, são logo impelidos e, para onde a sanha os arrastou, caem como avalanches sobre as legiões, em desordem, intrépidos, incautos, em busca do próprio risco. Eles se deleitam em ser atingidos, em avançar para enfrentar o golpe, contorcendo seus corpos ao longo da arma, e perecendo por uma ferida que eles mesmos fazem.

- 1. "Não há dúvida", você diz, "de que é grande e maligna essa força; por isso, mostre como deve ser curada." Na verdade, como disse nos livros anteriores, Aristóteles ergue-se como defensor da ira e nos proíbe extirpá-la. Ele diz que ela é o aguilhão da coragem e, quando eliminada, a alma torna-se inerme, preguiçosa e inepta para grandes esforços.
- 2. Assim, é necessário demonstrar sua indignidade e ferocidade, colocar diante dos olhos quão monstruoso é um homem em fúria contra outro homem, e com quanta impetuosidade arruína a si mesmo, maligno não sem seu próprio malefício, e fazendo afundar o que não pode ser submergido senão junto de quem faz submergir.
- 3. Como, então? Alguém chama sensato a esse homem que, como se atingido por uma tempestade, não vai por si, mas é empurrado, e fica escravo de um mal ensandecido, que não delega sua vingança, mas é ele próprio quem a cobra, e sevicia ao mesmo tempo com seu ânimo e sua mão, carrasco daqueles que lhe são mais queridos e cuja perda em breve há de chorar?
- 4. Alguém atribui à virtude essa paixão, como sua auxiliar e consorte, ela que turva a cautela sem a qual a virtude nada realiza? Instáveis e sinistras, bem como eficazes para seu próprio mal, tais são as forças com que a doença e seu acesso fizeram erguer o doente e é forte apenas para sua própria destruição.
- 5. Não há, portanto, motivo para julgar que eu perca tempo com questões supérfluas quando eu denegro a ira, supondo ser dúbia a opinião que se tem sobre ela, se existe um filósofo, e um dos mais ilustres, que indica funções para ela a ponto de convocá-la como útil e provedora de energia nos combates, na realização de tarefas e no tocante a toda e qualquer ação que exija algum ardor.
- 6. Para que essa opinião não possa enganar ninguém, como se em

algum momento, em algum lugar, a ira houvesse de ter utilidade, é preciso exibir sua própria ira, desenfreada e aturdida, e expor seu instrumental, as masmorras, os instrumentos de tortura, as cruzes e as chamas acesas em torno de corpos semienterrados, e ainda o gancho arrastando cadáveres, os vários tipos de grilhões, os vários suplícios, as lacerações de membros, as inscrições na fronte, as jaulas de feras enormes. Entre esses instrumentos, coloque a ira, com seu grito funesto e horrendo, sendo ela mesma mais chocante do que qualquer dos meios pelos quais ela dá vazão à sua fúria.

IV

- 1. Pode haver algumas dúvidas sobre as outras, mas de qualquer forma nenhuma paixão tem um aspecto pior. Descrevemos a aparência do homem irado em nossos livros anteriores, quão afiado e aguçado ele parece, em um momento pálido como seu sangue é conduzido para dentro e para trás, em outro com todo o calor e fogo de seu corpo dirigido para seu rosto, tornando-o de cor avermelhada como se estivesse manchado de sangue, seus olhos agora inquietos e começando a sair de sua cabeça, agora sem movimento em um olhar fixo.
- 2. Acrescente a isto seus dentes, que se rangem uns contra os outros, como se ele quisesse comer alguém, com exatamente o som de um javali afiando suas presas: acrescente também a rachadura de suas articulações, o torcer involuntário de suas mãos, as frequentes bofetadas que ele mesmo dá no peito, sua respiração apressada e seus suspiros profundos, seu corpo que se enrola, sua fala quebrada abrupta e seus lábios trêmulos, que às vezes ele puxa apertado enquanto assobia alguma maldição através deles.
- 3. Por Hércules, nenhum animal selvagem, nem quando torturado pela fome, nem com uma flecha atingida através de seus sinais vitais, nem mesmo quando ele recolhe seu último suspiro para morder seu assassino, parece tão assustador como um homem enfurecido com ira. Ouça, se você tiver tempo livre, suas palavras e ameaças: como é terrível a linguagem de sua mente agonizante!
- 4. Todo homem não gostaria de deixar de lado a ira quando vê que ela começa por ferir a si mesmo? Quando os homens empregam a raiva como o mais poderoso dos agentes, consideram-na como uma prova de poder, e consideram uma rápida vingança entre as maiores bênçãos de grande prosperidade, não desejariam que eu os avisasse que aquele que é escravo de sua própria raiva não é

poderoso, nem mesmo livre?

5. Não desejariam que eu advertisse a todos os homens mais diligentes e circunspectos, que enquanto outras paixões malignas assaltam a sua base, a ira gradualmente obtém domínio sobre as mentes mesmo dos homens cultos e, em outros aspectos, dos homens sensatos? Tão verdade é que alguns declaram que a ira é uma prova de objetividade, e é costume se acreditar que as pessoas mais bem-intencionadas são propensas a ela.

V

- 1. "Para que", pergunta, "interessa isto?" Para que ninguém se considere a salvo dela, quando também os brandos e os plácidos por natureza ela convoca para a barbaridade e a violência. Do mesmo modo como contra um mal contagioso de nada adianta a força do corpo e o diligente cuidado com a saúde, pois ele invade indistintamente os fracos e os robustos, assim também da ira tanto provém perigo para as índoles inquietas quanto para as moderadas e calmas, nas quais ela é bem mais deformante e perigosa, na medida em que nelas provoca maior alteração.
- 2. Mas como indico, em primeiro lugar, não sentir ira, em segundo, descontinuar, em terceiro, tratar também a ira alheia, direi, de início, como não caímos na ira; depois, como nos liberamos dela; finalmente, como moderamos o irado e o sossegamos e o reconduzimos à sanidade.
- 3. Teremos fiança de não ficar irados se, um após o outro, tivermos exposto diante de nós todos os traços negativos da ira e a tivermos corretamente aferido. Em nosso íntimo, devemos acusá-la e condená-la, estudar seus males e trazê-los a fonte de luz, e, para que se evidencie sua essência, deve-se compará-la com os piores vícios. A avareza adquire e poupa para alguém melhor gastar; a ira é custosa, a ninguém é gratuita. Um senhor irado obrigou seus escravos a fugir, outros a morrer! Quanto a mais ele perdeu, enfurecendo-se, do que valia o incidente pelo qual se punha em fúria! A ira acarretou a um pai o luto, a um marido, o divórcio, a um magistrado, a antipatia, a um candidato, a derrota.
- 5. É pior que a luxúria, visto que esta desfruta de um prazer próprio, aquela, da dor alheia. Ela supera a malignidade e a inveja, pois estas querem que alguém se torne infeliz; aquela quer torná-lo. Deleitam-se estas com males fortuitos; aquela não pode esperar a fortuna, quer

fazer sofrer quem odeia, não vê-lo sofrer.

- 6. Nada é mais opressivo que as rivalidades; que a ira provoca. Nada é mais triste que a guerra; nela, a ira dos poderosos irrompe. De resto, até aquela ira da plebe e do simples cidadão é uma guerra pusilânime e sem vigor. Além disso, pondo de lado o que logo há de seguir-se a ela, os danos, as armadilhas, a perpétua inquietação gerada por mútuas rivalidades, a ira sofre punição enquanto a inflige.
- 7. Ela abandona da natureza humana: esta chama ao amor; ela, ao ódio; esta ordena ser útil; ela, ser prejudicial. Acrescenta-se que, embora a indignação dela venha de uma excessiva autoestima, a ponto de parecer animosa, ela é fraca e mesquinha. De fato, não há como alguém não ser menor do que aquele pelo qual se julga menosprezado.
- 8. Mas a alma grande e capaz de sincera auto avaliação não vinga a injúria, pois não a sente. Assim como dardos ricocheteiam em um obstáculo duro e o impacto causa dor em quem golpeia objetos sólidos, nenhuma injúria pode fazer uma grande alma senti-la, pois é mais frágil do que aquilo que tenta atingir. Quanto mais glorioso é jogar de volta todos os erros e insultos, como alguém usando uma armadura a prova de todas as armas, pois a vingança é uma admissão de que fomos feridos. Não é magnânimo aquele que se dobra à injúria. Aquele que lhe feriu deve ser mais forte ou mais fraco que você. Se ele for mais fraco, poupe-o: se ele for mais forte, poupe-se.

VI

- 1. Não há maior prova disso do que isso. A região superior do universo, sendo mais bem ordenada e próxima das estrelas, nunca é transportada em nuvens, impulsionada por tempestades, ou rodopiada por ciclones: está livre de qualquer perturbação: o relâmpago na região abaixo dela. De maneira semelhante, uma mente elevada, sempre plácida e habitada numa atmosfera serena, contendo em si todos os impulsos dos quais a ira brota, é modesta, impõe respeito e permanece calma e comedida: nenhuma das qualidades que você encontra em um homem furioso: pois quem, sob a influência da dor e da ira, não se livra da timidez?
- 2. Quem, quando excitado e confuso e prestes a atacar alguém, não joga fora quaisquer hábitos de vergonha que possa ter possuído? Que homem furioso atende ao número ou à rotina de seus deveres? Quem usa linguagem moderada? Quem mantém qualquer parte de seu corpo quieta? Quem pode se orientar quando está em plena correria?
- 3. Será útil para nós aquele preceito de Demócrito⁸⁴, segundo o qual é um estímulo à nossa tranquilidade evitarmos no âmbito privado e no público nos ocuparmos com tarefas maiores do que nossas forças. Nunca, para aquele que se desdobra em muitos afazeres, o dia transcorre tão feliz que não surja, de um homem ou de uma situação, uma ofensa que disponha sua alma para a ira.
- 4. Então, como quando alguém se apressa pelas partes apinhadas da cidade, não se pode ajudar um ao outro, e não se pode ajudar um de cada vez, em outro deter-se, portanto, quando a vida é passada em atividades desconexas e andanças, muitos obstáculos e motivos de queixas ocorrem: um ofuscou nossa esperança, outro a alargou, outro a rompeu; nossos planos não correram conforme o esperado.
- 5. Ninguém é tão afortunado por estar envolvido em tudo; a

provocação leva a um relacionamento com as pessoas, com empreendimentos, com lugares, com a fortuna ou consigo mesmo. Portanto, para que a mente possa estar em paz, ela não deve ser agitada de um lado para outro, nem, como eu disse antes, cansada pelo trabalho em grandes questões, ou seja, almejadas para além de nossas forças.

6. É fácil encaixar o ombro de alguém em um fardo leve, e de um lado para o outro sem deixá-lo cair: mas temos dificuldade em suportar os fardos que as mãos dos outros impõem a nós e, quando sobrecarregados por eles, os arremessamos fora em nossos vizinhos. Mesmo quando estamos de pé sob nossa carga, apenas cambaleamos embaixo de um peso que está além da nossa força.

VII

- 1. Assegure-se de que a mesma regra se aplica tanto à vida pública quanto à vida privada: os empreendimentos simples e administráveis procedem de acordo com o prazer da pessoa encarregada deles, mas os enormes, além de sua capacidade de administrar, não são facilmente realizados. Quando ele os administra, eles o atrapalham, pressionam-no com força e, assim que ele pensa que o sucesso está ao seu alcance, eles desmoronam e o carregam consigo: assim acontece que os desejos de um homem são muitas vezes desapontados se ele não se dedicar a tarefas fáceis, ainda deseje que as tarefas que ele empreende sejam fáceis.
- 2. Sempre que você tentar qualquer coisa, primeiro forme uma estimativa tanto de seus próprios poderes, da extensão do assunto que você está empreendendo, e dos meios pelos quais você deve realizá-lo: pois se você tiver que abandonar seu trabalho quando for ainda não terminado, a decepção azedará seu temperamento.

Em tais casos, faz diferença se se é de um temperamento ardente ou frio e não-empreendedor: pois o fracasso despertará um espírito generoso para a ira, e tristeza em quem é lânguido e sem energia. Que nossos empreendimentos, portanto, não sejam mesquinhos nem presunçosos e imprudentes: que nossas esperanças não sejam muito distantes de casa: não tentemos nada que, se tivermos sucesso, nos deixe espantados com nosso sucesso.

VIII

- 1. Visto que não sabemos como suportar uma injúria, tomemos cuidado para não recebê-la. É preciso conviver com quem é bastante sereno, de trato muito fácil, e não com ansiosos e mal-humorados. Assumimos as qualidades dos que residem conosco e, assim como certas doenças do corpo se transmitem por contato, também a alma transmite seu estado para os próximos. O bêbado atrai comensais para o amor ao vinho, um grupo de despudorados corrompe até o homem valente e de natureza firme, a avareza transfere seu germe a quem junto dela se encontra.
- 2. Do mesmo modo agem as virtudes, mas com o resultado oposto: tornam dócil tudo o que têm a seu lado. Não é tão benéfico para a saúde física uma estância climática e salutar quanto para as almas pouco vigorosas o contato com pessoas melhores.
- 3. Perceberá a força que tem esse fator se olhar até feras amansarse em nosso convívio e a nenhum animal, mesmo feroz, permanecer em sua natureza depois de longo tempo em companhia de um homem; é rebatida toda a sua aspereza e é paulatinamente despercebida entre criaturas ordeiras. Acrescenta-se a isso que não apenas pelo exemplo se torna melhor quem vive junto a pessoas tranquilas, mas também não encontra motivos para irar-se nem exercitar seu vício. Desse modo, deve-se evitar todos passíveis de provocar sua ira.
- 4. "Quem são eles?", você pergunta. Muitos que, por causas várias, provocam o mesmo efeito: o soberbo lhe ofenderá pelo menosprezo, o sarcástico, pela afronta, o petulante, pela injúria, o invejoso, pela maldade, o abusado, pela contestação, o mentiroso, pela leviandade. Não aguentará ser temido por um medroso, ser vencido por um obstinado, sofrer o desdém de um pretensioso.
- 5. Escolha os que são simples, fáceis no trato, comedidos, que não

provoquem sua ira e que a suportem. Serão ainda mais úteis os humildes, afetuosos, dóceis, sem, porém, chegar à adulação, pois a excessiva lisonja ofende os irascíveis. Um amigo nosso era sem dúvida um homem bom, mas muito irascível, a quem não era mais seguro lisonjear do que injuriar.

- 6. Diz -se que Célio tinha grande ira⁸⁵. Com ele jantava na sala de sua casa um hospede de grande paciência, mas foi difícil para este, vendo-se em sua companhia, evitar desavença com o homem. Achou melhor aceitar tudo que o anfitrião dissesse e assumir papel subsidiário. Célio não tolerou suas anuências e exclamou: "Fale algo contra, para sermos dois!". Porém, irritado por não se encolerizar e vendo-se sem adversário, logo ele mesmo desistiu.
- 7. Escolhamos, portanto, se somos conscientes de nossa ira, de preferência estas que acompanham nossa face e nossas falas. Por certo nos farão susceptíveis e nos induzirão ao mau costume de não ouvir contra nossa vontade, mas será útil dar a nosso vício um descanso. Mesmo os que por natureza são difíceis e bravios irão suportar quem os afaga: ninguém é grosseiro e agressivo a um afago. Sempre que uma disputa for mais violenta, busquemos parar na entrada, antes que ganhe força: a contenda alimenta-se a si mesma e retém os que nela entraram convictos. É mais fácil absterse de um batalha do que se retirar.

XIV

- 1. Os homens irritáveis não devem interferir na classe mais séria de ocupações, ou, de qualquer forma, devem parar de se cansar de persegui-las; sua mente não deve ser engajada em assuntos difíceis, mas entregue a artes agradáveis: que seja suavizada pela leitura de poesia, e interessada pela história lendária: que seja tratada com luxo e refinamento.
- 2. Pitágoras⁸⁶ costumava acalmar seu espírito perturbado tocando na lira: e quem não sabe que trombetas e clarins são irritantes, assim como certos sons são canções de ninar e acalmam a mente? O verde é bom para os olhos cansados, e algumas cores são gratas à visão fraca, enquanto o brilho de outras é doloroso para ela. Da mesma forma, as atividades alegres acalmam as mentes insalubres.
- 3. Devemos evitar os tribunais, os pleitos, os veredictos e tudo mais que agrave nossa falta, e não devemos menos evitar o cansaço corporal; pois ele esgota tudo o que há de calmo e gentil em nós, e desperta amargura.
- 4. Por esta razão, aqueles que não podem confiar em sua digestão, quando estão prestes a fazer negócios importantes, sempre aliviam sua bílis com a comida, pois ela é peculiarmente irritada pela fadiga, seja porque atrai o calor vital para o meio do corpo, e prejudica o sangue e impede sua circulação pelo entupimento das veias, ou então porque o corpo gasto e enfraquecido reage sobre a mente: esta é certamente a razão pela qual aqueles que estão debilitados pela saúde ou pela idade são mais irascível do que outros homens. A fome e a sede também devem ser evitadas pelo mesmo motivo; elas exasperam e irritam a mente dos homens:
- 5. É um velho ditado que "*um homem cansado procura a rixa*": e assim também é um homem faminto ou sedento, ou que está sofrendo de qualquer causa que seja: pois assim como a dor é uma

chaga ao menor toque, e depois até mesmo o medo de ser tocado, assim também uma mente insegura se ofende com as coisas mais leves, de modo que mesmo uma saudação, uma carta, um discurso, ou uma pergunta, provoca a raiva de alguns homens.

X

- 1. O que é doente nunca pode ser tratado sem queixa: é melhor, portanto, aplicar remédios a si mesmo assim que sentimos que algo está errado, permitir-se a menor licença possível na fala e restringir nossa impetuosidade:
- 2. Agora é fácil detectar o primeiro crescimento de nossas paixões: os sintomas precedem a desordem. Assim como os sinais de tempestades e chuva chegam antes das tempestades, também existem certos precursores da ira, amor e todas as tempestades que atormentam nossas almas.
- 3. Aqueles que sofrem de epilepsia sabem que o ataque está chegando, se suas extremidades esfriam, sua visão falha, seus tendões tremem, sua memória os abandona e sua cabeça gira: eles, consequentemente, controlam o distúrbio crescente aplicando os remédios habituais: eles tentam para evitar a perda de seus sentidos, cheirando ou ingerindo alguma droga; lutam contra o frio e a rigidez dos membros por meio de compressas quentes; ou, se todos os remédios falham, eles se afastam e desmaiam onde ninguém os vê cair.
- 4. É útil para um homem entender sua doença e reprimir sua força antes que se alastrem. Vamos ver o que é que nos irrita especialmente. Alguns homens se ofendem com palavras ofensivas, outros com atos: um deseja que sua nobreza, outro sua pessoa, seja tratado com respeito. Este homem deseja ser considerado especialmente na moda, que o homem seja considerado especialmente instruído: não se pode ter orgulho, outro não pode suportar a obstinação. Acha-se abaixo dele estar com raiva de seus escravos, outro é cruel em casa, mas gentil na rua. Imagina-se que ele é proposto para o cargo porque ele é impopular, outro se acha insultado porque ele não é proposto. As pessoas nem todas se

ofendem da mesma maneira; você deve então saber qual é o seu ponto fraco, que você pode guardá-lo com cuidado especial.

XI

- 1. É melhor não ver ou ouvir tudo: muitas causas de ofensa podem passar por nós, a maioria das quais são desconsideradas pelo homem que as ignora. Você não quer ser irascível? Então não seja curioso. Aquele que procura saber o que é dito sobre si, que escava histórias de rancor, mesmo que elas tenham sido contadas em segredo, é ele mesmo o destruidor de sua própria paz de espírito. Algumas histórias podem ser interpretadas de modo a parecer insultos: portanto, é melhor deixar de lado algumas, rir dos outros e perdoar os outros.
- 2. Há muitas maneiras pelas quais a ira pode ser controlada; a maioria das coisas pode ser transformada em brincadeira. Dizem que Sócrates, ao receber um tapa no ouvido, apenas disse que era uma pena que um homem não soubesse dizer quando deveria usar o capacete para andar.
- 3. Não importa muito como se faz uma injuria, mas sim, como é suportada; e não vejo como a moderação pode ser difícil de praticar, quando sei que mesmo os déspotas, embora o sucesso e a impunidade se combinem para aumentar seu orgulho, às vezes restringem sua ferocidade natural.
- 4. De qualquer forma, a tradição nos informa que certa vez, quando um convidado embriagado repreendeu duramente Pisístrato⁸⁷, o déspota de Atenas, muitos dos presentes se ofereceram para impor as mãos sobre o traidor, e disseram coisa e outra para ascender sua ira, suportou-a com frieza e respondeu àqueles que o estavam incitando, que não estava mais zangado com o homem do que deveria estar com aquele que tropeça com os olhos vendados.

XII

- 1. Uma grande parte da humanidade fabrica suas próprias queixas, seja entretendo suspeitas infundadas ou exagerando trivialidades. A raiva muitas vezes chega até nós, mas muitas vezes nós vamos até ela. Ela nunca deve ser enviada: mesmo quando cai no nosso caminho, ela deve ser posta de lado.
- 2. Ninguém diz para si mesmo: "Eu mesmo fiz ou poderia ter feito esta mesma coisa que estou irado com outro por ter feito". Ninguém considera a intenção do autor, mas apenas a coisa feita. Ainda assim, devemos pensar nele, e se ele o fez intencionalmente ou acidentalmente, sob coação ou sob erro, se ele o fez por ódio a nós, ou para ganhar algo para si mesmo, se o fez para agradar a si mesmo ou para servir a um amigo. Em alguns casos, a idade, em outros a sorte terrena do culpado pode torná-lo humano ou vantajoso aguentar e tolerar o que ele fez.
- 3. Coloquemo-nos no lugar daquele com quem estamos irritados: atualmente, uma concepção arrogante de nossa própria importância nos torna propensos à ira, e estamos bastante dispostos a fazer aos outros o que não podemos suportar que seja feito a nós mesmos.
- 4. Ninguém vai adiar sua ira: no entanto, o maior remédio para a ira é o adiamento, pois permite que seu primeiro brilho diminua, e dá tempo para que a nuvem que escurece a mente se disperse ou, de qualquer forma, se torne menos densa. Desses erros que o deixam inquieto, alguns ficarão mais claros após um intervalo, não de um dia, mas mesmo de uma hora: alguns desaparecerão por completo. Mesmo se você não ganhar nada com seu adiamento, ainda assim o que você fizer depois disso parecerá ser o resultado de uma deliberação madura, não de ira. Se você quiser descobrir a verdade sobre qualquer coisa, comprometa a tarefa ao tempo: nada pode ser discernido com precisão em um momento de transtorno.

- 5. Platão, quando zangado com seu escravo, não pôde fazer prevalecer sobre si mesmo para esperar, mas imediatamente ordenou-lhe que tirasse sua camisa e apresentasse seus ombros aos golpes que pretendia dar-lhe com sua própria mão: então, quando percebeu que estava irado, parou a mão que havia levantado no ar, e ficou como se estivesse em ato para atacar. Ao ser perguntado por um amigo que por acaso entrava, o que ele estava fazendo, ele respondeu: "Estou punindo um homem furioso".
- 6. Ele manteve a postura de quem estava prestes a dar lugar à paixão, como se tivesse sido surpreendido por ser tão degradante para um filósofo, esquecendo o escravo, porque havia encontrado outro ainda mais merecedor de punição. Ele, portanto, negou a si mesmo o exercício da autoridade sobre sua própria casa, e uma vez, irado com alguma falta, disse: "Espeusipo⁸⁸, por favor, corrija esse escravo com açoites; pois estou em ira".
- 7. Ele não o golpearia, pela mesma razão pela qual outro homem o teria golpeado. "Estou irado", disse ele; "Eu gostaria de bater nele mais do que o necessário: Teria mais prazer do que deveria em fazê-lo: não deixe aquele escravo cair no poder de quem não está em seu próprio poder". Pode alguém desejar conceder o poder de vingança a um homem irado, quando o próprio Platão abdicou de seu próprio direito de exercê-lo? Que nada lhe seja permitido enquanto estiver irado. Por que razão? Porque irá querer que tudo lhe seja permitido.

XIII

- 1. Lute com afinco e se você quer vencer a ira, não deixe que ela conquiste você: você começou a tirar o melhor dela se não se mostrar, se não lhe for dada vazão. Vamos esconder seus sintomas e, na medida do possível, mantê-la em segredo e escondida.
- 2. Isso nos causará grande dificuldade, pois está ansiosa por irromper, acender nossos olhos e transformar nosso rosto; mas se permitirmos que ela se mostre em nossa aparência externa, é nossa mestre. Deixemos que ela seja trancada nos mais profundos recessos do nosso peito, e seja suportada por nós, não nos sustente: ou melhor, vamos substituir todos os seus sintomas por seus opostos; deixe-nos fazer nosso semblante mais composto do que o habitual, nossa voz mais suave, nosso passo mais devagar. Nossos pensamentos internos gradualmente se tornam influenciados por nosso comportamento externo.
- 3. Com Sócrates, era um sinal de raiva quando ele baixava a voz e se poupava da fala; Era evidente em tais ocasiões que ele estava exercendo controle sobre si mesmo. Seus amigos, consequentemente, costumavam percebe-lo agindo assim e censurálo; e, no entanto, não lhe desagradava a reprovação dessa ira latente. Como não se alegraria ele de que sua ira, embora muitos a percebessem, ninguém a sentisse?
- 4. Quão mais necessário é para nós fazer isso? Vamos implorar a todos os nossos melhores amigos que nos deem a sua opinião com a maior liberdade no mesmo momento em que podemos suportar menos, e nunca sermos complacentes conosco quando estamos com raiva. Enquanto estivermos em nossos sentidos corretos, enquanto estivermos sob nosso próprio controle, vamos pedir ajuda contra um mal tão poderoso e que consideramos com um favor tão injusto.
- 5. Os que sustentam mal o vinho e temem o desvario e a petulância

de sua embriaguez, dão ordens aos escravos para tirá-los do banquete quando estão bêbados; aqueles que sabem, por experiência, quão irracionais são quando estão doentes dão ordens para que ninguém os obedeça quando estão com problemas de saúde.

- 6. É melhor preparar os obstáculos de antemão para os vícios que são conhecidos e, acima de tudo, para tranquilizar nossa mente a ponto de causar os mais repentinos e violentos choques, sem sentir raiva, ou, se a raiva for provocada pela extensão de algum erro inesperado, para que possa enterrá-lo profundamente e não trair sua ferida.
- 7. Pode-se ver que é possível fazer isso, se cito alguns exemplos em abundância, a partir dos quais podemos aprender o quanto de mal existe na ira, quando exerce domínio total sobre os homens em supremo poder, e quão completamente pode controlar-se quando é intimidada pelo medo.

XIV

- 1. O rei Cambises⁸⁹ era excessivamente dado ao vinho, Præxaspes foi o único dos seus amigos mais íntimos que o aconselhou a beber com mais moderação, apontando quão vergonhosa era a embriaguez num rei, sobre quem todos os olhos e ouvidos estavam fixos. Cambises respondeu: "Para que você saiba que eu nunca perco o comando de mim mesmo, vou provar a você que meus olhos e minhas mãos estão aptos para o serviço depois que eu estiver bebendo" ⁹⁰.
- 2. Nesse momento ele bebeu mais livremente do que o habitual, usando taças maiores e, quando pesado e embriagado com vinho, ordenou ao filho de seu crítico que ultrapassasse o limiar e ficasse ali com a mão esquerda erguida acima da cabeça; depois inclinou o arco e perfurou o coração do jovem, ao qual dissera que visava. Ele então ordenou a abertura do peito, mostrou a flecha espetada exatamente no coração e, olhando para o pai do garoto, questionou se sua mão não estava firme o suficiente. Ele respondeu que o próprio Apolo não poderia ter mirado melhor!
- 3. Ele realmente elogiou um ato que ele não deveria ter testemunhado. Ele viu que o peito de seu filho sendo rasgado e seu coração tremendo com sua ferida lhe deu a oportunidade de fazer um discurso de cortesia. Deveria ele ter levantado uma disputa sobre seu sucesso, e pedir outra chance, para que o rei pudesse ter prazer em provar na pessoa do pai que sua mão era ainda mais firme do que quando atirou no filho.
- 4. Que rei selvagem! Digno para todas as flechas de seus súditos! No entanto, apesar de o amaldiçoarmos por fazer seu banquete terminar em crueldade e morte, ainda era pior elogiar aquela flecha do que tê-la atirado. Veremos daqui em diante como um pai deve se comportar quando se depara com o cadáver de seu filho, cujo

assassinato ele tanto causou como testemunhou: o assunto que estamos discutindo agora foi provado, quer dizer, que a ira pode ser eliminada.

- 5. Ele não amaldiçoou o rei, nem sequer deixou cair uma única palavra inauspiciosa, embora sentisse o próprio coração profundamente ferido como o do seu filho. Pode-se dizer que ele fez bem em sufocar suas palavras; pois embora ele pudesse ter falado como um homem irado, ainda assim ele não poderia ter expressado o que sentia como pai.
- 6. Ele pode, eu repito, ser julgado ter se comportado com maior sabedoria naquela ocasião do que quando ele tentou controlar a bebida de alguém que estava melhor empregado em beber vinho do que em beber sangue, e que concedia aos homens a paz enquanto suas mãos estavam ocupadas com a taça. Ele, portanto, acrescentou mais um ao número daqueles que demonstraram o amargo custo dos bons conselhos dado a pequenos reis.

XV

- 1. Não tenho dúvida de que também Hárpago⁹¹ tenha convencido de algo semelhante ao seu rei e dos persas⁹², o qual, ofendido, lhe serviu à mesa como repasto seus filhos e perguntou-lhe, seguidamente, se os pratos estavam bem temperados. Então, quando viu que estava saciado com sua própria desgraça, ele ordenou que suas cabeças fossem trazidas e perguntou-lhe como gostava de seu entretenimento. O homem miserável não perdeu a prontidão do discurso; seu rosto não mudou. "*Todo tipo de ceia*", disse ele, "é agradável à mesa do rei".
- 2. O que ele ganhou com essa obsequiosidade? Ele evitou ser convidado pela segunda vez para jantar, para comer o que sobrara deles. Eu não proíbo um pai de culpar o seu rei ou de procurar alguma vingança digna de um monstro tão sanguinário, mas nesse meio tempo eu recolho da história esse fato, que até mesmo a raiva que surge de indignações imensas pode ser escondida, e forçada a usar a linguagem que é o reverso do seu significado.
- 3. Essa maneira de conter a ira é necessária, pelo menos para aqueles que escolheram esse tipo de vida e que são admitidos para jantar à mesa de um rei; é assim que devem comer e beber, é assim que devem responder e como devem rir de suas próprias mortes. Se vale a pena viver a esse preço, veremos a seguir; essa é outra questão. Não consolemos tanto a tripulação, nem a incentivemos a submeter-se às ordens de seus carnífices; deixe-nos apontar que, por mais escravizada que seja a condição de um homem, há sempre um caminho para a liberdade aberto a ele, a menos que sua mente esteja doente.
- 4. A culpa é do próprio homem, se ele sofre, quando, pondo fim a si mesmo, pode pôr fim à sua miséria. Para aquele cujo rei apontava flechas para os peitos de seus amigos, e para aquele cujo rei

empanturrava os pais com o coração de seus filhos, eu diria: "Insano, por que você geme? Pelo que você está esperando? Por algum inimigo lhe vingar pela destruição de toda a sua família, ou por algum rei poderoso chegar de uma terra distante? Onde quer que você vire seus olhos você pode ver um fim para suas aflições. Você vê aquele precipício? Lá embaixo está o caminho para a liberdade; Veja que o mar e aquele rio ali. A liberdade fica no fundo deles. Você vê aquela árvore atrofiada, arruinada, seca, mas a liberdade está pendurada em seus galhos. Você vê sua própria garganta? Pescoço, seu próprio coração? São tantas as formas de escapar da escravidão. Esses modos que eu indico são trabalhosos e exigem muita força e coragem? Você pergunta qual caminho leva à liberdade⁹³? Eu respondo, qualquer veia⁹⁴ em seu corpo".

XVI

- 1. No entanto, enquanto não encontrarmos nada em nossa vida tão insuportável que nos leve ao suicídio, deixe-nos, em qualquer posição que estejamos, colocar a ira longe de nós: ela é destrutiva para aqueles que são seus escravos. Toda sua fúria se transforma em sua própria miséria, e a autoridade se torna tanto mais incômoda quanto mais obstinadamente é resistida. É como um animal selvagem cujas lutas só puxam o laço pelo qual é apanhado com mais força; ou como pássaros que, enquanto se esforçam para se libertar, espalham a cal das aves⁹⁵ em todas as suas penas. Nenhum jugo é tão doloroso a ponto de não ferir aquele que luta contra ele mais do que aquele que cede a ele: a única maneira de aliviar grandes males é suportá-los e submeter-se a fazer o que eles obrigam.
- 2. Mas, embora seja útil aos súditos a contenção de suas paixões, e principalmente desta, que é raivosa e desenfreada, mais útil é ela aos reis: está tudo arruinado quando a fortuna lhes permite o que aconselha a ira, e por longo tempo não pode ser mantida uma dominação que para o mal de muitos é exercida; pois esta é posta em risco quando os que se queixavam separadamente o medo comum os uniu.
- 3. Assim, numerosos governantes foram assassinados ora por indivíduos, ora pela massa, quando uma comoção pública os levou a congregar contra um único homem suas iras. No entanto, muitos reis usaram de sua ira como uma insígnia régia, tal como Dario⁹⁶, que, depois de tomar o poder ao mago, foi o primeiro a governar os persas e grande parte do Oriente. Como tivesse declarado guerra aos citas⁹⁷, que lhe cercavam o lado oriental, Oeobazo, nobre ancião, rogou-lhe que deixasse, para consolo do pai, um de seus três filhos, e dispusesse dos serviços dos outros dois. Dario prometeu mais do que lhe era rogado, disse que mandaria todos de volta e os

abandonou mortos diante dos olhos do pai. Cruel seria se os tivesse levado com ele.

4. Mas quão mais acessível era Xerxes⁹⁸! A Pítio, pai de cinco filhos que pediu a dispensa militar de um, ele permitiu escolher qual quisesse e, depois, colocou o escolhido cortado em duas partes, de um e outro lado da estrada e purificou seu exército. Ele, portanto, teve o fim que merecia, sendo derrotado e seu exército disperso em toda e qualquer extensão, enquanto ele caminhava entre os cadáveres de seus soldados, vendo por todos os lados os sinais de sua própria derrota.

XVII

- 1. Tão ferozes em sua ira estavam aqueles reis que não tinham estudo, nem tintura de literatura educada: agora eu mostrarei a você o rei Alexandre (o Grande), recém-saído do colo de Aristóteles, que com sua própria mão esfaqueou, Clito, seu amigo mais querido, que fora educado com ele, porque não o elogiava o suficiente, e foi muito lento em se transformar de um homem macedônio livre em um escravo persa.
- 2. De fato, ele lançou Lisímaco⁹⁹, que não era menos amigo dele do que Clito, em uma gaiola com um leão; mas isso fez com que Lisímaco, que escapou por alguma sorte dos dentes do leão, fosse mais gentil quando se tornou rei?
- 3. Ora, ele mutilou seu próprio amigo, Telésforo, o ródio, cortando seu nariz e suas orelhas, e o manteve por um longo tempo em um covil, como um animal novo e raro, depois que o horror de seu rosto cortado e desfigurado não o fez mais parece ser humano, ajudado pela fome e a sujeira de corpo a chafurdar em suas próprias fezes!
- 4. Além disso, suas mãos e joelhos, que a estreiteza de sua morada o forçou a usar em vez de seus pés, tornaram-se duros e insensíveis, enquanto seus lados estavam cobertos de feridas esfregando as paredes, de modo que sua aparência não era menos chocante que assustadora, e sua punição transformou-o em uma criatura tão monstruosa que deixara também de provocar compaixão. No entanto, apesar de aquele que padecia tais horrores ser inteiramente dessemelhante de um homem, mais dessemelhante era quem lhe causara aquilo.

XVIII

- 1- Oxalá que tal selvageria tivesse se contentado com exemplos estrangeiros, e que a barbárie na ira e no castigo não tivesse sido importada com outros vícios estranhos em nossas maneiras romanas! Marco Mário¹⁰⁰, a quem o povo ergueu uma estátua em cada rua, a quem fizeram oferendas de incenso e vinho, teve, por ordem de Lúcio Sula, suas pernas quebradas, seus olhos arrancados, suas mãos cortadas, e seu corpo inteiro gradualmente rasgado em pedaços membro por membro, como se Sula o matasse tantas vezes quanto ele o ferisse.
- 2. Quem era o executante dessa ordem? Quem senão Catilina¹⁰¹, já a exercitar as mãos para todo tipo de crime? Era ele que o desmembrava diante do túmulo de Quinto Cátulo, infligindo tamanho ultraje às cinzas de um varão tão amável, sobre as quais um homem de péssimo exemplo, embora popular e amado de forma não tanto imerecida quanto excessiva, vertia gota a gota o seu sangue. Digno era Mário de sofrer aqueles tormentos; Sula, de ordenar; Catilina, de executar, mas indigna a República de receber em seu corpo as espadas tanto de seus inimigos quanto de seus vingadores.
- 3. Por que busco fatos antigos? Há pouco Calígula em um só dia golpeou com açoite Sexto Papínio, cujo pai fora cônsul, Betilieno Basso, seu próprio questor, filho de seu procurador, e outros, tanto senadores quanto cavaleiros romanos. Torturou-os não para obter informações, mas para deleitar-se.
- 4. Depois, foi tão impaciente em adiar o encanto que sua crueldade exigia, que, em um caminho dos jardins de sua mãe na qual o alpendre é separado por riacho, ao caminhar com matronas e senadores, degolou alguns deles à luz de uma fonte de luz. O que o incitava? Que risco, privado ou público, uma só noite lhe trazia? Quão pouco teria sido esperar a luz do dia, para que não matasse

senadores do Estado romano em seus chinelos.

XIX

- 1. É com o propósito de saber como sua crueldade foi exercida com altivez, embora alguém possa supor que estamos nos desviando do assunto e embarcando em uma digressão; mas esta digressão está em si ligada a explosões inusitadas de ira. Ele bateu nos senadores com varas; ele o fez com tanta frequência que tornou os homens capazes de dizer: "É o costume". Ele os torturava com todos os mecanismos mais sombrios do mundo, com o cordão, o borzeguim, o cavalete, o fogo e a visão de sua própria face.
- 2. Mesmo a isto podemos responder: "Rasgar três senadores em pedaços com açoites e fogo como escravos criminosos não era um crime tão grande para quem tinha pensamentos de assassinar todo o Senado, que estava acostumado a desejar que o povo romano só tivesse um pescoço, para que ele pudesse se concentrar em um dia e um golpe toda a maldade que ele dividia entre tantos lugares e tempos". Existe algo tão inaudito quanto uma execução noturna? O roubo nas estradas procura o abrigo das trevas, as punições, quanto mais notórias, mais servem de exemplo e correção.
- 3. E, aqui, alguém me responderá: "Aquilo que lhe causa tanta admiração é, para essa fera, algo cotidiano; para isso vive, para isso vela, para isso lucubra". Não se encontrará, por certo, nenhum outro que tenha mandado tapar, com uma esponja, a boca de todos aqueles contra quem ordenava punição, para não emitirem palavra. Alguma vez se negou a alguém prestes a morrer ter por onde gemer? Ele temeu que uma dor final lançasse palavras livres demais, que viesse a ouvir algo que não quisesse. Sabia, pois, serem inumeráveis as coisas que pessoa alguma ousaria imputar-lhe, a menos que estivesse a ponto de morrer. Caso esponjas não fossem encontradas, mandava que se rasgassem as vestimentas dos infelizes e enfiassem os trapos pela boca.

- 4. Que crueldade é essa? Permita-se a eles exalar o último suspiro, de um canal para a saída da alma, permita-se a ela escapar sem ser pelo ferimento. Torna-se entediante acrescentar a isso que na mesma noite ele enviou centuriões para as casas dos homens executados e fez um fim de seus pais também, isto é ser um homem compassivo, liberta-os do sofrimento.
- 5. Pois não é minha intenção descrever a ferocidade de Caio, mas a ferocidade da ira, que não apenas desabafa sobre os indivíduos, mas despedaça nações inteiras, e até mesmo chicoteia cidades, rios e coisas que não sentem dor.

XX

- 1. Assim, o rei dos persas cortou os narizes de uma nação inteira na Síria, pelo que o lugar é chamado de Rinocolura¹⁰². Você acha que ele foi misericordioso, porque não cortou a cabeça deles completamente? Não, ele ficou encantado por ter inventado um novo tipo de punição.
- 2. Algo do mesmo tipo teria acontecido aos Etíopes, que por causa de suas vidas prodigiosamente longas são chamados de Macróbios¹⁰³; pois, por não terem recebido a escravidão com as mãos erguidas ao céu em agradecimento, e enviado uma mensagem que usava linguagem independente, ou o que os reis chamam de insultuosa, Cambises se tornou selvagem de ira, e, sem qualquer estoque de provisões, ou qualquer conhecimento das estradas, partiu com todos os seus combatentes através de um árido e desconhecido deserto, onde durante a marcha do primeiro dia as necessidades da vida falharam, e o próprio campo em si não fornecia nada, sendo árido e inculto, e totalmente desconhecido pelo homem.
- 3. No início, as partes mais tenras das folhas e brotos de árvores aliviaram sua fome, depois couro amolecido pelo fogo, e qualquer outra coisa que sua extremidade os levasse a usar como alimento. Quando, enquanto prosseguiam, nem raízes nem ervas foram encontradas na areia, e encontraram um deserto desprovido mesmo de vida animal, escolheram cada décimo homem por sorte e fizeram dele uma refeição mais cruel do que a fome.
- 4. A ira ainda levou o rei à loucura, até que, depois de ter perdido uma parte de seu exército e comido outra, começou a temer que também pudesse ser chamado a tirar a sorte para sua vida; então, finalmente, deu a ordem para a retirada. No entanto, enquanto isso, aves nobres bem criadas não eram sacrificadas, e os meios de banquete eram levados para ele em camelos, seus soldados tiravam

a sorte para quem deveria morrer miseravelmente, e quem deveria viver ainda mais miseravelmente.

XXI

- 1. Este homem estava zangado com uma nação desconhecida e inofensiva, que no entanto era capaz de sentir sua ira; mas Ciro¹⁰⁴ estava zangado com um rio. Ao se apressar em sitiar a Babilônia, já que ao fazer guerra é acima de tudo importante agarrar a oportunidade, ele tentou atravessar o rio Gindes¹⁰⁵, que dificilmente é seguro tentar, mesmo quando o rio foi seco pelo calor do verão e está no seu ponto mais baixo.
- 2. Ali um dos cavalos brancos que puxavam a carruagem real foi arrastado e sua perda levou o rei a uma fúria tão violenta, que ele jurou reduzir o rio que havia levado sua comitiva real a uma vazante tão baixa que até mesmo as mulheres poderiam atravessá-lo e pisoteá-lo.
- 3. Ele dedicou todos os recursos de seu exército a este objetivo e permaneceu trabalhando até que, cortando cento e oitenta canais através do leito do rio, dividiu-o em trezentos e sessenta riachos, e deixou o leito seco, as águas fluindo através de outros canais.
- 4. Assim ele perdeu tempo, o que é muito importante em grandes operações, e perdeu também a coragem dos soldados, que foi quebrada por trabalhos inúteis, e a oportunidade de se lançar sobre seu inimigo despreparado, pois estava empreendendo contra o rio a guerra que ele havia declarado contra seus inimigos.
- 5. Este frenesi, pelo que mais se pode chamar, também se abateu sobre os romanos, pois G. César¹⁰⁶ destruiu uma belíssima vila em Herculano, porque sua mãe esteve uma vez presa nela, e assim tornou o lugar notório por seu infortúnio; pois enquanto estava de pé, costumávamos passar por ela sem percebê-la, mas agora as pessoas perguntam por que está em ruínas.

XXII

- 1. Esses são exemplos a serem analisados para que os evite; os próximos, ao contrário, são para serem seguidos, modelos de moderação e brandura, nos quais não faltou motivo para ira nem meios para vingança. De fato, o que teria sido mais fácil para Antígono do que ordenar à morte dois soldados rasos que, encostados na tenda real, faziam o que os homens fazem com enorme risco e prazer: falavam mal de seu próprio rei?
- 2. Antígono ouvira tudo, pois uma cortina se interpunha entre os falantes e o ouvinte; ele a moveu ligeiramente e disse: "Vão um pouco mais longe, para que o rei não os ouça".
- 3. Certa noite, depois de ter escutado alguns de seus soldados lançando todo tipo de maldição contra o rei por os haver conduzido por aquela trilha e para um insuperável lodaçal, aproximou-se dos que mais penavam e, após livrá-los, sem revelar por quem eram ajudados, disse: "Agora amaldiçoem Antígono, por cuja falha caíram nesta dor; porém, desejem o bem de quem os tirou desta situação".
- 4. O próprio rei, com ânimo dócil, tolerou o escárnio tanto de inimigos quanto de cidadãos. Assim, como os gregos estivessem sitiados numa pequena fortaleza, e, por sua confiança no local, menosprezassem o inimigo e zombassem muito da feiura de Antígono, ora rindo de sua baixa estatura, ora de seu nariz achatado, ele disse: "Fico feliz e conto com boa sorte, pois tenho Sileno 107 em meu acampamento".
- 5. Depois de ter sujeitado pela fome esses irônicos, serviu-se deles como prisioneiros do seguinte modo: os que eram úteis para a milícia distribuiu-os nas tropas, entregou os demais ao pregoeiro, e nem ele, disse ele, teria feito isso se não tivesse sido melhor que homens que tinham línguas tão más ficassem sob o controle de um mestre.

XXIII

- 1. Seu neto foi Alexandre¹⁰⁸, que arremessava sua lança contra os próprios comensais, e que, dos dois amigos referidos acima, um ele atirou a uma fera, o outro, a si mesmo. Desses dois, no entanto, o que foi atirado ao leão sobreviveu.
- 2. Esse vício ele não herdou de seu avô, nem mesmo de seu pai. Pois se houve em Filipe alguma virtude, foi a paciência com as injúrias, poderoso instrumento para a manutenção de um reino. Demócares 109, chamado "Parresiastes" por causa de sua língua descomedida e insolente, viera até ele junto de outros emissários atenienses. Tendo escutado com benevolência a delegação, Filipe falou: "Diga-me, o que posso fazer para agradar os atenienses?" Demócares tomou a palavra e disse: "Se mate".
- 3. A indignação dos espectadores ergueu-se diante de tão atroz resposta. Filipe ordenou que se calassem e que deixassem ir são e salvo. "Mas vocês", disse ele, "emissários restantes, anunciem aos atenienses que são muito mais atrevidos que os que dizem tais coisas já que as ouvem sem puni-las."
- 4. Muitas coisas dignas de memória fez e disse o divino Augusto, pelas quais fica evidente que a ira não o dominou. O historiador Timágenes falou certas coisas contra ele, outras contra sua esposa e toda a sua família, e não se perderam suas palavras: de fato, o gracejo imprudente tem mais circulação e fica na boca das pessoas.
- 5. César Augusto com frequência o aconselhou a que usasse a língua com mais moderação; como insistia, proibiu-o de entrar em sua casa. Timágenes depois envelheceu na convivência de Asínio Polião 110 e foi disputado por toda a sociedade. A porta fechada de César não fez com que fosse barrado em nenhuma outra porta.
- 6. A obra de história que escreveu depois disso recitou em público e

lançou ao fogo livros que continham os atos de César Augusto. Manteve a inimizade do imperador. No entanto, ninguém temeu sua amizade, ninguém o evitou como a quem fora atingido por um raio; houve quem lhe oferecesse acolhimento.

- 7. César, conforme eu disse, tolerou isso pacientemente, sem nem se aborrecer por aquele ter suprimido elogios a si e a seus feitos; nunca se queixou de quem acolheu seu inimigo. Tão somente isto ele disse a Asínio Polião: "Está alimentando uma fera".
- 8. Quando este, logo, lhe preparava uma desculpa, interrompeu-o dizendo: "Desfrute, meu Polião, desfrute de sua amizade!". E como Polião lhe dissesse: "Se ordenar, César, agora mesmo proíbo a ele a entrada em minha casa", respondeu-lhe: "Acha que eu faria isso, quando fui eu que os reconduzi à amizade?". De fato, pois certa vez Polião ficou furioso com Timágenes e não teve outro motivo para abandonar o sentimento senão o fato de César também tê-lo feito.

XXIV

Que todos, então, digam para si mesmo, sempre que forem provocado: "Sou mais poderoso do que Filipe? Mas ele permitiu que um homem o amaldiçoasse impunemente. Tenho mais autoridade em minha própria casa do que o imperador Augusto possuía em todo o mundo? Todavia ele estava satisfeito em deixar afastar seu ofensor".

- 2. Por que eu deveria fazer meu escravo expiar pelos açoites por ter me respondido muito alto ou ter colocado um olhar teimoso, ou murmurado algo que eu mal captei? Quem sou eu? O que seria um crime chocar meus ouvidos? Muitos homens perdoaram seus inimigos: não devo perdoar os homens por serem preguiçosos, descuidados e fofoqueiros?
- 3. Devemos defender a idade como uma desculpa para as crianças, gênero para as mulheres, falta de vínculos para um estranho, intimidade para um empregado doméstico. Esta é sua primeira ofensa? Pense quanto tempo ele tem sido agradável; ofendeunos outras vezes e amiúde: então vamos continuar a suportar o que temos suportado por tanto tempo. Ele é um amigo? Então ele não pretendia fazê-lo. Ele é um inimigo? Então, ao fazer isso, ele cumpriu seu dever.
- 4. Ele fez muitas vezes errado e em muitos outros casos? Se ele for um homem sensato, deixe-nos crer em suas desculpas; se for tolo, concedamos-lhe perdão; Diante de quem quer que seja, repliquemos a nós mesmos o seguinte: também os homens mais sábios muitas faltas cometeram, não há ninguém tão alerta que por vezes não falhe em sua diligência, ninguém é tão amadurecido que o acaso não force sua compostura a uma ação mais impetuosa, ninguém é tão temeroso de ofensas que não incida nelas enquanto as evita.

XXV

- 1. Tal como para um homem humilde, em meio a reveses, é um consolo que a Fortuna dos grandes também seja embaraçada, e com maior resignação chora discretamente o seu filho quem viu até de um palácio serem conduzidos funerais deploráveis¹¹¹, também com resignação suporta ser ofendido por um, desprezado por outro, quem percebe que nenhum poder é tão grande que não lhe advenha uma injúria.
- 2. Se até os mais sábios erram, quem não dispõe de uma boa justificativa para o erro? Repassemos quantas vezes, em nossa juventude, fomos pouco diligentes nos deveres, pouco comedidos na conversa, pouco abstinentes no vinho. Se alguém está irado, concedamos a ele tempo para que possa discernir o que tenha feito: ele próprio se castigará. Admitamos que ele deva, enfim, receber punição: bem, isso não é motivo para agirmos como ele.
- 3. Disto não há dúvida: destaca-se da multidão e coloca-se mais alto alguém que despreza quem lhe fez provocação; é próprio da verdadeira grandeza não se mostrar sensível a uma agressão. Assim a fera bravia volta-se lenta ao ladrido dos cães; assim a onda se atira em vão contra o enorme rochedo.
- 4. Quem não se enfurece mantém-se erguido, sem se abalar com a injúria; quem se enfurece vê-se transtornado. Mas aquele que há pouco coloquei acima de todo incômodo retém em seus braços o bem supremo e responde não apenas a um homem, mas à própria fortuna: "Ainda que tudo faça, é pequena demais para perturbar minha serenidade. Isso é proibido pela razão, a quem confiei a orientação de minha vida: ficar irado me faria mais mal do que sua violência pode me causar. E por que mais"? "Mais mal?" Sim. Sim, certamente: eu sei o quanto você me machucou, mas não sei dizer que excessos a ira não poderia me levar. 112

XXVI

- 1. "Não posso aceitar!", afirma, "é difícil aguentar uma injúria." Está mentindo, pois quem não poderia suportar a injúria se pode tolerar a ira? Ademais, age de modo tal que suporta não só a ira como a injúria. Por que suporta a ira de um doente, as palavras de um louco, as mãos atrevidas de uma criança? Porque, evidentemente, eles não sabem o que estão fazendo: um homem não é responsável por suas ações, o que importa com que enfermidade ele se tornou: o apelo da ignorância é igualmente válido em todos os casos.
- 2. "Como, então?", indaga, "isso ficará impune?" Ele será, mesmo supondo que você não deseje. De fato, a maior punição para uma injúria é tê-la feito, e ninguém é mais rigorosamente afetado do que aquele que é entregue a amargura do remorso.
- 3. A seguir, é preciso atentar para a condição humana para que sejamos juízes justos de tudo o que acontece; é injusto, porém, quem reprova em cada indivíduo um vício comum a todos. Não se destaca, entre os seus, a cor do etíope, nem é, entre os germanos, impróprio para um homem o cabelo ruivo e preso por um nó; não julgará notável ou feio em um indivíduo nada que para sua gente é generalizado. Esses exemplos a que me referi se justificam pela característica habitual de uma região ou de um lugar isolado.
- 4. Veja agora quanto é mais justa a indulgência sobre o que está disseminado por todo o gênero humano. Todos somos instintivos e imprevidentes, todos somos irresolutos, queixosos, aduladores. Por que escondo com palavras tão suaves uma ferida comum? Todos somos maus. Assim, tudo que se reprova no outro poderá ser encontrado em seu próprio seio. Por que nota a palidez de um, a magreza de outro? É uma pandemia. Sejamos, assim, mais complacentes uns com os outros: somos maus, vivemos entre maus.
- 5. Apenas uma coisa pode nos tornar sossegados: um pacto de

mútua benevolência. "Ele já me afrontou, eu ainda não." Mas talvez já tenha ofendido alguém; talvez ofenda. Não considere esta hora ou este dia, examine toda a disposição de sua mente: mesmo que você não tenha feito o mal, você é capaz de fazê-lo.

XXVII

- 1. Quão melhor é curar uma injúria que vingá-la! A vingança consome muito tempo e a muitas injúrias se expõe enquanto sofre por só uma; por mais tempo nos iramos do que sofremos com a ofensa. Como é melhor tomar o caminho contrário e não combater vícios com vícios! Acaso alguém pareceria estar em seu juízo se revidasse a uma mula com coices ou a um cão com mordidas? "Essas criaturas", afirma, "não sabem que agem mal."
- 2. Primo, quanto é injusto aquele para quem a condição de ser homem é prejudicial para obter seu perdão! Segundo, se o fato de carecer de entendimento subtrai de tua ira as demais criaturas, na mesma situação deveria estar para ti todo homem que também careça de entendimento. Pois, que importa se ele possui outros atributos distintos daqueles dos seres irracionais se nele é similar isto que justifica os irracionais em seus erros: a turvação da mente? Ele errou: foi a primeira vez? Foi a última? Não há por que crer nele se tiver dito: "Não o farei de novo".
- 3. Não apenas ele errará como ainda outra pessoa o fará contra ele, e toda a vida se desenrolará entre erros. Criaturas irritadas devem ser tratadas com docilidade. O que no luto se costuma dizer com muita eficácia também na ira se dirá: "Vai deixar disso algum dia ou nunca?".
- 4. Se algum dia, quão preferível é deixar a ira a ser deixado por ela! Acaso há de permanecer para sempre essa agitação? Vê que vida sem paz prenuncia para si? Pois como será ela para alguém sempre arrebatado?
- 5. Além disso, ainda quando por si próprio tiver conseguido inflamar e renovar seguidamente as causas que lhe deixam instigado, a ira se dispersará espontaneamente e o tempo lhe subtrairá as forças: quão melhor é que ela seja vencida por você do que por si mesma!

XXVIII

- 1. Se você se irrita com fulano, depois com outro; com os escravos, depois com os libertos; com os pais, depois com os filhos; com os conhecidos, depois com os desconhecidos: por toda parte, pois, os motivos sobejam, exceto se a alma acudiu como mediadora. A ira lhe arrebatará deste para aquele motivo, então para um terceiro, e seguidamente originará novos irritamentos: a ira será contínua. Vamos, infeliz, quando vai amar? Que tempo precioso perde numa coisa maléfica!
- 2. Muito preferível seria fazer amigos, aplacar inimigos, servir aos interesses públicos, voltar sua atenção para questões domésticas em vez de olhar ao redor para ver que mal pode fazer a uma pessoa, que ferimento infligir à dignidade dela, a seu patrimônio ou a seu corpo, quando isso não poderia ocorrer sem confronto e perigo, mesmo se debatesse com um inferior!
- 3. Mesmo que receba alguém amarrado e exposto a todo suplício, a seu bel-prazer, com frequência a violência excessiva desloca no agressor uma articulação ou perfura um nervo nos dentes que havia quebrado. A muitos a ira deixou mancos, a muitos, debilitados. Além do mais, nada é de natureza tão fraca que possa sucumbir sem risco para quem a espanca.
- 4. Às vezes a dor, às vezes o acaso, iguala os fracos aos mais fortes. E não é verdade que a maior parte das coisas com as quais nos iramos mais nos afronta do que nos fere? Ora, faz muita diferença se alguém se opõe à minha vontade ou não a satisfaz, se me rouba ou não me oferta. E, não obstante, colocamos no mesmo plano se alguém nos furta ou nos recusa, se destrói nossa esperança ou a posterga, se age contra nós ou em prol de si, por amor a outro ou por ódio a nós.
- 5. Alguns têm de fato motivos não apenas justos para se erguer

contra nós, mas também honoráveis: um defende o pai; outro, o irmão; outro, a pátria; outro, o amigo. No entanto, não perdoamos aqueles que fazem algo que desaprovaríamos se não o fizessem, e, o que é um absurdo, geralmente fazemos bom juízo do ato e mau juízo de quem o executa.

6. Por Hércules, um homem generoso e justo olha admirado seus inimigos mais valentes e os mais obstinados pela liberdade e salvação da própria pátria e deseja para si semelhantes concidadãos, semelhantes soldados.

XXIV

- 1. É execrável ter ódio de quem elogia; mas mais sórdido é odiar alguém por ele ser digno de pena: quando um prisioneiro, depois de súbita queda na escravidão, mantém restos de sua liberdade e não acode ligeiro a serviços vis e extenuantes; quando, indolente por causa do ócio, não acompanha, correndo, o cavalo e o carro de seu senhor; quando, em meio a longas vigílias cotidianas, o sono o premeu, fatigado; quando recusa o trabalho no campo ou não o enfrenta com vigor, por ter sido transferido da servidão ociosa na cidade para uma dura labuta.
- 2. Precisamos distinguir se alguém não pode ou não quer: perdoaremos muitas pessoas se começarmos por julgá-las antes de ficarmos irados. Mas, na realidade, seguimos o primeiro impulso; depois, embora motivos fátuos nos tenham incitado, insistimos para não parecermos ter começado sem causa e, o que é o mais injusto, a injustiça da ira nos torna obstinados. De fato, nós a mantemos e a fazemos crescer, como se fosse prova de alguém irar-se com justiça o fato de irar-se com intensidade.

XXX

- 1. Quanto melhor é perceber como são fúteis os próprios motivos iniciais! O que vê acontecer com os animais irracionais, o mesmo irá descobrir no homem: nos deixamos perturbar por coisas frívolas e vãs. A cor vermelha excita o touro, frente uma sombra a serpente se ergue, ursos ou leões são incitados com o tremor de um trapo: todas as criaturas que por natureza são ferozes e raivosas sobressaltamse diante de banalidades.
- 2. Acontece o mesmo com pessoas de índole inquieta e insensata: sentem-se atingidas pela suposição dos fatos, a ponto de, às vezes, chamarem injúrias os benefícios modestos, que se tornam matéria muito farta, ou por certo muito amarga, de irritação. Com efeito, ficamos irados com as pessoas mais queridas porque nos proveram benefícios menores do que esperávamos e do que outros ganharam, embora o remédio para ambos os casos esteja à nossa disposição.
- 3. Somos mais favoráveis a outro: que nossa sorte nos agrade sem comparações. Nunca será feliz aquele a quem for ruim a felicidade de outro. Possuo menos do que esperava: talvez eu tenha esperado mais do que devia. Esse ponto é o mais temível, daqui nascem as iras mais destruidoras e que hão de atacar tudo o que houver de mais sagrado.
- 4. Júlio Cesar foi executado por maior número de amigos que de inimigos, cujas esperanças, impossíveis de satisfazer, ele não atendera. Ele, na verdade, o quis atender. De fato, ninguém fez da vitória uso mais liberal, da qual nada para si reivindicou, exceto o poder de repartir seus frutos. Mas de que maneira poderia suprir a tão ímprobos desejos, já que todos igualmente cobiçavam o que só um podia conseguir?
- 5. De tal modo, desembainhadas as espadas em torno de seu trono, viu seus companheiros, como Tílio Cimbro¹¹³, pouco antes grande

defensor de seu partido, e outros, pompeianos somente depois de Pompeu. É isso que volta contra os reis suas armas e compele os mais fiéis a ponto de cogitarem a morte daqueles pelos quais, e perante os quais, haviam feito voto de morrer.

XXXI

- 1. Nenhum homem está satisfeito com sua própria sorte se ele fixa sua atenção na de outro: e isso nos leva a ficarmos bravos mesmo com os deuses, porque alguém nos precede, embora nos esqueçamos de quantos temos precedência, e que quando um homem inveja poucas pessoas, ele deve ser seguido por uma enorme multidão de pessoas que o invejam. No entanto, é tão de mau-caráter a natureza humana que, por mais que os homens tenham recebido, acham que estão sendo prejudicados se puderem receber ainda mais.
- 2. "Ele me deu o cargo de pretor. Sim, mas eu esperava o consulado. Ele deu os doze fasces¹¹⁴ a mim: verdade, mas ele não me tornou um cônsul regular¹¹⁵. Ele permitiu que eu desse meu nome ao ano mas ele não me ajudou no sacerdócio. Eu fui eleito membro do colégio: mas por que de um apenas? Ele me concedeu todas as honras do estado: sim, mas ele não acrescentou nada à minha fortuna, o que ele me deu, ele teria que ter dado a alguém: ele gastou nada do seu próprio bolso".
- 3. Em vez de falar assim, agradeça pelo que recebeu: espere o resto e seja grato por ainda não estar cheio demais para conter mais: há um prazer em ter algo que esperar. Você é preferido de todos? Então regozije-se em manter o primeiro lugar nos pensamentos de seu amigo. Ou são muitos outros preferidos antes de você? Então pense quantos mais estão abaixo de você do que acima de você. Você pergunta, qual é a sua maior falha? É que você mantém suas contas erradas: você atribui um alto valor ao que você dá e um valor baixo ao que você recebe.

XXXII

- 1. Permita que qualidades diferentes em pessoas diferentes nos impeçam de brigar com elas. Tenhamos medo de ficar com raiva de alguns, tenhamos vergonha de ficar zangados com outros e desdenhemos de ficar zangados com uns. Nós fazemos uma coisa boa, na verdade, quando enviamos um escravo miserável para o calabouço! Por que estamos com tanta pressa de açoitá-lo de uma só vez, para quebrar suas pernas imediatamente? Não perderemos nosso poder de punição se adiarmos seu exercício.
- 2. Vamos aguardar o momento em que nós mesmos podemos dar ordens: no presente, falamos sob restrição da ira. Quando tiver passado, veremos que quantidade de dano foi causado; porque é com isso que estamos especialmente sujeitos a cometer erros: usamos a espada e a pena de morte, e nomeamos tortura, prisão e fome para punir um crime que merece ser açoitado apenas com um flagelo ligeiro.
- 3. "Como?", você diz, "você nos pede para vermos as coisas pelas quais nos achamos ofendidos, para que possamos ver como são irrisórias, lamentáveis e infantis?" De todas as coisas, eu lhe ordenaria que tomasse para si um espírito magnânimo e visse quão baixos e sórdidos são esses assuntos sobre os quais brigamos e corremos de um lado para o outro até ficarmos sem fôlego; para qualquer um que tenha ideias grandiosas e magníficas, elas não são dignas de pensamento.

XXXIII

- 1. Em torno de dinheiro é que há maior problema: lota os tribunais, põe pais e filhos em confronto, mistura venenos, arma tanto a assassinos quanto a legiões. Está impregnado de sangue. Por causa dele, as noites de casais ressoam com brigas e a multidão pressiona os tribunais dos magistrados, reis infligem crueldades e rapinam, além de destruírem cidades erguidas pelo longo trabalho de séculos para ir à busca de ouro e prata sob cinzas.
- 2. Olham com cobiça para esses baús de moedas deixados num canto: é por causa deles que homens gritam até que saltem seus olhos; por eles as basílicas 116 ressoam com o arrepio dos julgamentos e, chamados de distantes regiões, juízes tomam assento, prontos para julgar de qual das duas partes a cobiça é mais justa. E se, nem por causa de um baú, mas por um punhado de moedas não computado por um escravo, um velho moribundo e sem herdeiro arrebenta em ira?
- 3. Por causa de um lucro mínimo, um agiota doente, com pés e mãos retorcidos, mãos que nem lhe serviam para computar os ganhos, grita e reivindica seus ganhos até em meio aos ataques da doença?
- 4. Se você puser diante de nós toda a riqueza vinda de todas as minas que neste momento escavamos, se lançasse à plena luz tudo o que os tesouros enterrados esconde, todo esse amontoamento eu não julgaria digno de contrair a fronte de um homem de bem. De quanta alegria devemos cercar o que nos provoca lágrimas.

XXXIV

- 1. Vamos agora enumerar as outras causas da ira: eles são comida, bebida e o aparato vistoso ligado a elas, palavras, insultos, movimentos desrespeitosos do corpo, suspeitas, cavalos obstinados, escravos preguiçosos e interpretação rancorosa colocada sobre as palavras de outros homens, de modo que até mesmo o dom da linguagem para a humanidade se torna contabilizado entre os erros da natureza. Acredite-me, as coisas que nos causam tanta confusão são bagatelas, o tipo de coisas que as crianças brigam e discutem: não há nada de grave, nada de importante em tudo o que fazemos com rostos tão sombrios.
- 2. É, repito, o colocar um grande valor sobre as ninharias que é a causa de sua ira e loucura. Este homem quis privar-me da minha herança, aquele acusou-me perante pessoas que eu há muito cortejava com grandes expectativas, aquele cobiçou a minha amante.
- 3. O desejo das mesmas coisas, que deveria ter sido um vínculo de amizade, torna-se uma fonte de contendas e de ódio. Um caminho estreito provoca brigas entre aqueles que passam por ele; um caminho largo e amplamente difundido pode ser usado por tribos inteiras, sem alarido. Esses seus objetos de desejo causam contendas e disputas entre os que cobiçam as mesmas coisas, porque são mesquinhos, e não podem ser dados a um homem sem serem tirados de outro.

XXXV

- 1. Fica indignado por ter-lhe respondido um escravo ou um liberto, sua esposa ou seu cliente; depois, você se queixa que foi suprimida a liberdade da república, a mesma que em sua casa suprimiu. Ao contrário, se quem interrogou ficou calado, chama isso obstinação soturna. Que ele fale, fique calado ou ria! "Na frente de seu mestre?", pergunta.
- 2. Ainda melhor, na frente do *pater-familias*¹¹⁷. Por que grita? Por que vocifera? Por que pede o açoite no meio do jantar por falarem os escravos, por no mesmo local não coexistir a multidão do comício e o silêncio do isolamento?
- 3. Para isto você tem ouvidos, para que recebam não somente sons agradáveis e suaves, emitidos com doçura e em harmonia. É preciso que ouça tanto o riso quanto o choro, adulações e protestos, notícias alegres e tristes, as vozes dos homens e os ladridos dos animais. Por que se assusta com o grito de um escravo, com o tinido do bronze ou o bater de uma porta?
- 4. Mesmo sendo tão delicado, tem de ouvir os trovões. Isto que os ouvidos captaram transmita para os olhos, que não sofrem menos de repugnância se forem mal habituados: ofendem-se por uma mancha, pela sujeira, pela falta de brilho da prata e pelo lago pouco translúcido até o fundo.
- 5. Com certeza esses olhos, que não toleram senão o mármore matizado e brilhante pelo trato recente, que não aceitam uma mesa senão aquela cuja madeira se distingue pela abundância dos veios, que em casa não querem sob os pés senão materiais mais preciosos que o ouro, esses olhos, quando na rua, observam, com toda a calma, as ruas imundas e lamacentas e a maior parte dos passantes em trapos, as paredes dos cortiços carcomidas, rachadas e desiguais. Que outra razão há, portanto, para que no espaço público

não se choquem e, em casa, se incomodem, senão a opinião, imparcial e resignada no exterior, irritadiça e queixosa em casa?

XXXVI

- 1. Todos os nossos sentidos devem ser educados para a fortaleza: eles são naturalmente capazes de suportar muito, desde que o espírito os abdique de mimá-los. O espírito deve ser educado para o exame diário. Era costume de Séxtio, quando o dia terminava, que ele se pusesse a descansar, para inquirir de sua alma: "Que mau hábito seu você curou hoje? Que vício você controlou? Em que respeito você está melhor?"
- 2. A ira cessará, e se tornará mais suave, se souber que a cada dia terá que aparecer diante do tribunal. O que pode ser mais admirável do que esta maneira de discutir os acontecimentos do dia inteiro? Quão doce é o sono que se segue a este autoexame? Quão calmo, quão sadio e descuidado é quando o nosso espírito ou recebeu elogios ou reprimendas, e quando o nosso inquisidor e censor secreto fez o seu relatório sobre a nossa moral?
- 3. Eu faço uso deste privilégio, e todos os dias pleiteio minha causa diante de mim: quando a lâmpada é tirada da minha vista, e minha esposa, que conhece meu hábito, deixou de falar, passo o dia inteiro em revista diante de mim, e repito tudo o que eu disse e fiz: Não escondo nada de mim, e não omito nada: por que deveria ter medo de qualquer uma das minhas falhas, quando está em meu poder dizer:
- 4. "Perdoo-lhe desta vez: assegure-se de que nunca mais o faça. Nessa disputa você falou com muita controvérsia: não discuta no futuro com pessoas ignorantes: aqueles que nunca foram ensinados não estão dispostos a aprender. Você repreendeu aquele homem com mais liberdade do que devia, e consequentemente o ofendeu em vez de emendar seus caminhos: ao lidar com outros casos do gênero, você deve olhar cuidadosamente, não apenas para a verdade do que diz, mas também se a pessoa com quem você fala

pode suportar ser dita a verdade". Um bom homem se deleita em receber conselhos: todos os piores homens são os mais carrancudos na orientação.

XXXVII

- 1. Num jantar, lhe atingiram os gracejos de algumas pessoas e palavras lançadas para provocar seu rancor: lembre de evitar companhias vulgares. Depois do vinho fica mais solto o atrevimento deles, pois nem mesmo sóbrios têm pudor.
- 2. Viu um amigo irado com o porteiro de um causídico ou de uma pessoa rica por ter barrado sua entrada, e por causa dele você mesmo ficou irado com este escravo do mais baixo naipe. Ficará irado com um cão acorrentado? Até este, depois de muito latir, se amansa com comida.
- 3. Retire-se e dê risada! Às vezes, uma pessoa julga alguém porque guarda uma porta assediada pela multidão de pleiteantes; às vezes, aquele que está no interior sente-se feliz e afortunado e considera como sinal de um homem afortunado e influente a sua porta difícil; ele não sabe que a mais difícil porta é a do cárcere. Pressupõe em sua mente que deverá passar por muitos sofrimentos. Acaso alguém se admira de ter frio no inverno, de ter enjoo no mar, de ser sacudido numa viagem?
- 4. É forte a alma diante dos males para os quais vem preparada. Colocado em local de menos prestígio, começou a se enfurecer com seu anfitrião, com o encarregado dos convites, até com aquele que sobre você obteve preferência. Insensato, que importância tem a posição que ocupa da mesa? Um estofado pode lhe fazer mais honorável? Pode lhe fazer pior
- 5. Viu alguém com maus olhos porque falou mal de sua aptidão. Aceita isso como regra? Então Ênio¹¹⁸, por quem não se encanta, teria odiado; e Hortênsio¹¹⁹ revelaria hostilidade; e Cícero, se zombasse de seus poemas, seria seu inimigo. Tal qual um candidato, não pode suportar com serenidade as eleições?

XXXVIII

- 1. Alguém lhe ofereceu um insulto? Não maior do que o oferecido a ao filósofo estoico Diógenes, em cujo rosto um jovem insolente cuspiu justamente quando dava palestras sobre a ira. Ele suportou isso de maneira suave e sábia. "Não estou irado", disse ele, "mas não tenho certeza se não devo ficar com raiva".
- 2. Contudo, quanto melhor foi o comportamento de nosso Catão? Quando ele estava postulando, a um tal Lêntulo¹²⁰, a quem nossos pais se lembram como um demagogo e um homem descontrolado, cuspiu todo o catarro que pôde reunir em sua testa. Catão enxugou o rosto e disse: "A todos irei afirmar, Lêntulo, que estão enganados os que lhe chamam desbocado."

XXXIX

- 1. Agora conseguimos, meu Novato, regular adequadamente nossas próprias mentes: ou eles não sentem ira ou estão acima dela: vejamos a seguir como podemos acalmar a ira dos outros, pois não só desejamos estar íntegros, mas também curar.
- 2. Não se deve tentar acalmar a primeira explosão de raiva com palavras: ela é surda e frenética: devemos dar-lhe espaço; os nossos remédios só serão eficazes quando ela se afrouxar. Não nos metemos com os olhos dos homens quando estão dilatados, porque só devemos irritar a sua dura rigidez tocando-os, nem tentamos curar outras doenças quando no seu auge: o melhor tratamento na primeira fase da doença é o repouso.
- 3. "Quão pouco eficaz é seu remédio", assegura, "se tenta abrandar a ira quando ela por si mesma declina!" Primeiro, ele faz com que a ira decline mais depressa; depois, resguarda para que não haja recaída; do mesmo modo, irá burlar o impulso inicial que ele não ousa abrandar. Há que se remover todos os instrumentos de vingança, simular ira a fim de que, parecendo um auxiliar e um parceiro no ressentimento, se tenha mais autoridade para aconselhar, há que inventar demoras e, na busca de uma punição maior, adiar a do presente.
- 4. Com todo estratagema, deve se dar repouso a cólera. Se esta for muito arrebatada, há que incutir-lhe vergonha ou medo quando não se pode detê-la; se mais fraca, há que introduzir matérias agradáveis ou novas e distrair pelo desejo de conhecê-las. Dizem que um médico, devendo tratar a filha de um rei e não podendo fazê-lo sem uma incisão, enquanto cuidava delicadamente do seio inchado, inseriu o bisturi encoberto por um pano. A menina teria relutado contra o remédio, se este tivesse sido aplicado às claras; mas ela, suportou a dor por não espera-la. Não se curam certos males sem

um artifício.

XL

- 1. A uma classe de homens dirá: "Cuidado, para que a sua ira não dê prazer aos seus adversários", para o outro: "Cuidado para que a sua grandeza de espírito e a reputação que tem entre a maioria das pessoas não seja prejudicada". Para um terceiro: "Eu próprio, por Hércules, estou escandalizado com o seu tratamento e sofrimento, mas é preciso esperar por uma oportunidade adequada, ele pagará pelo que fez, fique bem assegurado: quando puder, devolva a ele com juros". Repreender um homem quando ele está irado é aumentar sua ira por estar zangado consigo mesmo.
- 2. Você deve abordá-lo de maneiras diferentes e de uma maneira complacente, a menos que você seja um personagem tão grande que possa aniquilar sua ira, como fez o imperador Augusto quando estava jantando com Védio Polião¹²¹. Um dos escravos quebrou uma taça de cristal: Védio ordenou que ele fosse levado embora para uma morte bem pouco usual: ele ordenou que ele fosse jogado para alimentar as lampreias, algumas de grande tamanho, que ele mantinha em um tanque. Quem não pensaria que ele fez isso por extravagância? Mas foi por atrocidade.
- 3. O menino escorregou pelas mãos daqueles que tentaram agarrálo e atirou-se aos pés de César, a fim de implorar nada mais do que a possibilidade de morrer de alguma forma diferente e não ser comido. César ficou chocado com essa nova forma de crueldade, e ordenou que ele fosse solto, e, em seu lugar, todos os utensílios de cristal que ele viu diante dele para serem quebrados, e o tanque a ser preenchido.
- 4. Este foi o modo apropriado de César reprovar seu amigo: ele fez um bom uso de seu poder. "O que você está fazendo quando, no jantar, ordena que os homens sejam condenados à morte e mutilados por uma forma inaudita de tortura? As entranhas de um homem são

rasgadas porque sua taça está quebrada? Você deve pensar muito, mesmo quando na presença do imperador, você ordena que homens sejam executados.

XLI

- 1. Se o poder de alguém é tão grande que ele pode tratar a ira de uma posição superior, deixe-o esmagar a existência, mas apenas se for do tipo que acabei de falar, feroz, desumana, sanguinária e incurável, já insanável a não ser que tema algo maior... Vamos dar à mente a paz que é dada pela constante mação sobre preceitos salutares, por boas ações e por uma mente voltada apenas para a busca da honra.
- 2. Deixemos a nossa consciência totalmente descansada, mas não façamos esforços para ganhar crédito por nós mesmos: enquanto merecermos o bem, vamos ficar satisfeitos, mesmo que devamos ser maltratados. "Mas o vulgo admira ações espirituosas, e homens ousados são mantidos em honra, enquanto os quietos são considerados indolentes".
- 3. É verdade que, à primeira vista, eles podem parecer assim: mas, assim que o teor da sua vida prova que essa quietude não surge da estupidez, mas da paz de espírito, então essa mesma população os respeita e reverencia. Não há, portanto, nada de útil nessa paixão hedionda e destrutiva da ira, mas, ao contrário, todo tipo de mal, o fogo e a espada. A ira atropela o autocontrole, afunda as mãos no massacre, espalha os membros de seus filhos: não deixa lugar sem crime, não tem pensamentos de glória, nem teme a desgraça, e quando a ira endurece ódio, nenhuma emenda é possível.

XLII

- 1. Sejamos livres desse mal, vamos clarear nossas mentes dele e extirpar a raiz e ramificar uma paixão que cresce novamente onde quer que a menor partícula dela encontre um lugar de descanso. Não vamos moderar a ira, mas nos livrar dela totalmente: o que a moderação pode ter a ver com um mau hábito? Vamos conseguir fazer isso, se nos esforçarmos.
- 2. Nada será de maior serviço do que ter em mente que somos mortais: que cada homem diga a si mesmo e ao seu vizinho: "Por que deveríamos, como se tivéssemos nascido para viver para sempre, desperdiçar nosso minúsculo período de vida declarando ódio?" Contra qualquer um por que os dias, que poderíamos gastar em prazer honroso, são mal aplicados no pesar e torturar os outros?
- 3. A vida é uma questão que não admite o desperdício, e não temos tempo livre para jogar fora. Por que é que saímos do nosso caminho para procurar disputas? Por que, esquecendo-nos da fraqueza de nossa natureza, empreendemos poderosas rixas e, por mais frágeis que sejam, reunimos todas as nossas forças para derrubar outros homens? Logo, a febre ou alguma outra doença corporal nos tornará incapazes de continuar com essa guerra de ódio que nós tão implacavelmente travamos: a morte em breve dividirá o mais vigoroso par de combatentes.
- 4. Por que amotinamos e passamos nossas vidas em tumultos? Sobre nossas cabeças, a Fortuna pontua nossa conta os dias que passam, e está chegando cada vez mais perto. O tempo que você marcou para a morte de outro talvez inclua o seu próprio.

XLIII

- 1. Em vez de agir assim, por que não prefere reunir o que há de sua curta vida e mantê-la em paz para os outros e para si mesmo? Por que você não prefere ser amado por todos enquanto vive e se saudoso a todos quando morrer? Por que você deseja domar o orgulho daquele homem, porque ele usa um tom muito elevado com você? Por que você tenta com todas as suas forças esmagar aquele outro que se agarra e rosna para você, um infeliz desprezível e vil, mas rancoroso e ofensivo para com seus superiores? Mestre, por que você está com raiva do seu escravo? Escravo, por que você está com raiva do seu patrono? Patrono, por que você está com raiva do seu cliente? Espere um pouco. Veja, aqui vem a morte, quem fará de você todos iguais.
- 2. Muitas vezes vemos em uma performance matinal na arena uma batalha entre um touro e um urso, presos juntos, na qual o vencedor, depois de rasgar o outro em pedaços, é ele mesmo morto. Nós fazemos exatamente a mesma coisa: nos preocupamos com alguém que está conectado a nós, embora o fim tanto do vencedor quanto do vencido esteja próximo, e isso em breve. Vamos, em vez disso, passar o pequeno remanescente de nossas vidas em paz e sossego: que ninguém nos odeie quando estivermos mortos.
- 3. Uma briga é frequentemente encerrada por um grito de "fogo!" na vizinhança, e o aparecimento de uma fera separa o bandido do viajante: os homens não têm tempo para lutar contra os males menores quando ameaçados por algum terror avassalador. O que temos a ver com brigas e emboscadas? Você quer que algo mais do que a morte aconteça a quem você está com raiva? Bem, mesmo que você fique quieto, ele certamente morrerá. Você desperdiça suas dores: você quer fazer o que é certo que ocorrerá.

- 4. Você diz: "Eu não quero necessariamente matá-lo, mas puni-lo com exílio, pela desgraça pública ou pela perda de propriedade". Posso mais facilmente perdoar alguém que deseja dar ao seu inimigo uma ferida do que aquele que deseja lhe dar uma ulceração: pois esta não é apenas ruim, mas mesquinha. Se você está pensando em punições extremas ou mais leves, quão curto é o tempo durante o qual sua vítima é torturada ou em que você obtém, da tortura alheia, um contentamento maldoso?
- 5. Esse sopro que nos é tão caro nos deixará em breve: enquanto isso, enquanto vivemos entre os seres humanos, pratiquemos a humanidade: não sejamos um terror ou um perigo para ninguém. Vamos manter nossos temperamentos apesar das perdas, erros, abusos ou sarcasmos, e nos deixe suportar com magnanimidade nossos problemas de vida curta: enquanto estamos considerando o que nos é devido, como diz o ditado, e nos preocupando, a morte estará sobre nós.

NOTAS

- 1 **Lucius Annaeus Novatus**, irmão mais velho de Sêneca, foi adotado por *Lucius Junius Gallio*, um retórico de renome, de quem ele recebeu o nome de Lúcio Júnio Gálio Aniano (*Lucius Junius Gallio Annaeanus*), foi conhecido simplesmente de Gálio. É conhecido por ter participado do julgamento de Paulo em Corinto relatado nos Atos dos Apóstolos (18, 12-17).
- 2 Referência a Horácio, Epístolas I, 2, 62: "A ira é uma breve insânia".
- 3 Descrição da fisionamia do irado, ver também <u>Cartas de um Estoico, Volume III, XCV</u>, 65-66.
- 4 Referência ao episódio que envolveu Clito, general macedônio subordinado a Alexandre. Será relatado adiante, no terceiro livro.
- 5 Aqui uma folha ou mais foi perdida, incluindo o fragmento citado em Lactâncio, Sobre a ira de Deus, 17, 13- Toda a passagem é: "Que os filósofos não souberam qual a natureza da ira, fica evidente pelas definições dela que Sêneca enumerou nos livros que escreveu sobre a ira. "A ira", diz ele, "é o desejo de vingar uma injúria ou, como afirma Posidônio, o desejo de punir aquele pelo qual alguém julga

- ter sido injustamente lesado. Alguns assim a definiram: a ira é um impulso da alma que visa a ser nocivo para com aquele que foi ou quis ser nocivo." A definição de Aristóteles difere muito pouco da nossa. Ele diz que "a raiva é um desejo de retribuir o sofrimento", etc.
- 6 Ver também <u>Cartas de um Estoico</u>, <u>Volume I</u>, <u>VII</u>, onde Sêneca faz críticas aos jogos de gladiadores.
- 7 Aristóteles, Sobre a alma I, 1, 403a 16-32;
- 8 Trecho de Ovídio, Metamorfoses vii, 545-6
- 9 "Faculdade diretora e principal": com essa frase, Sêneca traduz o termo grego *tó hegemonikón*, faculdade diretora em todos os seres animados, a qual espelharia a razão divina ou princípio diretor do universo. Os estoicos atribuíam à alma humana oito faculdades. Ver Diógenes Laércio, <u>Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres Livro VII Estoicos</u>.
- 10 Mais sobre a diferença entre os vocábulos latinos *ira* e *iracundia*, veja Cícero, Tusculanas IV. 27.
- 11 A palavra em latim *morosum*, traduzida por "mal-humorado", foi aplicado aos coléricos por estabelecer relação entre a ira e os costumes conforme comenta Cícero nas Tusculanas IV, 54.
- 12 "Execração", *traductione* em latim incialmente designava o procedimento de conduzir condenados por lugares públicos antes da execução; depois passou a designar qualquer tipo de infâmia pública.
- 13 Platão, A república I, 335d.
- 14 A expressão "argumentos de outros homens" refere-se aos provenientes de filósofos ligados a outras doutrinas que não a estoica, à qual Sêneca aderia, embora sempre mantivesse atitude eclética. Ver <u>Carta de um Estoico</u>, XVI, 7
- 15 Metáfora relacionada aos jogos. Agitava-se o cavalo de corrida colocando uma tocha sob seu ventre.
- 16 "alguns" é referência aos argumentos sobre a utilidade da ira em grau moderado tanto de Platão em A república quanto Aristóteles em Ética a Nicômaco.
- 17 Cícero, nas Tusculanas, atribui aos peripatéticos afirmações semelhantes, que consideravam útil a paixão quando em grau moderado. A passagem citada por Sêneca não se encontra nas obras conhecidas atualmente. Provavelmente deriva de algum discípulo mais flexível.
- 18 Os **Cimbros** eram uma tribo germânica que, segundo Tácito e Ptolomeu, era originária da Jutlândia, na atual Dinamarca. Por volta de 110 a.C., juntamente com celtas, e confederados com os Teutões, atacaram e pilharam a Gália e norte da Itália, entrando em conflito com a República Romana. Finalmente, foram derrotados pelos Romanos em 101 a.C.

- 19 **Quinto Fábio Máximo** (275 –203 a.C.; em latim: *Quintus Fabius Maximus Verrucosus*) foi um político da gente Fábia da República Romana eleito cônsul por cinco vezes. Além disso, foi nomeado ditador em duas ocasiões, em 221 e 217 a.C.. Era conhecido também como "Cunctator" ("Protelador", "o que adia" ou "o que se prepara para o dia da batalha"), uma referência à sua tática para combater Aníbal durante a Segunda Guerra Púnica.
- 20 **Públio Cornélio Cipião Africano** (Publius Cornelius Scipio Africanus Maior), mais conhecido apenas como Cipião Africano, foi um político da família dos Cipiões da gente Cornélia da República Romana eleito cônsul por duas vezes, em 205 e 194 a.C. Um dos maiores generais romanos de toda a história, derrotou Aníbal na Batalha de Zama, encerrando a Segunda Guerra Púnica.
- 21 **Aníbal Barca** (247 a.C.-183 a.C.), conhecido também apenas por Aníbal, foi um general e estadista cartaginês. É considerado um dos maiores estrategas militares da história.
- 22 **Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano** (185–129 a.C.; em latim: Publius Cornelius Scipio Aemilianus), conhecido também como Cipião Africano Menor ou Cipião Emiliano. Arrasou Ca rtago, em 146 a.C., e Numância, esta, após um cerco de um ano e três meses, do inverno de 134 a.C. ao verão de 133 a.C.
- 23 "devoção filial", pietas, é um conceito amplo, que abrange desde o afeto entre o casal e também entre parentes, passando pelo afeto pelos amigos, os concidadãos.
- **24 Teofrasto** (em grego: Θεόφραστος, 372 a.C. 287 a.C.) foi um filósofo da Grécia Antiga, sucessor de Aristóteles na escola peripatética. Escreveu um tratado intitulado *Perì org*ês [Sobre a ira], hoje perdido. Na opinião de Fillion-Lahille (1984, p. 285), Sêneca procura refutar os argumentos possivelmente expostos em uma passagem deste texto perdido.
- 25 "Água quente", usada misturada ao vinho consumido durante as refeições.
- 26 Referência ao naufrágio de Zenão, fundador do estoicismo, que alegadamente o encaminhou para a filosofia.
- 27 Essa frase é atribuída ao filósofo pitagórico Árquitas de Tarento, amigo de Platão, conforme os testemunhos de Cícero (Tusculanas IV, 26).
- 28 Regra bíblica em **Mateus XVIII-15-18**: Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão; ¹6 mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada. ¹⁷ Se recusar ouvi-los, dize-o igreja; e, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano.
- 29 Referência as espécies de punição, em grau crescente, previstas em Roma na época: 1) censura privada [objurgatio priuata]; 2) censura pública [publicata]; 3) rebaixamento [ignominia]; 4) exílio [exilium]; 5) prisões públicas e o calabouço [uincula publica et carcer]; 6) morte [mortem]. A ignomínia era uma pena de cinco

- anos, infligida pelo censor, que consistia no rebaixamento de um cidadão a uma classe inferior.
- 30 A expressão "imprimir-lhe marca mais funda" [fortius aliquid inurendum est], refere-se à pena do exílio, alude, na expressão latina, a um antigo procedimento de gravar com ferro ardente, nos ombros dos culpados, as letras indicativas do crime. Tal procedimento não estava mais em uso na época de Sêneca.
- 31 Ricos tinham enorme quantidade de escravos, além dos numerosos membros da família.
- 32 Antes da execução de um condenado, o público era chamado com o toque de uma trombeta (Tácito, Anais II, 32).
- 33 A pena tradicional para o parricida era ser costurado dentro de um saco de couro e lançado a um rio ou mar.
- 34 A rocha Tarpeiana (latim: *Rupes Tarpeia*) é um penhasco íngreme do cume sul do Monte Capitolino, com vista para o Fórum Romano. Foi usada durante a república romana como um local da execução. Assassinos, traidores, perjúrios e escravos criminosos, eram arremessados do penhasco para a morte. O penhasco tinha cerca de 25 metros de altura.
- 35 **Zenão de Cítio** (em grego clássico: Ζήνων ὁ Κιτιεύς 333 a.C. Atenas, 263 a.C.), lecionou em Atenas, onde fundou a escola filosófica estoica por volta de 300 a.C.
- 36 Analogia com o procedimento judicial, que concedia prazos para a defesa e acusão para reunir e fazer comparecer ao julgamento todos os envolvidos na defesa, que podiam ser numerosos, conforme o poder e o prestígio do réu.
- 37 Sêneca continua com a analogia judicial, lembrando do costume dos réus se apresentarem em trajes encardidos e desgastados para suscitar compadecimento, de modo que o uso de trajes delicados [*cultus delicatior*], pelo réu ou mesmo de seus defensores, podia despertar antipatia nos juízes.
- 38 Cneu Calpúrnio Pisão (Gnaeus Calpurnius Piso; 44 a.C.—20) foi um político romano da família plebeia dos Pisões. Foi eleito cônsul em 7 a.C. com o futuro imperador Tibério. Depois, foi governador da Hispânia, procônsul da África e governador da Síria. É famoso principalmente por seu envolvimento na morte de Germânico, o herdeiro aparente de Tibério em 20 d.C. Foi processado, mas ele se suicidou antes do término do julgamento.
- 39 **Hierônimo de Rodes** (grego: Ἱερώνυμος ὁ Ῥόδιος; c. 290 c. 230 BC) foi um filósofo peripatético e oponente de Arcesilaus. Apenas alguns fragmentos de suas obras sobrevivem, preservados nas citações de escritores posteriores. (ver <u>Diógenes Laércio</u>, Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, IV)
- 40 Platão em Leis XI, 934a
- 41 O conceito da grandeza de alma [magnitudo animi] foi amplamente debatido por

Sêneca. É uma virtude que se manifesta na capacidade da alma de rejeitar o excesso. Ver Cartas de um estoico XXXIX e Sobre a Tranquilidade da Alma. Lohner diz: " a grandeza de alma é para os estoicos uma das três excelências que compõem a felicidade do sábio, as outras são a segurança [securitas], ou ausência de preocupação em relação ao mundo exterior, e a tranquilidade [tranquillitas], decorrente da confiança em si mesmo, conforme se lê, por exemplo, em duas passagens das Epístolas a Lucílio: "Quid est beata vita? securitas et perpetua tranquillitas. Hanc dabit animi magnitudo, dabit constantia bene iudicati tenax" [O que é uma vida bem-aventurada? Segurança e perpétua tranquilidade. Estas nos serão dadas pela grandeza de alma, serão dadas por nossa tenaz permanência no bom julgamento] (92, 3); "Duae res plurimum roboris animo dant, fides veri et fiducia: utramque admonitio facit. Nam et creditur illi et, cum creditum est, magnos animus spiritus concipit ac fiducia impletur; ergo admonitio non est supervacua" [Há duas coisas que dão grande robustez à nossa alma: a fé na verdade e a confiança em nós. O aconselhamento produz essas duas coisas. De fato, tanto se passa a crer na verdade quanto, assim que estabelecida a crença, nossa alma alcança grande elevação e fica repleta de confiança. Portanto, o aconselhamento não é supérfluo] (94, 46). A grandeza de alma, no estoicismo, era a excelência pela qual a fortuna, os outros e as coisas exteriores ficavam submetidos ao justo julgamento do sábio (ver também epístola 87)".

- 42 Referência a Calígula usando o verso de Ácio, que encontrava dificuldade para distinguir ira e ódio.
- 43 **Tito Lívio** (59 a.C. Pádua, 17 d.C.), conhecido simplesmente como Lívio, é o autor da obra histórica intitulada *Ab urbe condita* ("Desde a fundação da cidade"), onde tenta relatar a história de Roma desde o momento tradicional da sua fundação 753 a.C. até ao início do século I da Era Cristã.
- 44 O imperador Calígula é em geral referido por Sêneca pelo nome Caio César [*C. Caesar*].
- 45 **Pantomima** é um teatro gestual que faz o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos através da mímica. A pantomima foi uma forma teatral introduzida em Roma no ano 22 a.C. e que alcançou grande popularidade. Consistia em uma dança com gestos expressivos, executada por um dançarino mascarado. A dança baseava-se em tema mitológico, extraído de excertos do repertório dramático, ou mesmo de outros gêneros poéticos, sob acompanhamento de um grupo instrumental, um coro e um cantor solista.
- 46 Prorsus parum certis isto é, os raios falharam seu objetivo em não atingi-lo
- 47 Homero, Ilíada, XXIII, 719-24,
- 48 Calígula foi morto em 41 d.C. por Quérea, um tribuno da guarda pretoriana, junto com outros conjurados.
- 49 "**Bosques suspensos**": ao costume de construir jardins sobre a cobertura das casas ricas; Veja. Plínio, História natural 15, 14.

- 50 Alusão ao mito de **Hero e Leandro** que relata a história de Hero, uma jovem sacerdotisa de Afrodite que vivia numa torre da cidade de Sesto, na margem do estreito de Helesponto e de Leandro, um jovem da cidade de Abidos, localizada na margem do outro lado do estreito. Leandro se apaixonou por Hero, e todas as noites o jovem nadava atravessando o estreito de para encontrar-se com a amada, sendo guiado pela tocha que ela acendia no alto da torre onde habitava. Entretanto, em uma noite de inverno, durante uma de suas travessias a nado, uma tempestade apagou a chama da torre que guiava Leandro, que o impossibilitou de encontrar seu caminho, perdendo-se e indo em direção ao mar, até se afogar. Na manhã seguinte, quando Hero avistou, da alta torre, o corpo do amado trazido pelas ondas, precipitou-se no mar para a ele se juntar, na morte.
- 51 M. Griffin interpreta a frase "prosseguir para assuntos mais áridos" [*Nunc ad exiliora ueniendum est*] como referente ao estilo "seco", despojado de ornamentação oratória, característico das exposições teóricas dos estoicos.
- 52 **Públio Clódio Pulcro**, mais conhecido apenas como Clódio, foi um político da República Romana conhecido por suas táticas populistas.
- 53 **Triúnviro Marco Antônio**.Em 59 a.C., o tribuno Clódio conseguiu a condenação de Cícero ao exílio, sob a acusação de ele ter feito executar ilegalmente os líderes envolvidos na conjuração de Catilina. Cícero foi morto em 43 a.C
- 54 Referência ao **Cerco de Alexandria**, série de escaramuças e batalhas travadas entre as forças de Júlio César, que apoiava Cleópatra VII, contra as forças de Arsínoe IV e Ptolemeu XIII em Alexandria, no Egito Ptolemaico, entre 48 e 47 a.C. Nesta época, César estava travando a sua própria guerra civil contra as forças dos *Optimates*, os legalistas que defendiam o Senado Romano, liderados por Pompeu.
- 55 O assassinato de Pompeu em 48^a.C. Teódoto e Áquila agiram sob as ordens de Ptolomeu XII, Irmão de Cleópatra, então com cerca de dezessete anos de idade.
- 56 "Naufrágio encenado" [mimici naufragii]: referência às naumaquias, ou seja, teatro de batalhas navais em águas represadas.
- 57 Aníbal Barca (247 a.C.-183 a.C.), conhecido também apenas por Aníbal, foi um general e estadista cartaginês. É considerado um dos maiores estrategistas militares da história.
- 58 A **Batalha de Canas** (Cannae), também conhecida no meio militar como a Batalha da Aniquilação, travada a 2 de agosto de 216 a.C., foi uma batalha decisiva da Segunda Guerra Púnica, em que o exército cartaginês liderado por Aníbal esmagou o exército romano liderado por Varrão.
- 59 Ver Cartas de um estoico, CXIII.
- 60 **Apolodoro,** tirano da Macedônia, diz a lenda que depois de matar e cozinhar uma criança, serviu-a em um banquete a seus companheiros para testar sua lealdade:

- 61 Fálaris (VI a.C.) foi um tirano de Agrigento, de crueldade proverbial, referido também por Sêneca em algumas de suas cartas e em Sobre a Tranquilidade da Alma. O Touro de Bronze, também conhecido como Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução que o homem já desenvolveu, cujo invento é atribuído a Fálaris. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. No interior havia um canal desenvolvido semelhante à válvula móvel de um trompete, que ligava a boca ao interior do Touro. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.
- 62 Lúcio Valério Messala Voleso foi um senador romano eleito cônsul em 5 juntamente com Cneu Cornélio Cina Magno. Era filho de Potito Valério Messala, cônsul sufecto em 29 a.C. e prefeito urbano. No final de sua carreira, Voleso foi acusado de julgado e condenado por crimes contra as populações que governou. Segundo Tácito, o próprio imperador Augusto escreveu sobre a queda de Lúcio Voleso em seu livro "De Voleso Messala", Conta-se que chegou a mandar decapitar 300 pessoas em um único dia e que teria cavalgado sobre elas afirmando tratar-se "de um espetáculo real ou mais que real, já que nenhum rei o havia feito antes".
- 63 **Saepta Julia** era um local da Roma Antiga onde os cidadãos se reuniam para assembleias e votações. Localizado no Campo de Marte, foi construído em mármore e circundava um enorme espaço retangular (c. 300 x 95 metros) perto do Panteão.
- 64 Ovídio, metamorfoses, i, 144. As mesmas linhas são citadas no ensaio "Sobre os Benefícios"
- 65 **Heráclito de Éfeso** foi um filósofo pré-socrático considerado o "Pai da dialética". Recebeu a alcunha de "Obscuro" principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares.
- 66 **Demócrito de Abdera**, foi um filósofo pré-socrático. Nasceu na cidade de Mileto ou Abdera, viajou pela Babilônia, Egito e Atenas, e se estabeleceu em Abdera no final do século V a.C. Do ponto de vista filosófico, a maior parte de suas obras (segundo a doxografia) tratou da ética.
- 67 Veja <u>Sobre a Tranquilidade da</u> Alma ,onde Sêneca aconselha que devemos seguir Demócrito e não Heráclito: "O último deles, sempre que aparecia em público, costumava chorar, o primeiro ria. Um pensava que todos os atos humanos eram tolices, o outro pensava que eram desgraças. Devemos ter uma visão mais elevada de todas as coisas e suportar com mais facilidade. É melhor ser homem a rir da vida do que a lamentar por ela" (XV, 2).

- 68 **Decimus Laberius** (c. 105 a.C. 43 a.C.) era um romano equestre e escritor de mímicas (farsas). Teria pronunciado esse verso diante de Júlio César e tendo-o como alvo.
- 69 tranquilitas animi é o estado de apátheia., ver Sêneca em <u>Sobre a Tranquilidade da Alma</u> e <u>Cartas XCII</u>
- 70 Ver Diógenes Laércio, Vidas e Doutrinas dos Filósofos, VII, 139
- 71 Ver Sêneca. Cartas de um estoico, LXXV
- 72 Ver Livro III, v, 3 ao 40
- 73 Veja Shakespeare: Júlio César: Ato 5, Cena 5:

Era de vida tranquila, e os elementos de tal modo nele vieram a se unir, que a natureza podia levantar-se e ao mundo inteiro proclamar: "Eis aqui, de fato, um homem!"

- 74 Ver Platão, Leis II, 666a
- 75 Paedagogiis era um escravo que acompanhava a criança até a escola, para mantê-la fora de mal comportamento; não ensinava nada a ela, mas ajudava nas tarefas escolares.
- 76 **Hípias** foi um tirano da antiga Atenas que governou entre 527 a.C. e 510 a.C.. Era o filho mais velho de Pisístrato, responsável pela introdução da tirania em Atenas, a quem sucedeu depois da sua morte, governando inicialmente junto com seu irmão Hiparco. No atentado, Hiparco morreu, mas Hípias escapou; igualmente, dos dois tiranicidas, Harmódio foi morto e Aristogíton feito prisioneiro (ver Tucídides, Guerra do Peloponeso VI; Cícero, Tusculanas I, 116)
- 77 Neve era armazenada no inverno para ser misturada à bebida no verão.
- 78 **Quinto Fábio Máximo** foi um político da gente Fábia da República Romana eleito cônsul por cinco vezes. Citado no Livro II.
- 79 Calígula.
- **80 Príamo**, na mitologia grega, foi rei de Troia durante a Guerra de Troia, e era filho de Laomedonte. Fato narrado na Ilíada XXIV, 477-9.
- 81 Virgílio, Eneida VIII
- 82 Quinto Sextio o Velho (Quinti Sextii Patris c. 70 a.C.) foi um filósofo da Roma Antiga, cujas ideias combinavam o pitagorismo com o estoicismo. Suas pregações eram frequentemente celebradas por Sêneca que o descreve como um estoico, mas também menciona que o próprio Sextio negava isto. Em outra passagem, ele conta que Sextio, embora tendo nascido de uma ilustre família, havia recusado o cargo de senador, oferecido por Júlio César; que ele submetia-se a uma autoanálise escrupulosa diariamente; e que ele se abstinha de qualquer comida animal. Sextio tentara fundar uma escola filosófica que combinava algumas

- características dos pitagóricos com outras do estoicismo; e, por conseguinte, foi classificado como tal, ou como de outras correntes. Sêneca escreveu (por volta de 65) que a escola estava extinta.
- 83 Ájax é um dos personagens da mitologia grega, participante da Guerra de Troia. Frequentemente é referido como Ájax, o Grande, para distingui-lo do homônimo Ájax, filho de Ileu. De acordo com Homero, na obra Ilíada, Ájax era "o mais valente e o mais belo de todos os guerreiros, se excetuarmos, apenas, o herói impecável, Aquiles." Num acesso de loucura, ele degolou os animais dos rebanhos dos gregos, certo de que matava os adversários. Ao reconhecer o erro, suicidou-se. A loucura de Ájax inspirou Sófocles a escrever a tragédia Ájax Furioso (450 a.C.).
- 84 **Demócrito de Abdera**, foi um filósofo pré-socrático. Nasceu na cidade de Mileto ou Abdera, viajou pela Babilônia, Egito e Atenas, e se estabeleceu em Abdera no final do século V a.C. Do ponto de vista filosófico, a maior parte de suas obras (segundo a doxografia) tratou da ética. Veja mais em Sobre a Tranquilidade da Alma, XIII, 1
- 85 Marco Célio Rufo foi um orador e político do período final da República Romana. Nascido numa rica família equestre de Interamna Pretuciana (moderna Téramo), no centro da costa leste da Itália, Rufo é conhecido por ter sido julgado por "violência pública" ("de vi publica") em março de 56 a.C.. Sua defesa foi liderada por Cícero e está preservada em sua obra "Pro Caelio". Além disto, algumas das mais importantes cartas na coleção de Cícero conhecida como "Ad Familiares" foram recebidas ou escritas por ele. Finalmente, é possível que ele seja o Rufo mencionado nos poemas de Cátulo.
- 86 **Pitágoras de Samos** em grego: Πυθαγόρας ὁ Σάμιος,(c. 570 c. 495 a.C.) foi um filósofo e matemático grego jônico creditado como o fundador do movimento chamado Pitagorismo. Sua doutrina foi reelaborada no século I d.C., em Roma, por Quinto Séxtio, que a combinou com elementos do estoicismo, formulando assim uma doutrina filosófica genuinamente romana.
- 87 **Pisístrato** (ca. 600 a.C. 527 a.C.) foi um tirano da antiga Atenas que governou entre 546 a.C. e 527 a.C. e governou Atenas na fase da tirania. A sua mãe era prima da mãe de Sólon, figura que promoveu reformas políticas e concedeu a Atenas um código de leis, numa tentativa de resolver os conflitos sociais, o que se revelou insuficiente. Písistrato conquistou a fama por ter tomado um porto controlado por Mégara, pólis com a qual Atenas travara uma guerra.
- 88 Espeusipo (408 a.C. 339 a.C.) foi um filósofo grego, sobrinho de Platão, a quem sucedeu na direção da Academia de Platão em 357 ou 347 a.C.
- 89 **Cambises II**, rei da Pérsia entre 530 a.C. e 522 a.C., foi o segundo governante da dinastia dos Aquemênidas. Herdou de seu pai, Ciro II, o maior império que o mundo jamais vira. Suas instituições, fundamentadas na autodeterminação dos povos conquistados, permitiram que Cambises se dedicasse menos à política e mais às conquistas militares. Invadiu o Egito com um grande exército formado por

- soldados de todos os povos do império, e, em 525 a.C. Enquanto Ciro foi lembrado por sua generosidade para com seus inimigos, Cambises foi lembrado como um tirano. Dizia-se que era um homem de temperamento explosivo. Segundo Heródoto, Cambises teria tido um acesso de fúria contra sua irmã grávida, e a teria matado por espancamento.
- 90 Narrado por Heródoto, III. 34-35
- 91 **Hárpago** foi um general medo do século VI a.C, creditado por Heródoto por ter colocado Ciro II ao trono Medo-Persa por sua deserção durante a Batalha de Pasárgada. Posteriormente foi sátrapa da Lídia.
- 92 **Astyages** foi o último rei do Império Medo, o filho de Ciáxares; foi destronado em 550 a.C. por Ciro II.
- 93 Suicídio é tratado por Sêneca em várias obras, especialmente ao final diálogo Sobre a providência divina.
- 94 A própria morte de Sêneca, cortando os pulsos e abrindo suas veias, dá um interesse melancólico a essa passagem.
- 95 **Cal das aves**: "birdlime" no texto em inglês: é uma substância adesiva utilizada na captura de aves. Ela é espalhada em um galho ou ramo, sobre o qual uma ave pode pousar e ser capturada.
- 96 **Dario I**, 550 a.C. 486 a.C., cognominado o Grande, foi o terceiro rei do Império Aquemênida.
- 97 **Os citas** eram um antigo povo Iraniano de pastores nómadas equestres que por toda a Antiguidade Clássica dominaram a estepe pôntico-cáspia, conhecida à época como Cítia. Ver Heródoto, IV.84
- 98 **Xerxes** foi o xá aquemênida de 486 a.C. até a data do seu assassinato em 465 a.C.. Era filho de Dario I e neto de Histaspes e de Ciro, O Grande. Ver Heródoto, VII.38-39
- 99 **Lisímaco** (c. 360 a.C. 281 a.C.) foi um dos generais de Alexandre, o Grande, seu guarda-costas e, após a morte do imperador, tornou-se um dos diádocos. Em 306 a.C., Lisímaco tornou-se basileu (rei), governando a Ásia Menor, a Trácia e a Macedônia por vinte anos.
- 100 Marcus Marius Gratidianus (c. 125 82 AC) foi um pretor romano, e partidário da facção política conhecida como popular, liderada por seu tio, Gaius Marius, durante a guerra civil entre os seguidores de Mario e Lúcio Sula. Como pretor, Gratidianus é conhecido por sua política de reforma monetária durante a crise econômica dos anos 80. Embora este período da história romana seja marcado pela extrema violência e crueldade praticadas pelos partidários de cada lado, Gratidianus sofreu uma morte particularmente cruel durante as proscrições de Sula; nos relatos mais sensacionais, ele foi torturado e desmembrado por Catilina no túmulo de Quintus Lutatius Catulus, de uma forma que evocava o sacrifício

humano, e sua cabeça cortada foi levada pelas ruas de Roma em um espeto.

- 101 Lúcio Sérgio Catilina, em latim *Lucius Sergius Catilina* (Roma, 108 a.C. Pistoia, 62 a.C.), foi um militar e senador da Roma Antiga, célebre por ter tentado derrubar a República Romana, e em particular o poder oligárquico do senado. De família patrícia, mas pobre, Catilina teria iniciado desde cedo uma vida de crimes e vícios. Apoiou Lúcio Cornélio Sula, tornando-se seu agente. Durante as proscrições deu demonstrações de ambição e crueldade, assassinando inimigos de Cornélio Sula para somente receber o prêmio prometido. O conjunto dos discursos de Cícero contra Catilina ficaria celebrizado sob o nome de "Catilinárias", que foram usadas por muito tempo como uma das principais formas de ensino de argumentação em todo o mundo. Com este último discurso de Cícero, o povo romano veio a declarar tanto Catilina quanto Mânlio inimigos públicos.
- **102 Rinocolura** (*rhino*-, "nariz"; *kólos*, adj., "cortado").
- 103 Ver Heródoto, iii, 17.
- 104 Ver Heródoto I, 189, 190
- 105 Atual rio **Diala**, é um importante rio do centro-oeste do Iraque, afluente do Tigre. Cobre uma distância total de 445 quilômetros.
- 106 Calígula.
- 107 **Sileno** era, na mitologia grega, um dos seguidores de Dioniso, seu professor e companheiro fiel. Notório consumidor de vinho, era representado como estando quase sempre bêbado e tendo de ser amparado por sátiros ou carregado por um burro. Sileno era descrito como o mais velho, o mais sábio e o mais beberrão dos seguidores de Dioniso, e era descrito como tutor do jovem deus nos hinos órficos. Quando estava sob o efeito do álcool, Sileno adquiria conhecimentos especiais e o poder da profecia.
- 108 Engano de Sêneca, Antígono fora um dos generais de Alexandre
- 109 **Demócares** (grego: Δημοχάρης; c. 355 275 AC), sobrinho de Demóstenes, orador ateniense e estadista, foi um dos poucos atenienses distintos no período de declínio.
- 110 Caio Asínio Polião (n. 65 a.C.–4 d.C.; em latim: *Gaius Asinius Pollio*) foi um político da gente Asínia da República Romana eleito cônsul em 40 a.C. com Cneu Domício Calvino. É conhecido por sua carreira como orador, poeta, autor teatral, crítico literário e, principalmente, como historiador, cuja obra, perdida, uma "História de Roma" até sua época, foi muito utilizada como fonte para as obras de Apiano e Plutarco.
- 111 Acerbum = άωρου; o funeral de alguém que foi morto na flor de sua juventude
- 112 Sobre como tratar ofensas e injúrias, ver Sobre a Constância do Sábio.
- 113 Lúcio Tílio Cimbro (Lucius Tillius Cimber, morto em 42 a.C.) foi partidário de

- César, pelo qual foi nomeado governador da Bitínia. Segundo Plutarco, quando César chegou ao senado, Tílio Cimbro lhe apresentou uma petição para revogar o exílio imposto ao seu irmão. Os outros conspiradores se aproximaram sob o pretexto de oferecer apoio e cercaram César. Segundo Plutarco e Suetônio, César dispensou o pedido mas Cimbro o agarrou pelo ombro e o puxou pela túnica. César então berrou para Cimbro: "Como assim, isso é violência!" ("Ista quidem vis est!"). Ao mesmo tempo, Casca pegou sua adaga e partiu para o pescoço de César.
- 114 Fasces lictoris é um símbolo usado pelo Império Romano associado ao poder e à autoridade. Constitui-se de um feixe de varas de bétula branca, simbolizando o poder de punir, amarradas por correias vermelhas (fasces), símbolo da soberania e a união. Muitas vezes o feixe é ligado a um machado de bronze, que simboliza o poder de vida e morte. O magistrado mais elevado, o ditador, tinha direito a vinte e quatro lictores e fasces, o cônsul a doze, o procônsul onze, o pretor seis e o propretor cinco. Modernamente, foi incorporado pelo regime fascista na Itália. No final do século XIX, os fasci eram grupos políticos e paramilitares que constituíram a base do movimento fascista.
- **Consul ordinarius**, um cônsul regular, aquele que administrava no cargo a partir de primeiro de janeiro, em oposição ao **consul suffectus**, escolhido no decorrer do ano no lugar daquele que havia morrido. O cônsul ordinarius dava seu nome ao ano.
- 116 A **Basílica romana** descende das Ágoras colunadas gregas, sendo que estes espaços romanos eram cobertos. Na sua génese, as basílicas romanas eram edifícios multifuncionais, que poderiam albergar áreas públicas, políticas, comerciais e sociais. Eram espaços de reunião destinados a assembleias cívicas, funcionando muitas vezes como tribunais ou espaços comerciais (leilões), tornando-se um edifício central e indispensável em qualquer cidade importante.
- **Pater familias** (plural: patres familias) era o mais elevado estatuto familiar (status familiae) na Roma Antiga, sempre uma posição masculina. O termo é latino e significa, literalmente, "pai de família".
- **Quinto Ênio** (em latim: *Quintus Ennius* 239 a.C. Roma, 169 a.C.) dramaturgo e poeta épico romano.
- **Quinto Hortênsio Hórtalo (**135 a.C. 55 a.C.; em latim: *Quintus Hortensius Hortalus*) foi um político da gente Hortênsia da República Romana eleito cônsul em 69 a.C. com Quinto Cecílio Metelo Crético. Foi um célebre orador, jurista e um expoente do chamado "estilo asiático" da oratória romana.
- **Públio Cornélio Lêntulo Sura** (114–62 a.C.; em latim: Publius Cornelius Lentulus Sura) foi um político da família dos Lêntulos da gente Cornélia da República Romana eleito cônsul em 71 a.C. com Cneu Aufídio Orestes. É famoso por ter sido um dos principais personagens da Conspiração de Catilina e por ter sido padrasto de Marco Antônio.

Públio Védio Polião (*Publius Vedius Pollio*; morte. 15 a.C.) foi um equestre romano amigo do imperador Augusto, que o nomeou governador da Ásia. No final de sua vida, Polião ficou famoso por seus gostos luxuosos e pela crueldade com que tratava seus escravos — quando eles o desagradavam, Polião os dava de comer para lampreias que ele criava justamente para este fim, o que foi considerado, ainda na época, um ato excessivamente cruel. Veja também <u>Da Clemência</u>, I.18

On Anger

BOOK I

YOU have demanded of me, Novatus, that I should write how anger may be soothed, and it appears to me that you are right in feeling especial fear of this passion, which is above all others hideous and wild: for the others have some alloy of peace and quiet, but this consists wholly in action and the impulse of grief, raging with an utterly inhuman lust for arms, blood and tortures, careless of itself provided it hurts another, rushing upon the very point of the sword, and greedy for revenge even when it drags the avenger to ruin with itself. Some of the wisest of men have in consequence of this called anger a short madness: for it is equally devoid of self control, regardless of decorum, forgetful of kinship, obstinately engrossed in whatever it begins to do, deaf to reason and advice, excited by trifling causes, awkward at perceiving what is true and just, and very like a falling rock which breaks itself to pieces upon the very thing which it crushes. That you may know that they whom anger possesses are not sane, look at their appearance; for as there are distinct symptoms which mark madmen, such as a bold and menacing air, a gloomy brow, a stern face, a hurried walk, restless hands, changed colour, quick and strongly-drawn breathing; the signs of angry men, too, are the same: their eyes blaze and sparkle, their whole face is a deep red with the blood which boils up from the bottom of their heart, their lips guiver, their teeth are set, their hair bristles and stands on end, their breath is laboured and hissing, their joints crack as they twist them about, they groan, bellow, and burst into scarcely intelligible talk, they often clap their hands together and stamp on the ground with their feet, and their whole body is highly-strung and plays

those tricks which mark a distraught mind, so as to furnish an ugly and shocking picture of self-perversion and excitement. You cannot tell whether this vice is more execrable or more disgusting. Other vices can be concealed and cherished in secret; anger shows itself openly and appears in the countenance, and the greater it is, the more plainly it boils forth. Do you not see how in all animals certain signs appear before they proceed to mischief, and how their entire bodies put off their usual quiet appearance and stir up their ferocity? Boars foam at the mouth and sharpen their teeth by rubbing them against trees, bulls toss their horns in the air and scatter the sand with blows of their feet, lions growl, the necks of enraged snakes swell, mad dogs have a sullen look — there is no animal so hateful and venomous by nature that it does not, when seized by anger, show additional fierceness. I know well that the other passions, can hardly be concealed, and that lust, fear, and boldness give signs of their presence and may be discovered beforehand, for there is no one of the. stronger passions that does not affect the countenance: what then is the difference between them and anger? Why, that the other passions are visible, but that this is conspicuous.

Next, if you choose to view its results and the mischief that it does, no plague has cost the human race more dear: you will see slaughterings and poisonings, accusations and counter-accusations, sacking of cities, ruin of whole peoples, the persons of princes sold into slavery by auction, torches applied to roofs, and fires not merely confined within city-walls but making whole tracts of country glow with hostile flame. See the foundations of the most celebrated cities hardly now to be discerned; they were ruined by anger. See deserts extending for many miles without an inhabitant: they have been desolated by anger. See all the chiefs whom tradition mentions as instances of ill fate; anger stabbed one of them in his bed, struck down another, though he was protected by the sacred rights of hospitality, tore another to pieces in the very home of the laws and in sight of the crowded forum, bade one shed his own blood by the parricide hand of his son, another to have his royal throat cut by the hand of a slave, another to stretch out his limbs on the cross: and hitherto I am speaking merely of individual cases. What, if you were to pass from the consideration of those single men against whom anger has broken out to view whole assemblies cut down by the sword, the people butchered by the soldiery let loose upon it, and whole nations condemned to death in one common ruin " as though by men who either freed themselves from our charge or despised our authority? Why, wherefore is the people angry with gladiators, and so unjust as to think itself wronged if they do not die cheerfully? It thinks itself scorned, and by looks, gestures, and excitement turns itself from a mere spectator into an adversary. Everything of this sort is not anger, but the semblance of anger, like that of boys who want to beat the ground when they have fallen upon it, and who often do not even know why they are angry, but are merely angry without any reason or having received any injury, yet not

without some semblance of injury received, or without some wish to exact a penalty for it. Thus they are deceived by the likeness of blows, and are appeased by the pretended tears of those who deprecate their wrath, and thus an unreal grief is healed by an unreal revenge.

Ш.

"We often are angry," says our adversary, "not with men who have hurt us, but with men who are going to hurt us: so you may be sure that anger is not born of injury." It is true that we are angry with those who are going to hurt us, but they do already hurt us in intention, and one who is going to do an injury is already doing it. "The weakest of men," argues he, " are often angry with the most powerful: so you may be sure that anger is not a desire to punish their antagonist for men do not desire to punish him when they cannot hope to do so." In the first place, I spoke of a desire to inflict punishment, not a power to do so: now men desire even what they cannot obtain. In the next place, no one is so low in station as not to be able to hope to inflict punishment even upon the greatest of men: we all are powerful for mischief. Aristotle's definition differs little from mine: for he declares anger to be a desire to repay suffering. It would be a long task to examine the differences between his definition and mine: it may be urged against both of them that wild beasts become angry without being excited by injury, and without any idea of punishing others or requiting them with pain: for, even though they do these things, these are not what they aim at doing. We must admit, however, that neither wild beasts nor any other creature except man is subject to anger: for, whilst anger is the foe of reason, it nevertheless does not arise in any place where reason cannot dwell. Wild beasts have impulses, fury, cruelty, combativeness: they have not anger any more than they have luxury: yet they indulge in some pleasures with less self-control than human beings. Do not believe the poet who says:

"The boar his wrath forgets, the stag forgets the hounds,
The bear forgets how 'midst the herd he leaped with frantic bounds."
When he speaks of beasts being angry he means that they are

excited, roused up: for indeed they know no more how to be angry than they know how to pardon. Dumb creatures have not human feelings, but have certain impulses which resemble them: for if it were not so, if they could feel love and hate, they would likewise be capable of friendship and enmity, of disagreement and agreement. Some traces of these qualities exist even in them, though properly all of them, whether good or bad, belong to the human breast alone. To no creature besides man has been given wisdom, foresight, industry, and reflexion. To animals not only human virtues but even human vices are forbidden: their whole constitution, mental and bodily, is unlike that of human beings: in them the royal and leading principle is drawn from another source, as, for instance, they possess a voice, yet not a clear one, but indistinct and incapable of forming words: a tongue, but one which is fettered and not sufficiently nimble for complex movements: so, too, they possess intellect, the greatest attribute of all, but in a rough and inexact condition. It is, consequently, able to grasp those visions and semblances which rouse it to action, but only in a cloudy and indistinct fashion. It follows from this that their impulses and outbreaks are violent, and that they do not feel fear, anxieties, grief, or anger, but some semblances of these feelings: wherefore they quickly drop them and adopt the converse of them: they graze after showing the most vehement rage and terror, and after frantic bellowing and plunging they straightway sink into quiet sleep.

IV.

What anger is has been sufficiently explained. The difference between it and irascibility is evident: it is the same as that between a drunken man and a drunkard; between a frightened man and a coward. It is possible for an angry man not to be irascible; an irascible man may sometimes not be angry. I shall omit the other varieties of anger, which the Greeks distinguish by various names, because we have no distinctive words for them in our language, although we call men bitter and harsh, and also peevish, frantic, clamorous, surly and fierce: all of which are different forms of irascibility. Among these you may class sulkiness, a refined form of irascibility; for there are some sorts of anger which go no further than noise, while some are as lasting as they are common: some are fierce in deed, but inclined to be sparing of words: some expend themselves in bitter words and curses: some do not go beyond complaining and turning one's back: some are great, deep-seated, and brood within a man: there are a thousand other forms of a multiform evil.

V.

We have now finished our enquiry as to what anger is, whether it exists in any other creature besides man, what the difference is between it and irascibility, and how many forms it possesses. Let us now enquire whether anger be in accordance with nature, and whether it be useful and worth entertaining in some measure.

Whether it be according to nature will become evident if we consider man's nature, than which what is more gentle while it is in its proper condition? Yet what is more cruel than anger? What is more affectionate to others than man? Yet what is more savage against them than anger? Mankind is born for mutual assistance, anger for mutual ruin: the former loves society, the latter estrangement. The one loves to do good, the other to do harm; the one to help even strangers, the other to attack even its dearest friends. The one is ready even to sacrifice itself for the good of others, the other to plunge into peril provided it drags others with it. Who, then, can be more ignorant of nature than he who classes this cruel and hurtful vice as belonging to her best and most polished work? Anger, as we have said, is eager to punish; and that such a desire should exist in man's peaceful breast is least of all according to his nature; for human life is founded on benefits and harmony and is bound together into an alliance for the common help of all, not by terror, but by love towards one another.

VI.

"What, then? Is not correction sometimes necessary?" Of course it is; but with discretion, not with anger; for it does not injure, but heals under the guise of injury. We char crooked spearshafts to straighten them, and force them by driving in wedges, not in order to break them, but to take the bends out of them; and, in like manner, by applying pain to the body or mind we correct dispositions which have been rendered crooked by vice. So the physician at first, when dealing with slight disorders, tries not to make much change in his patient's daily habits, to regulate his food, drink, and exercise, and to improve his health merely by altering the order in which he tikes them. The next step is to see whether an alteration in their amount will be of service. If neither alteration of the order or of the amount is of use, he cuts off some and reduces others. If even this does not answer, he forbids food, and disburdens the body by fasting. If milder remedies have proved useless he opens a vein; if the extremities are injuring the body and infecting it with disease he lays his hands upon the limbs; yet none of his treatment is considered harsh if its result is to give health. Similarly, it is the duty of the chief administrator of the laws, or the ruler of a state, to correct ill-disposed men, as long as he is able, with words, and even with gentle ones, that he may persuade them to do what they ought, inspire them with a love of honour and justice, and cause them to hate vice and set store upon virtue. He must then pass on to severer language, still confining himself to advising and reprimanding; last of all he must betake himself to punishments, yet still making them slight and temporary. He ought to assign extreme punishments only to extreme crimes, that no one may die unless it be even to the criminal's own advantage that he should die. He will differ from the physician in one point alone; for whereas physicians render it easy to die for those to whom they cannot grant the boon of life, he will drive the condemned out of life

with ignominy and disgrace, not because he takes pleasure in any man's being punished, for the wise man is far from such inhuman ferocity, but that they may be a warning to all men, and that, since they would not be useful when alive, the state may at any rate profit by their death. Man's nature is not, therefore, desirous of inflicting punishment; neither, therefore, is anger in accordance with man's nature, because that is desirous of inflicting punishment. I will also adduce Plato's argument—for what harm is there in using other men's arguments, so far as they are on our side? "A good man," says he, "does not do any hurt: it is only punishment which hurts. Punishment, therefore, does not accord with a good man: wherefore anger does not do so either, because punishment and anger accord one with another. If a good man takes no pleasure in punishment, he will also take no pleasure in that state of mind to which punishment gives pleasure: consequently anger is not natural to man."

VII.

May it not be that, although anger be not natural, it may be right to adopt it, because it often proves useful? It rouses the spirit and excites it; and courage does nothing grand in war without it, unless its flame be supplied from this source; this is the goad which stirs up bold men and sends them to encounter perils. Some therefore consider it to be best to control anger, not to banish it utterly, but to cut off its extravagances, and force it to keep within useful bounds, so as to retain that part of it without which action will become languid and all strength and activity of mind will die away.

In the first place, it is easier to banish dangerous passions than to rule them; it is easier not to admit them than to keep them in order when admitted; for when they have established themselves in possession of the mind they are more powerful than the lawful ruler, and will in no wise permit themselves to be weakened or abridged. In the next place, Reason herself, who holds the reins, is only strong while she remains apart from the passions; if she mixes and befouls herself with them she becomes no longer able to restrain those whom she might once have cleared out of her path; for the mind, when once excited and shaken up, goes whither the passions drive it. There are certain things whose beginnings lie in our own power, but which, when developed, drag us along by their own force and leave us no retreat. Those who have flung themselves over a precipice have no control over their movements, nor can they stop or slacken their pace when once started, for their own headlong and irremediable rashness has left no room for either reflexion or remorse, and they cannot help going to lengths which they might have avoided. So, also, the mind, when it has abandoned itself to anger, love, or any other passion, is unable to check itself: its own weight and the downward tendency of vices must needs carry the man off and hurl him into the lowest depth.

VIII.

The best plan is to reject straightway the first incentives to anger, to resist its very beginnings, and to take care not to be betrayed into it: for if once it begins to carry us away, it is hard to get back again into a healthy condition, because reason goes for nothing when once passion has been admitted to the mind, and has by our own free will been given a certain authority, it will for the future do as much as it chooses, not only as much as you will allow it. The enemy, I repeat, must be met and driven back at the outermost frontier-line: for when he has once entered the city and passed its gates, he will not allow his prisoners to set bounds to his victory. The mind does not stand apart and view its passions from without, so as not to permit them to advance further than they ought, but it is itself changed into a passion, and is therefore unable to check what once was useful and wholesome strength, now that it has become degenerate and misapplied: for passion and reason, as I said before, have not distinct and separate provinces, but consist of the changes of the mind itself for better or for worse. How then can reason recover itself when it is conquered and held down by vices, when it has given way to anger? or how can it extricate itself from a confused mixture, the greater part of which consists of the lower qualities? "But," argues our adversary, "some men when in anger control themselves." Do they so far control themselves that they do nothing which anger dictates, or somewhat? If they do nothing thereof, it becomes evident that anger is not essential to the conduct of affairs, although your sect advocated it as possessing greater strength than reason Finally, I ask, is anger stronger or weaker than reason? If stronger, how can reason impose any check upon it, since it is only the less powerful that obey: if weaker, then reason is competent to effect its ends without anger, and does not need the help of a less powerful quality. "But some angry men remain consistent and control themselves." When do they

do so? It is when their anger is disappearing and leaving them of its own accord, not when it was red-hot, for then it was more powerful than they. "What then? do not men, even in the height of their anger, sometimes let their enemies go whole and unhurt, and refrain from injuring them?" They do: but when do they do so? It is when one passion overpowers another, and either fear or greed gets the upper hand for a while. On such occasions, it is not thanks to reason that anger is stilled, but owing to an untrustworthy and fleeting truce between the passions.

IX.

In the next place, anger has nothing useful in itself, and does not rouse up the mind to warlike deeds: for a virtue, being self-sufficient, never needs the assistance of a vice: whenever it needs an impetuous effort, it does not become angry, but rises to the occasion, and excites or soothes itself as far as it deems requisite, just as the machines which hurl darts may be twisted to a greater or lesser degree of tension at the manager's pleasure. "Anger," says Aristotle, "is necessary, nor can any fight be won without it, unless it fills the mind, and kindles up the spirit. It must, however, be made use of, not as a general, but as a soldier." Now this is untrue; for if it listens to reason and follows whither reason leads, it is no longer anger, whose characteristic is obstinacy: if, again, it is disobedient and will not be quiet when ordered, but is carried away by its own willful and headstrong spirit, it is then as useless an aid to the mind as a soldier who disregards the sounding of the retreat would be to a general. If, therefore, anger allows limits to be imposed upon it, it must be called by some other name, and ceases to be anger, which I understand to be unbridled and unmanageable: and if it does not allow limits to be imposed upon it, it is harmful and not to be counted among aids: wherefore either anger is not anger, or it is useless: for if any man demands the infliction of punishment, not because he is eager for the punishment itself, but because it is right to inflict it, he ought not to be counted as an angry man: that will be the useful soldier, who knows how to obey orders: the passions cannot obey any more than they can command.

X.

For this cause reason will never call to its aid blind and fierce impulses, over whom she herself possesses no authority, and which she never can restrain save by setting against them similar and equally powerful passions, as for example, fear against anger, anger against sloth, greed against timidity. May virtue never come to such a pass, that reason should fly for aid to vices! The mind can find no safe repose there, it must needs be shaken and tempest-tossed if it be safe only because of its own defects, if it cannot be brave without anger, diligent without greed, quiet without fear: such is the despotism under which a man must live if he becomes the slave of a passion. Are you not ashamed to put virtues under the patronage of vices? Then, too, reason ceases to have any power if she can do nothing without passion, and begins to be equal and like unto passion; for what difference is there between them if passion without reason be as rash as reason without passion is helpless? They are both on the same level, if one cannot exist without the other. Yet who could endure that passion should be made equal to reason? "Then," says our adversary, "passion is useful, provided it be moderate." Nay, only if it be useful by nature: but if it be disobedient to authority and reason, all that we gain by its moderation is that the less there is of it, the less harm it does: wherefore a moderate passion is nothing but a moderate evil.

XI.

"But," argues he, "against our enemies anger is necessary." In no case is it less necessary; since our attacks ought not to be disorderly, but regulated and under control. What, indeed, is it except anger, so ruinous to itself, that overthrows barbarians, who have so much more bodily strength than we, and are so much better able to endure fatigue? Gladiators, too, protect themselves by skill, but expose themselves to wounds when they are angry. Moreover, of what use is anger, when the same end can be arrived at by reason? Do you suppose that a hunter is angry with the beasts he kills? Yet he meets them when they attack him, and follows them when they flee from him, all of which is managed by reason without anger. When so many thousands of Cimbri and Teutones poured over the Alps, what was it that caused them to perish so completely, that no messenger, only common rumour, carried the news of that great defeat to their homes, except that with them anger stood in the place of courage? and anger, although sometimes it overthrows and breaks to pieces whatever it meets, yet is more often its own destruction. Who can be braver than the Germans? who charge more boldly? who have more love of arms, among which they are born and bred, for which alone they care, to the neglect of everything else? Who can be more hardened to undergo every hardship, since a large part of them have no store of clothing for the body, no shelter from the continual rigour of the climate: yet Spaniards and Gauls, and even the unwarlike races of Asia and Syria cut them down before the main legion comes within sight, nothing but their own irascibility exposing them to death. Give but intelligence to those minds, and discipline to those bodies of theirs, which now are ignorant of vicious refinements, luxury, and wealth, — to say nothing more, we should certainly be obliged to go back to the ancient Roman habits of life. By what did Fabius restore the shattered forces of the state, except by knowing how to delay

and spin out time, which angry men know not how to do? The empire, which then was at its last gasp, would have perished if Fabius had been as daring as anger urged him to be: but he took thought about the condition of affairs, and after counting his force, no part of which could be lost without everything being lost with it, he laid aside thoughts of grief and revenge, turning his sole attention to what was profitable and to making the most of his opportunities, and conquered his anger before he conquered Hannibal. What did Scipio do? Did he not leave behind Hannibal and the Carthaginian army, and all with whom he had a right to be angry, and carry over the war into Africa with such deliberation that he made his enemies think him luxurious and lazy? What did the second Scipio do? Did he not remain a long, long time before Numantia, and bear with calmness the reproach to himself and to his country that Numantia took longer to conquer than Carthage? By blockading and investing his enemies, he brought them to such straits that they perished by their own swords. Anger, therefore, is not useful even in wars or battles: for it is prone to rashness, and while trying to bring others into danger, does not guard itself against danger. The most trustworthy virtue is that which long and carefully considers itself, controls itself, and slowly and deliberately brings itself to the front.

XII.

"What, then," asks our adversary, "is a good man not to be angry if he sees his father murdered or his mother outraged?" No, he will not be angry, but will avenge them, or protect them. Why do you fear that filial piety will not prove a sufficient spur to him even without anger? You may as well say —"What then? When a good man sees his father or his son being cut down, I suppose he will not weep or faint," as we see women do whenever any trifling rumour of danger reaches them. The good man will do his duty without disturbance or fear, and he will perform the duty of a good man, so as to do nothing unworthy of a man. My father will be murdered: then I will defend him: he has been slain, then I will avenge him, not because I am grieved, but because it is my duty. "Good men are made angry by injuries done to their friends." When you say this, Theophrastus, you seek to throw discr upon more manly maxims; you leave the judge and appeal to the mob: because everyone is angry when such things befall his own friends, you suppose that men will decide that it is their duty to do what they do: for as a rule every man considers a passion which he recognises to be a righteous one. But he does the same thing if the hot water is not ready for his drink, if a glass be broken, or his shoe splashed with mud. It is not filial piety, but weakness of mind that produces this anger, as children weep when they lose their parents, just as they do when they lose their toys. To feel anger on behalf of one's friends does not show a loving, but a weak mind: it is admirable and worthy conduct to stand forth as the defender of one's parents, children, friends, and countrymen, at the call of duty itself, acting of one's own free will, forming a deliberate judgment, and looking forward to the future, not in an impulsive, frenzied fashion. No passion is more eager for revenge than anger, and for that very reason it is unapt to obtain it: being over hasty and frantic, like almost all desires, it hinders itself in the attainment of its own object, and therefore has

never been useful either in peace or war: for it makes peace like war, and when in arms forgets that Mars belongs to neither side, and falls into the power of the enemy, because it is not in its own. In the next place, vices ought not to be received into common use because on some occasions they have effected somewhat: for so also fevers are good for certain kinds of ill-health, but nevertheless it is better to be altogether free from them: it is a hateful mode of cure to owe one's health to disease. Similarly, although anger, like poison, or falling headlong, or being shipwrecked, may have unexpectedly done good, yet it ought not on that account to be classed as wholesome, for poisons have often proved good for the health.

XIII.

Moreover, qualities which we ought to possess become better and more desirable the more extensive they are: if justice is a good thing, no one will say that it would be better if any part were subtracted from it; if bravery is a good thing, no one would wish it to be in any way curtailed: consequently the greater anger is, the better it is, for whoever objected to a good thing being increased? But it is not expedient that anger should be increased: therefore it is not expedient that it should exist at all, for that which grows bad by increase cannot be a good thing. "Anger is useful," says our adversary, "because it makes men more ready to fight." According to that mode of reasoning, then, drunkenness also is a good thing, for it makes men insolent and daring, and many use their weapons better when the worse for liquor: nay, according to that reasoning, also, you may call frenzy and madness essential to strength, because madness often makes men stronger. Why, does not fear often by the rule of contraries make men bolder, and does not the terror of death rouse up even arrant cowards to join battle? Yet anger, drunkenness, fear, and the like, are base and temporary incitements to action, and can furnish no arms to virtue, which has no need of vices, although they may at times be of some little assistance to sluggish and cowardly minds. No man becomes braver through anger, except one who without anger would not have been brave at all: anger does not therefore come to assist courage, but to take its place. What are we to say to the argument that, if anger were a good thing it would attach itself to all the best men? Yet the most irascible of creatures are infants, old men, and sick people. Every weakling is naturally prone to complaint.

XIV.

It is impossible, says Theophrastus, for a good man not to be angry with bad men. By this reasoning, the better a man is, the more irascible he will be: yet will he not rather be more tranquil, more free from passions, and hating no one: indeed, what reason has he for hating sinners, since it is error that leads them into such crimes? now it does not become a sensible man to hate the erring, since if so he will hate himself: let him think how many things he does contrary to good morals, how much of what he has done stands in need of pardon, and he will soon become angry with himself also, for no righteous judge pronounces a different judgment in his own case and in that of others. No one, I affirm, will be found who can acquit himself. Every one when he calls himself innocent looks rather to external witnesses than to his own conscience. How much more philanthropic it is to deal with the erring in a gentle and fatherly spirit, and to call them into the right course instead of hunting them down? When a man is wandering about our fields because he has lost his way, it is better to place him on the right path than to drive him away.

XV.

The sinner ought, therefore, to be corrected both by warning and by force, both by gentle and harsh means, and may be made a better man both towards himself and others by chastisement, but not by anger: for who is angry with the patient whose wounds he is tending? "But they cannot be corrected, and there is nothing in them that is gentle or that admits of good hope." Then let them be removed from mortal society, if they are likely to deprave everyone with whom they come in contact, and let them cease to be bad men in the only way in which they can: yet let this be done without hatred: for what reason have I for hating the man to whom I am doing the greatest good, since I am rescuing him from himself? Does a man hate his own limbs when he cuts them off? That is not an act of anger, but a lamentable method of healing. We knock mad dogs on the head, we slaughter fierce and savage bulls, and we doom scabby sheep to the knife, lest they should infect our flocks: we destroy monstrous births, and we also drown our children if they are born weakly or unnaturally formed; to separate what is useless from what is sound is an act, not of anger, but of reason. Nothing becomes one who inflicts punishment less than anger, because the punishment has all the more power to work reformation if the sentence be pronounced with deliberate judgment. This is why Socrates said to the slave, "I would strike you, were I not angry." He put off the correction of the slave to a calmer season; at the moment, he corrected himself. Who can boast that he has his passions under control, when Socrates did not dare to trust himself to his anger?

XVI.

We do not, therefore, need an angry chastiser to punish the erring and wicked: for since anger is a crime of the mind, it is not right that sins should be punished by sin. "What! am I not to be angry with a robber, or a poisoner?" No: for I am not angry with myself when I bleed myself. I apply all kinds of punishment as remedies. You are as yet only in the first stage of error, and do not go wrong seriously, although you do so often: then I will try to amend you by a reprimand given first in private and then in public. You, again, have gone too far to be restored to virtue by words alone; you must be kept in order by disgrace. For the next, some stronger measure is required, something that he can feel must be branded upon him; you, sir, shall be sent into exile and to a desert place. The next man's thorough villainy needs harsher remedies: chains and public imprisonment must be applied to him. You, lastly, have an incurably vicious mind, and add crime to crime: you have come to such a pass, that you are not influenced by the arguments which are never wanting to recommend evil, but sin itself is to you a sufficient reason for sinning: you have so steeped your whole heart in wickedness, that wickedness cannot be taken from you without bringing your heart with it. Wretched man! you have long sought to die; we will do you good service, we will take away that madness from which you suffer, and to you who have so long lived a misery to yourself and to others, we will give the only good thing which remains, that is, death. Why should I be angry with a man just when I am doing him good: sometimes the truest form of compassion is to put a man to death. If I were a skilled and learned physician, and were to enter a hospital, or a rich man's house, I should not have prescribed the same treatment for all the patients who were suffering from various diseases. I see different kinds of vice in the vast number of different minds, and am called in to heal the whole body of citizens: let us seek for the remedies proper for each

disease. This man may be cured by his own sense of honour, that one by travel, that one by pain, that one by want, that one by the sword. If, therefore, it becomes my duty as a magistrate to put on black robes, and summon an assembly by the sound of a trumpet, I shall walk to the seat of judgment not in a rage or in a hostile spirit, but with the countenance of a judge; I shall pronounce the formal sentence in a grave and gentle rather than a furious voice, and shall bid them proceed sternly, yet not angrily. Even when I command a criminal to be beheaded, when I sew a parricide up in a sack, when I send a man to be punished by military law, when I fling a traitor or public enemy down the Tarpeian Rock, I shall be free from anger, and shall look and feel just as though I were crushing snakes and other venomous creatures. "Anger is necessary to enable us to punish." What? Do you think that the law is angry with men whom it does not know, whom it has never seen, who it hopes will never exist? We ought, therefore, to adopt the law's frame of mind, which does not become angry, but merely defines offences: for, if it is right for a good man to be angry at wicked crimes, it will also be right for him to be moved with envy at the prosperity of wicked men: what, indeed, is more scandalous than that in some cases the very men, for whose deserts no fortune could be found bad enough, should flourish and actually be the spoiled children of success? Yet he will see their affluence without envy, just as he sees their crimes without anger: a good judge condemns wrongful acts, but does not hate them. "What then? when the wise man is dealing with something of this kind, will his mind not be affected by it and become excited beyond its usual wont?" I admit that it will: he will experience a slight and trifling emotion; for, as Zeno says, "Even in the mind of the wise man, a scar remains after the wound is quite healed." He will, therefore, feel certain hints and semblances of passions; but he will be free from the passions themselves.

XVII.

Aristotle says that "certain passions, if one makes a proper use of them, act as arms ": which would be true if, like weapons of war, they could be taken up or laid aside at the pleasure of their wielder. These arms, which Aristotle assigns to virtue, fight of their own accord, do not wait to be seized by the hand, and possess a man instead of being possessed by him. We have no need of external weapons, nature has equipped us sufficiently by giving us reason. She has bestowed this weapon upon us, which is strong, imperishable, and obedient to our will, not uncertain or capable of being turned against its master. Reason suffices by itself not merely to take thought for the future, but to manage our affairs: what, then, can be more foolish than for reason to beg anger for protection, that is, for what is certain to beg of what is uncertain? what is trustworthy of what is faithless? what is whole of what is sick? What, indeed? since reason is far more powerful by itself even in performing those operations in which the help of anger seems especially needful: for when reason has decided that a particular thing should be done, she perseveres in doing it; not being able to find anything better than herself to exchange with. She, therefore, abides by her purpose when it has once been formed; whereas anger is often overcome by pity: for it possesses no firm strength, but merely swells like an empty bladder, and makes a violent beginning, just like the winds which rise from the earth and are caused by rivers and marshes, which blow furiously without any continuance: anger begins with a mighty rush, and then falls away, becoming fatigued too soon: that which but lately thought of nothing but cruelty and novel forms of torture, is become quite softened and gentle when the time comes for punishment to be inflicted. Passion soon cools, whereas reason is always consistent: yet even in cases where anger has continued to burn, it often happens that although there may be many who deserve to die, yet

after the death of two or three it ceases to slay. Its first onset is fierce, just as the teeth of snakes when first roused from their lair are venomous, but become harmless after repeated bites have exhausted their poison. Consequently those who are equally guilty are not equally punished, and often he who has done less is punished more, because he fell in the way of anger when it was fresher. It is altogether irregular; at one time it runs into undue excess, at another it falls short of its duty: for it indulges its own feelings and gives sentence according to its caprices, will not listen to evidence, allows the defence no opportunity of being heard, clings to what it has wrongly assumed, and will not suffer its opinion to be wrested from it, even when it is a mistaken one.

XVIII.

Reason gives each side time to plead; moreover, she herself demands adjournment, that she may have sufficient scope for the discovery of the truth; whereas anger is in a hurry: reason wishes to give a just decision; anger wishes its decision to be thought just: reason looks no further than the matter in hand; anger is excited by empty matters hovering on the outskirts of the case: it is irritated by anything approaching to a confident demeanour, a loud voice, an unrestrained speech, dainty apparel, high-flown pleading, or popularity with the public. It often condemns a man because it dislikes his patron; it loves and maintains error even when truth is staring it in the face. It hates to be proved wrong, and thinks it more honourable to persevere in a mistaken line of conduct than to retract it. I remember Gnaeus Piso, a man who was free from many vices, yet of a perverse disposition, and one who mistook harshness for consistency. In his anger he ordered a soldier to be led off to execution because he had returned from furlough without his comrade, as though he must have murdered him if he could not show him. When the man asked for time for search, he would not grant it: the condemned man was brought outside the rampart, and was just offering his neck to the axe, when suddenly there appeared his comrade who was thought to be slain. Hereupon the centurion in charge of the execution bade the guardsman sheathe his sword, and led the condemned man back to Piso, to restore to him the innocence which Fortune had restored to the soldier. They were led into his presence by their fellow soldiers amid the great joy of the whole camp, embracing one another and accompanied by a vast crowd. Piso mounted the tribunal in a fury and ordered them both to be executed, both him who had not murdered and him who had not been slain. What could be more unworthy than this? Because one was proved to be innocent, two perished. Piso even added a third: for he

actually ordered the centurion, who had brought back the condemned man, to be put to death. Three men were set up to die in the same place because one was innocent. O, how clever is anger at inventing reasons for its frenzy! "You," it says, "I order to be executed, because you have been condemned to death: you, because you have been the cause of your comrade's condemnation, and you, because when ordered to put him to death you disobeyed your general." He discovered the means of charging them with three crimes, because he could find no crime in them.

XIX.

Irascibility, I say, has this fault—it is loath to be ruled: it is angry with the truth itself, if it comes to light against its will: it assails those whom it has marked for its victims with shouting and riotous noise and gesticulation of the entire body, together with reproaches and curses. Not thus does reason act: but if it must be so, she silently and quietly wipes out whole households, destroys entire families of the enemies of the state, together with their wives and children, throws down their very dwellings, levels them with the ground, and roots out the names of those who are the foes of liberty. This she does without grinding her teeth or shaking her head, or doing anything unbecoming to a judge, whose countenance ought to be especially calm and composed at the time when he is pronouncing an important sentence. "What need is there," asks Hieronymus, "for you to bite your own lips when you want to strike some one?" What would he have said, had he seen a proconsul leap down from the tribunal, snatch the fasces from the lictor, and tear his own clothes because those of others were not torn as fast as he wished. "Why need you upset the table, throw down the drinking cups, knock yourself against the columns, tear your hair, smite your thigh and your breast? How vehement do you suppose anger to be, if it thus turns back upon itself, because it cannot find vent on another as fast as it wishes? Such men, therefore, are held back by the bystanders and are begged to become reconciled with themselves. But he who while free from anger assigns to each man the penalty which he deserves, does none of these things. He often lets a man go after detecting his crime, if his penitence for what he has done gives good hope for the future, if he perceives that the man's wickedness is not deeply rooted in his mind, but is only, as the saying is, skindeep. He will grant impunity in cases where it will hurt neither the receiver nor the giver. In some cases he will punish great crimes more leniently than lesser ones, if the former

were the result of momentary impulse, not of cruelty, while the latter were instinct with secret, under-hand, long-practised craftiness. The same fault, committed by two separate men, will not be visited by him with the same penalty, if the one was guilty of it through carelessness, the other with a premated intention of doing mischief. In all dealing with crime he will remember that the one form of punishment is meant to make bad men better, and the other to put them out of the way. In either case he will look to the future, not to the past: for, as Plato says, "no wise man punishes any one because he has sinned, but that he may sin no more: for what is past cannot be recalled, but what is to come may be checked." Those, too, whom he wishes to make examples of the ill success of wickedness, he executes publicly, not merely in order that they themselves may die, but that by dying they may deter others from doing likewise. You see how free from any mental disturbance a man ought to be who has to weigh and consider all this, when he deals with a matter which ought to be handled with the utmost care, I mean, the power of life and death. The sword of justice is ill-placed in the hands of an angry man.

XX.

Neither ought it to be believed that anger contributes anything to magnanimity: what it gives is not magnanimity but vain glory. The increase which disease produces in bodies swollen with morbid humours is not healthy growth, but bloated corpulence. All those whose madness raises them above human considerations, believe themselves to be inspired with high and sublime ideas; but there is no solid ground beneath, and what is built without foundation is liable to collapse in ruin. Anger has no ground to stand upon, and does not rise from a firm and enduring foundation, but is a windy, empty quality, as far removed from true magnanimity as fool-hardiness from courage, boastfulness from confidence, gloom from austerity, cruelty from strictness. There is, I say, a great difference between a lofty and a proud mind: anger brings about nothing grand or beautiful. On the other hand, to be constantly irritated seems to me to be the part of a languid and unhappy mind, conscious of its own feebleness, like folk with diseased bodies covered with sores, who cry out at the lightest touch. Anger, therefore, is a vice which for the most part affects women and children. "Yet it affects men also." Because many men, too, have womanish or childish intellects. "But what are we to say? do not some words fall from angry men which appear to flow from a great mind?" Yes, to those who know not what true greatness is: as, for example, that foul and hateful saying, "Let them hate me, provided they fear me," which you may be sure was written in Sulla's time. I know not which was the worse of the two things he wished for, that he might be hated or that he might be feared. It occurs to his mind that someday people will curse him, plot against him, crush him: what prayer does he add to this? May all the gods curse him — for discovering a cure for hate so worthy of it. "Let them hate." How? "Provided they obey me?" No!" Provided they approve of me?" No! How then? "Provided they fear me!" I would not even be loved upon

such terms. Do you imagine that this was a very spirited saying? You are wrong: this is not greatness, but monstrosity. You should not believe the words of angry men, whose speech is very loud and menacing, while their mind within them is as timid as possible: nor need you suppose that the most eloquent of men, Titus Livius, was right in describing somebody as being "of a great rather than a good disposition." The things cannot be separated: he must either be good or else he cannot be great, because I take greatness of mind to mean that it is unshaken, sound throughout, firm and uniform to its very foundation; such as cannot exist in evil dispositions. Such dispositions may be terrible, frantic, and destructive, but cannot possess greatness; because greatness rests upon goodness, and owes its strength to it. "Yet by speech, action, and all outward show they will make one think them great." True, they will say something which you may think shows a great spirit, like Gaius Caesar, who when angry with heaven because it interfered with his ballet-dancers, whom he imitated more carefully than he attended to them when they acted, and because it frightened his revels by its thunders, surely illdirected, challenged Jove to fight, and that to the death, shouting the Homeric verse :—

"Carry me off, or I will carry thee!

How great was his madness! He must have believed either that he could not be hurt even by Jupiter himself, or that he could hurt even Jupiter itself. I imagine that this saying of his had no small weight in nerving the minds of the conspirators for their task: for it seemed to be the height of endurance to bear one who could not bear Jupiter.

XXI.

There is therefore nothing great or noble in anger, even when it seems to be powerful and to contemn both gods and men alike. Anyone who thinks that anger produces greatness of mind, would think that luxury produces it: such a man wishes to rest on ivory, to be clothed with purple, and roofed with gold; to remove lands, embank seas, hasten the course of rivers, suspend woods in the air. He would think that avarice shows greatness of mind: for the avaricious man broods over heaps of gold and silver, treats whole provinces as merely fields on his estate, and has larger tracts of country under the charge of single bailiffs than those which consuls once drew lots to administer. He would think that lust shows greatness of mind: for the lustful man swims across straits, castrates troops of boys, and puts himself within reach of the swords of injured husbands with complete scorn of death. Ambition, too, he would think shows greatness of mind: for the ambitious man is not content with office once a year, but, if possible, would fill the calendar of dignities with his name alone, and cover the whole world with his titles. It matters nothing to what heights or lengths these passions may proceed: they are narrow, pitiable, grovelling. Virtue alone is lofty and sublime, nor is anything great which is not at the same time tranguil.

BOOK II

MY first book, Novatus, had a more abundant subject: for carriages roll easily down hill:1 now we must proceed to drier matters. The question before us is whether anger arises from deliberate choice or from impulse, that is, whether it acts of its own accord or like the greater part of those passions which spring up within us without our knowledge. It is necessary for our debate to stoop to the consideration of these matters, in order that it may afterwards be able to rise to loftier themes; for likewise in our bodies the parts which are first set in order are the bones, sinews, and joints, which are by no means fair to see, albeit they are the foundation of our frame and essential to its life: next to them come the parts of which all beauty of face and appearance consists; and after these, colour, which above all else charms the eye, is applied last of all, when the rest of the body is complete. There is no doubt that anger is roused by the appearance of an injury being done: but the question before us is, whether anger straightway follows the appearance, and springs up without assistance from the mind, or whether it is roused with the sympathy of the mind. Our (the Stoics') opinion is, that anger can venture upon nothing by itself, without the approval of mind: for to conceive the idea of a wrong having been done, to long to avenge it, and to join the two propositions, that we ought not to have been injured and that it is our duty to avenge our injuries, cannot belong to a mere impulse which is excited without our consent. That impulse is a simple act; this is a complex one, and composed of several parts. The man understands something to have happened: he becomes indignant thereat: he condemns the deed; and he avenges it. All these things cannot be done without his mind agreeing to those matters which touched him.

Whither, say you, does this inquiry tend? That we may know what anger is: for if it springs up against our will, it never will yield to reason: because all the motions which take place without our volition are beyond our control and unavoidable, such as shivering when cold water is poured over us, or shrinking when we are touched in certain places. Men's hair rises up at bad news, their faces blush at indecent words, and they are seized with dizziness when looking down a precipice; and as it is not in our power to prevent any of these things, no reasoning can prevent their taking place. But anger can be put to flight by wise maxims; for it is a voluntary defect of the mind, and not one of those things which are evolved by the conditions of human life, and which, therefore, may happen even to the wisest of us. Among these and in the first place must be ranked that thrill of the mind which seizes us at the thought of wrongdoing. We feel this even when witnessing the mimic scenes of the stage, or when reading about things that happened long ago. We often feel angry with Clodius for banishing Cicero, and with Antonius for murdering him. Who is not indignant with the wars of Marius, the proscriptions of Sulla? who is not enraged against Theodotus and Achillas and the boy king who dared to commit a more than boyish crime? 2 Sometimes songs excite us, and quickened rhythm and the martial noise of trumpets; so, too, shocking pictures and the dreadful sight of tortures, however well deserved, affect our minds. Hence it is that we smile when others are smiling, that a crowd of mourners makes us sad, and that we take a glowing interest in another's battles; all of which feelings are not anger, any more than that which clouds our brow at the sight of a stage shipwreck is sadness, or what we feel, when we read how Hannibal after Cannae beset the walls of Rome, can be called fear. All these are emotions of minds which are loath to be moved, and are not passions, but rudiments which may grow into passions. So, too, a

soldier starts at the sound of a trumpet, although he may be dressed as a civilian and in the midst of a profound peace, and camp horses prick up their ears at the clash of arms. It is said that Alexander, when Xenophantus was singing, laid his hand upon his weapons.

Ш.

None of these things which casually influence the mind deserve to be called passions: the mind, if I may so express it, rather suffers passions to act upon itself than forms them. A passion, therefore, consists not in being affected by the sights which are presented to us, but in giving way to our feelings and following up these chance promptings: for whoever imagines that paleness, bursting into tears, lustful feelings, deep sighs, sudden flashes of the eyes, and so forth, are signs of passion and betray the state of the mind, is mistaken, and does not understand that these are merely impulses of the body. Consequently, the bravest of men often turns pale while he is putting on his armour; when the signal for battle is given, the knees of the boldest soldier shake for a moment; the heart even of a great general leaps into his mouth just before the lines clash together, and the hands and feet even of the most eloquent orator grow stiff and cold while he is preparing to begin his speech. Anger must not merely move, but break out of bounds, being an impulse: now, no impulse can take place without the consent of the mind: for it cannot be that we should deal with revenge and punishment without the mind being cognisant of them. A man may think himself injured, may wish to avenge his wrongs, and then may be persuaded by some reason or other to give up his intention and calm down: I do not call that anger, it is an emotion of the mind which is under the control of reason. Anger is that which goes beyond reason and carries her away with it: wherefore the first confusion of a man's mind when struck by what seems an injury is no more anger than the apparent injury itself: it is the subsequent mad rush, which not only receives the impression of the apparent injury, but acts upon it as true, that is anger, being an exciting of the mind to revenge, which proceeds from choice and deliberate resolve. There never has been any doubt that fear produces flight, and anger a rush forward; consider, therefore,

whether you suppose that anything can be either sought or avoided without the participation of the mind.

IV.

Furthermore, that you may know in what manner passions begin and swell and gain spirit, learn that the first emotion is involuntary, and is, as it were, a preparation for a passion, and a threatening of one. The next is combined with a wish, though not an obstinate one, as, for example, "It is my duty to avenge myself, because I have been injured," or "It is right that this man should be punished, because he has committed a crime." The third emotion is already beyond our control, because it overrides reason, and wishes to avenge itself, not if it be its duty, but whether or no. We are not able by means of reason to escape from that first impression on the mind, any more than we can escape from those things which we have mentioned as occurring to the body: we cannot prevent other people's yawns temping us to yawn: we cannot help winking when fingers are suddenly darted at our eyes. Reason is unable to overcome these habits, which perhaps might be weakened by practice and constant watchfulness: they differ from an emotion which is brought into existence and brought to an end by a deliberate mental act.

V.

We must also enquire whether those whose cruelty knows no bounds, and who delight in shedding human blood, are angry when they kill people from whom they have received no injury, and who they themselves do not think have done them any injury; such as were Apollodorus or Phalaris. This is not anger, it is ferocity: for it does not do hurt because it has received injury: but is even willing to receive injury, provided it may do hurt. It does not long to inflict stripes and mangle bodies to avenge its wrongs, but for its own pleasure. What then are we to say? This evil takes its rise from anger; for anger, after it has by long use and indulgence made a man forget mercy, and driven all feelings of human fellowship from his mind, passes finally into cruelty. Such men therefore laugh, rejoice, enjoy themselves greatly, and are as unlike as possible in countenance to angry men, since cruelty is their relaxation. It is said that when Hannibal saw a trench full of human blood, he exclaimed, "O, what a beauteous sight!" How much more beautiful would he have thought it, if it had filled a river or a lake? Why should we wonder that you should be charmed with this sight above all others, you who were born in bloodshed and brought up amid slaughter from a child? Fortune will follow you and favour your cruelty for twenty years, and will display to you everywhere the sight that you love. You will behold it both at Trasumene and at Cannae, and lastly at your own city of Carthage. Volesus, who not long ago, under the Emperor Augustus, was proconsul of Asia Minor, after he had one day beheaded three hundred persons, strutted out among the corpses with a haughty air, as though he had performed some grand and notable exploit, and exclaimed in Greek, "What a kingly action!" What would this man have done, had he been really a king? This was not anger, but a greater and an incurable disease.

VI.

"Virtue," argues our adversary, "ought to be angry with what is base, just as she approves of what is honourable." What should we think if he said that virtue ought to be both mean and great; yet this is what he means, when he wants her to be raised and lowered, because joy at a good action is grand and glorious, while anger at another's sin is base and befits a narrow mind: and virtue will never be guilty of imitating vice while she is repressing it; she considers anger to deserve punishment for itself, since it often is even more criminal than the faults with which it is angry. To rejoice and be glad is the proper and natural function of virtue: it is as much beneath her dignity to be angry, as to mourn: now, sorrow is the companion of anger, and all anger ends in sorrow, either from remorse or from failure. Secondly, if it be the part of the wise man to be angry with sins, he will be more angry the greater they are, and will often be angry: from which it follows that the wise man will not only be angry but irascible. Yet if we do not believe that great and frequent anger can find any place in the wise man's mind, why should we not set him altogether free from this passion? for there can be no limit, if he ought to be angry in proportion to what every man does: because he will either be unjust if he is equally angry at unequal crimes, or he will be the most irascible of men, if he blazes into wrath as often as crimes deserve his anger.

VII.

What, too, can be more unworthy of the wise man, than that his passions should depend upon the wickedness of others? If so, the great Socrates will no longer be able to return home with the same expression of countenance with which he set out. Moreover, if it be the duty of the wise man to be angry at base deeds, and to be excited and saddened at crimes, then is there nothing more unhappy than the wise man, for all his life will be spent in anger and grief. What moment will there be at which he will not see something deserving of blame? whenever he leaves his house, he will be obliged to walk among men who are criminals, misers, spendthrifts, profligates, and who are happy in being so: he can turn his eyes in no direction without their finding something to shock them. He will faint, if he demands anger from himself as often as reason calls for it. All these thousands who are hurrying to the law courts at break of day, how base are their causes, and how much baser their advocates? One impugns his father's will, when he would have done better to deserve it; another appears as the accuser of his mother; a third comes to inform against a man for committing the very crime of which he himself is yet more notoriously guilty. The judge, too, is chosen to condemn men for doing what he himself has done, and the audience takes the wrong side, led astray by the fine voice of the pleader.

VIII.

Why need I dwell upon individual cases? Be assured, when you see the Forum crowded with a multitude, the Saepta 3 swarming with people, or the great Circus, in which the greater part of the people find room to show themselves at once, that among them there are as many vices as there are men. Among those whom you see in the garb of peace there is no peace: for a small profit any one of them will attempt the ruin of another: no one can gain anything save by another's loss. They hate the fortunate and despise the unfortunate: they grudgingly endure the great, and oppress the small: they are fired by diverse lusts: they would wreck everything for the sake of a little pleasure or plunder: they live as though they were in a school of gladiators, fighting with the same people with whom they live: it is like a society of wild beasts, save that beasts are tame with one another, and refrain from biting their own species, whereas men tear one another, and gorge themselves upon one another. They differ from dumb animals in this alone, that the latter are tame with those who feed them, whereas the rage of the former preys on those very persons by whom they were brought up.

IX.

The wise man will never cease to be angry, if he once begins, so full is every place of vices and crimes. More evil is done than can be healed by punishment: men seem engaged in a vast race of wickedness. Every day there is greater eagerness to sin, less modesty. Throwing aside all reverence for what is better and more just, lust rushes whithersoever it thinks fit, and crimes are no longer committed by stealth, they take place before our eyes, and wickedness has become so general and gained such a footing in everyone's breast that innocence is no longer rare, but no longer exists. Do men break the law singly, or a few at a time? Nay, they rise in all quarters at once, as though obeying some universal signal, to wipe out the boundaries of right and wrong.

"Host is not safe from guest,
Father-in-law from son; but seldom love
Exists 'twixt brothers; wives long to destroy
Their husbands, husbands long to slay their wives,
Stepmothers deadly aconite prepare
And child-heirs wonder when their sires will die."

And how small a part of men's crimes are these! The poet 4 has not described one people divided into two hostile camps, parents and children enrolled on opposite sides, Rome set on fire by the hand of a Roman, troops of fierce horsemen scouring the country to track out the hiding- places of the proscribed, wells defiled with poison, plagues created by human .hands, trenches dug by children round their beleaguered parents, crowded prisons, conflagrations that consume whole cities, gloomy tyrannies, secret plots to establish despotisms and ruin peoples, and men glorying in those deeds which, as long as it was possible to repress them, were counted as crimes

— I mean rape, debauchery, and lust Add to these, public acts of national bad faith, broken treaties, everything that cannot defend itself carried off as plunder by the stronger, knaveries, thefts, frauds, and disownings of debt such as three of our present law-courts would not suffice to deal with. If you want the wise man to be as angry as the atrocity of men's crimes requires, he must not merely be angry, but must go mad with rage.

X.

You will rather think that we should not be angry with people's faults; for what shall we say of one who is angry with those who stumble in the dark, or with deaf people who cannot hear his orders, or with children, because they forget their duty and interest themselves in the games and silly jokes of their companions? What shall we say if you choose to be angry with weaklings for being sick, for growing old, or becoming fatigued? Among the other misfortunes of humanity is this, that men's intellects are confused, and they not only cannot help going wrong, but love to go wrong. To avoid being angry with individuals, you must pardon the whole mass, you must grant forgiveness to the entire human race. If you are angry with young and old men because they do wrong, you will be angry with infants also, for they soon will do wrong. Does anyone become angry with children, who are too young to comprehend distinctions? Yet, to be a human being is a greater and a better excuse than to be a child. Thus are we born, as creatures liable to as many disorders of the mind as of the body; not dull and slow-witted, but making a bad use of our keenness of wit, and leading one another into vice by our example. He who follows others who have started before him on the wrong road is surely excusable for having wandered on the highway. A general's severity may be shown in the case of individual deserters; but where a whole army deserts, it must needs be pardoned. What is it that puts a stop to the wise man's anger? It is the number of sinners. He perceives how unjust and how dangerous it is to be angry with vices which all men share. Heraclitus, whenever he came out of doors and beheld around him such a number of men who were living wretchedly, nay, rather perishing wretchedly, used to weep: he pitied all those who met him joyous and happy. He was of a gentle but too weak disposition: and he himself was one of those for whom he ought to have wept. Democritus, on the other hand, is said never to have

appeared in public without laughing; so little did men's serious occupations appear serious to him. What room is there for anger? Everything ought either to move us to tears or to laughter. The wise man will not be angry with sinners. Why not? Because he knows that no one is born wise, but becomes so: he knows that very few wise men are produced in any age, because he thoroughly understands the circumstances of human life. Now, no sane man is angry with nature: for what should we say if a man chose to be surprised that fruit did not hang on the thickets of a forest, or to wonder at bushes and thorns not being covered with some useful berry? No one is angry when nature excuses a defect. The wise man, therefore, being tranquil, and dealing candidly with mistakes, not an enemy to but an improver of sinners, will go abroad every day in the following frame of mind: — "Many men will meet me who are drunkards, lustful, ungrateful, greedy, and excited by the frenzy of ambition." He will view all these as benignly as a physician does his patients. When a man's ship leaks freely through its opened seams, does he become angry with the sailors or the ship itself? No; instead of that, he tries to remedy it: he shuts out some water, bales out some other, closes all the holes that he can see, and by ceaseless labour counteracts those which are out of sight and which let water into the hold; nor does he relax his efforts because as much water as he pumps out runs in again. We need a long-breathed struggle against permanent and prolific evils; not, indeed, to guell them, but merely to prevent their overpowering us.

XI.

"Anger," says our opponent, "is useful, because it avoids contempt, and because it frightens bad men." Now, in the first place, if anger is strong in proportion to its threats, it is hateful for the same reason that it is terrible: and it is more dangerous to be hated than to be despised. If, again, it is without strength, it is much more exposed to contempt, and cannot avoid ridicule: for what is more flat than anger when it breaks out into meaningless ravings? Moreover, because some things are somewhat terrible, they are not on that account desirable: nor does wisdom wish itto be said of the wise man, as it is of a wild beast, that the fear which he inspires is as a weapon to him. Why, do we not fear fever, gout, consuming ulcers? and is there, for that reason, any good in them? nay; on the other hand, they are all despised and thought to be foul and base, and are for this very reason feared. So, too, anger is in itself hideous and by no means to be feared; yet it is feared by many, just as a hideous mask is feared by children. How can we answer the fact that terror always works back to him who inspired it, and that no one is feared who is himself at peace? At this point it is well that you should remember that verse of Laberius, which, when pronounced in the theatre during the height of the civil war, caught the fancy of the whole people as though it expressed the national feeling: —

"He must fear many, whom so many fear."

Thus has nature ordained, that whatever becomes great by causing fear to others is not free from fear itself. How disturbed lions are at the faintest noises! How excited those fiercest of beasts become at strange shadows, voices, or smells! Whatever is a terror to others, fears for itself. There can be no reason, therefore, for any wise man to wish to be feared, and no one need think that anger is anything great because it strikes terror, since even the most despicable things

are feared, as, for example, noxious vermin whose bite is venomous: and since a string set with feathers stops the largest herds of wild beasts and guides them into traps, it is no wonder that from its effect it should be named a "Scarer." Foolish creatures are frightened by foolish things: the movement of chariots and the sight of their wheels turning round drives lions back into their cage: elephants are frightened at the cries of pigs: and so also we fear anger just as children fear the dark, or wild beasts fear red feathers: it has in itself nothing solid or valiant, but it affects feeble minds.

XII.

"Wickedness," says our adversary," must be removed from the system of nature, if you wish to remove anger: neither of which things can be done." In the first place, it is possible for a man not to be cold, although according to the system of nature it may be winter-time, nor yet to suffer from heat, although it be summer according to the almanac. He may be protected against the inclement time of the year by dwelling in a favoured spot, or he may have so trained his body to endurance that it feels neither heat nor cold. Next, reverse this saying: — You must remove anger from your mind before you can take virtue into the same, because vices and virtues cannot combine, and none can at the same time be both an angry man and a good man, any more than he can be both sick and well. "It is not possible," says he, " to remove anger altogether from the mind, nor does human nature admit of it." Yet there is nothing so hard and difficult that the mind of man cannot overcome it, and with which unremitting study will not render him familiar, nor are there any passions so fierce and independent that they cannot be tamed by discipline. The mind can carry out whatever orders it gives itself: some have succeeded in never smiling: some have forbidden themselves wine, sexual intercourse, or even drink of all kinds. Some, who are satisfied with short hours of rest, have learned to watch for long periods without weariness. Men have learned to run upon the thinnest ropes even when slanting, to carry huge burdens, scarcely within the compass of human strength, or to dive to enormous depths and suffer themselves to remain under the sea without any chance of drawing breath. There are a thousand other instances in which application has conquered all obstacles, and proved that nothing which the mind has set itself to endure is difficult. The men whom I have just mentioned gain either no reward or one that is unworthy of their unwearied application; for what great thing does a man gain by applying his intellect to walking

upon a tight rope? or to placing great burdens upon his shoulders? or to keeping sleep from his eyes? or to reaching the bottom of the sea? and yet their patient labour brings all these things to pass for a trifling reward. Shall not we then call in the aid of patience, we whom such a prize awaits, the unbroken calm of a happy life? How great a blessing is it to escape from anger, that chief of all evils, and therewith from frenzy, ferocity, cruelty, and madness, its attendants?

XIII.

There is no reason why we should seek to defend such a passion as this or excuse its excesses by declaring it to be either useful or unavoidable. What vice, indeed, is without its defenders? yet this is no reason why you should declare anger to be ineradicable. The evils from which we suffer are curable, and since we were born with a natural bias towards good, nature herself will help us if we try to amend our lives. Nor is the path to virtue steep and rough, as some think it to be: it may be reached on level ground. This is no untrue tale which I come to tell you: the road to happiness is easy; do you only enter upon it with good luck and the good help of the gods themselves. It is much harder to do what you are doing. What is more restful than a mind at peace, and what more toilsome than anger? What is more at leisure than clemency, what fuller of business than cruelty? Modesty keeps holiday while vice is overwhelmed with work. In fine, the culture of any of the virtues is easy, while vices require a great expense. Anger ought to be removed from our minds: even those who say that it ought to be kept low admit this to some extent: let it be got rid of altogether; there is nothing to be gained by it. Without it we can more easily and more justly put an end to crime, punish bad men, and amend their lives. The wise man will do his duty in all things without the help of any evil passion, and will use no auxiliaries which require watching narrowly lest they get beyond his control.

XIV.

Anger, then, must never become a habit with us, but we may sometimes affect to be angry when we wish to rouse up the dull minds of those whom we address, just as we rouse up horses who are slow at starting with goads and firebrands. We must sometimes apply fear to persons upon whom reason makes no impression: yet to be angry is of no more use than to grieve or to be afraid. "What? do not circumstances arise which provoke us to anger?" Yes: but at those times above all others we ought to choke down our wrath. Nor is it difficult to conquer our spirit, seeing that athletes, who devote their whole attention to the basest parts of themselves, nevertheless are able to endure blows and pain, in order to exhaust the strength of the striker, and do not strike when anger bids them, but when opportunity invites them. It is said that Pyrrhus, the most celebrated trainer for gymnastic contests, used habitually to impress upon his pupils not to lose their tempers: for anger spoils their science, and thinks only how it can hurt: so that often reason counsels patience while anger counsels revenge, and we, who might have survived our first misfortunes, are exposed to worse ones. Some have been driven into exile by their impatience of a single contemptuous word, have been plunged into the deepest miseries because they would not endure the most trifling wrong in silence, and have brought upon themselves the yoke of slavery because they were too proud to give up the least part of their entire liberty.

XV.

"That you may be sure," says our opponent, "that anger has in it something noble, pray look at the free nations, such as the Germans and Scythians, who are especially prone to anger." The reason of this is that stout and daring intellects are liable to anger before they are tamed by discipline; for some passions engraft themselves upon the better class of dispositions only, just as good land, even when waste, grows strong brushwood, and the trees are tall which stand upon a fertile soil. In like manner, dispositions which are naturally bold produce irritability, and, being hot and fiery, have no mean or trivial qualities, but their energy is misdirected, as happens with all those who without training come to the front by their natural advantages alone, whose minds, unless they be brought under control, degenerate from a courageous temper into habits of rashness and reckless daring. "What? are not milder spirits linked with gentler vices, such as tenderness of heart, love, and bashfulness?" Yes, and therefore I can often point out to you a good disposition by its own faults: yet their being the proofs of a superior nature does not prevent their being vices. Moreover, all those nations which are free because they are wild, like lions or wolves, cannot command any more than they can obey: for the strength of their intellect is not civilized, but fierce and unmanageable: now, no one is able to rule unless he is also able to be ruled. Consequently, the empire of the world has almost always remained in the hands of those nations who enjoy a milder climate. Those who dwell near the frozen north have uncivilized temper "Just on the model of their native skies," as the poet has it.

XVI.

Those animals, urges our opponent, are held to be the most generous who have large capacity for anger. He is mistaken when he holds up creatures who act from impulse instead of reason as patterns for men to follow, because in man reason takes the place of impulse. Yet even with animals, all do not alike profit by the same thing. Anger is of use to lions, timidity to stags, boldness to hawks, flight to doves. What if I declare that it is not even true that the best animals are the most prone to anger? I may suppose that wild beasts, who gain their food by rapine, are better the angrier they are; but I should praise oxen and horses who obey the rein for their patience. What reason, however, have you for referring mankind to such wretched models, when you have the universe and God, whom he alone of animals imitates because he alone comprehends Him?" The most irritable men," says he, "are thought to be the most straightforward of all." Yes, because they are compared with swindlers and sharpers, and appear to be simple because they are outspoken. I should not call such men simple, but heedless. We give this title of "simple" to all fools, gluttons, spendthrifts, and men whose vices lie on the surface.

XVII.

"An orator," says our opponent, "sometimes speaks better when he is angry." Not so, but when he pretends to be angry: for so also actors bring down the house by their playing, not when they are really angry, but when they act the angry man well: and in like manner, in addressing a jury or a popular assembly, or in any other position in which the minds of others have to be influenced at our pleasure, we must ourselves pretend to feel anger, fear, or pity before we can make others feel them, and often the pretence of passion will do what the passion itself could not have done. "The mind which does not feel anger," says he, "is feeble." True, if it has nothing stronger than anger to support it. A man ought to be neither robber nor victim, neither tender-hearted nor cruel. The former belongs to an over-weak mind, the latter to an over-hard one. Let the wise man be moderate, and when things have to be done somewhat briskly, let him call force, not anger, to his aid.

XVIII.

Now that we have discussed the questions propounded concerning anger, let us pass on to the consideration of its remedies. These, I imagine, are two-fold: the one class preventing our becoming angry, the other preventing our doing wrong when we are angry. As with the body we adopt a certain regimen to keep ourselves in health, and use different rules to bring back health when lost, so likewise we must repel anger in one fashion and quench it in another. That we may avoid it, certain general rules of conduct which apply to all men's lives must be impressed upon us. We may divide these into such as are of use during the education of the young and in after-life. Education ought to be carried on with the greatest and most salutary assiduity: for it is easy to mould minds while they are still tender, but it is difficult to uproot vices which have grown up with ourselves.

XIX.

A hot mind is naturally the most prone to anger: for as there are four elements, consisting of fire, air, earth, and water, so there are powers corresponding and equivalent to each of these, namely, hot, cold, dry, and moist. Now the mixture of the elements is the cause of the diversities of lands and of animals, of bodies and of character, and our dispositions incline to one or the other of these according as the strength of each element prevails in us. Hence it is that we call some regions wet or dry, warm or cold. The same distinctions apply likewise to animals and mankind; it makes a great difference how much moisture or heat a man contains; his character will partake of whichever element has the largest share in him. A warm temper of mind will make men prone to anger; for fire is full of movement and vigour; a mixture of coldness makes men cowards, for cold is sluggish and contracted. Because of this, some of our Stoics think that anger is excited in our breasts by the boiling of the blood round the heart: indeed, that place is assigned to anger for no other reason than because the breast is the warmest part of the whole body. Those who have more moisture in them become angry by slow degrees, because they have no heat ready at hand, but it has to be obtained by movement; wherefore the anger of women and children is sharp rather than strong, and arises on lighter provocation. At dry times of life anger is violent and powerful, yet without increase, and adding little to itself, because as heat dies away cold takes its place. Old men are testy and full of complaints, as also are sick people and convalescents, and all whose store of heat has been consumed by weariness or loss of blood. Those who are wasted by thirst or hunger are in the same condition, as also are those whose frame is naturally bloodless and faints from want of generous diet. Wine kindles anger, because it increases heat; according to each man's disposition, some fly into a passion when they are heavily drunk, some when they are

slightly drunk: nor is there any other reason than this why yellow-haired, ruddy-complexioned people should be excessively passionate, seeing that they are naturally of the colour which others put on during anger; for their blood is hot and easily set in motion.

XX.

But just as nature makes some men prone to anger, so there are many other causes which have the same power as nature. Some are brought into this condition by disease or bodily injury, others by hard work, long watching, nights of anxiety, ardent longings, and love: and everything else which is hurtful to the body or the spirit inclines the distempered mind to find fault. All these, however, are but the beginning and causes of anger. Habit of mind has very great power, and, if it be harsh, increases the disorder. As for nature, it is difficult to alter it, nor may we change the mixture of the elements which was formed once for all at our birth: yet knowledge will be so far of service, that we should keep wine out of the reach of hot-tempered men, which Plato thinks ought also to be forbidden to boys, so that fire be not made fiercer. Neither should such men be over-fed: for if so, their bodies will swell, and their minds will swell with them. Such men ought to take exercise, stopping short, however, of fatigue, in order that their natural heat may be abated, but not exhausted, and their excess of fiery spirit may be worked off. Games also will be useful: for moderate pleasure relieves the mind and brings it to a proper balance. With those temperaments which incline to moisture, or dryness and stiffness, there is no danger of anger, but there is fear of greater vices, such as cowardice, moroseness, despair, and suspiciousness: such dispositions therefore ought to be softened, comforted, and restored to cheerfulness: and since we must make use of different remedies for anger and for sullenness, and these two vices require not only unlike, but absolutely opposite modes of treatment, let us always attack that one of them which is gaining the mastery.

XXI.

It is, I assure you, of the greatest service to boys that they should be soundly brought up, yet to regulate their education is difficult, because it is our duty to be careful neither to cherish a habit of anger in them, nor to blunt the edge of their spirit. This needs careful watching, for both qualities, both those which are to be encouraged, and those which are to be checked, are fed by the same things; and even a careful watcher may be deceived by their likeness. A boy's spirit is increased by freedom and depressed by slavery: it rises when praised, and is led to conceive great expectations of itself: yet this same treatment produces arrogance and quickness of temper: we must therefore guide him between these two extremes, using the curb at one time and the spur at another. He must undergo no servile or degrading treatment; he never must beg abjectly for anything, nor must he gain anything by begging; let him rather receive it for his own sake, for his past good behaviour, or for his promises of future good conduct. In contests with his comrades we ought not to allow him to become sulky or fly into a passion: let us see that he be on friendly terms with those whom he contends with, so that in the struggle itself he may learn to wish not to hurt his antagonist but to conquer him: whenever he has gained the day or done something praiseworthy, we should allow him to enjoy his victory, but not to rush into transports of delight: for joy leads to exultation, and exultation leads to swaggering and excessive self-esteem. We ought to allow him some relaxation, yet not yield him up to laziness and sloth, and we ought to keep him far beyond the reach of luxury, for nothing makes children more prone to anger than a soft and fond bringing-up, so that the more only children are indulged, and the more liberty is given to orphans, the more they are corrupted. He to whom nothing is ever denied, will not be able to endure a rebuff, whose anxious mother always wipes away his tears, whose paedagogus is made to pay for his

shortcomings. Do you not observe how a man's anger becomes more violent as he rises in station? This shows itself especially in those who are rich and noble, or in great place, when the favouring gale has roused all the most empty and trivial passions of their minds. Prosperity fosters anger, when a man's proud ears are surrounded by a mob of flatterers, saying, "That man? answer you! you do not act according to your dignity, you lower yourself." And so forth, with all the language which can hardly be resisted even by healthy and originally well-principled minds. Flattery, then, must be kept well out of the way of children. Let a child hear the truth, and sometimes fear it: let him always reverence it. Let him rise in the presence of his elders. Let him obtain nothing by flying into a passion: let him be given when he is guiet what was refused him when he cried for it: let him behold, but not make use of his father's wealth: let him be reproved for what he does wrong. It will be advantageous to furnish boys with even-tempered teachers and paedagogi: what is soft and unformed clings to what is near, and takes its shape: the habits of young men reproduce those of their nurses and paedagogi. Once, a boy who was brought up in Plato's house went home to his parents, and, on seeing his father shouting with passion, said, "I never saw anyone at Plato's house act like that." I doubt not that he learned to imitate his father sooner than he learned to imitate Plato. Above all, let his food be scanty, his dress not costly, and of the same fashion as that of his comrades: if you begin by putting him on a level with many others, he will not be angry when someone is compared with him.

XXII.

These precepts, however, apply to our children: in ourselves the accident of birth and our education no longer admits of either mistakes or advice; we must deal with what follows. Now we ought to fight against the first causes of evil: the cause of anger is the belief that we are injured; this belief, therefore, should not be lightly entertained. We ought not to fly into a rage even when the injury appears to be open and distinct: for some false things bear the semblance of truth. We should always allow some time- to elapse, for time discloses the truth. Let not our ears be easily lent to calumnious talk: let us know and be on our guard against this fault of human nature, that we are willing to believe what we are unwilling to listen to, and that we become angry before we have formed our opinion. What shall I say? we are influenced not merely by calumnies but by suspicions, and at the very look and smile of others we may fly into a rage with innocent persons because we put the worst construction upon it. We ought, therefore, to plead the cause of the absent against ourselves, and to keep Our anger in abeyance: for a punishment which has been postponed may yet be inflicted, but when once inflicted cannot be recalled.

XXIII.

Everyone knows the story of the tyrannicide who, being caught before he had accomplished his task, and being tortured by Hippias to make him betray his accomplices, named the friends of the tyrant who stood around, and everyone to whom he knew the tyrant's safety was especially dear. As the tyrant ordered each man to be slain as he was named, at last the man, being asked if anyone else remained, said, "You remain alone, for I have left no one else alive to whom you are dear." Anger had made the tyrant lend his assistance to the tyrant-slayer, and cut down his guards with his own sword. How far more spirited was Alexander, who after reading his mother's letter warning him to beware of poison from his physician, Philip, nevertheless drank undismayed the medicine which Philip gave him! He felt more confidence in his friend: he deserved that his friend should be innocent, and deserved that his conduct should make him innocent. I praise Alexander's doing this all the more because he was above all men prone to anger; but the rarer moderation is among kings, the more it deserves to be praised. The great Gaius Caesar, who proved such a merciful conqueror in the civil war, did the same thing; he burned a packet of letters addressed to Gnaeus Pompeius by persons who had been thought to be either neutrals or on the other side. Though he was never violent in his anger, yet he preferred to put it out of his power to be angry: he thought that the kindest way to pardon each of them was not to know what his offence had been.

XXIV.

Readiness to believe what we hear causes very great mischief; we ought often not even to listen, because in some cases it is better to be deceived than to suspect deceit. We ought to free our minds of suspicion and mistrust, those most untrustworthy causes of anger. "This man's greeting was far from civil; that one would not receive my kiss; one cut short a story I had begun to tell; another did not ask me to dinner; another seemed to view me with aversion." Suspicion will never lack grounds: what we want is straightforwardness, and a kindly interpretation of things. Let us believe nothing unless it forces itself upon bur sight and is unmistakable, and let us reprove ourselves for being too ready to believe, as often as our suspicions prove to be groundless: for this discipline will render us habitually slow to believe what we hear.

XXV.

Another consequence of this will be, that we shall not be exasperated by the slightest and most contemptible trifles. It is mere madness to be put out of temper because a slave is not quick, because the water we are going to drink is lukewarm or because our couch is disarranged or our table carelessly laid. A man must be in a miserably bad state of health if he shrinks from a gentle breath of wind; his eyes must be diseased if they are distressed by the sight of white clothing; he must be broken down with debauchery if he feels pain at seeing another man work. It is said that there was one Mindyrides, a citizen of Sybaris, who one day seeing a man digging and vigorously brandishing a mattock, complained that the sight made him weary, and forbade the man to work where he could see him. The same man complained that he had suffered from the rose-leaves upon which he lay, being folded double. When pleasures have corrupted both the body and the mind, nothing seems endurable, not indeed because it is hard, but because he who has to bear it is soft: for why should we be driven to frenzy by any one's coughing and sneezing, or by a fly not being driven away with sufficient care, or by a dog's hanging about us, or a key dropping from a careless servant's hand? Will one whose ears are agonised by the noise of a bench being dragged along the floor be able to endure with unruffled mind the rude language of party strife, and the abuse which speakers in the forum or the senate house heap upon their opponents? Will he who is angry with his slave for icing his drink badly, be able to endure hunger, or the thirst of a long march in summer? Nothing, therefore, nourishes anger more than excessive and dissatisfied luxury: the mind ought to be hardened by rough treatment, so as not to feel any blow that is not severe.

XXVI.

We are angry, either with those who can, or with those who cannot do us an injury. To the latter class belong some inanimate things, such as a book, which we often throw away when it is written in letters too small for us to read, or tear up when it is full of mistakes, or clothes which we destroy because we do not like them. How foolish to be angry with such things as these, which neither deserve nor feel our anger! "But of course it is their makers who really affront us." I answer that, in the first place, we often become angry before making this distinction clear in our minds, and secondly, perhaps even the makers might put forward some reasonable excuses: one of them, it may be, could not make them any better than he did, and it is not through any disrespect to you that he was unskilled in his trade: another may have done his work so without any intention of insulting you: and, finally, what can be more crazy than to discharge upon things the ill-feeling which one has accumulated against persons? Yet as it is the act of a madman to be angry with inanimate objects, so also is it to be angry with dumb animals, which can do us no wrong because they are not able to form a purpose; and we cannot call anything a wrong unless it be done intentionally. They are, therefore, able to hurt us, just as a sword or a stone may do so, but they are not able to do us a wrong. Yet some men think themselves insulted when the same horses which are docile with one rider are restive with another, as though it were through their deliberate choice, and not through habit and cleverness of handling that some horses are more easily managed by some men than by others. And as it is foolish to be angry with them, so it is to be angry with children, and with men who have little more sense than children: for all these sins, before a just judge, ignorance would be as effective an excuse as innocence.

XXVII.

There are some things which are unable to hurt us, and whose power is exclusively beneficial and salutary, as, for example, the immortal gods, who neither wish nor are able to do harm: for their temperament is naturally gentle and tranquil, and no more likely to wrong others than to wrong themselves. Foolish people who know not the truth hold them answerable for storms at sea, excessive rain, and long winters, whereas all the while these phenomena by which we suffer or profit take place without any reference whatever to us: it is not for our sake that the universe causes summer and winter to succeed one another; these have a law of their own, according to which their divine functions are performed. We think too much of ourselves, when we imagine that we are worthy to have such prodigious revolutions effected for our sake: so, then, none of these things take place in order to do us an injury, nay, on the contrary, they all tend to our benefit. I have said that there are some things which cannot hurt us, and some which would not. To the latter class belong good men in authority, good parents, teachers, and judges, whose punishments ought to be submitted to by us in the same spirit in which we undergo the surgeon's knife, abstinence from food, and such like things which hurt us for our benefit. Suppose that we are being punished; let us think not only of what we suffer, but of what we have done: let us sit in judgement on our past life. Provided we are willing to tell ourselves the truth, we shall certainly decide that our crimes deserve a harder measure than they have received.

XXVIII.

If we desire to be impartial judges of all that takes place, we must first convince ourselves of this, that no one of ns is faultless: for it is from this that most of our indignation proceeds. "I have not sinned, I have done no wrong." Say, rather, you do not admit that you have done any wrong. We are infuriated at being reproved, either by reprimand or actual chastisement, although we are sinning at that very time, by adding insolence and obstinacy to our wrong-doings. Who is there that can declare himself to have broken no laws? Even if there be such a man, what a stinted innocence it is, merely to be innocent by the letter of the law. How much further do the rules of duty extend than those of the law! how many things which are not to be found in the statute book, are demanded by filial feeling, kindness, generosity, equity, and honour? Yet we are not able to warrant ourselves even to come under that first narrowest definition of innocence: we have done what was wrong, thought what was wrong, wished for what was wrong, and encouraged what was wrong: in some cases we have only remained innocent because we did not succeed. When we think of this, let us deal more justly with sinners, and believe that those who scold us are right: in any case let us not be angry with ourselves (for with whom shall we not be angry, if we are angry even with our own selves?), and least of all with the gods: for whatever we suffer befalls us not by any ordinance of theirs but of the common law of all flesh. "But diseases and pains attack us." Well, people who live in a crazy dwelling must have some way of escape from it. Someone will be said to have spoken ill of you: think whether you did not first speak ill of him: think of how many persons you have yourself spoken ill. Let us not, I say, suppose that others are doing us a wrong, but are repaying one which we have done them, that some are acting with good intentions, some under compulsion, some in ignorance, and let us believe that even he who does so intentionally

and knowingly did not wrong us merely for the sake of wronging us, but was led into doing so by the attraction of saying something witty, or did whatever he did, not out of any spite against us, but because he himself could not succeed unless he pushed us back. We are often offended by flattery even while it is being lavished upon us: yet whoever recalls to his mind how often he himself has been the victim of undeserved suspicion, how often fortune has given his true service an appearance of wrong-doing, how many persons he has begun by hating and ended by loving, will be able to keep himself from becoming angry straightway, especially if he silently says to himself when each offence is committed: "I have done this very thing myself." Where, however, will you find so impartial a judge? The same man who lusts after everyone's wife, and thinks that a woman's belonging to someone else is a sufficient reason for adoring her, will not allow anyone else to look at his own wife. No man expects such exact fidelity as a traitor: the perjurer himself takes vengeance of him who breaks his word: the pettifogging lawyer is most indignant at an action being brought against him: the man who is reckless of his own chastity cannot endure any attempt upon that of his slaves. We have other men's vices before our eyes, and our own behind our backs: hence it is that a father, who is worse than his son, blames the latter for giving extravagant feasts, and disapproves of the least sign of luxury in another, although he was wont to set no bounds to it in his own case; hence it is that despots are angry with homicides, and thefts are punished by those who despoil temples. A great part of mankind is not angry with sins, but with sinners. Regard to our own selves will make us more moderate, if we inquire of ourselves: have we ever committed any crime of this sort? have we ever fallen into this kind of error? is it for our interest that we should condemn this conduct?

XXIX.

The greatest remedy for anger is delay: beg anger to grant you this at the first, not in order that it may pardon the offence, but that it may form a right judgment about it :- if it delays, it will come to an end. Do not attempt to quell it all at once, for its first impulses are fierce; by plucking away its parts we shall remove the whole. We are made angry by some things which we learn at second-hand, and by some which we ourselves hear or see. Now, we ought to be slow to believe what is told us. Many tell lies in order to deceive us, and many because they are themselves deceived. Some seek to win our favour by false accusations, and invent wrongs in order that they may appear angry at our having suffered them. One man lies out of spite, that he may set trusting friends at variance; some because they are suspicious, and wish to see sport, and watch from a safe distance those whom they have set by the ears. If you were about to give sentence in court about ever so small a sum of money, you would take nothing as proved without a witness, and a witness would count for nothing except on his oath. You would allow both sides to be heard: you would allow them time: you would not despatch the matter at one sitting, because the oftener it is handled the more distinctly the truth appears. And do you condemn your friend offhand? Are you angry with him before you hear his story, before you have cross-examined him, before he can know either who is his accuser or with what he is charged. Why then, just now, in the case which you just tried, did you hear what was said on both sides? This very man who has informed against your friend, will say no more if he be obliged to prove what he says. "You need not," says he, "bring me forward as a witness; if I am brought forward I shall deny what I have said; unless you excuse me from appearing I shall never tell you anything." At the same time he spurs you on and withdraws himself from the strife and battle. The man who will tell you nothing save in

secret hardly tells you anything at all. What can be more unjust than to believe in secret, and to be angry openly?

XXX.

Some offences we ourselves witness: in these cases let us examine the disposition and purpose of the offender. Perhaps he is a child; let us pardon his youth, he knows not whether he is doing wrong: or he is a father; he has either rendered such great services, as to have won the right even to wrong ns—or perhaps this very act which offends ns is his chief merit: or a woman; well, she made a mistake. The man did it because he was ordered to do it. Who but an unjust person can be angry with what is done under compulsion? You had hurt him: well, there is no wrong in suffering the pain which you have been the first to inflict. Suppose that your opponent is a judge; then you ought to take his opinion rather than your own: or that he is a king; then, if he punishes the guilty, yield to him because he is just, and if he punishes the innocent, yield to him because he is powerful. Suppose that it is a dumb animal or as stupid as a dumb animal: then, if you are angry with it, you will make yourself like it. Suppose that it is a disease or a misfortune; it will take less effect upon you if you bear it quietly: or that it is a god; then you waste your time by being angry with him as much as if you prayed him to be angry with someone else. Is it a good man who has wronged you? do not believe it: is it a bad one? do not be surprised at this; he will pay to someone else the penalty which he owes to you—indeed, by his sin he has already punished himself.

XXXI.

There are, as I have stated, two cases which produce anger: first, when we appear to have received an injury, about which enough has been said, and, secondly, when we appear to have been treated unjustly: this must now be discussed. Men think some things unjust because they ought not to suffer them, and some because they did not expect to suffer them: we think what is unexpected is beneath our deserts. Consequently, we are especially excited at what befalls us contrary to our hope and expectation: and this is why we are irritated at the smallest trifles in our own domestic affairs, and why we call our friends' carelessness deliberate injury. How is it, then, asks our opponent, that we are angered by the injuries inflicted by our enemies? It is because we did not expect those particular injuries, or, at any rate, not on so extensive a scale. This is caused by our excessive self-love: we think that we ought to remain uninjured even by our enemies: every man bears within his breast the mind of a despot, and is willing to commit excesses, but unwilling to submit to them. Thus it is either ignorance or arrogance that makes us angry: ignorance of common facts; for what is there to wonder at in bad men committing evil deeds? what novelty is there in your enemy hurting you, your friend quarrelling with you, your son going wrong, or your servant doing amiss? Fabius was wont to say that the most shameful excuse a general could make was "I did not think." I think it the most shameful excuse that a man can make. Think of everything, expect everything: even with men of good character something queer will crop up: human nature produces minds that are treacherous, ungrateful, greedy, and impious: when you are considering what any man's morals may be, think what those of mankind are. When you are especially enjoying yourself, be especially on your guard: when everything seems to you to be peaceful, be sure that mischief is not absent, but only asleep. Always believe that something will occur to

offend you. A pilot never spreads all his canvas abroad so confidently as not to keep his tackle for shortening sail ready for use. Think, above all, bow base and hateful is the power of doing mischief, and how unnatural in man, by whose kindness even fierce animals are rendered tame. See how bulls yield their necks to the yoke, how elephants allow boys and women to dance on their backs unhurt, how snakes glide harmlessly over our bosoms and among our drinkingcups, how within their dens bears and lions submit to be handled with complacent mouths, and wild beasts fawn upon their master: let us blush to have exchanged habits with wild beasts. It is a crime to injure one's country: so it is, therefore, to injure any of our countrymen, for he is a part of our oountry; if the whole be sacred, the parts must be sacred too. Therefore it is also a crime to injure any man: for he is your fellow-citizen in a larger state. What, if the hands were to wish to hurt the feet? or the eyes to hurt the hands? As all the limbs act in unison, because it is the interest of the whole body to keep each one of them safe, so men should spare one another, because they are born for society. The bond of society, however, cannot exist unless it guards and loves all its members. We should not even destroy vipers and water-snakes and other creatures whose teeth and claws are dangerous, if we were able to tame them as we do other animals, or to prevent their befog a peril to us: neither ought we, therefore, to hurt a man because he has done wrong, but lest he should do wrong, and our punishment should always look to the future, and never to the past, because it is inflicted in a spirit of precaution, not of anger: for if everyone who has a crooked and vicious disposition were to be punished, no one would escape punishment.

XXXII.

"But anger possesses a certain pleasure of its own, and it is sweet to pay back the pain you have suffered." Not at all; it is not honourable to requite injuries by injuries, in the same way as it is to repay benefits by benefits. In the latter case it is a shame to be conquered; in the former it is a shame to conquer. Revenge and retaliation are words which men use and even think to be righteous, yet they do not greatly differ from wrong-doing, except in the order in which they are done: he who renders pain for pain has more excuse for his sin; that is all. Someone who did not know Marcus Cato struck him in the public bath in his ignorance, for who would knowingly have done him an injury? Afterwards when he was apologizing, Cato replied, "I do not remember being struck." He thought it better to ignore the insult than to revenge it. You ask, "Did no harm befall that man for his insolence?" No, but rather much good; he made the acquaintance of Cato. It is the part of a great mind to despise wrongs done to it; the most contemptuous form of revenge is not to deem one's adversary worth taking vengeance upon. Many have taken small injuries much more seriously to heart than they need, by revenging them: that man is great and noble who like a large wild animal hears unmoved the tiny curs that bark at him.

XXXIII.

"We are treated," says our opponent," with more respect if we revenge our injuries."If we make use of revenge merely as a remedy, let us use it without anger, and not regard revenge as pleasant, but as useful: yet often it is better to pretend not to have received an injury than to avenge it. The wrongs of the powerful must not only be borne, but borne with a cheerful countenance: they will repeat the wrong if they think they have inflicted it. This is the worst trait of minds rendered arrogant by prosperity, they hate those whom they have injured. Everyone knows the saying of the old courtier, who, when someone asked him how he had achieved the rare distinction of living at court till he reached old age, replied, "By receiving wrongs and returning thanks for them." It is often so far from expedient to avenge our wrongs, that it will not do even to admit them. Gaius Caesar, offended at the smart clothes and well-dressed hair of the son of Pastor, a distinguished Roman knight, sent him to prison. When the father begged that his son might suffer no harm, Gaius, as if reminded by this to put him to death, ordered him to be executed, yet, in order to mitigate his brutality to the father, invited him that very day to dinner. Pastor came with a countenance which betrayed no ill will. Caesar pledged him in a glass of wine, and set a man to watch him. The wretched creature went through his part, feeling as though he were drinking his son's blood: the emperor sent him some perfume and a garland, and gave orders to watch whether he used them: he did so. On the very day on which he had buried, nay, on which he had not even buried his son, he sat down as one of a hundred guests, and, old and gouty as he was, drank to an extent which would have been hardly decent on a child's birthday; he shed no tear the while; he did not permit his grief to betray itself by the slightest sign; he dined just as though his entreaties had gained his son's life. You ask me why he did so? he had another son. What did Priam do in the

Iliad? Did he not conceal his wrath and embrace the knees of Achilles? did he not raise to his lips that death-dealing hand, stained with the blood of his son, and sup with his slayer? True! but there were no perfumes and garlands, and his fierce enemy encouraged him with many soothing words to eat, not to drain huge goblets with a guard standing over him to see that he did it. Had he only feared for himself, the father would have treated the tyrant with scorn: but love for his son quenched his anger: he deserved the emperor's permission to leave the banquet and gather up the bones of his son: but, meanwhile, that kindly and polite youth the emperor would not even permit him to do this, but tormented the old man with frequent invitations to drink, advising him thereby to lighten his sorrows. He, on the other hand, appeared to be in good spirits, and to have forgotten what had been done that day: he would have lost his second son had he proved an unacceptable guest to the murderer of his eldest.

XXXIV.

We must, therefore, refrain from anger, whether he who provokes us be on a level with ourselves, or above us, or below us. A contest with one's equal is of uncertain issue, with one's superior is folly, and with one's inferior is contemptible. It is the part of a mean and wretched man to turn and bite one's biter: even mice and ants show their teeth if you put your hand to them, and all feeble creatures think that they are hurt if they are touched. It will make us milder tempered to call to mind any services which he with whom we are angry may have done us, and to let his deserts balance his offence. Let us also reflect, how much cr the tale of our forgiveness will confer upon us, how many men may be made into valuable friends by forgiveness. One of the lessons which Sulla's cruelty teaches us is not to be angry with the children of our enemies, whether they be public or private; for he drove the sons of the proscribed into exile. Nothing is more unjust than that any one should inherit the quarrels of his father. Whenever we are loath to pardon anyone, let us think whether it would be to our advantage that all men should be inexorable. He who refuses to pardon, how often has he begged it for himself? how often has he grovelled at the feet of those whom he spurns from his own? How can we gain more glory than by turning anger into friendship? what more faithful allies has the Roman people than those who have been its most unyielding enemies? where would the empire be to-day, had not a wise foresight united the conquered and the conquerors? If anyone is angry with you, meet his anger by returning benefits for it: a quarrel which is only taken up on one side falls to the ground: it takes two men to fight. But suppose that there is an angry struggle on both sides, even then, he is the better man who first gives way; the winner is the real loser. He struck you; well then, do you fall back: if you strike him in turn you will give him both an opportunity and an excuse for striking you again: you will not be able to withdraw

yourself from the struggle when you please.

XXXV.

Does anyone wish to strike his enemy so hard, as to leave his own hand in the wound, and not to be able, to recover his balance after the blow? yet such a weapon is anger: it is scarcely possible to draw it back. We are careful to choose for ourselves light weapons, handy and manageable swords: shall we not avoid these clumsy, unwieldy, and never-to-be-recalled impulses of the mind? The only swiftness of which men approve is that which, when bidden, checks itself and proceeds no further, and which can be guided, and reduced from a run to a walk: we know that the sinews are diseased when they move against our will. A man must be either aged or weakly who runs when he wants to walk: let us think that those are the most powerful and the soundest operations of our minds, which act under our own control, not at their own caprice. Nothing, however, will be of so much service as to consider, first, the hideousness, and, secondly, the danger of anger. No passion bears a more troubled aspect: it befouls the fairest face, makes fierce the expression which before was peaceful. From the angry "all grace has fled;" though their clothing may be fashionable, they will trail it on the ground and take no heed of their appearance; though their hair be smoothed down in a comely manner by nature or art, yet it will bristle up in sympathy with their mind. The veins become swollen, the breast will be shaken by quick breathing, the man's neck will be swelled as he roars forth his frantic talk: then, too, his limbs will tremble, his hands will be restless, his whole body will sway hither and thither. What, think you, must be the state of his mind within him, when its appearance without is so shocking? how far more dreadful a countenance he bears within his own breast, how far keener pride, how much more violent rage, which will burst him unless it finds some vent? Let us paint anger looking like those who are dripping with the blood of foemen or savage beasts, or those who are just about to slaughter them—like

those monsters of the nether world fabled by the poet to be girt with serpents and breathing flame, when they sally forth from hell, most frightful to behold, in order that they may kindle wars, stir up strife between nations, and overthrow peace; let us paint her eyes glowing with fire, her voice hissing, roaring, grating, and making worse sounds if worse there be, while she brandishes weapons in both hands, for she cares not to protect herself, gloomy, stained with blood, covered with scars and livid with her own blows, reeling like a maniac, wrapped in a thick cloud, dashing hither and thither, spreading desolation and panic, loathed by everyone and by herself above all, willing, if otherwise she cannot hurt her foe, to overthrow alike- earth, sea, and heaven, harmful and hateful at the same time. Or, if we are to see her, let her be such as our poets have described her— "There with her blood-stained scourge Bellona fights, And Discord in her riven robe delights," I3 or, if possible, let some even more dreadful aspect be invented for this dreadful passion.

XXXVI.

Some angry people, as Sextius remarks, have been benefited by looking at the glass: they have been struck by so great an alteration in their own appearance: they have been, as it were, brought into their own presence and have not recognized themselves: yet how small a part of the real hideousness of anger did that reflected image in the mirror reproduce? Could the mind be displayed or made to appear through any substance, we should be confounded when we beheld how black and stained, how agitated, distorted, and swollen it looked: even at present if is very ugly when seen through all the screens of blood, bones, and so forth: what would it be, were it displayed uncovered? You say, that you do not believe that any one was ever scared out of anger by a mirror: and why not? because when he came to the mirror to change his mind, he had changed it already: to angry men no face looks fairer than one that is fierce and savage and such as they wish to look like. We ought rather to consider, how many men anger itself has injured. Some in their excessive heat have burst their veins; some by straining their voices beyond their strength have vomited blood, or have injured their sight by too violently injecting humours into their eves, and have fallen sick when the fit passed off. No way loads more swiftly to madness: many have, consequently, remained always in the frenzy of anger, and, having once lost their reason, have never recovered it. Ajax was driven mad by anger, and driven to suicide by madness. Men, frantic with rage, call upon heaven to slay their children, to reduce themselves to poverty, and to ruin their houses, and yet declare that they are not either angry or insane. Enemies to their best friends, dangerous to their nearest find dearest, regardless of the laws save where they injure, swayed by the smallest trifles, unwilling to lend their ears to the advice or the services of their friends, they do everything by main force, and are ready either to fight with their

swords or to throw themselves upon them, for the greatest of all evils, and one which surpasses all vices, has gained possession of them. Other passions gain a footing in the mind by slow degrees: anger's conquest is sudden and complete, and, moreover, it makes all other passions subservient to itself. It conquers the warmest love: men have thrust swords through the bodies of those whom they loved, and have slain those in whose arms they have lain. Avarice, that sternest and most rigid of passions, is trampled underfoot by anger, which forces it to squander its carefully collected wealth and set fire to its house and all its property in one heap. Why, has not even the ambitious man been known to fling away the most highly valued ensigns of rank, and to refuse high office when it was offered to him? There is no passion over which anger does not bear absolute rule.

BOOK III

WE will now, my Novatus, attempt to do that which you so especially long to do, that is, to drive out anger from our minds, or at all events to curb it and restrain its impulses. This may sometimes be done openly and without concealment, when we are only suffering from a slight attack of this mischief, and at other times it must be done secretly, when our anger is excessively hot, and when every obstacle thrown in its way increases it and makes it blaze higher. It is important to know how great and how fresh its strength may be, and whether it can be driven forcibly back and suppressed, or whether we must give way to it until its first storm blow over, lest it sweep away with it our remedies themselves. We must deal with each case according to each man's character: some yield to entreaties, others are rendered arrogant and masterful by submission: we may frighten some men out of their anger, while some may be turned from their purpose by reproaches, some by acknowledging oneself to be in the wrong, some by shame, and some by delay, a tardy remedy for a hasty disorder; which we ought only to use when all others have failed: for other passions admit of having their case put off, and may be healed at a later time; but the eager and self-destructive violence of anger does not grow up by slow degrees, but reaches its full height as soon as it begins. Nor does it, like other vices, merely disturb men's minds, but it takes them away, and torments them till they are incapable of restraining themselves and eager for the common ruin of all men, nor does it rage merely against its object, but against every obstacle which it encounters on its way. The other vices move our minds; anger hurls them headlong. If we are not able

to withstand our passions, yet at any rate our passions ought to stand firm: but anger grows more and more powerful, like lightning flashes or hurricanes, or any other things which cannot stop themselves because they do not proceed along, but fall from above. Other vices affect our judgment, anger affects our sanity: others come in mild attacks and grow unnoticed, but men's minds plunge abruptly into anger. There is no passion that is more frantic, more destructive to its own self; it is arrogant if successful, and frantic if it fails. Even when defeated it does not grow weary, but if chance places its foe beyond its reach, it turns its teeth against itself. Its intensity is in no way regulated by its origin: for it rises to the greatest heights from the most trivial beginnings.

It passes over no time of life; no race of men is exempt from it: some nations have been saved from the knowledge of luxury by the blessing of poverty; some through their active and wandering habits have escaped from sloth; those whose manners are unpolished and whose life is rustic know not chicanery and fraud and all the evils to which the courts of law give birth: but there is no race which is not excited by anger, which is equally powerful with Greeks and barbarians, and is just as ruinous among law-abiding folk as among those whose only law is that of the stronger. Finally, the other passions seize upon individuals anger is the only one which sometimes possesses a whole state. No entire people ever fell madly in love with a woman, nor did any nation ever set its affections altogether upon gain and profit. Ambition attacks single individuals; ungovernable rage is the only passion that affects nations. People often fly into a passion by troops; men and women, old men and boys, princes and populace all act alike, and the whole multitude, after being excited by a very few words, outdoes even its exciter: men betake themselves straight-way to fire and sword, and proclaim a war against their neighbours or wage one against their countrymen. Whole houses are burned with the entire families which they contain, and he who but lately was honoured for his popular eloquence now finds that his speech moves people to rage. Legions aim their darts at their commander; the whole populace quarrels with the nobles; the senate, without waiting for troops to be levied or appointing a general, hastily chooses leaders, for its anger chases well-born men through the houses of Rome, and puts them to death with its own hand. Ambassadors are outraged, the law of nations violated, and an unnatural madness seizes the state. Without allowing time for the general excitement to subside, fleets are straightway launched and laden with a hastily enrolled soldiery. Without organization, without

taking any auspices, the populace rushes into the field guided only by its own anger, snatches up whatever comes first to hand by way of arms, and then atones by a great defeat for the reckless audacity of its anger. This is usually the fate of savage nations when they plunge into war: as soon as their easily excited minds are roused by the appearance of wrong having been done them, they straightway hasten forth, and, guided only by their wounded feelings, fall like an avalanche upon our legions, without either discipline, fear, or precaution, and willfully seeking for danger. They delight in being struck, in pressing forward to meet the blow, writhing their bodies along the weapon, and perishing by a wound which they themselves make.

"No doubt," you say, "anger is very powerful and ruinous: point out, therefore, how it may be cured." Yet, as I stated in my former books, Aristotle stands forth in defence of anger, and forbids it to be uprooted, saying that it is the spur of virtue, and that when it is taken away, our minds become weaponless, and slow to attempt great exploits. It is therefore essential to prove its unseemliness and ferocity, and to place distinctly before our eyes how monstrous a thing it is that one man should rage against another, with what frantic violence he rushes to destroy alike himself and his foe, and overthrows those very things whose fall he himself must share. What, then? can anyone call this man sane, who, as though caught up by a hurricane, does not go but is driven, and is the slave of a senseless disorder? He does not commit to another the duty of revenging him, but himself exacts it, raging alike in thought and deed, butchering those who are dearest to him, and for whose loss he himself will ere long weep. Will any one give this passion as an assistant and companion to virtue, although it disturbs calm reason, without which virtue can do nothing? The strength which a sick man owes to a paroxysm of disease is neither lasting nor wholesome, and is strong only to its own destruction. You need not, therefore, imagine that I am wasting time over a useless task in defaming anger, as though men had not made up their minds about it, when there is someone, and he, too, an illustrious philosopher, who assigns it services to perform, and speaks of it as useful and supplying energy for battles, for the management of business, and indeed for everything which requires to be conducted with spirit. Lest it should delude any one into thinking that on certain occasions and in certain positions it may be useful, we must show its unbridled and frenzied madness, we must restore to it its attributes, the rack, the cord, the dungeon, and the cross, the fires lighted round men's buried bodies, the hook I that drags both living

men and corpses, the different kinds of fetters, and of punishments, the mutilations of limbs, the branding of the forehead, the dens of savage beasts. Anger should be represented as standing among these her instruments, growling in an ominous and terrible fashion, herself more shocking than any of the means by which she gives vent to her fury.

IV.

There may be some doubt about the others, but at any rate no passion has a worse look. We have described the angry man's appearance in our former books, how sharp and keen he looks, at one time pale as his blood is driven inwards and backwards, at another with all the heat and fire of his body directed to his face, making it reddish-coloured as if stained with blood, his eyes now restless and starting out of his head, now set motionless in one fixed gaze. Add to this his teeth, which gnash against one another, as though he wished to eat somebody, with exactly the sound of a wild boar sharpening his tusks: add also the cracking of his joints, the involuntary wringing of his hands, the frequent slaps he deals himself on the chest, his hurried breathing and deep-drawn sighs, his reeling body, his abrupt broken speech, and his trembling lips, which sometimes he draws tight as he hisses some curse through them. By Hercules, no wild beast, neither when tortured by hunger, or with a weapon struck through its vitals, not even when it gathers its last breath to bite its slayer, looks so shocking as a man raging with anger. Listen, if you have leisure, to his words and threats: how dreadful is the language of his agonized mind! Would not every man wish to lay aside anger when he sees that it begins by injuring himself? When men employ anger as the most powerful of agents, consider it to be a proof of power, and reckon a speedy revenge among the greatest blessings of great prosperity, would you not wish me to warn them that he who is the slave of his own anger is not powerful, nor even free? Would you not wish me to warn all the more industrious and circumspect of men, that while other evil passions assail the base, anger gradually obtains dominion over the minds even of learned and in other respects sensible men? So true is that, that some declare anger to be a proof of straight-forwardness, and it is commonly believed that the best-natured people are prone to it.

V.

You ask me, whither does all this tend? To prove, I answer, that no one should imagine himself to be safe from anger, seeing that it rouses up even those who are naturally gentle and quiet to commit savage and violent acts. As strength of body and assiduous care of the health avail nothing against a pestilence, which attacks the strong and weak alike, so also steady and good-humoured people are just as liable to attacks of anger as those of unsettled character, and in the case of the former it is both more to be ashamed of and more to be feared, because it makes a greater alteration in their habits. Now as the first thing is not to be angry, the second to lay aside our anger, and the third to be able to heal the anger of others as well as our own, I will set forth first how we may avoid falling into anger; next, how we may set ourselves free from it, and, lastly, how we may restrain an angry man, appease his wrath, and bring him back to his right mind.

We shall succeed in avoiding anger, if from time to time we lay before our minds all the vices connected with anger, and estimate it at its real value: it must be prosecuted before us and convicted: its evils must be thoroughly investigated and exposed. That we may see what it is, let it be compared with the worst vices. Avarice scrapes together and amasses riches for some better man to use: anger spends money; few can indulge in it for nothing. How many slaves an angry master drives to run away or to commit suicide! how much more he loses by his anger than the value of what he originally became angry about! Anger brings grief to a father, divorce to a husband, hatred to a magistrate, failure to a candidate for office. It is worse than luxury, because luxury enjoys its own pleasure, while anger enjoys another's pain. It is worse than either spitefulness or envy; for they wish that someone may become unhappy, while anger wishes to make him so: they are pleased when evil befalls one by

accident, but anger cannot wait upon Fortune; it desires to injure its victim personally, and is not satisfied merely with his being injured. Nothing is more dangerous than jealousy: it is produced by anger. Nothing is more ruinous than war: it is the outcome of powerful men's anger; and even the anger of humble private persons, though without arms or armies, is nevertheless war. Moreover, even if we pass over its immediate consequences, such as heavy losses, treacherous plots, and the constant anxiety produced by strife, anger pays a penalty at the same moment that it exacts one: it forswears human feelings. The latter urge us to love, anger urges us to hatred: the latter bid us do men good, anger bids us do them harm. Add to this that, although its rage arises from an excessive self-respect and appears to show high spirit, it really is contemptible and mean: for a man must be inferior to one by whom he thinks himself despised, whereas the truly great mind, which takes a true estimate of its own value, does not revenge an insult because it does not feel it. As weapons rebound from a hard surface, and solid substances hurt those who strike them, so also no insult can make a really great mind sensible of its presence, being weaker than that against which it is aimed. How far more glorious is it to throw back all wrongs and insults from oneself, like one wearing armour of proof against all weapons, for revenge is an admission that we have been hurt. That cannot be a great mind which is disturbed by injury. He who has hurt you must be either stronger or weaker than yourself. If he be weaker, spare him: if he be stronger, spare yourself.

VI.

There is no greater proof of magnanimity than that nothing which befalls you should be able to move you to anger. The higher region of the universe, being more excellently ordered and near to the stars, is never gathered into clouds, driven about by storms, or whirled round by cyclones: it is free from all disturbance: the lightnings flash in the region below it. In like manner a lofty mind, always placid and dwelling in a serene atmosphere, restraining within itself all the impulses from which anger springs, is modest, commands respect, and remains calm and collected: none of which qualities will you find in an angry man: for who, when under the influence of grief and rage. does not first get rid of bashfulness? who, when excited and confused and about to attack someone, does not fling away any habits of shamefacedness he may have possessed? what angry man attends to the number or routine of his duties? who uses moderate language? Who keeps any part of his body quiet? who can guide himself when in full career? We shall find much profit in that sound maxim of Democritus which defines peace of mind to consist in not labouring much, or too much for our strength, either in public or private matters. A man's day, if he is engaged in many various occupations, never passes so happily that no man or no thing should give rise to some offence which makes the mind ripe for anger. Just as when one hurries through the crowded parts of the city one cannot help jostling many people, and one cannot help slipping at one place, being hindered at another, and splashed at another, so when one's life is spent in disconnected pursuits and wanderings, one must meet with many troubles and many accusations. One man deceives our hopes, another delays their fulfillment, another destroys them: our projects do not proceed according to our intention. No one is so favoured by Fortune as to find her always on his side if he tempts her often: and from this it follows that he who sees several enterprises

turn out contrary to his wishes becomes dissatisfied with both men and things, and on the slightest provocation flies into a rage with people, with undertakings, with places, with fortune, or with himself. In order, therefore, that the mind may be at peace, it ought not to be hurried hither and thither, nor, as I said before, wearied by labour at great matters, or matters whose attainment is beyond its strength. It is easy to fit one's shoulder to a light burden, and to shift it from one side to the other without dropping it: but we have difficulty in bearing the burdens which others' hands lay upon us, and when overweighted by them we fling them off upon our neighbours. Even when we do stand upright under our load, we nevertheless reel beneath a weight which is beyond our strength.

VII.

Be assured that the same rule applies both to public and private life: simple and manageable undertakings proceed according to the pleasure of the person in charge of them, but enormous ones, beyond his capacity to manage, are not easily undertaken. When he has got them to administer, they hinder him, and press hard upon him, and just as he thinks that success is within his grasp, they collapse, and carry him with them: thus it comes about that a man's wishes are often disappointed if he does not apply himself to easy tasks, yet wishes that the tasks which he undertakes may be easy. Whenever you would attempt anything, first form an estimate both of your own powers, of the extent of the matter which you are undertaking, and of the means by which you are to accomplish it: for if you have to abandon your work when it is half done, the disappointment will sour your temper. In such cases, it makes a difference whether one is of an ardent or of a cold and unenterprising temperament: for failure will rouse a generous spirit to anger, and will move a sluggish and dull one to sorrow. Let our undertakings, therefore, be neither petty nor yet presumptuous and reckless: let our hopes not range far from home: let us attempt nothing which if we succeed will make us astonished at our success.

VIII.

Since we know not how to endure an injury, let us take care not to receive one: we should live with the quietest and easiest-tempered persons, not with anxious or with sullen ones: for our own habits are copied from those with whom we associate, and just as some bodily diseases are communicated by touch, so also the mind transfers its vices to its neighbours. A drunkard leads even those who reproach him to grow fond of wine: profligate society will, if permitted, impair the morals even of robust-minded men: avarice infects those nearest it with its poison. Virtues do the same thing in the opposite direction, and improve all those with whom they are brought in contact: it is as good for one of unsettled principles to associate with better men than himself as for an invalid to live in a warm country with a healthy climate. You will understand how much may be effected this way, if you observe how even wild beasts grow tame by dwelling among us, and how no animal, however ferocious, continues to be wild, if it has long been accustomed to human companionship: all its savageness becomes softened, and amid peaceful scenes is gradually forgotten. We must add to this, that the man who lives with quiet people is not only improved by their example, but also by the fact that he finds no reason for anger and does not practise his vice: it will, therefore, be his duty to avoid all those who he knows will excite his anger. You ask, who these are: many will bring about the same thing by various means; a proud man will offend you by his disdain, a talkative man by his abuse, an impudent man by his insults, a spiteful man by his malice, a quarrelsome man by his wrangling, a braggart and liar by his vain-gloriousness: you will not endure to be feared by a suspicious man, conquered by an obstinate one, or scorned by an ultra-refined one: Choose straightforward, good-natured, steady people, who will not provoke your wrath, and will bear with it. Those whose dispositions are yielding, polite and suave, will be of even greater

service, provided they do not flatter, for excessive obsequiousness irritates bad-tempered men. One of my own friends was a good man indeed, but too prone to anger, and it was as dangerous to flatter him as to curse him. Caelius the orator, it is well known, was the worsttempered man possible. It is said that once he was dining in his own chamber with an especially long-suffering client, but had great difficulty when thrown thus into a man's society to avoid quarrelling with him. The other thought it best to agree to whatever he said, and to play second fiddle, but Caelius could not bear his obsequious agreement, and exclaimed, "Do contradict me in something, that there may be two of us!" Yet even he, who was angry at not being angry, soon recovered his temper, because he had no one to fight with. If, then, we are conscious of an irascible disposition, let us especially choose for our friends those who will look and speak as we do: they will pamper us and lead us into a bad habit of listening to nothing that does not please us, but it will be good to give our anger respite and repose. Even those who are naturally crabbed and wild will yield to caresses: no creature continues either angry or frightened if you pat him. Whenever a controversy seems likely to be longer or more keenly disputed than usual, let us check its first beginnings, before it gathers strength. A dispute nourishes itself as it proceeds, and takes hold of those who plunge too deeply into it: it is easier to stand aloof than to extricate oneself from a struggle.

IX.

Irascible men ought not to meddle with the more serious class of occupations, or, at any rate, ought to stop short of weariness in the pursuit of them; their mind ought not to be engaged upon hard subjects, but handed over to pleasing arts: let it be softened by reading poetry, and interested by legendary history: let it be treated with luxury and refinement. Pythagoras used to calm his troubled spirit by playing upon the lyre: and who does not know that trumpets and clarions are irritants, just as some airs are lullabies and soothe the mind? Green is good for wearied eyes, and some colours are grateful to weak sight, while the brightness of others is painful to it. In the same way cheerful pursuits soothe unhealthy minds. We must avoid law courts, pleadings, verdicts, and everything else that aggravates our fault, and we ought no less to avoid bodily weariness; for it exhausts all that is quiet and gentle in us, and rouses bitterness. For this reason those who cannot trust their digestion, when they are about to transact business of importance always allay their bile with food, for it is peculiarly irritated by fatigue, either because it draws the vital heat into the middle of the body, and injures the blood and stops its circulation by the clogging of the veins, or else because the worn-out and weakened body reacts upon the mind: this is certainly the reason why those who are broken by ill health or age are more irascible than other men. Hunger also and thirst should be avoided for the same reason; they exasperate and irritate men's minds: it is an old saying that "a weary man is quarrelsome": and so also is a hungry or a thirsty man, or one who is suffering from any cause whatever: for just as sores pain one at the slightest touch, and afterwards even at the fear of being touched, so an unsound mind takes offence at the slightest things, so that even a greeting, a letter, a speech, or a question, provokes some men to anger.

X.

That which is diseased can never bear to be handled without complaining: it is best, therefore, to apply remedies to oneself as soon as we feel that anything is wrong, to allow oneself as little licence as possible in speech, and to restrain one's impetuosity: now it is easy to detect the first growth of our passions: the symptoms precede the disorder. Just as the signs of storms and rain come before the storms themselves, so there are certain forerunners of anger, love, and all the storms which torment our minds. Those who suffer from epilepsy know that the fit is coming on if their extremities become cold, their sight fails, their sinews tremble, their memory deserts them, and their head swims: they accordingly check the growing disorder by applying the usual remedies: they try to prevent the loss of their senses by smelling or tasting some drug; they battle against cold and stiffness of limbs by hot fomentations; or, if all remedies fail, they retire apart, and faint where no one sees them fall. It is useful for a man to understand his disease, and to break its strength before it becomes developed. Let us see what it is that especially irritates us. Some men take offence at insulting words, others at deeds: one wishes his pedigree, another his person, to be treated with respect. This man wishes to be considered especially fashionable, that man to be thought especially learned: one cannot bear pride, another cannot bear obstinacy. One thinks it beneath him to be angry with his slaves, another is cruel at home, but gentle abroad. One imagines that he is proposed for office because he is unpopular, another thinks himself insulted because he is not proposed. People do not all take offence in the same way; you ought then to know what your own weak point is, that you may guard it with especial care.

XI.

It is better not to see or to hear everything: many causes of offence may pass by us, most of which are disregarded by the man who ignores them. Would you not be irascible? then be not inquisitive. He who seeks to know what is said about him, who digs up spiteful tales even if they were told in secret, is himself the destroyer of his own peace of mind. Some stories may be so construed as to appear to be insults: wherefore it is best to put some aside, to laugh at others, and to pardon others. There are many ways in which anger may be checked; most things may be turned into jest. It is said that Socrates when he was given a box on the ear, merely said that it was a pity a man could not tell when he ought to wear his helmet out walking. It does not so much matter how an injury is done, as how it is borne; and I do not see how moderation can be hard to practise, when I know that even despots, though success and impunity combine to swell their pride, have sometimes restrained their natural ferocity. At any rate, tradition informs us that once, when a guest in his cups bitterly reproached Pisistratus, the despot of Athens, for his cruelty, many of those present offered to lay hands on the traitor, and one said one thing and one another to kindle his wrath, he bore it coolly, and replied to those who were egging him on, that he was no more angry with the man than he should be with one who ran against him blindfold.

XII.

A large part of mankind manufacture their own grievances either by entertaining unfounded suspicions or by exaggerating trifles. Anger often comes to us, but we often go to it. It ought never to be sent for: even when it falls in our way it ought to be flung aside. No one says to himself, "I myself have done or might have done this very thing which I am angry with another for doing." No one considers the intention of the doer, but merely the thing done . yet we ought to think about him, and whether he did it intentionally or accidentally, under compulsion or under a mistake, whether he did it out of hatred for us, or to gain something for himself, whether he did it to please himself or to serve a friend. In some cases the age, in others the worldly fortunes of the culprit may render it humane or advantageous to bear with him and put up with what he has done. Let us put ourselves in the place of him with whom we are angry: at present an overweening conceit of our own importance makes us prone to anger, and we are quite willing to do to others what we cannot endure should be done to ourselves. No one will postpone his anger: yet delay is the best remedy for it, because it allows its first glow to subside, and gives time for the cloud which darkens the mind either to disperse or at any rate to become less dense. Of these wrongs which drive you frantic, some will grow lighter after an interval, not of a day, but even of an hour: some will vanish altogether. Even if you gain nothing by your adjournment, still what you do after it will appear to be the result of mature deliberation, not of anger. If you want to find out the truth about anything, commit the task to time: nothing can be accurately discerned at a time of disturbance. Plato, when angry with his slave, could not prevail upon himself to wait, but straightway ordered him to take off his shirt and present his shoulders to the blows which he meant to give him with his own hand: then, when he perceived that he was angry, he stopped the hand which he had raised in the air, and

stood like one in act to strike. Being asked by a friend who happened to come in, what he was doing, he answered: "I am making an angry man expiate his crime." He retained the posture of one about to give way to passion, as if struck with astonishment at its being so degrading to a philosopher, forgetting the slave, because he had found another still more deserving of punishment. He therefore denied himself the exercise of authority over his own household, and once, being rather angry at some fault, said, "Speusippus, will you please to correct that slave with stripes; for I am in a rage." He would not strike him, for the very reason for which another man would have struck him. "I am in a rage," said he; "I should beat him more than I ought: I should take more pleasure than I ought in doing so: let not that slave fall into the power of one who is not in his own power." Can anyone wish to grant the power of revenge to an angry man, when Plato himself gave up his own right to exercise it? While you are angry, you ought not to be allowed to do anything. "Why?" do you ask? Because when you are angry there is nothing that you do not wish to be allowed to do.

XIII.

Fight hard with yourself and if you cannot conquer anger, do not let it conquer you: you have begun to get the better of it if it does not show itself, if it is not given vent. Let us conceal its symptoms, and as far as possible keep it secret and hidden. It will give us great trouble to do this, for it is eager to burst forth, to kindle our eyes and to transform our face; but if we allow it to show itself in our outward appearance, it is our master. Let it rather be locked in the innermost recesses of our breast, and be borne by us, not bear us: nay, let us replace all its symptoms by their opposites; let us make our countenance more composed than usual, our voice milder, our step slower. Our inward thoughts gradually become influenced by our outward demeanour. With Socrates it was a sign of anger when he lowered his voice, and became sparing of speech; it was evident at such times that he was exercising restraint over himself. His friends, consequently, used to detect him acting thus, and convict him of being angry; nor was he displeased at being charged with concealment of anger; indeed, how could he help being glad that many men should perceive his anger, yet that none should feel it? they would however, have felt it had not he granted to his friends the same right of criticizing his own conduct which he himself assumed over theirs. How much more needful is it for us to do this? let us beg all our best friends to give us their opinion with the greatest freedom at the very time when we can bear it least, and never to be compliant with us when we are angry. While we are in our right senses, while we are under our own control, let us call for help against so powerful an evil, and one which we regard with such unjust favour. Those who cannot carry their wine discreetly, and fear to be betrayed into some rash and insolent act, give their slaves orders to take them away from the banquet when they are drunk; those who know by experience how unreasonable they are when sick give orders that no one is to obey

them when they are in ill health. It is best to prepare obstacles beforehand for vices which are known, and above all things so to tranquilize our mind that it may bear the most sudden and violent shocks either without feeling anger, or, if anger be provoked by the extent of some unexpected wrong, that it may bury it deep, and not betray its wound. That it is possible to do this will be seen, if I quote a few of an abundance of examples, from which we may learn both how much evil there is in anger, when it exercises entire dominion over men in supreme power, and how completely it can control itself when over-awed by fear.

XIV.

King Cambyses2 was excessively addicted to wine. Præxaspes was the only one of his closest friends who advised him to drink more sparingly, pointing out how shameful a thing drunkenness was in a king, upon whom all eyes and ears were fixed. Cambyses answered, "That you may know that I never lose command of myself, I will presently prove to you that both my eyes and my hands are fit for service after I have been drinking." Hereupon he drank more freely than usual, using larger cups, and when heavy and besotted with wine ordered his reprover's son to go beyond the threshold and stand there with his left hand raised above his head: then he bent his bow and pierced the youth's heart, at which he had said that he aimed. He then had his. breast cut open, showed the arrow sticking exactly into the heart, and, looking at the boy's father, risked whether his hand was not steady enough. He replied, that Apollo himself could not have taken better aim. God confound such a man, a slave in mind, if not in station! He actually praised an act which he ought not to have endured to witness. He thought that the breast of his son being torn asunder, and his heart quivering with its wound, gave him an opportunity of making a complimentary speech. He ought to have raised a dispute with him about his success, and have called for another shot, that the king might be pleased to prove upon the person of the father that his hand was even steadier than when he shot the son. What a savage king! what a worthy mark for all his follower's arrows! Yet though we curse him for making his banquet end in cruelty and death, still it was worse to praise that arrow-shot than to shoot it. We shall see hereafter how a father ought to bear himself when standing over the corpse of his son, whose murder he had both caused and witnessed: the matter which we are now discussing, has been proved, I mean, that anger can be suppressed. He did not curse the king, he did not so much as let fall a single inauspicious word,

though he felt his own heart as deeply wounded as that of his son. He may be said to have done well in choking down his words; for though he might have spoken as an angry man, yet he could not have expressed what he felt as a father. He may, I repeat, be thought to have behaved with greater wisdom on that occasion than when he tried to regulate the drink of one who was better employed in drinking wine than in drinking blood, and who granted men peace while his hands were busy with the winecup. He, therefore, added one more to the number of those who have shown to their bitter cost how little kings care for their friends' good advice.

XV.

I have no doubt that Harpagus must have given some such advice to the king of the Persians and of himself, in anger at which the king placed Harpagus's own children before him on the dinner-table for him to eat, and asked him from time to time, whether he liked the seasoning. Then, when he saw that he was satiated with his own misery, he ordered their heads to be brought to him, and asked him how he liked his entertainment. The wretched man did not lose his readiness of speech; his face did not change. "Every kind of dinner," said he, "is pleasant at the king's table." What did he gain by this obsequiousness? He avoided being invited a second time to dinner, to eat what was left of them. I do not forbid a father to blame the act of his king, or to seek for some revenge worthy of so bloodthirsty a monster, but in the meanwhile I gather from the tale this fact, that even the anger which arises from unheard of outrages can be concealed, and forced into using language which is the very reverse of its meaning. This way of curbing anger is necessary, at least for those who have chosen this sort of life and who are admitted to dine at a king's table; this is how they must eat and drink, this is how they must answer, and how they must laugh at their own deaths. Whether life is worth having at such a price, we shall see hereafter; that is another question. Let us not console so sorry a crew, or encourage them to submit to the orders of their butchers; let us point out that however slavish a man's condition may be, there is always a path to liberty open to him, unless his mind be diseased. It is a man's own fault if he suffers, when by putting an end to himself he can put an end to his misery. To him whose king aimed arrows at the breasts of his friends, and to him whose master gorged fathers with the hearts of their children, I would say "Madman, why do you groan? for what are you waiting? for some enemy to avenge you by the destruction of your entire nation, or for some powerful king to arrive from a distant

land? Wherever you turn your eyes you may see an end to your woes. Do you see that precipice? Down that lies the road to liberty; do you see that sea? that river? that well? Liberty sits at the bottom of them. Do you see that tree? stunted, blighted, dried up though it be, yet liberty hangs from its branches. Do you see your own throat, your own neck, your own heart? they are so many ways of escape from slavery. Are these modes which I point out too laborious, and needing much strength and courage? do you ask what path leads to liberty? I answer, any vein3 in your body.

XVI.

As long, however, as we find nothing in our life so unbearable as to drive us to suicide, let us, in whatever position we may be, set anger far from us: it is destructive to those who are its slaves. All its rage turns to its own misery, and authority becomes all the more irksome the more obstinately it is resisted. It is like a wild animal whose struggles only pull the noose by which it is caught tighter; or like birds who, while flurriedly trying to shake themselves free, smear birdlime onto all their feathers. No yoke is so grievous as not to hurt him who struggles against it more than him who yields to it: the only way to alleviate great evils is to endure them and to submit to do what they compel. This control of our passions, and especially of this mad and unbridled passion of anger, is useful to subjects, but still more useful to kings. All is lost when a man's position enables him to carry out whatever anger prompts him to do; nor can power long endure if it be exercised to the injury of many, for it becomes endangered as soon as common fear draws together those who bewail themselves separately. Many kings, therefore, have fallen victims, some to single individuals, others to entire peoples, who have been forced by general indignation to make one man the minister of their wrath. Yet many kings have indulged their anger as though it were a privilege of royalty, like Darius, who, after the dethronement of the Magian, was the first ruler of the Persians and of the greater part of the East: for when he declared war 4 against the Scythians who bordered on the empire of the East, Oeobazus, an aged noble, begged that one of his three sons might be left at home to comfort his father, and that the king might be satisfied with the services of two of them. Darius promised him more than he asked for, saying that he would allow all three to remain at home, and flung their dead bodies before their father's eyes. He would have been harsh, had he taken them all to the war with him. How much more good-natured was Xerxes, who,

when Pythias, the father of five sons, begged for one to be excused from service, permitted him to choose which he wished for. He then tore the son whom the father had chosen into two halves, placed one on each side of the road, and, as it were, purified his army by means of this propitiatory victim. He therefore had the end which he deserved, being defeated, and his army scattered far and wide in utter rout, while he in the midst of it walked among the corpses of his soldiers, seeing on all sides the signs of his own overthrow.

XVII.

So ferocious in their anger were those kings who had no learning, no tincture of polite literature: now I will show you King Alexander (the Great), fresh from the lap of Aristotle, who with his own hand while at table stabbed Clitus, his dearest friend, who had been brought up with him, because he did not flatter him enough, and was too slow in transforming himself from a free man and a Macedonian into a Persian slave. Indeed he shut up Lysimachus, who was no less his friend than Clitus, in a cage with a lion; yet did this make Lysimachus, who escaped by some happy chance from the lion's teeth, any gentler when he became a king? Why, he mutilated his own friend, Telesphorus the Rhodian, cutting off his nose and ears, and kept him for a long while in a den, like some new and strange animal, after the hideousness of his hacked and disfigured face had made him no longer appear to be human, assisted by starvation and the squalid filth of a body loft to wallow in its own dung! Besides this, his hands and knees, which the narrowness of his abode forced him to use instead of his feet, became hard and callous, while his sides were covered with sores by rubbing against the walls, so that his appearance was no less shocking than frightful, and his punishment turned him into so monstrous a creature that he was not even pitied. Yet, however unlike a man he was who suffered this, even more unlike was he who inflicted it.

XVIII.

Would to heaven that such savagery had contented itself with foreign examples, and that barbarity in anger and punishment had not been imported with other outlandish vices into our Roman manners! Marcus Marius, to whom the people erected a statue in every street, to whom they made offerings of incense and wine, had, by the command of Lucius Sulla, his legs broken, his eyes pulled out, his hands cut off, and his whole body gradually torn to pieces limb by limb, as if Sulla killed him as many times as he wounded him. Who was it who carried out Sulla's orders? who but Catiline, already practising his hands in every sort of wickedness? He tore him to pieces before the tomb of Quintus Catulus, an unwelcome burden to the ashes of that gentlest of men, above which one who was no doubt a criminal, yet nevertheless the idol of the people, and who was not undeserving of love, although men loved him beyond all reason, was forced to shed his blood drop by drop. Though Marius deserved such tortures, yet it was worthy of Sulla to order them, and of Catiline to execute them; but it was unworthy of the State to be stabbed by the swords of her enemy and her avenger alike. Why do I pry into ancient history? quite lately Gaius Caesar flogged and tortured Sextus Papinius, whose father was a consular, Betilienas Bassus, his own quaestor, and several others, both senators and knights, on the same day, not to carry out any judicial inquiry, but merely to amuse himself. Indeed, so impatient was he of any delay in receiving the pleasure which his monstrous cruelty never delayed in asking, that when walking with some ladies and senators in his mother's gardens, along the walk between the colonnade and the river, he struck off some of their heads by lamplight. What did he fear? what public or private danger could one night threaten him with? how very small a favour it would have been to wait until morning, and not to kill the Roman people's senators in his slippers?

XIX.

It is to the purpose that we should know how haughtily his cruelty was exercised, although someone might suppose that we are wandering from the subject and embarking on a digression; but this digression is itself connected with unusual outbursts of anger. He beat senators with rods; he did it so often that he made men able to say, "It is the custom." He tortured them with all the most dismal engines in the world, with the cord, the boots, the rack, the fire, and the sight of his own face. Even to this we may answer, "To tear three senators to pieces with stripes and fire like criminal slaves was no such great crime for one who had thoughts of butchering the entire Senate, who was wont to wish that the Roman people had but one neck, that he might concentrate into one day and one blow all the wickedness which he divided among so many places and times. Was there ever anything so unheard-of as an execution in the night-time? Highway robbery seeks for the shelter of darkness, but the more public an execution is, the more power it has as an example and lesson. Here I shall be met by: "This, which you are so surprised at, was the daily habit of that monster; this was what he lived for, watched for, sat up at night for." Certainly one could find no one else who would have ordered all those whom he condemned to death to have their mouths closed by a sponge being fastened in them, that they might not have the power even of uttering a sound. What dying man was ever forbidden to groan? He feared that the last agony might find too free a voice, that he might hear what would displease him. He knew, moreover, that there were countless crimes, with which none but a dying man would dare to reproach him. When sponges were not forthcoming, he ordered the wretched men's clothes to be torn up, and the rags stuffed into their mouths. What savagery was this? Let a man draw his last breath: give room for his soul to escape through: let it not be forced to leave the body through a wound. It becomes

tedious to add to this that in the same night he sent centurions to the houses of the executed men and made an end of their fathers also, that is to say, being a compassionate-minded man, he set them free from sorrow: for it is not my intention to describe the ferocity of Gaius, but the ferocity of anger, which does not merely vent its rage upon individuals, but rends in pieces whole nations, and even lashes cities, rivers, and things which have no sense of pain.

XX.

Thus, the king of the Persians cut off the noses of a whole nation in Syria, wherefore the place is called Rhinocolura. Do you think that he was merciful, because he did not cut their heads off altogether? no, he was delighted at having invented a new kind of punishment. Something of the same kind would have befallen the Æthiopians, who on account of their prodigiously long lives are called Macrobiotae; for, because they did not receive slavery with hands uplifted to heaven in thankfulness, and sent an embassy which used independent, or what kings call insulting language, Cambyses became wild with rage, and, without any store of provisions, or any knowledge of the roads, started with all his fighting men through an arid and trackless waste, where during the first day's march the necessaries of life failed, and the country itself furnished nothing, being barren and uncultivated, and untrodden by the foot of man. At first the tenderest parts of leaves and shoots of trees relieved their hunger, then hides softened by fire, and anything else that their extremity drove them to use as food. When as they proceeded neither roots nor herbs were to be found in the sand, and they found a wilderness destitute even of animal life, they chose each tenth man by lot and made of him a meal which was more cruel than hunger. Rage still drove the king madly forwards, until after he had lost one part of his army and eaten another he began to fear that he also might be called upon to draw the lot for his life; then at last he gave the order for retreat. Yet all the while his well-bred hawks were not sacrificed, and the means of feasting were carried for him on camels, while his soldiers were drawing lots for who should miserably perish, and who should yet more miserably live.

XXI.

This man was angry with an unknown and inoffensive nation, which nevertheless was able to feel his wrath; but Cyrus was angry with a river. When hurrying to besiege Babylon, since in making war it is above all things important to seize one's opportunity, he tried to ford the wide-spread river Gyndes, which it is hardly safe to attempt even when the river has been dried up by the summer heat and is at its lowest. Here one of the white horses which drew the royal chariot was washed away, and his loss moved the king to such violent rage, that he swore to reduce the river which had carried off his royal retinue to so low an ebb that even women should walk across it and trample upon it. He thereupon devoted all the resources of his army to this object, and remained working until by cutting one hundred and eighty channels across the bed of the river he divided it into three hundred and sixty brooks, and left the bed dry, the waters flowing through other channels. Thus he lost time, which is very important in great operations, and lost, also, the soldiers' courage, which was broken by useless labour, and the opportunity of falling upon his enemy unprepared, while he was waging against the river the war which he had declared against his foes. This frenzy, for what else can you call it, has befallen Romans also, for G. Caesar destroyed a most beautiful villa at Herculaneum because his mother was once imprisoned in it, and has thus made the place notorious by its misfortune; for while it stood, we used to sail past it without noticing it, but now people inquire why it is in ruins.

XXII.

These should be regarded as examples to be avoided, and what I am about to relate, on the contrary, to be followed, being examples of gentle and lenient conduct in men who both had reasons for anger and power to avenge themselves. What could have been easier than for Antigonus to order those two common soldiers to be executed who leaned against their king's tent while doing what all men especially love to do, and run the greatest danger by doing, I mean while they spoke evil of their king. Antigonus heard all they said, as was likely, since there was only a piece of cloth between the speakers and the listener, who gently raised it, .and said "Go a little further off, for fear the king should hear you." He also on one night, hearing some of his soldiers invoking everything that was evil upon their king for having brought them along that road and into that impassable mud, went to those who were in the greatest difficulties, and having extricated them without their knowing who was their helper, said, "Now curse Antigonus, by whose fault you have fallen into this trouble, but bless the man who has brought you out of this slough." This same Antigonus bore the abuse of his enemies as goodnaturedly as that of his countrymen; thus when he was besieging some Greeks in a little fort, and they, despising their enemy through their confidence in the strength of their position, cut many jokes upon the ugliness of Antigonus, at one time mocking him for his shortness of stature, at another for his broken nose, he answered, "I rejoice, and expect some good fortune because I have a Silenus in my camp." After he had conquered these witty folk by hunger, his treatment of them was to form regiments of those who were fit for service, and sell the rest by public auction; nor would he, said he, have done this had it not been better that men who had such evil tongues should be under the control of a master.

XXIII.

This man's grandson was Alexander, who used to hurl his lance at his guests, who, of the two friends which I have mentioned above, exposed one to the rage of a wild beast, and the other to his own; yet of these two men, he who was exposed to the lion survived. He did not derive this vice from his grandfather, nor even from his father; for it was an especial virtue of Philip's to endure insults patiently, and was a great safeguard of his kingdom. Demochares, who was surnamed Parrhesiastes on account of his unbridled and impudent tongue, came on an embassy to him with other ambassadors from Athens. After graciously listening to what they had to say, Philip said to them, "Tell me, what can I do that will please the Athenians?" Demochares took him up, and answered, "Hang yourself." All the bystanders expressed their indignation at so brutal an answer, but Philip bade them be silent, and let this Thersites depart safe and sound. "But do you," said he, "you other ambassadors, tell the Athenians that those who say such things are much more arrogant than those who hear them without revenging themselves." The late Emperor Augustus also did and said many memorable things, which prove that he was not under the dominion of anger. Timagenes, the historical writer, made some remarks upon him, his wife, and his whole family: nor did his jests fall to the ground, for nothing spreads more widely or is more in people's mouths than reckless wit. Caesar often warned him to be less audacious in his talk, and as he continued to offend, forbade him his house. Timagenes after this passed the later years of his life as the guest of Asinius Pollio, and was the favourite of the whole city: the closing of Caesar's door did not close any other door against him. He read aloud the history which he wrote after this, but burned the books which contained the doings of Augustus Caesar. He was at enmity with Caesar, but yet no one feared to be his friend, no one shrank from him as though he were

blasted by lightning: although he fell from so high a place, yet someone was found to catch him in his lap. Caesar, I say, bore this with patience, and was not even irritated by the historian's having laid violent hands upon his own glories and acts: he never complained of the man who afforded his enemy shelter, but merely said to Asinius Pollio "You are keeping a wild beast:" then, when the other would have excused his conduct, he stopped him, and said "Enjoy, my Pollio, enjoy his friendship." When Pollio said, "If you order me, Caesar, I will straightway forbid him my house," he answered, "Do you think that I am likely to do this, after having made you friends again?" for formerly Pollio had been angry with Timagenes, and ceased to be angry with him for no other reason than that Caesar began to be so.

XXIV.

Let everyone, then, say to himself, whenever he is provoked, "Am I more powerful than Philip? yet he allowed a man to curse him with impunity. Have I more authority in my own house than the Emperor Augustus possessed throughout the world? yet he was satisfied with leaving the society of his maligner. Why should I make my slave atone by stripes and manacles for having answered me too loudly or having put on a stubborn look, or muttered something which I did not catch? Who am I, that it should be a crime to shock my ears? Many men have forgiven their enemies: shall I not forgive men for being lazy, careless, and gossipping?" We ought to plead age as an excuse for children, sex for women, freedom for a stranger, familiarity for a house-servant. Is this his first offence? think how long he has been acceptable. Has he often done wrong, and in many other cases? then let us continue to bear what we have borne so long. Is he a friend? then he did not intend to do it. Is he an enemy? then in doing it he did his duty. If he be a sensible man, let us believe his excuses; if a fool, let us grant him pardon; whatever he may be, let us say to ourselves on his behalf, that even the wisest of men are often in fault, that no one is so alert that his carefulness never betrays itself, that no one is of so ripe a judgment that his serious mind cannot be goaded by circumstances into some hotheaded action, that, in fine, no one, however much he may fear to give offence, can help doing so even while he tries to avoid it.

XXV.

As it is a consolation to a humble man in trouble that the greatest are subject to reverses of fortune, and a man weeps more calmly over his dead son in the corner of his hovel if he sees a piteous funeral proceed out of the palace as well; so one bears injury or insult more calmly if one remembers that no power is so great as to be above the reach of harm. Indeed, if even the wisest do wrong, who cannot plead a good excuse for his faults? Let us look back upon our own youth, and think how often we then were too slothful in our duty, too impudent in our speech, too intemperate in our cups. Is anyone angry then let us give him enough time to reflect upon what he has done, and he will correct his own self. But suppose he ought to pay the penalty of his deeds: well, that is no reason why we should act as he does. It cannot be doubted that he who regards his tormentor with contempt raises himself above the common herd and looks down upon them from a loftier position: it is the property of true magnanimity not to feel the blows which it may receive. So does a huge wild beast turn slowly and gaze at yelping curs: so does the wave dash in vain against a great cliff. The man who is not angry remains unshaken by injury: he who is angry has been moved by it. He, however, whom I have described as being placed too high for any mischief to reach him, holds as it were the highest good in his arms: he can reply, not only to any man, but to fortune herself: "Do what you will, you are too feeble to disturb my serenity: this is forbidden by reason, to whom I have entrusted the guidance of my life: to become angry would do me more harm than your violence can do me. 'More harm?' say you. Yes, certainly: I know how much injury you have done me, but I cannot tell to what excesses anger might not carry me."

XXVI.

You say, "I cannot endure it: injuries are hard to bear." You lie; for how can anyone not be able to bear injury, if he can bear to be angry? Besides, what you intend to do is to endure both injury and anger. Why do you bear with the delirium of a sick man, or the ravings of a madman, or the impudent blows of a child? Because, of course, they evidently do not know what they are doing: a man be not responsible for his actions, what does it matter by what malady he became so: the plea of ignorance holds equally good in every case. "What then?" say you, "shall he not be punished?" He will be, even supposing that you do not wish it: for the greatest punishment for having done harm is the sense of having done it, and no one is more severely punished than he who is given over to the punishment of remorse. In the next place, we ought to conder the whole state of mankind, in order to pass a just judgment on all the occurrences of life: for it is unjust to blame individuals for a vice which is common to all. The colour of an Æthiop is not remarkable among this own people, nor is any man in Germany ashamed of red hair rolled into a knot. You cannot call anything peculiar or disgraceful in a particular man if it is the general characteristic of his nation. Now, the cases which I have guoted are defended only by the usage of one out-ofthe-way quarter of the world: see now, how far more deserving of pardon those crimes are which are spread abroad among all mankind. We all are hasty and careless, we all are untrustworthy, dissatisfied, and ambitious: nay, why do I try to hide our common wickedness by a too partial description? we all are bad. Every one of us therefore will find in his own breast the vice which he blames in another. Why do you remark how pale this man, or how lean that man is? there is a general pestilence. Let us therefore be more gentle one to another: we are bad men, living among bad men: there is only one thing which can afford us peace, and that is to agree to forgive one

another. "This man has already injured me," say you, "and I have not yet injured him." No, but you have probably injured someone else, and you will injure him some day. Do not form your judgment by one hour, or one day: consider the whole tendency of your mind: even though you have done no evil, yet you are capable of doing it.

XXVII.

How far better is it to heal an injury than to avenge it? Revenge takes up much time, and throws itself in the way of many injuries while it is smarting under one. We all retain our anger longer than we feel our hurt: how far better it were to take the opposite course and not meet one mischief by another. Would anyone think himself to be in his perfect mind if he were to return kicks to a mule or bites to a dog? "These creatures," you say, "know not that they are doing wrong." Then, in the first place, what an unjust judge you must be if a man has less chance of gaining your forgiveness than a beast! Secondly, if animals are protected from your anger by their want of reason, you ought to treat all foolish men in the like manner: for if a man has that mental darkness which excuses all the wrong-doings of dumb animals, what difference does it make if in other respects he be unlike a dumb animal? He has sinned. Well, is this the first time, or will this be the last time? Why, you should not believe him even if he said, "Never will I do so again." He will sin, and another will sin against him, and all his life he will wallow in wickedness. Savagery must be met by kindness: we ought to use, to a man in anger, the argument which is so effective with one in grief, that is, "Shall you leave off this at some time, or never? If you will do so at some time, how better is it that you should abandon anger than that anger should abandon you? Or, will this excitement never leave you? Do you see to what an unquiet life you condemn yourself? for what will be the life of one who is always swelling with rage?" Add to this, that after you have worked yourself up into a rage, and have from time to time renewed the cranes of your excitement, yet your anger will depart from you of its own accord, and time will sap its strength: how much better then is it that it should be overcome by you than by itself?

XXVIII.

If you are angry, you will quarrel first with this man, and then with that: first with slaves, then with f reedmen: first with parents, then with children: first with acquaintances, then with strangers: for there are grounds for anger in every case, unless your mind steps in and intercedes with you: your frenzy will drag you from one place to another, and from thence to elsewhere, your madness will constantly meet with newly-occurring irritants, and will never depart from you. Tell me, miserable man, what time you will have for loving? O, what good time you are wasting on an evil thing! How much better it would be to win friends, and disarm enemies: to serve the state, or to busy oneself with one's private affairs, rather than to cast about for what harm you can do to somebody, what wound you can inflict either upon his social position, his fortune, or his person, although you cannot succeed in doing so without a struggle and risk to yourself, even if your antagonist be inferior to you. Even supposing that he were handed over to you in chains, and that you were at liberty to torture him as much as you please, yet even then excessive violence in striking a blow often causes us to dislocate a joint, or entangles a sinew in the teeth which it has broken. Anger makes many men cripples, or invalids, even when it meets with an unresisting victim: and besides this, no creature is so weak that it can be destroyed without any danger to its destroyer: sometimes grief, sometimes chance, puts the weakest on a level with the strongest. What shall we say of the fact that the greater part of the things which enrage us are insults, not injuries? It makes a great difference whether a man thwarts my wishes or merely fails to carry them out, whether he robs me or does not give me anything: yet we count it all the same whether a man takes anything from us or refuses to give anything to us, whether he extinguishes our hope or defers it, whether his object be to hinder us or to help himself, whether he acts out of love for

someone or out of hatred for us. Some men are bound to oppose us not only on the ground of justice, but of honour: one is defending his father, another his brother, another his country, another his friend: yet we do not forgive men for doing what we should blame them for not doing; nay, though one can hardly believe it, we often think well of an act, and ill of the man who did it. But, by Hercules, a great and just man looks with respect at the bravest of his enemies, and the most obstinate defender of his freedom and his country, and wishes that he had such a man for his own countryman and soldier.

XXIX.

It is shameful to hate him whom you praise: but how much more shameful is it to hate a man for something for which he deserves to be pitied? If a prisoner of war, who has suddenly been reduced to the condition of a slave, still retains some remnants of liberty, and does not run nimbly to perform foul and toilsome tasks, if, having grown slothful by long rest, he cannot run fast enough to keep pace with his master's horse or carriage, if sleep overpowers him when weary with many days and nights of watching, if he refuses to undertake farm work, or does not do it heartily when brought away from the idleness of city service and put to hard labour, we ought to make a distinction between whether a man cannot or will not do it: we should pardon many slaves, if we began to judge them before we began to be angry with them: as it is, however, we obey our first impulse, and then, although we may prove to have been excited about mere trifles, yet we continue to be angry, lest we should seem to have begun to be angry without cause; and, most unjust of all, the injustice of our anger makes us persist in it all the more; for we nurse it and inflame it, as though to be violently angry proved our anger to be just.

XXX.

How much better is it to observe how trifling, how inoffensive are the first beginnings of anger? You will see that men are subject to the same influences as dumb animals: we are put out by trumpery, futile matters. Bulls are excited by red colour, the asp raises its head at a shadow, bears or lions are irritated at the shaking of a rag, and all creatures who are naturally fierce and wild are alarmed at trifles. The same thing befalls men both of restless and of sluggish disposition; they are seized by suspicions, sometimes to such an extent that they call slight benefits injuries: and these form the most common and certainly the most bitter subject for anger: for we become angry with our dearest friends for having bestowed less upon us than we expected, and less than others have received from them: yet there is a remedy at hand for both these grievances. Has he favoured our rival more than ourselves? then let us enjoy what we have without making any comparisons. A man will never be well off to whom it is a torture to see any one better off than himself. Have I less than I hoped for? well, perhaps I hoped for more than I ought. This it is against which we ought to be especially on our guard: from hence arises the most destructive anger, sparing nothing, not even the holiest. The Emperor Julius was not stabbed by so many enemies as by friends whose insatiable hopes he had not satisfied. He was willing enough to do so, for no one ever made a more generous use of victory, of whose fruits he kept nothing for himself save the power of distributing them; but how could he glut such unconscionable appetites, when each man coveted as much as any one man could possess? This was why he saw his fellow-soldiers standing round his chair with drawn swords, Tillius Cimber, though he had a short time before been the keenest defender of his party, and others who only became Pompeians after Pompeius was dead. This it is which has turned the arms of kings against them, and made their trustiest

followers mate the death of him for whom and before whom they once would have been glad to die.

XXXI.

No man is satisfied with his own lot if he fixes his attention on that of another: and this leads to our being angry even with the gods, because somebody precedes us, though we forget of how many we take precedence, and that when a man envies few people, he must be followed in the background by a huge crowd of people who envy him. Yet so churlish is human nature, that, however much men may have received, they think themselves wronged if they are able to receive still more. "He gave me the praetorship. Yes, but I had hoped for the consulship. He bestowed the twelve axes upon me: true, but he did not make me a regular consul. He allowed me to give my name to the year, but he did not help me to the priesthood. I have been elected a member of the college: but why only of one? He has bestowed upon me every honour that the state affords: yes, but he has added nothing to my private fortune. What he gave me he was obliged to give to somebody: he brought out nothing from his own pocket." Rather than speak thus, thank him for what you have received: wait for the rest, and be thankful that you are not yet too full to contain more: there is a pleasure in having something left to hope for. Are you preferred to everyone? then rejoice at holding the first place in the thoughts of your friend. Or are many others preferred before you? then think how many more are below you than there are above you. Do you ask, what is your greatest fault? It is, that you keep your accounts wrongly: you set a high value upon what you give, and a low one upon what you receive.

XXXII.

Let different qualities in different people keep us from quarrelling with them. let us fear to be angry with some, feel ashamed of being angry with others, and disdain to be angry with others. We do a fine thing, indeed, when we send a wretched slave to the workhouse! Why are we in such a hurry to flog him at once, to break his legs straightway? we shall not lose our boasted power if we defer its exercise. Let us wait for the time when we ourselves can give orders: at present we speak under constraint from anger. When it has passed away we shall see what amount of damage has been done; for this is what we are especially liable to make mistakes about: we use the sword, and capital punishment, and we appoint chains, imprisonment, and starvation to punish a crime which deserves only flogging with a light scourge. "In what way," say you, "do you bid us look at those things by which we think ourselves injured, that we may see how paltry, pitiful, and childish they are?" Of all things I would charge you to take to yourself a magnanimous spirit, and behold how low and sordid all these matters are about which we squabble and run to and fro till we are out of breath; to anyone who entertains any lofty and magnificent ideas, they are not worthy of a thought.

XXXIII.

The greatest hullabaloo is about money: this it is which wearies out the law-courts, sows strife between father and son, concocts poisons, and gives swords to murderers just as to soldiers: it is stained with our blood: on account of it husbands and wives wrangle all night long, crowds press round the bench of magistrates, kings rage and plunder, and overthrow communities which it has taken the labour of centuries to build, that they may seek for gold and silver in the ashes of their cities. Do you like to look at your money-bags lying in the corner? it is for these that men shout till their eyes start from their heads, that the law-courts ring with the din of trials, and that jurymen brought from great distances sit to decide which man's covetousness is the more equitable. What shall we say if it be not even for a bag of money, but for a handful of coppers or a shilling scored up by a slave that some old man, soon to die without an heir, bursts with rage? what if it be an invalid money-lender whose feet are distorted by the gout, and who can no longer use his hands to count with, who calls for his interest of one thousandth a month, and by his sureties demands his pence even during the paroxysms of his disease? If you were to bring to me all the money from all our mines, which we are at this moment sinking, if you were to bring to-night all that is concealed in hoards, where avarice returns money to the earth from whence it came, and pity that it ever was dug out—all that mass I should not think worthy to cause a wrinkle on the brow of a good man. What ridicule those things deserve which bring tears into our eyes!

XXXIV.

Come now, let us enumerate the other causes of anger: they are food, drink, and the showy apparatus connected with them, words, insults, disrespectful movements of the body, suspicions, obstinate cattle, lazy slaves, and spiteful construction put upon other men's words, so that even the gift of language to mankind becomes reckoned among the wrongs of nature. Believe me, the things which cause us such great heat are trifles, the sort of things that children fight and squabble over: there is nothing serious, nothing important in all that we do with such gloomy faces. It is, I repeat, the setting a great value on trifles that is the cause of your anger and madness. This man wanted to rob me of my inheritance, that one has brought a charge against me before persons whom I had long courted with great expectations, that one has coveted my mistress. A wish for the same things, which ought to have been a bond of friendship, becomes a source of quarrels and hatred. A narrow path causes quarrels among those who pass up and down it; a wide and broadly spread road may be used by whole tribes without jostling. Those objects of desire of yours cause strife and disputes among those who covet the same things, because they are petty, and cannot be given to one man without being taken away from another.

XXXV.

You are indignant at being answered back by your slave, your freedman, your wife, or your client: and then you complain of the state having lost the freedom which you have destroyed in your own house: then again if he is silent when you question him, you call it sullen obstinacy. Let him both speak and be silent, and laugh too. "In the presence of his master?" you ask. Nay, say rather "in the presence of the house-father." Why do you shout? why do you storm? why do you in the middle of dinner call for a whip, because the slaves are talking, because a crowd as large as a public meeting is not as silent as the wilderness? You have ears, not merely that you may listen to musical sounds, softly and sweetly drawn out and harmonized: you ought to hear laughter and weeping, coaxing and guarrelling, joy and sorrow, the human voice and the roaring and barking of animals. Miserable one! why do you shudder at the noise of a slave, at the rattling of brass or the banging of a door? you cannot help hearing the thunder, however refined you may be. You may apply these remarks about your ears with equal truth to your eyes, which are just as dainty, if they have been badly schooled: they are shocked at stains and dirt, at silver plate which is not sufficiently bright, or at a pool whose water is not clear down to the bottom. Those same eyes which can only endure to see the most variegated marble, and that which has just been scoured bright, which will look at no table whose wood is not marked with a network of veining, and which at home are loath to tread upon anything that is not more precious than gold, will, when out of doors, gaze most calmly upon rough and miry paths, will see unmoved that the greater number of persons that meet them are shabbily dressed, and that the walls of the houses are rotten, full of cracks, and uneven. What, then, can be the reason that they are not distressed out of doors by sights which would shock them in their own home, unless it be that their temper is

placid and long-suffering in one case, sulky and fault-finding in the other?

XXXVI.

All our senses should be educated into strength: they are naturally able to endure much, provided that the spirit forbears to spoil them. The spirit ought to be brought up for examination daily. It was the custom of Sextius when the day was over, and he had betaken himself to rest, to inquire of his spirit: "What bad habit of yours have you cured to-day? what vice have you checked? in what respect are you better?" Anger will cease, and become more gentle, if it knows that every day it will have to appear before the judgment seat. What can be more admirable than this fashion of discussing the whole of the day's events? how sweet is the sleep which follows this selfexamination? how calm, how sound, and careless is it when our spirit has either received praise or reprimand, and when our secret inquisitor and censor has made his report about our morals? I make use of this privilege, and daily plead my cause before myself: when the lamp is taken out of my sight, and my wife, who knows my habit, has ceased to talk, I pass the whole day in review before myself, and repeat all that I have said and done: I conceal nothing from myself, and omit nothing: for why should I be afraid of any of my shortcomings, when it is in my power to say, "I pardon you this time: see that you never do that anymore? In that dispute you spoke too contentiously: do not for the future argue with ignorant people: those who have never been taught are unwilling to learn. You reprimanded that man with more freedom than you ought, and consequently you have offended him instead of amending his ways: in dealing with other cases of the kind, you should look carefully, not only to the truth of what you say, but also whether the person to whom you speak can bear to be told the truth." A good man delights in receiving advice: all the worst men are the most impatient of guidance.

XXXVII.

At the dinner-table some jokes and sayings intended to give you pain have been directed against you: avoid feasting with low people. Those who are not modest even when sober become much more recklessly impudent after drinking. You have seen your friend in a rage with the porter of some lawyer or rich man, because he has sent him back when about to enter, and you yourself on behalf of your friend have been in a rage with the meanest of slaves. Would you then be angry with a chained house-dog? Why, even he, after a long bout of barking, becomes gentle if you offer him food. So draw back and smile; for the moment your porter fancies himself to be somebody, because he guards a door which is beset by a crowd of litigants; for the moment he who sits within is prosperous and happy, and thinks that a street-door through which it is hard to gain entrance is the mark of a rich and powerful man; he knows not that the hardest door of all to open is that of the prison. Be prepared to submit to much. Is anyone surprised at being cold in winter? at being sick at sea? or at being jostled in the street? The mind is strong enough to bear those evils for which it is prepared. When you are not given a sufficiently distinguished place at table you have begun to be angry with your fellow-quests, with your host, and with him who is preferred above you. Idiot! What difference can it make what part of the couch you rest upon? Can a cushion give you honour or take it away? You have looked askance at somebody, because he has spoken slightingly of your talents; will you apply this rule to yourself? If so, Ennius, whose poetry you do not care for, would have hated you. Hortensius, if you had found fault with his speeches, would have guarreled with you, and Cicero, if you had laughed at his poetry, would have been your enemy. A candidate for office, will you resent men's votes?

XXXVIII.

Someone has offered you an insult? Not a greater one, probably, than was offered to the Stoic philosopher Diogenes, in whose face an insolent young man spat just when he was lecturing upon anger. He bore it mildly and wisely. "I am not angry," said he, "but I am not sure that I ought not to be angry." Yet how much better did our Cato behave? When he was pleading, one Lentulus, whom our fathers remember as a demagogue and passionate man, spat all the phlegm he could muster upon his forehead. Cato wiped his face, and said, "Lentulus, I shall declare to all the world that men are mistaken when they say that you are wanting in cheek."

XXXIX.

We have now succeeded, my Novatus, in properly regulating our own minds: they either do not feel anger or are above it: let us next see how we may soothe the wrath of others, for we do not only wish to be whole, but to heal. You should not attempt to allay the first burst of anger by words: it is deaf and frantic: we must give it scope; our remedies will only be effective when it slackens. We do not meddle with men's eyes when they are swollen, because we should only irritate their hard stiffness by touching them, nor do we try to cure other diseases when at their height: the best treatment in the first stage of illness is rest. "Of how very little value," say you, "is your remedy, if it appearses anger which is subsiding of its own accord?" In the first place, I answer, it makes it end quicker: in the next, it prevents a relapse. It can render harmless even the violent impulse which it dares not soothe: it will put out of the way all weapons which might be used for revenge: it will pretend to be angry, in order that its advice may have more weight as coming from an assistant and comrade in grief. It will invent delays, and postpone immediate punishment while a greater one is being sought for: it will use every artifice to give the man a respite from his frenzy. If his anger be unusually strong, it will inspire him with some irresistible feeling of shame or of fear: if weak, it will make use of conversation on amusing or novel subjects, and by playing upon his curiosity lead him to forget his passion. We are told that a physician, who was forced to cure the king's daughter, and could not without using the knife, conveyed a lancet to her swollen breast concealed under the sponge with which he was fomenting it. The same girl, who would have shrunk from the remedy if he had applied it openly, bore the pain because she did not expect it. Some diseases can only be cured by deceit.

XL.

To one class of men you will say, "Beware, lest your anger give pleasure to your foes:" to the other, "Beware lest your greatness of mind and the reputation it bears among most people for strength become impaired. I myself, by Hercules, am scandalized at your treatment and am grieved beyond measure, but we must wait for a proper opportunity. He shall pay for what he has done; be well assured of that: when you are able you shall return it to him with interest." To reprove a man when he is angry is to add to his anger by being angry oneself. You should approach him in different ways and in a compliant fashion, unless perchance you be so great a personage that you can quash his anger, as the Emperor Augustus did when he was dining with Vedius Pollio. One of the slaves had broken a crystal goblet of his: Vedius ordered him to be led away to die, and that too in no common fashion: he ordered him to be thrown to feed the muraenae, some of which fish, of great size, he kept in a tank. Who would not think that he did this out of luxury? but it was out of cruelty. The boy slipped through the hands of those who tried to seize him, and flung himself at Caesar's feet in order to beg for nothing more than that he might die in some different way, and not be eaten. Caesar was shocked at this novel form of cruelty, and ordered him to be let go, and, in his place, all the crystal ware which he saw before him to be broken, and the tank to be filled up. This was the proper way for Caesar to reprove his friend: he made a good use of his power. What are you, that when at dinner you order men to be put to death, and mangled by an unheard-of form of torture? Are a man's bowels to be torn asunder because your cup is broken? You must think a great deal of yourself, if even when the emperor is present you order men to be executed.

XLI.

If any one's power is so great that he can treat anger with the tone of a superior let him crush it out of existence, but only if it be of the kind of which I have just spoken, fierce, inhuman, bloodthirsty, and incurable save by fear of something more powerful than itself...let us give the mind that peace which is given by constant mation upon wholesome maxims, by good actions, and by a mind directed to the pursuit of honour alone. Let us set our own conscience fully at rest, but make no efforts to gain cr for ourselves: so long as we deserve well, let us be satisfied, even if we should be ill spoken of. "But the common herd admires spirited actions, and bold men are held in honour, while quiet ones are thought to be indolent." True, at first sight they may appear to be so: but as soon as the even tenor of their life proves that this guietude arises not from dullness but from peace of mind, then that same populace respects and reverences them. There is, then, nothing useful in that hideous and destructive passion of anger, but on the contrary, every kind of evil, fire and sword. Anger tramples self-restraint under-foot, steeps its hands in slaughter, scatters abroad the limbs of its children: it leaves no place unsoiled by crime, it has no thoughts of glory, no fears of disgrace, and when once anger has hardened into hatred, no amendment is possible.

XLII.

Let us be free from this evil, let us clear our minds of it, and extirpate root and branch a passion which grows again wherever the smallest particle of it finds a resting-place. Let us not moderate anger, but get rid of it altogether: what can moderation have to do with an evil habit? We shall succeed in doing this, if only we exert ourselves. Nothing will be of greater service than to bear in mind that we are mortal: let each man say to himself and to his neighbour, "Why should we, as though we were born to live forever, waste our tiny span of life in declaring anger against any one? why should days, which we might spend in honourable enjoyment, be misapplied in grieving and torturing others? Life is a matter which does not admit of waste, and we have no spare time to throw away. Why do we rush into the fray? why do we go out of our way to seek disputes? why do we, forgetful of the weakness of our nature, undertake mighty feuds, and, frail though we be, summon up all our strength to cut down other men? Ere long, fever or some other bodily ailment will make us unable to carry on this warfare of hatred which we so implacably wage: death will soon part the most vigorous pair of combatants. Why do we make disturbances and spend our lives in rioting? fate hangs over our heads, scores up to our account the days as they pass, and is ever drawing nearer and nearer. The time which you have marked for the death of another perhaps includes your own."

XLIII.

Instead of acting thus, why do you not rather draw together what there is of your short life, and keep it peaceful for others and for yourself? why do you not rather make yourself beloved by everyone while you live, and regretted by everyone when you die? Why do you wish to tame that man's pride, because he takes too lofty a tone with you? why do you try with all your might to crush that other who snaps and snarls at you, a low and contemptible wretch, but spiteful and offensive to his betters? Master, why are you angry with your slave? Slave, why are you angry with your master? Client, why are you angry with your patron? Patron, why are you angry with your client? Wait but a little while. See, here comes death, who will make you all equals. We often see at a morning performance in the arena a battle between a bull and a bear, fastened together, in which the victor, after he has torn the other to pieces, is himself slain. We do just the same thing: we worry someone who is connected with us, although the end of both victor and vanguished is at hand, and that soon. Let us rather pass the little remnant of our lives in peace and quiet: may no one loathe us when we lie dead. A quarrel is often brought to an end by a cry of "Fire!" in the neighbourhood, and the appearance of a wild beast parts the highwayman from the traveller: men have no leisure to battle with minor evils when menaced by some overpowering terror. What have we to do with fighting and ambuscades? do you want anything more than death to befall him with whom you are angry? well, even though you sit quiet, he will be sure to die. You waste your pains: you want to do what is certain to be done. You say, "I do not wish necessarily to kill him, but to punish him by exile, or public disgrace, or loss of property." I can more easily pardon one who wishes to give his enemy a wound than one who wishes to give him a blister: for the latter is not only bad, but petty-minded. Whether you are thinking of extreme or slighter

punishments, how very short is the time during which either your victim is tortured or you enjoy an evil pleasure in another's pain? This breath that we hold so dear will soon leave us: in the meantime, while we draw it, while we live among human beings, let us practise humanity: let us not be a terror or a danger to anyone. Let us keep our tempers in spite of losses, wrongs, abuse or sarcasm, and let us endure with magnanimity our shortlived troubles: while we are considering what is due to ourselves, as the saying is, and worrying ourselves, death will be upon us.

AD NOVATVM DE IRA

LIBER I

- 1. Exegisti a me, Nouate, ut scriberem quemadmodum posset ira leniri, nec inmerito mihi uideris hunc praecipue adfectum pertimuisse maxime ex omnibus taetrum ac rabidum. Ceteris enim aliquid quieti placidique inest, hic totus concitatus et in impetu est, doloris armorum, sanguinis suppliciorum minime humana furens cupiditate, dum alteri noceat sui neglegens, in ipsa inruens tela et ultionis secum ultorem tracturae auidus.
- 2. Quidam itaque e sapientibus uiris iram dixerunt breuem insaniam; aeque enim inpotens sui est, decoris oblita, necessitudinum immemor, in quod coepit pertinax et intenta, rationi consiliisque praeclusa, uanis agitata causis, ad dispectum aequi uerique inhabilis, ruinis simillima quae super id quod oppressere franguntur.
- 3. Vt scias autem non esse sanos quos ira possedit, ipsum illorum habitum intuere; nam ut furentium certa indicia sunt audax et minax uultus, tristis frons, torua facies, citatus gradus, inquietae manus, color uersus, crebra et uehementius acta suspiria, ita irascentium eadem signa sunt:
- 4. flagrant ac micant oculi, multus ore toto rubor exaestuante ab imis praecordiis sanguine, labra quatiuntur, dentes comprimuntur, horrent ac surriguntur capilli, spiritus coactus ac stridens, articulorum se ipsos torquentium sonus, gemitus mugitusque et parum explanatis uocibus sermo praeruptus et conplosae saepius manus et pulsata humus pedibus et totum concitum corpus magnasque irae minas agens,

foeda uisu et horrenda facies deprauantium se atque intumescentium — nescias utrum magis detestabile uitium sit an deforme.

- 5. Cetera licet abscondere et in abdito alere: ira se profert et in faciem exit, quantoque maior, hoc efferuescit manifestius. Non uides ut omnium animalium, simul ad nocendum insurrexerunt, praecurrant notae ac tota corpora solitum quietumque egrediantur habitum et feritatem suam exasperent?
- 6. Spumant apris ora, dentes acuuntur adtritu, taurorum cornua iactantur in uacuum et harena pulsu pedum spargitur, leones fremunt, inflantur inritatis colla serpentibus, rabidarum canum tristis aspectus est: nullum est animal tam horrendum tam perniciosumque natura ut non appareat in illo, simul ira inuasit, nouae feritatis accessio.
- 7. Nec ignoro ceteros quoque adfectus uix occultari, libidinem metumque et audaciam dare sui signa et posse praenosci; neque enim ulla uehementior intrat agitatio quae nihil moueat in uultu. Quid ergo interest? quod alii adfectus apparent, hic eminet.

- 1. Iam uero si effectus eius damnaque intueri uelis, nulla pestis humano generi pluris stetit. Videbis caedes ac uenena et reorum mutuas sordes et urbium clades et totarum exitia gentium et principum sub ciuili hasta capita uenalia et subiectas tectis faces nec intra moenia coercitos ignes sed ingentia spatia regionum hostili flamma relucentia.
- 2. Aspice nobilissimarum ciuitatum fundamenta uix notabilia: has ira deiecit. Aspice solitudines per multa milia sine habitatore desertas: has ira exhausit. Aspice tot memoriae proditos duces mali exempla fati: alium ira in cubili suo confodit, alium intra sacra mensae iura percussit, alium intra leges celebrisque spectaculum fori lancinauit, alium filii parricidio dare sanguinem iussit, alium seruili manu regalem aperire iugulum, alium in cruce membra diffindere.
- 3. Et adhuc singulorum supplicia narro: quid si tibi libuerit, relictis in quos ira uiritim exarsit, aspicere caesas gladio contiones et plebem inmisso milite contrucidatam et in perniciem promiscuam totos populos capitis damna * * *
- 4. * * * tamquam aut curam nostram deserentibus aut auctoritatem contemnentibus. Quid? gladiatoribus quare populus irascitur, et tam inique ut iniuriam putet quod non libenter pereunt? contemni se iudicat et uultu gestu ardore ex spectatore in aduersarium uertitur.
- 5. Quidquid est tale, non est ira, sed quasi ira, sicut puerorum qui, si ceciderunt, terram uerberari uolunt et saepe ne sciunt quidem cur irascantur, sed tantum irascuntur, sine causa et sine iniuria, non tamen sine aliqua iniuriae specie nec sine aliqua poenae cupiditate. Deluduntur itaque imitatione plagarum et simulatis deprecantium lacrimis placantur et falsa ultione falsus dolor tollitur.

Ш.

- 1. 'Irascimur' inquit 'saepe non illis qui laeserunt, sed iis qui laesuri sunt; ut scias iram non ex iniuria nasci.' Verum est irasci nos laesuris, sed ipsa cogitatione nos laedunt, et iniuriam qui facturus est iam facit.
- 2. 'Vt scias' inquit 'non esse iram poenae cupiditatem, infirmissimi saepe potentissimis irascuntur nec poenam concupiscunt quam non sperant.' Primum diximus cupiditatem esse poenae exigendae, non facultatem; concupiscunt autem homines et quae non possunt. Deinde nemo tam humilis est qui poenam uel summi hominis sperare non possit: ad nocendum <omnes> potentes sumus.
- 3. Aristotelis finitio non multum a nostra abest; ait enim iram esse cupiditatem doloris reponendi. Quid inter nostram et hanc finitionem intersit, exequi longum est. Contra utramque dicitur feras irasci nec iniuria inritatas nec poenae dolorisue alieni causa; nam etiam si haec efficiunt, non haec petunt.
- 4. Sed dicendum est feras ira carere et omnia praeter hominem; nam cum sit inimica rationi, nusquam tamen nascitur nisi ubi rationi locus est. Impetus habent ferae, rabiem feritatem incursum, iram quidem non magis quam luxuriam, et in quasdam uoluptates intemperantiores homine sunt.
- 5. Non est quod credas illi qui dicit:

non aper irasci meminit, non fidere cursucerua nec armentis incurrere fortibus ursi.

Irasci dicit incitari, inpingi; irasci quidem non magis sciunt quam ignoscere.

6. Muta animalia humanis adfectibus carent, habent autem similes illis quosdam inpulsus; alioqui, si amor in illis esset et odium, esset amicitia et simultas, dissensio et concordia; quorum aliqua in illis quoque extant uestigia, ceterum humanorum pectorum propria bona

malaque sunt.

- 7. Nulli nisi homini concessa prudentia est, prouidentia diligentia cogitatio, nec tantum uirtutibus humanis animalia sed etiam uitiis prohibita sunt. Tota illorum ut extra ita intra forma humanae dissimilis est; regium est illud et principale aliter ductum. Vtuox est quidem, sed non explanabilis et perturbata et uerborum inefficax, ut lingua, sed deuincta nec in motus uarios soluta, ita ipsum principale parum subtile, parum exactum. Capit ergo uisus speciesque rerum quibus ad impetus euocetur, sed turbidas et confusas.
- 8. Ex eo procursus illorum tumultusque uehementes sunt, metus autem sollicitudinesque et tristitia et ira non sunt, sed his quaedam similia; ideo cito cadunt et mutantur in contrarium et, cum acerrime saeuierunt expaueruntque, pascuntur, et ex fremitu discursuque uesano statim quies soporque sequitur.

IV.

- 1. Quid esset ira satis explicitum est. Quo distet ab iracundia apparet: quo ebrius ab ebrioso et timens a timido. Iratus potest non esse iracundus: iracundus potest aliquando iratus non esse.
- 2. Cetera quae pluribus apud Graecos nominibus in species iram distinguunt, quia apud nos uocabula sua non habent, praeteribo, etiam si amarum nos acerbumque dicimus, nec minus stomachosum rabiosum clamosum difficilem asperum, quae omnia irarum differentiae sunt; inter hos morosum ponas licet, delicatum iracundiae genus.
- 3. Quaedam enim sunt irae quae intra clamorem considant, quaedam non minus pertinaces quam frequentes, quaedam saeuae manu uerbis parciores, quaedam in uerborum maledictorumque amaritudinem effusae; quaedam ultra querellas et auersationes non exeunt, quaedam altae grauesque sunt et introrsus uersae: mille aliae species sunt mali multiplicis.

V.

- 1. Quid esset ira quaesitum est, an in ullum aliud animal quam in hominem caderet, quo ab iracundia distaret, quot eius species essent: nunc quaeramus an ira secundum naturam sit et an utilis atque ex aliqua parte retinenda.
- 2. An secundum naturam sit manifestum erit, si hominem inspexerimus. Quo quid est mitius, dum in recto animi habitus est? quid autem ira crudelius est? Quid homine aliorum amantius? quid ira infestius? Homo in adiutorium mutuum genitus est, ira in exitium; hic congregari uult, illa discedere, hic prodesse, illa nocere, hic etiam ignotis succurrere, illa etiam carissimos petere; hic aliorum commodis uel inpendere se paratus est, illa in periculum, dummodo deducat, descendere.
- 3. Quis ergo magis naturam rerum ignorat quam qui optimo eius operi et emendatissimo hoc ferum ac perniciosum uitium adsignat? Ira, ut diximus, auida poenae est, cuius cupidinem inesse pacatissimo hominis pectori minime secundum eius naturam est. Beneficiis enim humana uita constat et concordia, nec terrore sed mutuo amore in foedus auxiliumque commune constringitur.

VI.

- 1. 'Quid ergo? non aliquando castigatio necessaria est?' Quidni? sed haec sine ira, cum ratione; non enim nocet sed medetur specie nocendi. Quemadmodum quaedam hastilia detorta ut corrigamus adurimus et adactis cuneis, non ut frangamus sed ut explicemus, elidimus, sic ingenia uitio praua dolore corporis animique corrigimus.
- 2. Nempe medicus primo in leuibus uitiis temptat non multum ex cotidiana consuetudine inflectere et cibis potionibus exercitationibus ordinem inponere ac ualetudinem tantum mutata uitae dispositione firmare. Proximum est ut modus proficiat. Si modus et ordo non proficit, subducit aliqua et circumcidit; si ne adhoc quidem respondet, interdicit cibis et abstinentia corpus exonerat; si frustra molliora cesserunt, ferit uenam membrisque, si adhaerentia nocent et morbum diffundunt, manus adfert; nec ulla dura uidetur curatio cuius salutaris effectus est.
- 3. Ita legum praesidem ciuitatisque rectorem decet, quam diu potest, uerbis et his mollioribus ingenia curare, ut facienda suadeat cupiditatemque honesti et aequi conciliet animis faciatque uitiorum odium, pretium uirtutium; transeat deinde ad tristiorem orationem, qua moneat adhuc et exprobret; nouissime ad poenas et has adhuc leues, reuocabiles decurrat; ultima supplicia sceleribus ultimis ponat, ut nemo pereat nisi quem perire etiam pereuntis intersit.
- 4. Hoc uno medentibus erit dissimilis, quod illi quibus uitam non potuerunt largiri facilem exitum praestant, hic damnatos cum dedecore et traductione uita exigit, non quia delectetur ullius poena procul est enim a sapiente tam inhumana feritas sed ut documentum omnium sint, et quia uiui noluerunt prodesse, morte certe eorum res publica utatur.

Non est ergo natura hominis poenae adpetens; ideo ne ira quidem secundum naturam hominis, quia poenae adpetens est.

5. Et Platonis argumentum adferam — quid enim nocet alienis uti ea parte qua nostra sunt? 'Vir bonus' inquit 'non laedit.' Poena laedit; bono ergo poena non conuenit, ob hoc nec ira, quia poena irae conuenit. Si uir bonus poena non gaudet, non gaudebit ne eo quidem adfectu cui poena uoluptati est; ergo non est naturalis ira.

VII.

- 1. Numquid, quamuis non sit naturalis ira, adsumenda est, quia utilis saepe fuit? Extollit animos et incitat, nec quicquam sine illa magnificum in bello fortitudo gerit, nisi hinc flamma subdita est et hic stimulus peragitauit misitque in pericula audaces. Optimum itaque quidam putant temperare iram, non tollere, eoque detracto quod exundat ad salutarem modum cogere, id uero retinere sine quo languebit actio et uis ac uigor animi resoluetur.
- 2. Primum facilius est excludere perniciosa quam regere et non admittere quam admissa moderari; nam cum se in possessione posuerunt, potentiora rectore sunt nec recidi se minuiue patiuntur.
- 3. Deinde ratio ipsa, cui freni traduntur, tam diu potens est quam diu diducta est ab adfectibus; si miscuit se illis et inquinauit, non potest continere quos summouere potuisset. Commota enim semel et excussa mens ei seruit quo inpellitur.
- 4. Quarundam rerum initia in nostra potestate sunt, ulteriora nos ui sua rapiunt nec regressum relinquunt. Vt in praeceps datis corporibus nullum sui arbitrium est nec resistere morariue deiecta potuerunt, sed consilium omne et paenitentiam inreuocabilis praecipitatio abscidit et non licet eo non peruenire quo non ire licuisset, ita animus, si in iram amorem aliosque se proiecit adfectus, non permittitur reprimere impetum; rapiat illum oportet et ad imum agat pondus suum et uitiorum natura procliuis.

VIII.

- 1. Optimum est primum inritamentum irae protinus spernere ipsisque repugnare seminibus et dare operam ne incidamus in iram. Nam si coepit ferre transuersos, difficilis ad salutem recursus est, quoniam nihil rationis est ubi semel adfectus inductus est iusque illi aliquod uoluntate nostra datum est: faciet de cetero quantum uolet, non quantum permiseris.
- 2. In primis, inquam, finibus hostis arcendus est; nam cum intrauit et portis se intulit, modum a captiuis non accipit. Neque enim sepositus est animus et extrinsecus speculatur adfectus, ut illos non patiatur ultra quam oportet procedere, sed in adfectum ipse mutatur ideoque non potest utilem illam uim et salutarem proditam iam infirmatamque reuocare.
- 3. Non enim, ut dixi, separatas ista sedes suas diductasque habent, sed adfectus et ratio in melius peiusque mutatio animi est. Quomodo ergo ratio occupata et oppressa uitiis resurget, quae irae cessit? aut quemadmodum ex confusione se liberabit in qua peiorum mixtura praeualuit?
- 4. 'Sed quidam' inquit 'in ira se continent.' Vtrum ergo ita ut nihil faciant eorum quae ira dictat an ut aliquid? Si nihil faciunt, apparet non esse ad actiones rerum necessariam iram, quam uos, quasi fortius aliquid ratione haberet, aduocabatis.
- 5. Denique interrogo: ualentior est quam ratio an infirmior? Si ualentior, quomodo illi modum ratio poterit inponere, cum parere nisi inbecilliora non soleant? Si infirmior est, sine hac per se ad rerum effectus sufficit ratio nec desiderat inbecillioris auxilium. 6. 'At irati quidam constant sibi et se continent.' Quando? cum iam ira euanescit et sua sponte decedit, non cum in ipso feruore est; tunc enim potentior est.
- 7. 'Quid ergo? non aliquando in ira quoque et dimittunt incolumes

intactosque quos oderunt et a nocendo abstinent?' Faciunt: quando? cum adfectus repercussit adfectum et aut metus aut cupiditas aliquid inpetrauit. Non rationis tunc beneficio quieuit, sed adfectuum infida et mala pace.

IX.

- 1. Deinde nihil habet in se utile nec acuit animum ad res bellicas; numquam enim uirtus uitio adiuuanda est se contenta. Quotiens impetu opus est, non irascitur sed exsurgit et in quantum putauit opus esse concitatur remittiturque, non aliter quam quae tormentis exprimuntur tela in potestate mittentis sunt in quantum torqueantur.
- 2. 'Ira' inquit Aristoteles 'necessaria est, nec quicquam sine illa expugnari potest, nisi illa inplet animum et spiritum accendit; utendum autem illa est non ut duce sed ut milite.' Quod est falsum; nam si exaudit rationem sequiturque qua ducitur, iam non est ira, cuius proprium est contumacia; si uero repugnat et non ubi iussa est quiescit sed libidine ferociaque prouehitur, tam inutilis animi minister est quam miles qui signum receptui neglegit.
- 3. Itaque si modum adhiberi sibi patitur, alio nomine appellanda est, desit ira esse, quam effrenatam indomitamque intellego; si non patitur, perniciosa est nec inter auxilia numeranda: ita aut ira non est aut inutilis est.
- 4. Nam si quis poenam exigit non ipsius poenae auidus sed quia oportet, non est adnumerandus iratis. Hic erit utilis miles qui scit parere consilio; adfectus quidem tam mali ministri quam duces sunt.

X.

- 1. Ideo numquam adsumet ratio in adiutorium inprouidos et uiolentos impetus apud quos nihil ipsa auctoritatis habeat, quos numquam comprimere possit nisi pares illis similisque opposuerit, ut irae metum, inertiae iram, timori cupiditatem.
- 2. Absit hoc a uirtute malum, ut umquam ratio ad uitia confugiat! Non potest hic animus fidele otium capere, quatiatur necesse est fluctueturque, qui malis suis tutus est, qui fortis esse nisi irascitur non potest, industrius nisi cupit, quietus nisi timet: in tyrannide illi uiuendum est in alicuius adfectus uenienti seruitutem. Non pudet uirtutes in clientelam uitiorum demittere?
- 3. Deinde desinit quicquam posse ratio, si nihil potest sine adfectu, et incipit par illi similisque esse. Quid enim interest, si aeque adfectus inconsulta res est sine ratione quam ratio sine adfectu inefficax? Par utrumque est, ubi esse alterum sine altero non potest. Quis autem sustineat adfectum exaequare rationi?
- 4. 'Ita' inquit 'utilis adfectus est, si modicus est.' Immo si natura utilis est. Sed si inpatiens imperii rationisque est, hoc dumtaxat moderatione consequetur, ut quo minor fuerit minus noceat; ergo modicus adfectus nihil aliud quam malum modicum est.

XI.

- 1. 'Sed aduersus hostes' inquit 'necessaria est ira.' Nusquam minus: ubi non effusos esse oportet impetus sed temperatos et oboedientes. Quid enim est aliud quod barbaros tanto robustiores corporibus, tanto patientiores laborum comminuat nisi ira infestissima sibi? Gladiatores quoque ars tuetur, ira denudat.
- 2. Deinde quid opus est ira, cum idem proficiat ratio? An tu putas uenatorem irasci feris? atqui et uenientis excipit et fugientis persequitur, et omnia illa sine ira facit ratio. Quid Cimbrorum Teutonorumque tot milia superfusa Alpibus ita sustulit ut tantae cladis notitiam ad suos non nuntius sed fama pertulerit, nisi quod erat illis ira pro uirtute? Quae ut aliquando propulit strauitque obuia, ita saepius sibi exitio est.
- 3. Germanis quid est animosius? Quid ad incursum acrius? Quid armorum cupidius, quibus innascuntur innutriunturque, quorum unica illis cura est in alia neglegentibus? Quid induratius ad omnem patientiam, ut quibus magna ex parte non tegimenta corporum prouisa sint, non suffugia aduersus perpetuum caeli rigorem?
- 4. Hos tamen Hispani Gallique et Asiae Syriaeque molles bello uiri, antequam legio uisatur, caedunt ob nullam aliam rem opportunos quam iracundiam. Agedum illis corporibus, illis animis delicias luxum opes ignorantibus da rationem, da disciplinam: ut nil amplius dicam, necesse erit certe nobis mores Romanos repetere.
- 5. Quo alio Fabius adfectas imperii uires recreauit quam quod cunctari et trahere et morari sciit, quae omnia irati nesciunt? Perierat imperium, quod tunc in extremo stabat, si Fabius tantum ausus esset quantum ira suadebat: habuit in consilio fortunam publicam et aestimatis uiribus, ex quibus iam perire nihil sine uniuerso poterat, dolorem ultionemque seposuit, in unam utilitatem et occasiones intentus; iram ante uicit quam Hannibalem.

- 6. Quid Scipio? non relicto Hannibale et Punico exercitu omnibusque quibus irascendum erat bellum in Africam transtulit, tam lentus ut opinionem luxuriae segnitiaeque malignis daret?
- 7. Quid alter Scipio? non circa Numantiam multum diuque sedit et hunc suum publicumque dolorem aequo animo tulit, diutius Numantiam quam Carthaginem uinci? Dum circumuallat et includit hostem, eo conpulit ut ferro ipsi suo caderent.
- 8. Non est itaque utilis ne in proeliis quidem aut bellis ira; in temeritatem enim prona est et pericula, dum inferre uult, non cauet. Illa certissima est uirtus quae se diu multumque circumspexit et rexit et ex lento ac destinato prouexit.

XII.

- 1. 'Quid ergo?' inquit 'uir bonus non irascitur, si caedi patrem suum uiderit, si rapi matrem?' Non irascetur, sed uindicabit, sed tuebitur. Quid autem times ne parum magnus illi stimulus etiam sine ira pietas sit? Aut dic eodem modo: 'quid ergo? cum uideat secari patrem suum filiumue, uir bonus non flebit nec linquetur animo?' Quae accidere feminis uidemus, quotiens illas leuis periculi suspicio perculit.
- 2. Officia sua uir bonus exequetur inconfusus, intrepidus; et sic bono uiro digna faciet ut nihil faciat uiro indignum. Pater caedetur: defendam; caesus est: exequar, quia oportet, non quia dolet.
- 3. 'Irascuntur boni uiri pro suorum iniuriis.' Cum hoc dicis, Theophraste, quaeris inuidiam praeceptis fortioribus et relicto iudice ad coronam uenis: quia unusquisque in eiusmodi suorum casu irascitur, putas iudicaturos homines id fieri debere quod faciunt; fere enim iustum quisque adfectum iudicat quem agnoscit.
- 4. Sed idem faciunt, si calda non bene praebetur, si uitreum fractum est, si calceus luto sparsus est. Non pietas illam iram sed infirmitas mouet, sicut pueris, qui tam parentibus amissis flebunt quam nucibus.
- 5. Irasci pro suis non est pii animi sed infirmi: illud pulchrum dignumque, pro parentibus liberis amicis ciuibus prodire defensorem ipso officio ducente, uolentem iudicantem prouidentem, non inpulsum et rabidum. Nullus enim adfectus uindicandi cupidior est quam ira, et ob id ipsum ad uindicandum inhabilis: praerapida et amens, ut omnis fere cupiditas, ipsa sibi in id in quod properat opponitur. Itaque nec in pace nec in bello umquam bono fuit; pacem enim similem belli efficit, in armis uero obliuiscitur Martem esse communem uenitque in alienam potestatem dum in sua non est.
- 6. Deinde non ideo uitia in usum recipienda sunt quia aliquando aliquid effecerunt; nam et febres quaedam genera ualetudinis leuant, nec ideo non ex toto illis caruisse melius est: abominandum remedi genus

est sanitatem debere morbo. Simili modo ira, etiam si aliquando ut uenenum et praecipitatio et naufragium ex inopinato profuit, non ideo salutaris iudicanda est; saepe enim saluti fuere pestifera.

XIII.

- 1. Deinde quae habenda sunt, quo maiora eo meliora et optabiliora sunt. Si iustitia bonum est, nemo dicet meliorem futuram si quid detractum ex ea fuerit; si fortitudo bonum est, nemo illam desiderabit ex aliqua parte deminui.
- 2. Ergo et ira quo maior hoc melior; quis enim ullius boni accessionem recusauerit? Atqui augeri illam inutile est; ergo et esse; non est bonum quod incremento malum fit.
- 3. 'Vtilis' inquit 'ira est, quia pugnaciores facit.' Isto modo et ebrietas; facit enim proteruos et audaces multique meliores ad ferrum fuere male sobrii; isto modo dic et phrenesin atque insaniam uiribus necessariam, quia saepe ualidiores furor reddit.
- 4. Quid? non aliquotiens metus ex contrario fecit audacem, et mortis timor etiam inertissimos excitauit in proelium? Sed ira ebrietas metus aliaque eiusmodi foeda et caduca inritamenta sunt nec uirtutem instruunt, quae nihil uitiis eget, sed segnem alioqui animum et ignauum paulum adleuant.
- 5. Nemo irascendo fit fortior, nisi qui fortis sine ira non fuisset; ita non in adiutorium uirtutis uenit, sed in uicem. Quid quod si bonum esset ira, perfectissimum quemque sequeretur? Atqui iracundissimi infantes senesque et aegri sunt, et inualidum omne natura querulum est.

XIV.

- 1. 'Non potest' inquit 'fieri' Theophrastus 'ut non uir bonus irascatur malis.' Isto modo quo melior quisque, hoc iracundior erit: uide ne contra placidior solutusque adfectibus et cui nemo odio sit.
- 2. Peccantis uero quid habet cur oderit, cum error illos in eiusmodi delicta conpellat? Non est autem prudentis errantis odisse; alioqui ipse sibi odio erit. Cogitet quam multa contra bonum morem faciat, quam multa ex iis quae egit ueniam desiderent: iam irascetur etiam sibi. Neque enim aequus iudex aliam de sua, aliam de aliena causa sententiam fert.
- 3. Nemo, inquam, inuenietur qui se possit absoluere, et innocentem quisque se dicit respiciens testem, non conscientiam. Quanto humanius mitem et patrium animum praestare peccantibus et illos non persequi sed reuocare! Errantem per agros ignorantia uiae melius est ad rectum iter admouere quam expellere.

XV.

- 1. Corrigendus est itaque qui peccat et admonitione et ui, et molliter et aspere, meliorque tam sibi quam aliis faciendus non sine castigatione, sed sine ira; quis enim cui medetur irascitur? At corrigi nequeunt nihilque in illis lene aut spei bonae capax est: tollantur e coetu mortalium facturi peiora quae contingunt, et quo uno modo possunt desinant mali esse, sed hoc sine odio.
- 2. Quid enim est cur oderim eum cui tum maxime prosum cum illum sibi eripio? Num quis membra sua tunc odit cum abscidit? Non est illa ira, sed misera curatio. Rabidos effligimus canes et trucem atque inmansuetum bouem occidimus et morbidis pecoribus, ne gregem polluant, ferrum demittimus; portentosos fetus extinguimus, liberos quoque, si debiles monstrosique editi sunt, mergimus; nec ira sed ratio est a sanis inutilia secernere.
- 3. Nil minus quam irasci punientem decet, cum eo magis ad emendationem poena proficiat, si iudicio ~lata~ est. Inde est quod Socrates seruo ait 'caederem te, nisi irascerer'. Admonitionem serui in tempus sanius distulit, illo tempore se admonuit. Cuius erit tandem temperatus adfectus, cum Socrates non sit ausus se irae committere?

XVI.

- 1. Ergo ad coercitionem errantium sceleratorumque irato castigatore non opus est; nam cum ira delictum animi sit, non oportet peccata corrigere peccantem. 'Quid ergo? non irascar latroni? Quid ergo? non irascar uenefico?' Non; neque enim mihi irascor, cum sanguinem mitto. Omne poenae genus remedi loco admoueo.
- 2. 'Tu adhuc in prima parte uersaris errorum, nec grauiter laberis sed frequenter: obiurgatio te primum secreta deinde publicata emendare temptabit. Tu longius iam processisti quam ut possis uerbis sanari: ignominia contineberis. Tibi fortius aliquid et quod sentias inurendum est: in exilium et loca ignota mitteris. In te duriora remedia iam solida nequitia desiderat: et uincula publica et carcer adhibebitur.
- 3. Tibi insanabilis animus et sceleribus scelera contexens, et iam non causis, quae numquam malo defuturae sunt, inpelleris, sed satis tibi est magna ad peccandum causa peccare; perbibisti nequitiam et ita uisceribus inmiscuisti ut nisi cum ipsis exire non possit; olim miser mori quaeris: bene de te merebimur, auferemus tibi istam qua uexas uexaris insaniam et per tua alienaque uolutato supplicia id quod unum tibi bonum superest repraesentabimus, mortem.' Quare irascar cui cum maxime prosum? interim optimum misericordiae genus est occidere.
- 4. Si intrassem ualetudinarium exercitus [et sciens] aut domus diuitis, non idem imperassem omnibus per diuersa aegrotantibus: uaria in tot animis uitia uideo et ciuitati curandae adhibitus sum; pro cuiusque morbo medicina quaeratur, hunc sanet uerecundia, hunc peregrinatio, hunc dolor, hunc egestas, hunc ferrum.
- 5. Itaque et, si peruersa induenda magistratui uestis et conuocanda classico contio est, procedam in tribunal non furens nec infestus sed uultu legis et illa sollemnia uerba leni magis grauique quam rabida uoce concipiam et <lege> agi iubebo non iratus sed seuerus; et cum

- ceruicem noxio imperabo praecidi et cum parricidas insuam culleo et cum mittam in supplicium militare et cum Tarpeio proditorem hostemue publicum inponam, sine ira eo uultu animoque ero quo serpentes et animalia uenenata percutio.
- 6. 'Iracundia opus est ad puniendum.' Quid? tibi lex uidetur irasci iis quos non nouit, quos non uidit, quos non futuros sperat? Illius itaque sumendus est animus, quae non irascitur sed constituit. Nam si bono uiro ob mala facinora irasci conuenit, et ob secundas res malorum hominum inuidere conueniet. Quid enim est indignius quam florere quosdam et eos indulgentia fortunae abuti quibus nulla potest satis mala inueniri fortuna? Sed tam commoda illorum sine inuidia uidebit quam scelera sine ira; bonus iudex damnat inprobanda, non odit.
- 7. 'Quid ergo? non, cum eiusmodi aliquid sapiens habebit in manibus, tangetur animus eius eritque solito commotior?' Fateor: sentiet leuem quendam tenuemque motum; nam, ut dicit Zenon, in sapientis quoque animo, etiam cum uulnus sanatum est, cicatrix manet. Sentiet itaque suspiciones quasdam et umbras adfectuum, ipsis quidem carebit.

XVII.

- 1. Aristoteles ait adfectus quosdam, si quis illis bene utatur, pro armis esse. Quod uerum foret, si uelut bellica instrumenta sumi deponique possent induentis arbitrio: haec arma quae Aristoteles uirtuti dat ipsa per se pugnant, non expectant manum, et habent, non habentur.
- 2. Nil aliis instrumentis opus est, satis nos instruxit ratione natura. Hoc dedit telum, firmum perpetuum obsequens, nec anceps nec quod in dominum remitti posset. Non ad prouidendum tantum, sed ad res gerendas satis est per se ipsa ratio; etenim quid est stultius quam hanc ab iracundia petere praesidium, rem stabilem ab incerta, fidelem ab infida, sanam ab aegra?
- 3. Quid quod <ad> actiones quoque, in quibus solis opera iracundiae uidetur necessaria, multo per se ratio fortior est? Nam cum iudicauit aliquid faciendum, in eo perseuerat; nihil enim melius inuentura est se ipsa quo mutetur; ideo stat semel constitutis.
- 4. Iram saepe misericordia retro egit; habet enim non solidum robur sed uanum tumorem uiolentisque principiis utitur, non aliter quam qui a terra uenti surgunt et fluminibus paludibusque concepti sine pertinacia uehementes sunt:
- 5. incipit magno impetu, deinde deficit ante tempus fatigata, et, quae nihil aliud quam crudelitatem ac noua genera poenarum uersauerat, cum animaduertendum est, iam [ira] fracta lenisque est. Adfectus cito cadit, aequalis est ratio.
- 6. Ceterum etiam ubi perseuerauit ira, nonnumquam, si plures sunt qui perire meruerunt, post duorum triumue sanguinem occidere desinit. Primi eius ictus acres sunt: sic serpentium uenena a cubili erepentium nocent, innoxii dentes sunt cum illos frequens morsus exhausit.
- 7. Ergo non paria patiuntur qui paria commiserant, et saepe qui minus

commisit plus patitur, quia recentiori obiectus est. Et in totum inaequalis est: modo ultra quam oportet excurrit, modo citerius debito resistit; sibi enim indulget et ex libidine iudicat et audire non uult et patrocinio non relinquit locum et ea tenet quae inuasit et eripi sibi iudicium suum, etiam si prauum est, non sinit.

XVIII.

- 1. Ratio utrique parti tempus dat, deinde aduocationem et sibi petit, ut excutiendae ueritati spatium habeat: ira festinat. Ratio id iudicare uult quod aequum est: ira id aequum uideri uult quod iudicauit.
- 2. Ratio nil praeter ipsum de quo agitur spectat: ira uanis et extra causam obuersantibus commouetur. Vultus illam securior, uox clarior, sermo liberior, cultus delicatior, aduocatio ambitiosior, fauor popularis exasperant; saepe infesta patrono reum damnat; etiam si ingeritur oculis ueritas, amat et tuetur errorem; coargui non uult, et in male coeptis honestior illi pertinacia uidetur quam paenitentia.
- 3. Cn. Piso fuit memoria nostra uir a multis uitiis integer, sed prauus et cui placebat pro constantia rigor. Is cum iratus duci iussisset eum qui ex commeatu sine commilitone redierat, quasi interfecisset quem non exhibebat, roganti tempus aliquid ad conquirendum non dedit. Damnatus extra uallum productus est et iam ceruicem porrigebat, cum subito apparuit ille commilito qui occisus uidebatur.
- 4. Tunc centurio supplicio praepositus condere gladium speculatorem iubet, damnatum ad Pisonem reducit redditurus Pisoni innocentiam; nam militi fortuna reddiderat. Ingenti concursu deducuntur complexi alter alterum cum magno gaudio castrorum commilitones. Conscendit tribunal furens Piso ac iubet duci utrumque, et eum militem qui non occiderat et eum qui non perierat.
- 5. Quid hoc indignius? quia unus innocens apparuerat, duo peribant. Piso adiecit et tertium; nam ipsum centurionem qui damnatum reduxerat duci iussit. Constituti sunt in eodem illo loco perituri tres ob unius innocentiam.
- 6. O quam sollers est iracundia ad fingendas causas furoris! 'Te' inquit 'duci iubeo, quia damnatus es; te, quia causa damnationis commilitoni fuisti; te, quia iussus occidere imperatori non paruisti.' Excogitauit quemadmodum tria crimina faceret, quia nullum inuenerat.

XIX.

- 1. Habet, inquam, iracundia hoc mali: non uult regi. Irascitur ueritati ipsi, si contra uoluntatem suam apparuit; cum clamore et tumultu et totius corporis iactatione quos destinauit insequitur adiectis conuiciis maledictisque.
- 2. Hoc non facit ratio; sed si ita opus est, silens quietaque totas domus funditus tollit et familias rei publicae pestilentes cum coniugibus ac liberis perdit, tecta ipsa diruit et solo exaequat et inimica libertati nomina exstirpat: hoc non frendens nec caput quassans nec quicquam indecorum iudici faciens, cuius tum maxime placidus esse debet et in statu uultus cum magna pronuntiat.
- 3. 'Quid opus est' inquit Hieronymus 'cum uelis caedere aliquem, tua prius labra mordere?' Quid si ille uidisset desilientem de tribunali proconsulem et fasces lictori auferentem et suamet uestimenta scindentem, quia tardius scindebantur aliena?
- 4. Quid opus est mensam euertere? quid pocula adfligere? quid se in columnas inpingere? quid capillos auellere, femur pectusque percutere? ~Quantam~ iram putas, quae, quia in alium non tam cito quam uult erumpit, in se reuertitur? Tenentur itaque a proximis et rogantur ut sibi ipsi placentur.
- 5. Quorum nil facit quisquis uacuus ira meritam cuique poenam iniungit. Dimittit saepe eum cuius peccatum deprendit: si paenitentia facti spem bonam pollicetur, si intellegit non ex alto uenire nequitiam sed summo, quod aiunt, animo inhaerere, dabit inpunitatem nec accipientibus nocituram nec dantibus;
- 6. nonnumquam magna scelera leuius quam minora compescet, si illa lapsu, non crudelitate commissa sunt, his inest latens et operta et inueterata calliditas; idem delictum in duobus non eodem malo adficiet, si alter per neglegentiam admisit, alter curauit ut nocens esset.

- 7. Hoc semper in omni animaduersione seruabit, ut sciat alteram adhiberi ut emendet malos, alteram ut tollat; in utroque non praeterita sed futura intuebitur (nam, ut Plato ait, nemo prudens punit quia peccatum est, sed ne peccetur; reuocari enim praeterita non possunt, futura prohibentur) et quos uolet nequitiae male cedentis exempla fieri palam occidet, non tantum ut pereant ipsi, sed ut alios pereundo deterreant.
- 8. Haec cui expendenda aestimandaque sunt, uides quam debeat omni perturbatione liber accedere ad rem summa diligentia tractandam, potestatem uitae necisque: male irato ferrum committitur.

XX.

- 1. Ne illud quidem iudicandum est, aliquid iram ad magnitudinem animi conferre. Non est enim illa magnitudo: tumor est; nec corporibus copia uitiosi umoris intentis morbus incrementum est sed pestilens abundantia.
- 2. Omnes quos uecors animus supra cogitationes extollit humanas altum quiddam et sublime spirare se credunt; ceterum nil solidi subest, sed in ruinam prona sunt quae sine fundamentis creuere. Non habet ira cui insistat; non ex firmo mansuroque oritur, sed uentosa et inanis est, tantumque abest a magnitudine animi quantum a fortitudine audacia, a fiducia insolentia, ab austeritate tristitia, a seueritate crudelitas
- 3. Multum, inquam, interest inter sublimem animum et superbum. Iracundia nihil amplum decorumque molitur; contra mihi uidetur ueternosi et infelicis animi, inbecillitatis sibi conscii, saepe indolescere, ut exulcerata et aegra corpora quae ad tactus leuissimos gemunt. Ita ira muliebre maxime ac puerile uitium est. 'At incidit et in uiros.' Nam uiris quoque puerilia ac muliebria ingenia sunt.
- 4. 'Quid ergo? non aliquae uoces ab iratis emittuntur quae magno emissae uideantur animo?' <Immo> ueram ignorantibus magnitudinem, qualis illa dira et abominanda 'oderint, dum metuant'. Sullano scias saeculo scriptam. Nescio utrum sibi peius optauerit ut odio esset an ut timori. 'Oderint.' Occurrit illi futurum ut execrentur insidientur opprimant: quid adiecit? Di illi male faciant, adeo repperit dignum odio remedium. 'Oderint' quid? 'dum pareant'? Non. 'dum probent'? Non. Quid ergo? 'dum timeant'. Sic ne amari quidem uellem.
- 5. Magno hoc dictum spiritu putas? Falleris; nec enim magnitudo ista est sed immanitas. Non est quod credas irascentium uerbis, quorum strepitus magni, minaces sunt, intra mens pauidissima.

- 6. Nec est quod existimes uerum esse quod apud disertissimum uirum <T.> Liuium dicitur: 'uir ingenii magni magis quam boni.' Non potest istud separari: aut et bonum erit aut nec magnum, quia magnitudinem animi inconcussam intellego et introrsus solidam et ab imo parem firmamque, qualis inesse malis ingeniis non potest.
- 7. Terribilia enim esse et tumultuosa et exitiosa possunt: magnitudinem quidem, cuius firmamentum roburque bonitas est, non habebunt.
- 8. Ceterum sermone, conatu et omni extra paratu facient magnitudinis fidem; eloquentur aliquid quod tu magni <animi> putes, sicut C. Caesar, qui iratus caelo quod obstreperetur pantomimis, quos imitabatur studiosius quam spectabat, quodque comessatio sua fulminibus terreretur (prorsus parum certis), ad pugnam uocauit louem et quidem sine missione, Homericum illum exclamans uersum:

e m anaeir ego se.

9. Quanta dementia fuit! Putauit aut sibi noceri ne ab loue quidem posse aut se nocere etiam loui posse. Non puto parum momenti hanc eius uocem ad incitandas coniuratorum mentes addidisse; ultimae enim patientiae uisum est eum ferre qui louem non ferret.

XXI.

- 1. Nihil ergo in ira, ne cum uidetur quidem uehemens et deos hominesque despiciens, magnum, nihil nobile est. Aut si uidetur alicui magnum animum ira producere, uideatur et luxuria ebore sustineri uult, purpura uestiri, auro tegi, terras transferre, maria concludere, flumina praecipitare, nemora suspendere;
- 2. uideatur et auaritia magni animi aceruis auri argentique incubat et prouinciarum nominibus agros colit et sub singulis uilicis latiores habet fines quam quos consules sortiebantur;
- 3. uideatur et libido magni animi transnat freta, puerorum greges castrat, sub gladium mariti uenit morte contempta; uideatur et ambitio magni animi non est contenta honoribus annuis; si fieri potest, uno nomine occupare fastus uult, per omnem orbem titulos disponere.
- 4. Omnia ista, non refert in quantum procedant extendantque se, angusta sunt, misera depressa; sola sublimis et excelsa uirtus est, nec quicquam magnum est nisi quod simul placidum.

LIBER II

- 1. Primus liber, Nouate, benigniorem habuit materiam; facilis enim in procliui uitiorum decursus est. Nunc ad exiliora ueniendum est; quaerimus enim ira utrum iudicio an impetu incipiat, id est utrum sua sponte moueatur an quemadmodum pleraque quae intra nos <non> insciis nobis oriuntur.
- 2. Debet autem in haec se demittere disputatio ut ad illa quoque altiora possit exsurgere; nam et in corpore nostro ossa neruique et articuli, firmamenta totius et uitalia, minime speciosa uisu, prius ordinantur, deinde haec ex quibus omnis in faciem aspectumque decor est; post haec omnia, qui maxime oculos rapit, color ultimus perfecto iam corpore adfunditur.
- 3. Iram quin species oblata iniuriae moueat non est dubium; sed utrum speciem ipsam statim sequatur et non accedente animo excurrat, an illo adsentiente moueatur quaerimus.
- 4. Nobis placet nihil illam per se audere sed animo adprobante; nam speciem capere acceptae iniuriae et ultionem eius concupiscere et utrumque coniungere, nec laedi se debuisse et uindicari debere, non est eius impetus qui sine uoluntate nostra concitatur. Ille simplex est, hic compositus et plura continens: intellexit aliquid, indignatus est, damnauit, ulciscitur: haec non possunt fieri, nisi animus eis quibus tangebatur adsensus est.

П

- 1. 'Quorsus' inquis 'haec quaestio pertinet?' Vt sciamus quid sit ira; nam si inuitis nobis nascitur, numquam rationi succumbet. Omnes enim motus qui non uoluntate nostra fiunt inuicti et ineuitabiles sunt, ut horror frigida adspersis, ad quosdam tactus aspernatio; ad peiores nuntios surriguntur pili et rubor ad inproba uerba suffunditur sequiturque uertigo praerupta cernentis: quorum quia nihil in nostra potestate est, nulla quominus fiant ratio persuadet.
- 2. Ira praeceptis fugatur; est enim uoluntarium animi uitium, non ex his quae condicione quadam humanae sortis eueniunt ideoque etiam sapientissimis accidunt, inter quae et primus ille ictus animi ponendus est qui nos post opinionem iniuriae mouet.
- 3. Hic subit etiam inter ludicra scaenae spectacula et lectiones rerum uetustarum. Saepe Clodio Ciceronem expellenti et Antonio occidenti uidemur irasci. Quis non contra Mari arma, contra Sullae proscriptionem concitatur? Quis non Theodoto et Achillae et ipsi puero non puerile auso facinus infestus est?
- 4. Cantus nos nonnumquam et citata modulatio instigat Martiusque ille tubarum sonus; mouet mentes et atrox pictura et iustissimorum suppliciorum tristis aspectus;
- 5. inde est quod adridemus ridentibus et contristat nos turba maerentium et efferuescimus ad aliena certamina. Quae non sunt irae, non magis quam tristitia est quae ad conspectum mimici naufragii contrahit frontem, non magis quam timor qui Hannibale post Cannas moenia circumsidente lectorum percurrit animos, sed omnia ista motus sunt animorum moueri nolentium, nec adfectus sed principia proludentia adfectibus.
- 6. Sic enim militaris uiri in media pace iam togati aures tuba suscitat equosque castrenses erigit crepitus armorum. Alexandrum aiunt Xenophanto canente manum ad arma misisse.

Ш.

- 1. Nihil ex his quae animum fortuito inpellunt adfectus uocari debet: ista, ut ita dicam, patitur magis animus quam facit. Ergo adfectus est non ad oblatas rerum species moueri, sed permittere se illis et hunc fortuitum motum prosequi.
- 2. Nam si quis pallorem et lacrimas procidentis et inritationem umoris obsceni altumue suspirium et oculos subito acriores aut quid his simile indicium adfectus animique signum putat, fallitur nec intellegit corporis hos esse pulsus.
- 3. Itaque et fortissimus plerumque uir dum armatur expalluit et signo pugnae dato ferocissimo militi paulum genua tremuerunt et magno imperatori antequam inter se acies arietarent cor exiluit et oratori eloquentissimo dum ad dicendum componitur summa riguerunt.
- 4. Ira non moueri tantum debet sed excurrere; est enim impetus; numquam autem impetus sine adsensu mentis est, neque enim fieri potest ut de ultione et poena agatur animo nesciente. Putauit se aliquis laesum, uoluit ulcisci, dissuadente aliqua causa statim resedit: hanc iram non uoco, motum animi rationi parentem: illa est ira quae rationem transsilit, quae secum rapit.
- 5. Ergo prima illa agitatio animi quam species iniuriae incussit non magis ira est quam ipsa iniuriae species; ille sequens impetus, qui speciem iniuriae non tantum accepit sed adprobauit, ira est, concitatio animi ad ultionem uoluntate et iudicio pergentis. Numquam dubium est quin timor fugam habeat, ira impetum; uide ergo an putes aliquid sine adsensu mentis aut peti posse aut caueri.

IV.

- 1. Et ut scias quemadmodum incipiant adfectus aut crescant aut efferantur, est primus motus non uoluntarius, quasi praeparatio adfectus et quaedam comminatio; alter cum uoluntate non contumaci, tamquam oporteat me uindicari cum laesus sim, aut oporteat hunc poenas dare cum scelus fecerit; tertius motus est iam inpotens, qui non si oportet ulcisci uult sed utique, qui rationem euicit.
- 2. Primum illum animi ictum effugere ratione non possumus, sicut ne illa quidem quae diximus accidere corporibus, ne nos oscitatio aliena sollicitet, ne oculi ad intentationem subitam digitorum comprimantur: ista non potest ratio uincere, consuetudo fortasse et adsidua obseruatio extenuat. Alter ille motus, qui iudicio nascitur, iudicio tollitur.

V.

- 1. Illud etiamnunc quaerendum est, ii qui uulgo saeuiunt et sanguine humano gaudent, an irascantur cum eos occidunt a quibus nec acceperunt iniuriam nec accepisse ipsos existimant: qualis fuit Apollodorus aut Phalaris.
- 2. Haec non est ira, feritas est; non enim quia accepit iniuriam nocet, sed parata est dum noceat uel accipere, nec illi uerbera lacerationesque in ultionem petuntur sed in uoluptatem.
- 3. Quid ergo? Origo huius mali ab ira est, quae ubi frequenti exercitatione et satietate in obliuionem clementiae uenit et omne foedus humanum eiecit animo, nouissime in crudelitatem transit; rident itaque gaudentque et uoluptate multa perfruuntur plurimumque ab iratorum uultu absunt, per otium saeui.
- 4. Hannibalem aiunt dixisse, cum fossam sanguine humano plenam uidisset, 'o formosum spectaculum!' Quanto pulchrius illi uisum esset, si flumen aliquod lacumque conplesset! Quid mirum si hoc maxime spectaculo caperis, innatus sanguini et ab infante caedibus admotus? Sequetur te fortuna crudelitati tuae per uiginti annos secunda dabitque oculis tuis gratum ubique spectaculum; uidebis istud et circa Trasumennum et circa Cannas et nouissime circa Carthaginem tuam.
- 5. Volesus nuper, sub diuo Augusto proconsul Asiae, cum trecentos uno die securi percussisset, incedens inter cadauera uultu superbo, quasi magnificum quiddam conspiciendumque fecisset, graece proclamauit 'o rem regiam!' Quid hic rex fecisset? Non fuit haec ira sed maius malum et insanabile.

VI.

- 1. 'Virtus' inquit 'ut honestis rebus propitia est, ita turpibus irata esse debet.' Quid si dicat uirtutem et humilem et magnam esse debere? Atqui hoc dicit qui illam extolli uult et deprimi, quoniam laetitia ob recte factum clara magnificaque est, ira ob alienum peccatum sordida et angusti pectoris est.
- 2. Nec umquam committet uirtus ut uitia dum compescit imitetur; iram ipsam castigandam habet, quae nihilo melior est, saepe etiam peior iis delictis quibus irascitur. Gaudere laetarique proprium et naturale uirtutis est: irasci non est ex dignitate eius, non magis quam maerere; atqui iracundiae tristitia comes est et in hanc omnis ira uel post paenitentiam uel post repulsam reuoluitur.
- 3. Et si sapientis est peccatis irasci, magis irascetur maioribus et saepe irascetur: sequitur ut non tantum iratus sit sapiens sed iracundus. Atqui si nec magnam iram nec frequentem in animo sapientis locum habere credimus, quid est quare non ex toto illum hoc adfectu liberemus?
- 4. Modus enim esse non potest, si pro facto cuiusque irascendum est; nam aut iniquus erit, si aequaliter irascetur delictis inaequalibus, aut iracundissimus, si totiens excanduerit quotiens iram scelera meruerint.

VII.

- 1. Et quid indignius quam sapientis adfectum ex aliena pendere nequitia? Desinet ille Socrates posse eundem uultum domum referre quem domo extulerat? Atqui si irasci sapiens turpiter factis debet et concitari contristarique ob scelera, nihil est aerumnosius sapiente: omnis illi per iracundiam maeroremque uita transibit.
- 2. Quod enim momentum erit quo non inprobanda uideat? Quotiens processerit domo, per sceleratos illi auarosque et prodigos et inpudentis et ob ista felices incedendum erit; nusquam oculi eius flectentur ut non quod indignentur inueniant: deficiet si totiens a se iram quotiens causa poscet exegerit.
- 3. Haec tot milia ad forum prima luce properantia, quam turpes lites, quanto turpiores aduocatos habent! Alius iudicia patris accusat, quae <non> mereri satius fuit, alius cum matre consistit, alius delator uenit eius criminis cuius manifestior reus est; et iudex damnaturus quae fecit eligitur et corona pro mala causa <stat> bona patroni uoce corrupta.

VIII.

- 1. Quid singula persequor? Cum uideris forum multitudine refertum et saepta concursu omnis frequentiae plena et illum circum in quo maximam sui partem populus ostendit, hoc scito, istic tantundem esse uitiorum quantum hominum.
- 2. Inter istos quos togatos uides nulla pax est: alter in alterius exitium leui compendio ducitur; nulli nisi ex alterius iniuria quaestus est; felicem oderunt, infelicem contemnunt; maiorem grauantur, minori graues sunt; diuersis stimulantur cupiditatibus; omnia perdita ob leuem uoluptatem praedamque cupiunt. Non alia quam in ludo gladiatorio uita est cum isdem uiuentium pugnantiumque.
- 3. Ferarum iste conuentus est, nisi quod illae inter se placidae sunt morsuque similium abstinent, hi mutua laceratione satiantur. ~Hoc uno~ ab animalibus mutis differunt, quod illa mansuescunt alentibus, horum rabies ipsos a quibus est nutrita depascitur.

IX.

- 1. Numquam irasci desinet sapiens, si semel coeperit: omnia sceleribus ac uitiis plena sunt; plus committitur quam quod possit coercitione sanari; certatur ingenti quidem nequitiae certamine. Maior cotidie peccandi cupiditas, minor uerecundia est; expulso melioris aequiorisque respectu quocumque uisum est libido se inpingit, nec furtiua iam scelera sunt: praeter oculos eunt, adeoque in publicum missa nequitia est et in omnium pectoribus eualuit ut innocentia non rara sed nulla sit.
- 2. Numquid enim singuli aut pauci rupere legem? undique uelut signo dato ad fas nefasque miscendum coorti sunt:

non hospes ab hospite tutus, non socer a genero; fratrum quoque gratia rara est; imminet exitio uir coniugis, illa mariti; lurida terribiles miscent aconita nouercae, filius ante diem patrios inquirit in annos.

- 3. Et quota ista pars scelerum est? Non descripsit castra ex una parte contraria et parentium liberorumque sacramenta diuersa, subiectam patriae ciuis manu flammam et agmina infestorum equitum ad conquirendas proscriptorum latebras circumuolitantia et uiolatos fontes uenenis et pestilentiam manu factam et praeductam obsessis parentibus fossam, plenos carceres et incendia totas urbes concremantia dominationesque funestas et regnorum publicorumque exitiorum clandestina consilia, et pro gloria habita quae, quam diu opprimi possunt, scelera sunt, raptus ac stupra et ne os quidem libidini exceptum.
- 4. Adde nunc publica periuria gentium et rupta foedera et in praedam ualidioris quidquid non resistebat abductum, circumscriptiones furta fraudes infitiationes quibus trina non sufficient fora. Si tantum irasci

uis sapientem quantum scelerum indignitas exigit, non irascendum illi sed insaniendum est.

X.

- 1. Illud potius cogitabis, non esse irascendum erroribus. Quid enim si quis irascatur in tenebris parum uestigia certa ponentibus? Quid si quis surdis imperia non exaudientibus? Quid si pueris, quod neglecto dispectu officiorum ad lusus et ineptos aequalium iocos spectent? Quid si illis irasci uelis qui aegrotant senescunt fatigantur? Inter cetera mortalitatis incommoda et hoc est, caligo mentium nec tantum necessitas errandi sed errorum amor.
- 2. Ne singulis irascaris, uniuersis ignoscendum est, generi humano uenia tribuenda est. Si irasceris iuuenibus senibusque quod peccant, irascere infantibus: peccaturi sunt. Numquis irascitur pueris, quorum aetas nondum nouit rerum discrimina? maior est excusatio et iustior hominem esse quam puerum.
- 3. Hac condicione nati sumus, animalia obnoxia non paucioribus animi quam corporis morbis, non quidem obtusa nec tarda, sed acumine nostro male utentia, alter alteri uitiorum exempla: quisquis sequitur priores male iter ingressos, quidni habeat excusationem, cum publica uia errauerit?
- 4. In singulos seueritas imperatoris destringitur, at necessaria uenia est ubi totus deseruit exercitus. Quid tollit iram sapientis? turba peccantium. Intellegit quam et iniquum sit et periculosum irasci publico uitio.
- 5. Heraclitus quotiens prodierat et tantum circa se male uiuentium, immo male pereuntium uiderat, flebat, miserebatur omnium qui sibi laeti felicesque occurrebant, miti animo, sed nimis inbecillo: et ipse inter deplorandos erat. Democritum contra aiunt numquam sine risu in publico fuisse; adeo nihil illi uidebatur serium eorum quae serio gerebantur. Vbi istic irae locus est? aut ridenda omnia aut flenda sunt.6. Non irascetur sapiens peccantibus. Quare? quia scit neminem nasci sapientem sed fieri, scit paucissimos omni aeuo sapientis

euadere, quia condicionem humanae uitae perspectam habet; nemo autem naturae sanus irascitur. Quid enim si mirari uelit non in siluestribus dumis poma pendere? Quid si miretur spineta sentesque non utili aliqua fruge conpleri? Nemo irascitur ubi uitium natura defendit.

- 7. Placidus itaque sapiens et aequus erroribus, non hostis sed corrector peccantium, hoc cotidie procedit animo: 'multi mihi occurrent uino dediti, multi libidinosi, multi ingrati, multi auari, multi furiis ambitionis agitati.' Omnia ista tam propitius aspiciet quam aegros suos medicus.
- 8. Numquid ille cuius nauigium multam undique laxatis conpagibus aquam trahit nautis ipsique nauigio irascitur? occurrit potius et aliam excludit undam, aliam egerit, manifesta foramina praecludit, latentibus et ex occulto sentinam ducentibus labore continuo resistit, nec ideo intermittit quia quantum exhaustum est subnascitur. Lento adiutorio opus est contra mala continua et fecunda, non ut desinant, sed ne uincant.

XI.

- 1. 'Vtilis est' inquit 'ira, quia contemptum effugit, quia malos terret.' Primum ira, si quantum minatur ualet, ob hoc ipsum quod terribilis est et inuisa est; periculosius est autem timeri quam despici. Si uero sine uiribus est, magis exposita contemptui est et derisum non effugit; quid enimest iracundia in superuacuum tumultuante frigidius?
- 2. Deinde non ideo quaedam, quia sunt terribiliora, potiora sunt, nec hoc sapienti dici uelim: 'quod ferae, sapientis quoque telum est, timeri.' Quid? non timetur febris, podagra, ulcus malum? Numquid ideo quicquam in istis boni est? At contra omnia despecta foedaque et turpia ~ipso quo~ timentur. Sic ira per se deformis est et minime metuenda, at timetur a pluribus sicut deformis persona ab infantibus.
- 3. Quid quod semper in auctores redundat timor nec quisquam metuitur ipse securus? Occurrat hoc loco tibi Laberianus ille uersus qui medio ciuili bello in theatro dictus totum in se populum non aliter conuertit quam si missa esset uox publici adfectus:

necesse est multos timeat quem multi timent.

- 4. Ita natura constituit ut quidquid alieno metu magnum est a suo non uacet. Leonum quam pauida sunt ad leuissimos sonos pectora! acerrimas feras umbra et uox et odor insolitus exagitat: quidquid terret et trepidat. Non est ergo quare concupiscat quisquam sapiens timeri, nec ideo iram magnum quiddam putet quia formidini est, quoniam quidem etiam contemptissima timentur, ut uenena et ossa pestifera et morsus.
- 5. Nec mirum est, cum maximos ferarum greges linea pinnis distincta contineat et in insidias agat, ab ipso adfectu dicta formido; uanis enim uana terrori sunt. Curriculi motus rotarumque uersata facies leones redegit in caueam, elephantos porcina uox terret.
- 6. Sic itaque ira metuitur quomodo umbra ab infantibus, a feris rubens

pinna. Non ipsa in se quicquam habet firmum aut forte, sed leues animos mouet.

XII.

- 1. 'Nequitia' inquit 'de rerum natura tollenda est, si uelis iram tollere; neutrum autem potest fieri.' Primum potest aliquis non algere, quamuis [ex rerum natura] hiemps sit, et non aestuare, quamuis menses aestiui sint: aut loci beneficio aduersus intemperiem anni tutus est aut patientia corporis sensum utriusque peruicit.
- 2. Deinde uerte istud: necesse est prius uirtutem ex animo tollas quam iracundiam recipias, quoniam cum uirtutibus uitia non coeunt, nec magis quisquam eodem tempore et iratus potest esse et uir bonus quam aeger et sanus.
- 3. 'Non potest' inquit 'omnis ex animo ira tolli, nec hoc hominis natura patitur.' Atqui nihil est tam difficile et arduum quod non humana mens uincat et in familiaritatem perducat adsidua meditatio, nullique sunt tam feri et sui iuris adfectus ut non disciplina perdomentur.
- 4. Quodcumque sibi imperauit animus optinuit: quidam ne umquam riderent consecuti sunt; uino quidam, alii uenere, quidam omni umore interdixere corporibus; alius contentus breui somno uigiliam indefatigabilem extendit; didicerunt tenuissimis et aduersis funibus currere et ingentia uixque humanis toleranda uiribus onera portare et in inmensam altitudinem mergi ac sine ulla respirandi uice perpeti maria. Mille sunt alia in quibus pertinacia inpedimentum omne transcendit ostenditque nihil esse difficile cuius sibi ipsa mens patientiam indiceret.
- 5. Istis quos paulo ante rettuli aut nulla tam pertinacis studii aut non digna merces fuit quid enim magnificum consequitur ille qui meditatus est per intentos funes ire, qui sarcinae ingenti ceruices supponere, qui somno non summittere oculos, qui penetrare in imum mare? et tamen ad finem operis non magno auctoramento labor peruenit:
- 6. nos non aduocabimus patientiam, quos tantum praemium expectat,

felicis animi inmota tranquillitas? Quantum est effugere maximum malum, iram, et cum illa rabiem saeuitiam crudelitatem furorem, alios comites eius adfectus!

XIII.

- 1. Non est quod patrocinium nobis quaeramus et excusatam licentiam, dicentes aut utile id esse aut ineuitabile; cui enim tandem uitio aduocatus defuit? Non est quod dicas excidi non posse: sanabilibus aegrotamus malis ipsaque nos in rectum genitos natura, si emendari uelimus, iuuat. Nec, ut quibusdam uisum est, arduum in uirtutes et asperum iter est: plano adeuntur.
- 2. Non uanae uobis auctor rei uenio. Facilis est ad beatam uitam uia: inite modo bonis auspiciis ipsisque dis bene iuuantibus. Multo difficilius est facere ista quae facitis. Quid est animi quiete otiosius, quid ira laboriosius? Quid clementia remissius, quid crudelitate negotiosius? Vacat pudicitia, libido occupatissima est. Omnium denique uirtutum tutela facilis est, uitia magno coluntur.
- 3. Debet ira remoueri hoc ex parte fatentur etiam qui dicunt esse minuendam: tota dimittatur, nihil profutura est. Sine illa facilius rectiusque scelera tollentur, mali punientur et transducentur in melius. Omnia quae debet sapiens sine ullius malae rei ministerio efficiet nihilque admiscebit cuius modum sollicitius obseruet.

XIV.

- 1. Numquam itaque iracundia admittenda est, aliquando simulanda, si segnes audientium animi concitandi sunt, sicut tarde consurgentis ad cursum equos stimulis facibusque subditis excitamus. Aliquando incutiendus est iis metus apud quos ratio non proficit: irasci quidem non magis utile est quam maerere, quam metuere. 2. 'Quid ergo? non incidunt causae quae iram lacessant?' Sed tunc maxime illi opponendae manus sunt. Nec est difficile uincere animum, cum athletae quoque, in uilissima sui parte occupati, tamen ictus doloresque patiantur ut uires caedentis exhauriant, nec cum ira suadet feriunt, sed cum occasio. 3. Pyrrhum, maximum praeceptorem certaminis gymnici, solitum aiunt iis quos exercebat praecipere ne irascerentur; ira enim perturbat artem et qua noceat tantum aspicit. Saepe itaque ratio patientiam suadet, ira uindictam, et qui primis defungi malis potuimus in maiora deuoluimur.
- 4. Quosdam unius uerbi contumelia non aequo animo lata in exilium proiecit, et qui leuem iniuriam silentio ferre noluerant grauissimis malis obruti sunt, indignatique aliquid ex plenissima libertate deminui seruile in sese adtraxerunt iugum.

XV.

- 1. 'Vt scias' inquit 'iram habere in se generosi aliquid, liberas uidebis gentes quae iracundissimae sunt, ut Germanos et Scythas.' Quod euenit quia fortia solidaque natura ingenia, antequam disciplina molliantur, prona in iram sunt. Quaedam enim non nisi melioribus innascuntur ingeniis, sicut ualida arbusta et laeta quamuis neglecta tellus creat et alta fecundi soli silua est;
- 2. itaque et ingenia natura fortia iracundiam ferunt nihilque tenue et exile capiunt ignea et feruida, sed inperfectus illis uigor est ut omnibus quae sine arte ipsius tantum naturae bono exsurgunt, sed nisi cito domita sunt, quae fortitudini apta erant audaciae temeritatique consuescunt.
- 3. Quid? non mitioribus animis uitia leniora coniuncta sunt, ut misericordia et amor et uerecundia? Itaque saepe tibi bonam indolem malis quoque suis ostendam; sed non ideo uitia non sunt si naturae melioris indicia sunt
- 4. Deinde omnes istae feritate liberae gentes leonum luporumque ritu ut seruire non possunt, ita nec imperare; non enim humani uim ingenii, sed feri et intractabilis habent; nemo autem regere potest nisi qui et regi.
- 5. Fere itaque imperia penes eos fuere populos qui mitiore caelo utuntur: in frigora septemtrionemque uergentibus 'inmansueta ingenia' sunt, ut ait poeta,

suoque simillima caelo.

XVI.

1. 'Animalia' inquit 'generosissima habentur quibus multum inest irae.' Errat qui ea in exemplum hominis adducit quibus pro ratione est impetus: homini pro impetu ratio est. Sed ne illis quidem omnibus idem prodest: iracundia leones adiuuat, pauor ceruos, accipitrem

impetus, columbam fuga.

- 2. Quid quod ne illud quidem uerum est, optima animalia esse iracundissima? Feras putem, quibus ex raptu alimenta sunt, meliores quo iratiores: patientiam laudauerim boum et equorum frenos sequentium. Quid est autem cur hominem ad tam infelicia exempla reuoces, cum habeas mundum deumque, quem ex omnibus animalibus, ut solus imitetur, solus intellegit?
- 3. 'Simplicissimi' inquit 'omnium habentur iracundi.' Fraudulentis enim et uersutis comparantur et simplices uidentur quia expositi sunt. Quos quidem non simplices dixerim sed incautos: stultis luxuriosis nepotibusque hoc nomen inponimus et omnibus uitiis parum callidis.

XVII.

- 1. 'Orator' inquit 'iratus aliquando melior est.' Immo imitatus iratum; nam et histriones in pronuntiando non irati populum mouent, sed iratum bene agentes; et apud iudices itaque et in contione et ubicumque alieni animi ad nostrum arbitrium agendi sunt, modo iram, modo metum, modo misericordiam, ut aliis incutiamus, ipsi simulabimus, et saepe id quod ueri adfectus non effecissent effecit imitatio adfectuum.
- 2. 'Languidus' inquit 'animus est qui ira caret.' Verum est, si nihil habeat ira ualentius. Nec latronem oportet esse nec praedam, nec misericordem nec crudelem: illius nimis mollis animus, huius nimis durus est; temperatus sit sapiens et ad res fortius agendas non iram sed uim adhibeat.

XVIII.

- 1. Quoniam quae de ira quaeruntur tractauimus, accedamus ad remedia eius. Duo autem, ut opinor, sunt: ne incidamus in iram, et ne in ira peccemus. Vt in corporum cura alia de tuenda ualetudine, alia de restituenda praecepta sunt, ita aliter iram debemus repellere, aliter compescere. Vt uitemus, quaedam ad uniuersam uitam pertinentia praecipientur: ea in educationem et in sequentia tempora diuidentur.
- 2. Educatio maximam diligentiam plurimumque profuturam desiderat; facile est enim teneros adhuc animos componere, difficulter reciduntur uitia quae nobiscum creuerunt.

XIX.

- 1. Opportunissima ad iracundiam feruidi animi natura est. Nam cum elementa sint quattuor, ignis aquae aeris terrae, potestates pares his sunt, feruida frigida arida atque umida; et locorum itaque et animalium et corporum et morum uarietates mixtura elementorum facit, et proinde aliquo magis incumbunt ingenia prout alicuius elementi maior uis abundauit. Inde quasdam umidas uocamus aridasque regiones et calidas et frigidas.
- 2. Eadem animalium hominumque discrimina sunt: refert quantum quisque umidi in se calidique contineat; cuius in illo elementi portio praeualebit, inde mores erunt. Iracundos feruida animi natura faciet; est enim actuosus et pertinax ignis: frigidi mixtura timidos facit; pigrum est enim contractumque frigus.
- 3. Volunt itaque quidam ex nostris iram in pectore moueri efferuescente circa cor sanguine; causa cur hic potissimum adsignetur irae locus non alia est quam quod in toto corpore calidissimum pectus est.
- 4. Quibus umidi plus inest, eorum paulatim crescit ira, quia non est paratus illis calor sed motu adquiritur; itaque puerorum feminarumque irae acres magis quam graues sunt leuioresque dum incipiunt. Siccis aetatibus uehemens robustaque est ira, sed sine incremento, non multum sibi adiciens, quia inclinaturum calorem frigus insequitur: senes difficiles et queruli sunt, ut aegri et conualescentes et quorum aut lassitudine aut detractione sanguinis exhaustus est calor;
- 5. in eadem causa sunt siti fameque tabidi et quibus exsangue corpus est maligneque alitur et deficit. Vinum incendit iras, quia calorem auget; pro cuiusque natura quidam ebrii efferuescunt, quidam saucii. Neque ulla alia causa est cur iracundissimi sint flaui rubentesque, quibus talis natura color est qualis fieri ceteris inter iram solet; mobilis enim illis agitatusque sanguis est.

XX.

- 1. Sed quemadmodum natura quosdam procliues in iram facit, ita multae incidunt causae quae idem possint quod natura: alios morbus aut iniuria corporum in hoc perduxit, alios labor aut continua peruigilia noctesque sollicitae et desideria amoresque; quidquid aliud aut corpori nocuit aut animo, aegram mentem in querellas parat.
- 2. Sed omnia ista initia causaeque sunt: plurimum potest consuetudo, quae si grauis est alit uitium. Naturam quidem mutare difficile est, nec licet semel mixta nascentium elementa conuertere; sed in hoc nosse profuerit, ut calentibus ingeniis subtrahas uinum, quod pueris Plato negandum putat et ignem uetat igne incitari. Ne cibis quidem inplendi sunt; distendentur enim corpora et animi cum corpore tumescent.
- 3. Labor illos citra lassitudinem exerceat, ut minuatur, non ut consumatur calor nimiusque ille feruor despumet. Lusus quoque proderunt; modica enim uoluptas laxat animos et temperat.
- 4. Vmidioribus siccioribusque et frigidis non est ab ira periculum, sed inertiora uitia metuenda sunt, pauor et difficultas et desperatio et suspiciones; mollienda itaque fouendaque talia ingenia et in laetitiam euocanda sunt. Et quia aliis contra iram, aliis contra tristitiam remediis utendum est nec dissimillimis tantum ista sed contrariis curanda sunt, semper ei occurremus quod increuerit.

XXI.

- 1. Plurimum, inquam, proderit pueros statim salubriter institui; difficile autem regimen est, quia dare debemus operam ne aut iram in illis nutriamus aut indolem retundamus.
- 2. Diligenti obseruatione res indiget; utrumque enim, et quod extollendum et quod deprimendum est, similibus alitur, facile autem etiam adtendentem similia decipiunt.
- 3. Crescit licentia spiritus, seruitute comminuitur; adsurgit si laudatur et in spem sui bonam adducitur, sed eadem ista insolentiam et iracundiam generant: itaque sic inter utrumque regendus est ut modo frenis utamur modo stimulis.
- 4. Nihil humile, nihil seruile patiatur; numquam illi necesse sit rogare suppliciter nec prosit rogasse, potius causae suae et prioribus factis et bonis in futurum promissis donetur.
- 5. In certaminibus aequalium nec uinci illum patiamur nec irasci; demus operam ut familiaris sit iis cum quibus contendere solet, ut in certamine adsuescat non nocere uelle sed uincere; quotiens superauerit et dignum aliquid laude fecerit, attolli non gestire patiamur; gaudium enim exultatio, exultationem tumor et nimia aestimatio sui sequitur.
- 6. Dabimus aliquod laxamentum, in desidiam uero otiumque non resoluemus et procul a contactu deliciarum retinebimus; nihil enim magis facit iracundos quam educatio mollis et blanda. Ideo unicis quo plus indulgetur, pupillisque quo plus licet, corruptior animus est. Non resistet offensis cui nihil umquam negatum est, cuius lacrimas sollicita semper mater abstersit, cui de paedagogo satisfactum est.
- 7. Non uides ut maiorem quamque fortunam maior ira comitetur? In diuitibus et nobilibus et magistratibus praecipue apparet, cum quidquid leue et inane in animo erat secunda se aura sustulit. Felicitas

iracundiam nutrit, ubi aures superbas adsentatorum turba circumstetit: 'tibi enim ille respondeat? Non pro fastigio te tuo metiris; ipse te proicis' et alia quibus uix sanae et ab initio bene fundatae mentes restiterunt.

- 8. Longe itaque ab adsentatione pueritia remouenda est: audiat uerum. Et timeat interim, uereatur semper, maioribus adsurgat. Nihil per iracundiam exoret: quod flenti negatum fuerit quieto offeratur. Et diuitias parentium in conspectu habeat, non in usu.
- 9. Exprobrentur illi perperam facta. Pertinebit ad rem praeceptores paedagogosque pueris placidos dari: proximis adplicatur omne quod tenerum est et in eorum similitudinem crescit; nutricum et paedagogorum rettulere mox adulescentium mores.
- 10. Apud Platonem educatus puer cum ad parentes relatus uociferantem uideret patrem: 'numquam' inquit 'hoc apud Platonem uidi.' Non dubito quin citius patrem imitatus sit quam Platonem.
- 11. Tenuis ante omnia uictus <sit> et non pretiosa uestis et similis cultus cum aequalibus: non irascetur aliquem sibi comparari quem ab initio multis parem feceris.

XXII.

- 1. Sed haec ad liberos nostros pertinent; in nobis quidem sors nascendi et educatio nec uitii locum nec iam praecepti habet: sequentia ordinanda sunt.
- 2. Contra primas itaque causas pugnare debemus; causa autem iracundiae opinio iniuriae est, cui non facile credendum est. Ne apertis quidem manifestisque statim accedendum; quaedam enim falsa ueri speciem ferunt. Dandum semper est tempus: ueritatem dies aperit.
- 3. Ne sint aures criminantibus faciles; hoc humanae naturae uitium suspectum notumque nobis sit, quod quae inuiti audimus libenter credimus et antequam iudicemus irascimur.
- 4. Quid quod non criminationibus tantum sed suspicionibus inpellimur et ex uultu risuque alieno peiora interpretati innocentibus irascimur? Itaque agenda est contra se causa absentis et in suspenso ira retinenda; potest enim poena dilata exigi, non potest exacta reuocari.

XXIII.

- 1. Notus est ille tyrannicida qui, inperfecto opere comprehensus et ab Hippia tortus ut conscios indicaret, circumstantes amicos tyranni nominauit quibusque maxime caram salutem eius sciebat. Et cum ille singulos, ut nominati erant, occidi iussisset, interrogauit ecquis superesset: 'tu' inquit 'solus; neminem enim alium cui carus esses reliqui.' Effecit ira ut tyrannus tyrannicidae manus accommodaret et praesidia sua gladio suo caederet.
- 2. Quanto animosius Alexander! qui cum legisset epistulam matris, qua admonebatur ut a ueneno Philippi medici caueret, acceptam potionem non deterritus bibit: plus sibi de amico suo credidit. Dignus fuit qui innocentem haberet, dignus qui faceret.
- 3. Hoc eo magis in Alexandro laudo quia nemo tam obnoxius irae fuit; quo rarior autem moderatio in regibus, hoc laudanda magis est.
- 4. Fecit hoc et C. Caesar ille qui uictoria ciuili clementissime usus est: cum scrinia deprendisset epistularum ad Cn. Pompeium missarum ab iis qui uidebantur aut in diuersis aut in neutris fuisse partibus, combussit. Quamuis moderate soleret irasci, maluit tamen non posse; gratissimum putauit genus ueniae nescire quid quisque peccasset.

XXIV.

- 1. Plurimum mali credulitas facit. Saepe ne audiendum quidem est, quoniam in quibusdam rebus satius est decipi quam diffidere. Tollenda ex animo suspicio et coniectura, fallacissima inritamenta: 'ille me parum humane salutauit; ille osculo meo non adhaesit; ille inchoatum sermonem cito abrupit; ille ad cenam non uocauit; illius uultus auersior uisus est.'
- 2. Non deerit suspicioni argumentatio: simplicitate opus est et benigna rerum aestimatione. Nihil nisi quod in oculos incurret manifestumque erit credamus, et quotiens suspicio nostra uana apparuerit, obiurgemus credulitatem; haec enim castigatio consuetudinem efficiet non facile credendi.

XXV.

- 1. Inde et illud sequitur, ut minimis sordidissimisque rebus non exacerbemur. Parum agilis est puer aut tepidior aqua poturo aut turbatus torus aut mensa neglegentius posita: ad ista concitari insania est. Aeger et infelicis ualetudinis est quem leuis aura contraxit, adfecti oculi quos candida uestis obturbat, dissolutus deliciis cuius latus alieno labore condoluit.
- 2. Mindyriden aiunt fuisse ex Sybaritarum ciuitate qui, cum uidisset fodientem et altius rastrum adleuantem, lassum se fieri questus uetuit illum opus in conspectu suo facere; idem habere se peius questus est, quod foliis rosae duplicatis incubuisset.
- 3. Vbi animum simul et corpus uoluptates corrupere, nihil tolerabile uidetur, non quia dura sed quia mollis patitur. Quid est enim cur tussis alicuius aut sternutamentum aut musca parum curiose fugata in rabiem agat aut obuersatus canis aut clauis neglegentis serui manibus elapsa?
- 4. Feret iste aequo animo ciuile conuicium et ingesta in contione curiaue maledicta cuius aures tracti subsellii stridor offendit? Perpetietur hic famem et aestiuae expeditionis sitim qui puero male diluenti niuem irascitur? Nulla itaque res magis iracundiam alit quam luxuria intemperans et inpatiens: dure tractandus animus est ut ictum non sentiat nisi grauem.

XXVI.

- 1. Irascimur aut iis a quibus ne accipere quidem potuimus iniuriam, aut iis a quibus accipere iniuriam potuimus.
- 2. Ex prioribus quaedam sine sensu sunt, ut liber quem minutioribus litteris scriptum saepe proiecimus et mendosum lacerauimus, ut uestimenta quae, quia displicebant, scidimus: his irasci quam stultum est, quae iram nostram nec meruerunt nec sentiunt!
- 3. 'Sed offendunt nos uidelicet qui illa fecerunt.' Primum saepe antequam hoc apud nos distinguamus irascimur. Deinde fortasse ipsi quoque artifices excusationes iustas adferent: alius non potuit melius facere quam fecit, nec ad tuam contumeliam parum didicit; alius non in hoc ut te offenderet fecit. Ad ultimum quid est dementius quam bilem in homines collectam in res effundere? 4. Atqui ut his irasci dementis est quae anima carent, sic mutis animalibus, quae nullam iniuriam nobis faciunt, quia uelle non possunt; non est enim iniuria nisi a consilio profecta. Nocere itaque nobis possunt ut ferrum aut lapis, iniuriam quidem facere non possunt.
- 5. Atqui contemni se quidam putant, ubi idem equi obsequentes alteri equiti, alteri contumaces sunt, tamquam iudicio, non consuetudine et arte tractandi quaedam quibusdam subiectiora sint.
- 6. Atqui ut his irasci stultum est, ita pueris et non multum a puerorum prudentia distantibus; omnia enim ista peccata apud aequum iudicem pro innocentia habent inprudentiam.

XXVII.

- 1. Quaedam sunt quae nocere non possunt nullamque uim nisi beneficam et salutarem habent, ut di inmortales, qui nec uolunt obesse nec possunt; natura enim illis mitis et placida est, tam longe remota ab aliena iniuria quam a sua.
- 2. Dementes itaque et ignari ueritatis illis inputant saeuitiam maris, inmodicos imbres, pertinaciam hiemis, cum interim nihil horum quae nobis nocent prosuntque ad nos proprie derigatur. Non enim nos causa mundo sumus hiemem aestatemque referendi: suas ista leges habent, quibus diuina exercentur; nimis nos suspicimus, si digni nobis uidemur propter quos tanta moueantur. Nihil ergo horum in nostram iniuriam fit, immo contra nihil non ad salutem.
- 3. Quaedam esse diximus quae nocere non possint, quaedam quae nolint. In iis erunt boni magistratus parentesque et praeceptores et iudices, quorum castigatio sic accipienda est quomodo scalpellum et abstinentia et alia quae profutura torquent.
- 4. Adfecti sumus poena: succurrat non tantum quid patiamur sed quid fecerimus, in consilium de uita nostra mittamur; si modo uerum ipsi nobis dicere uoluerimus, pluris litem nostram aestimabimus.

XXVIII.

- 1. Si uolumus aequi rerum omnium iudices esse, hoc primum nobis persuadeamus, neminem nostrum esse sine culpa; hinc enim maxima indignatio oritur: 'nihil peccaui' et 'nihil feci'. Immo nihil fateris. Indignamur aliqua admonitione aut coercitione nos castigatos, cum illo ipso tempore peccemus, quod adicimus malefactis adrogantiam et contumaciam.
- 2. Quis est iste qui se profitetur omnibus legibus innocentem? Vt hoc ita sit, quam angusta innocentia est ad legem bonum esse! Quanto latius officiorum patet quam iuris regula! Quam multa pietas humanitas liberalitas iustitia fides exigunt, quae omnia extra publicas tabulas sunt!
- 3. Sed ne ad illam quidem artissimam innocentiae formulam praestare nos possumus: alia fecimus, alia cogitauimus, alia optauimus, aliis fauimus; in quibusdam innocentes sumus, quia non successit.
- 4. Hoc cogitantes aequiores simus delinquentibus, credamus obiurgantibus; utique bonis ne irascamur (cui enim non, si bonis quoque?), minime dis; non enim illorum <uitio>, sed lege mortalitatis patimur quidquid incommodi accidit. 'At morbi doloresque incurrunt.' Vtique aliquo defungendum est domicilium putre sortitis.
- 5. Dicetur aliquis male de te locutus: cogita an priorfeceris, cogita de quam multis loquaris. Cogitemus, inquam, alios non facere iniuriam sed reponere, alios pro nobis facere, alios coactos facere, alios ignorantes, etiam eos qui uolentes scientesque faciunt ex iniuria nostra non ipsam iniuriam petere: aut dulcedine urbanitatis prolapsus est, aut fecit aliquid, non ut nobis obesset, sed quia consequi ipse non poterat, nisi nos reppulisset; saepe adulatio dum blanditur offendit.
- 6. Quisquis ad se rettulerit quotiens ipse in suspicionem falsam inciderit, quam multis officiis suis fortuna speciem iniuriae induerit,

quam multos post odium amare coeperit, poterit non statim irasci, utique si sibi tacitus ad singula quibus offenditur dixerit 'hoc et ipse commisi'.

- 7. Sed ubi tam aequum iudicem inuenies? Is qui nullius non uxorem concupiscit et satis iustas causas putat amandi quod aliena est, idem uxorem suam aspici non uult; et fidei acerrimus exactor est perfidus, et mendacia persequitur ipse periurus, et litem sibi inferri aegerrime calumniator patitur; pudicitiam seruulorum adtemptari non uult qui non pepercit suae.
- 8. Aliena uitia in oculis habemus, a tergo nostra sunt: inde est quod tempestiua filii conuiuia pater deterior filio castigat, et nihil alienae luxuriae ignoscit qui nihil suae negauit, et homicidae tyrannus irascitur, et punit furta sacrilegus. Magna pars hominum est quae non peccatis irascitur sed peccantibus. Faciet nos moderatiores respectus nostri, si consuluerimus nos: 'numquid et ipsi aliquid tale commisimus? Numquid sic errauimus? Expeditne nobis ista damnare?'

XXIX.

- 1. Maximum remedium irae mora est. Hoc ab illa pete initio, non ut ignoscat sed ut iudicet: graues habet impetus primos; desinet, si expectat. Nec uniuersam illam temptaueris tollere: tota uincetur, dum partibus carpitur.
- 2. Ex iis quae nos offendunt alia renuntiantur nobis, alia ipsi audimus aut uidemus. De iis quae narrata sunt non debemus cito credere: multi mentiuntur ut decipiant, multi quia decepti sunt; alius criminatione gratiam captat et fingit iniuriam ut uideatur doluisse factam; est aliquis malignus et qui amicitias cohaerentis diducere uelit; est ~suspicax~ et qui spectare ludos cupiat et ex longinquo tutoque speculetur quos conlisit.
- 3. De paruula summa iudicaturo tibi res sine teste non probaretur, testis sine iureiurando non ualeret, utrique parti dares actionem, dares tempus, non semel audires; magis enim ueritas elucet quo saepius ad manum uenit: amicum condemnas de praesentibus? Antequam audias, antequam interroges, antequam illi aut accusatorem suum nosse liceat aut crimen, irasceris? Iam enim, iam utrimque <quid> diceretur audisti?
- 4. Hic ipse qui ad te detulit desinet dicere, si probare debuerit: 'non est' inquit 'quod me protrahas; ego productus negabo; alioqui nihil umquam tibi dicam.' Eodem tempore et instigat et ipse se certamini pugnaeque subtrahit. Qui dicere tibi nisi clam non uult, paene non dicit: quid est iniquius quam secreto credere, palam irasci?

XXX.

- 1. Quorundam ipsi testes sumus: in his naturam excutiemus uoluntatemque facientium. Puer est: aetati donetur, nescit an peccet. Pater est: aut tantum profuit ut illi etiam iniuriae ius sit, aut fortasse ipsum hoc meritum eius est quo offendimur. Mulier est: errat. Iussus est: necessitati quis nisi iniquus suscenset? Laesus est: non est iniuria pati quod prior feceris. Iudex est: plus credas illius sententiae quam tuae. Rex est: si nocentem punit, cede iustitiae, si innocentem, cede fortunae.
- 2. Mutum animal est aut simile muto: imitaris illud, si irasceris. Morbus est aut calamitas: leuius transiliet sustinentem. Deus est: tam perdis operam cum illi irasceris quam cum illum alteri precaris iratum. Bonus uir est qui iniuriam fecit: noli credere. Malus: noli mirari; dabit poenas alteri quas debet tibi, et iam sibi dedit qui peccauit.

XXXI.

- 1. Duo sunt, ut dixi quae iracundiam concitant: primum, si iniuriam uidemur accepisse de hoc satis dictum est; deinde, si inique accepisse de hoc dicendum est.
- 2. Iniqua quaedam iudicant homines quia pati non debuerint, quaedam quia non sperauerint. Indigna putamus quae inopinata sunt; itaque maxime commouent quae contra spem expectationemque euenerunt, nec aliud est quare in domesticis minima offendant, in amicis iniuriam uocemus neglegentiam.
- 3. 'Quomodo ergo' inquit 'inimicorum nos iniuriae mouent?' Quia non expectauimus illas aut certe non tantas. Hoc efficit amor nostri nimius: inuiolatos nos etiam inimicis iudicamus esse debere; regis quisque intra se animum habet, ut licentiam sibi dari uelit, in se nolit.
- 4. Aut ignorantia itaque nos aut insolentia iracundos facit [ignorantia rerum]. Quid enim mirum est malos mala facinora edere? Quid noui est, si inimicus nocet, amicus offendit, filius labitur, seruus peccat? Turpissimam aiebat Fabius imperatori excusationem esse 'non putaui', ego turpissimam homini puto. Omnia puta, expecta: etiam in bonis moribus aliquid existet asperius.
- 5. Fert humana natura insidiosos animos, fert ingratos, fert cupidos, fert impios. Cum de unius moribus iudicabis, de publicis cogita. Vbi maxime gaudebis, maxime metues; ubi tranquilla tibi omnia uidentur, ibi nocitura non desunt sed quiescunt. Semper futurum aliquid quod te offendat existima: gubernator numquam ita totos sinus securus explicuit ut non expedite ad contrahendum armamenta disponeret.
- 6. Illud ante omnia cogita, foedam esse et execrabilem uim nocendi et alienissimam homini, cuius beneficio etiam saeua mansuescunt. Aspice elephantorum iugo colla summissa et taurorum pueris pariter ac feminis persultantibus terga inpune calcata et repentis inter pocula sinusque innoxio lapsu dracones et intra domum ursorum leonumque

ora placida tractantibus adulantisque dominum feras: pudebit cum animalibus permutasse mores.

- 7. Nefas est nocere patriae; ergo ciui quoque, nam hic pars patriae est sanctae partes sunt, si uniuersum uenerabile est; ergo et homini, nam hic in maiore tibi urbe ciuis est. Quid si nocere uelint manus pedibus, manibus oculi? Vt omnia inter se membra consentiunt quia singula seruari totius interest, ita homines singulis parcent quia ad coetum geniti sunt, salua autem esse societas nisi custodia et amore partium non potest.
- 8. Ne uiperas quidem et natrices et si qua morsu aut ictu nocent effligeremus, si in reliquum mansuefacere possemus aut efficere ne nobis aliisue periculo essent; ergo ne homini quidem nocebimus quia peccauit, sed ne peccet, nec umquam ad praeteritum sed ad futurum poena referetur; non enim irascitur sed cauet. Nam si puniendus est cuicumque prauum maleficumque ingenium est, poena neminem excipiet.

XXXII.

- 1. 'At enim ira habet aliquam uoluptatem et dulce est dolorem reddere.' Minime; non enim ut in beneficiis honestum est merita meritis repensare, ita iniurias iniuriis. Illic uinci turpe est, hic uincere. Inhumanum uerbum est et quidem pro iusto receptum ultio [et talio]. Non multum differt nisi ordine qui dolorem regerit: tantum excusatius peccat.
- 2. M. Catonem ignorans in balineo quidam percussit inprudens; quis enim illi sciens faceret iniuriam? Postea satis facienti Cato,'non memini' inquit 'me percussum.' Melius putauit non agnoscere quam uindicare.
- 3. 'Nihil' inquis 'illi post tantam petulantiam mali factum est?' Immo multum boni: coepit Catonem nosse. Magni animi est iniurias despicere; ultionis contumeliosissimum genus est non esse uisum dignum ex quo peteretur ultio. Multi leues iniurias altius sibi demisere dum uindicant: ille magnus et nobilis qui more magnae ferae latratus minutorum canum securus exaudit.

XXXIII.

- 1. 'Minus' inquit 'contemnemur, si uindicauerimus iniuriam.' Si tamquam ad remedium uenimus, sine ira ueniamus, non quasi dulce sit uindicari, sed quasi utile; saepe autem satius fuit dissimulare quam ulcisci. Potentiorum iniuriae hilari uultu, non patienter tantum ferendae sunt: facient iterum, si se fecisse crediderint. Hoc habent pessimum animi magna fortuna insolentes: quos laeserunt et oderunt.
- 2. Notissima uox est eius qui in cultu regum consenuerat: cum illum quidam interrogaret quomodo rarissimam rem in aula consecutus esset, senectutem, 'iniurias' inquit 'accipiendo et gratias agendo'. Saepe adeo iniuriam uindicare non expedit ut ne fateri quidem expediat.
- 3. C. Caesar Pastoris splendidi equitis Romani filium cum in custodia habuisset munditiis eius et cultioribus capillis offensus, rogante patre ut salutem sibi filii concederet, quasi de supplicio admonitus duci protinus iussit; ne tamen omnia inhumane faceret aduersum patrem, ad cenam illum eo die inuitauit.
- 4. Venit Pastor uultu nihil exprobrante. Propinauit illi Caesar heminam et posuit illi custodem: perdurauit miser, non aliter quam si fili sanguinem biberet. Vnguentum et coronas misit et obseruare iussit an sumeret: sumpsit. Eo die quo filium extulerat, immo quo non extulerat, iacebat conuiua centesimus et potiones uix honestas natalibus liberorum podagricus senex hauriebat, cum interim non lacrimam emisit, non dolorem aliquo signo erumpere passus est; cenauit tamquam pro filio exorasset. 5. Quaeris quare? habebat alterum. Quid ille Priamus? Non dissimulauit iram et regis genua complexus est, funestam perfusamque cruore fili manum ad os suum rettulit, cenauit? Sed tamen sine unguento, sine coronis, et illum hostis saeuissimus multis solaciis ut cibum caperet hortatus est, non ut pocula ingentia super caput posito custode siccaret.

6. Contempsissem Romanum patrem, si sibi timuisset: nunc iram compescuit pietas. Dignus fuit cui permitteretur a conuiuio ad ossa fili legenda discedere; ne hoc quidem permisit benignus interim et comis adulescens: propinationibus senem crebris, ut cura leniretur admonens, lacessebat. Contra ille se laetum et oblitum quid eo actum esset die praestitit; perierat alter filius, si carnifici conuiua non placuisset.

XXXIV.

- 1. Ergo ira abstinendum est, siue par est qui lacessendus est siue superior siue inferior. Cum pare contendere anceps est, cum superiore furiosum, cum inferiore sordidum. Pusilli hominis et miseri est repetere mordentem: mures formicaeque, si manum admoueris, ora conuertunt; inbecillia se laedi putant, si tanguntur.
- 2. Faciet nos mitiores, si cogitauerimus quid aliquando nobis profuerit ille cui irascimur, et meritis offensa redimetur. Illud quoque occurrat, quantum nobis commendationis allatura sit clementiae fama, quam multos uenia amicos utiles fecerit.
- 3. Ne irascamur inimicorum et hostium liberis: inter Sullanae crudelitatis exempla est quod ab re publica liberos proscriptorum summouit; nihil est iniquius quam aliquem heredem paterni odii fieri.
- 4. Cogitemus, quotiens ad ignoscendum difficiles erimus, an expediat nobis omnes inexorabiles esse. Quam saepe ueniam qui negauit petit! Quam saepe eius pedibus aduolutus est quem a suis reppulit! Quid est gloriosius quam iram amicitia mutare? Quos populus Romanus fideliores habet socios quam quos habuit pertinacissimos hostes? Quod hodie esset imperium, nisi salubris prouidentia uictos permiscuisset uictoribus?
- 5. Irascetur aliquis: tu contra beneficiis prouoca; cadit statim simultas ab altera parte deserta; nisi paria non pugnant. Sed utrimque certabit ira, concurritur: ille est melior qui prior pedem rettulit, uictus est qui uicit. Percussit te: recede; referiendo enim et occasionem saepius feriendi dabis et excusationem; non poteris reuelli, cum uoles.

XXXV.

- 1. Numquid uelit quisquam tam grauiter hostem ferire ut relinquat manum in uulnere et se ab ictu reuocare non possit? Atqui tale ira telum est: uix retrahitur. Arma nobis expedita prospicimus, gladium commodum et habilem: non uitabimus impetus animi ~hos~ graues et onerosos et inreuocabiles?
- 2. Ea demum uelocitas placet quae ubi iussa est uestigium sistit nec ultra destinata procurrit flectique et cursu ad gradum reduci potest; aegros scimus neruos esse, ubi inuitis nobis mouentur; senex aut infirmi corporis est qui cum ambulare uult currit: animi motus eos putemus sanissimos ualidissimosque qui nostro arbitrio ibunt, non suo ferentur.
- 3. Nihil tamen aeque profuerit quam primum intueri deformitatem rei, deinde periculum. Non est ullius adfectus facies turbatior: pulcherrima ora foedauit, toruos uultus ex tranquillissimis reddit; linquit decor omnis iratos, et siue amictus illis compositus est ad legem, trahent uestem omnemque curam sui effundent, siue capillorum natura uel arte iacentium non informis habitus, cum animo inhorrescunt; tumescunt uenae; concutietur crebro spiritu pectus, rabida uocis eruptio colla distendet; tum artus trepidi, inquietae manus, totius corporis fluctuatio.
- 4. Qualem intus putas esse animum cuius extra imago tam foeda est? Quanto illi intra pectus terribilior uultus est, acrior spiritus, intentior impetus, rupturus se nisi eruperit!
- 5. Quales sunt hostium uel ferarum caede madentium aut ad caedem euntium aspectus, qualia poetae inferna monstra finxerunt succincta serpentibus et igneo flatu, quales ad bella excitanda discordiamque in populos diuidendam pacemque lacerandam deae taeterrimae inferum exeunt, talem nobis iram figuremus, flamma lumina ardentia, sibilo mugituque et gemitu et stridore et si qua his inuisior uox est

perstrepentem, tela manu utraque quatientem (neque enim illi se tegere curae est), toruam cruentamque et cicatricosam et uerberibus suis liuidam, incessus uesani, offusam multa caligine, incursitantem uastantem fugantemque et omnium odio laborantem, sui maxime, si aliter nocere non possit, terras maria caelum ruere cupientem, infestam pariter inuisamque.

6. Vel, si uidetur, sit qualis apud uates nostros est sanguineum quatiens dextra Bellona flagellum aut scissa gaudens uadit Discordia palla

aut si qua magis dira facies excogitari diri adfectus potest.

XXXVI.

- 1. Quibusdam, ut ait Sextius, iratis profuit aspexisse speculum. Perturbauit illos tanta mutatio sui; uelut in rem praesentem adducti non agnouerunt se: et quantulum ex uera deformitate imago illa speculo repercussa reddebat!
- 2. Animus si ostendi et si in ulla materia perlucere posset, intuentis confunderet ater maculosusque et aestuans et distortus et tumidus. Nunc quoque tanta deformitas eius est per ossa carnesque et tot inpedimenta effluentis: quid si nudus ostenderetur?
- 3. Speculo quidem neminem deterritum ab ira credideris. Quid ergo? qui ad speculum uenerat ut se mutaret, iam mutauerat: iratis quidem nulla est formosior effigies quam atrox et horrida qualesque esse etiam uideri uolunt.
- 4. Magis illud uidendum est, quam multis ira per se nocuerit. Alii nimio feruore rupere uenas et sanguinem supra uires elatus clamor egessit et luminum suffudit aciem in oculos uehementius umor egestus et in morbos aegri reccidere. Nulla celerior ad insaniam uia est.
- 5. Multi itaque continuauerunt irae furorem nec quam expulerant mentem umquam receperunt: Aiacem in mortem egit furor, in furorem ira. Mortem liberis, egestatem sibi, ruinam domui inprecantur, et irasci se negant non minus quam insanire furiosi. Amicissimis hostes uitandique carissimis, legum nisi qua nocent immemores, ad minima mobiles, non sermone, non officio adiri faciles, per uim omnia gerunt, gladiis et pugnare parati et incumbere.
- 6. Maximum enim illos malum cepit et omnia exsuperans uitia. Alia paulatim intrant, repentina et uniuersa uis huius est. Omnis denique alios adfectus sibi subicit: amorem ardentissimum uincit, transfoderunt itaque amata corpora et in eorum quos occiderant iacuere complexibus; auaritiam, durissimum malum minimeque flexibile, ira calcauit, adactam opes suas spargere et domui rebusque

in unum conlatis inicere ignem. Quid? non ambitiosus magno aestimata proiecit insignia honoremque delatum reppulit? Nullus adfectus est in quem non ira dominetur.

LIBER III

- 1. Quod maxime desiderasti, Nouate, nunc facere temptabimus, iram excidere animis aut certe refrenare et impetus eius inhibere. Id aliquando palam aperteque faciendum est, ubi minor uis mali patitur, aliquando ex occulto, ubi nimium ardet omnique inpedimento exasperatur et crescit; refert quantas uires quamque integras habeat, utrum reuerberanda et agenda retro sit an cedere ei debeamus dum tempestas prima desaeuit, ne remedia ipsa secum ferat.
- 2. Consilium pro moribus cuiusque capiendum erit; quosdam enim preces uincunt, quidam insultant instantque summissis, quosdam terrendo placabimus; alios obiurgatio, alios confessio, alios pudor coepto deiecit, alios mora, lentum praecipitis mali remedium, ad quod nouissime descendendum est.
- 3. Ceteri enim adfectus dilationem recipiunt et curari tardius possunt, huius incitata et se ipsa rapiens uiolentia non paulatim procedit sed dum incipit tota est; nec aliorum more uitiorum sollicitat animos, sed abducit et inpotentes sui cupidosque uel communis mali exagitat, nec in ea tantum in quae destinauit sed in occurrentia obiter furit.
- 4. Cetera uitia inpellunt animos, ira praecipitat. Etiam si resistere contra adfectus suos non licet, at certe adfectibus ipsis licet stare: haec, non secus quam fulmina procellaeque et si qua alia inreuocabilia sunt quia non eunt sed cadunt, uim suam magis ac magis tendit.
- 5. Alia uitia a ratione, hoc a sanitate desciscit; alia accessus lenes habent et incrementa fallentia: in iram deiectus animorum est. Nulla itaque res urget magis attonita et in uires suas prona et siue

successit superba, siue frustratur insana; ne repulsa quidem in taedium acta, ubi aduersarium fortuna subduxit, in se ipsa morsus suos uertit. Nec refert quantum sit ex quo surrexerit; ex leuissimis enim in maxima euadit.

- 1. Nullam transit aetatem, nullum hominum genus excipit. Quaedam gentes beneficio egestatis non nouere luxuriam; quaedam, quia exercitae et uagae sunt, effugere pigritiam; quibus incultus mos agrestisque uita est, circumscriptio ignota est et fraus et quodcumque in foro malum nascitur: nulla gens est quam non ira instiget, tam inter Graios quam inter barbaros potens, non minus perniciosa leges metuentibus quam quibus iura distinguit modus uirium.
- 2. Denique cetera singulos corripiunt, hic unus adfectus est qui interdum publice concipitur. Numquam populus uniuersus feminae amore flagrauit nec in pecuniam aut lucrum tota ciuitas spem suam misit; ambitio uiritim singulos occupat, inpotentia non est malum publicum; saepe in iram uno agmine itum est.
- 3. Viri feminae, senes pueri, principes uulgusque consensere, et tota multitudo paucissimis uerbis concitata ipsum concitatorem antecessit; ad arma protinus ignesque discursum est et indicta finitimis bella aut gesta cum ciuibus;
- 4. totae cum stirpe omni crematae domus, et modo eloquio fauorabili habitus in multo honore iram suae contionis excepit; in imperatorem suum legiones pila torserunt; dissedit plebs tota cum patribus; publicum consilium senatus non expectatis dilectibus nec nominato imperatore subitos irae suae duces legit ac per tecta urbis nobiles consectatus uiros supplicium manu sumpsit;
- 5. uiolatae legationes rupto iure gentium rabiesque infanda ciuitatem tulit, nec datum tempus quo resideret tumor publicus, sed deductae protinus classes et oneratae tumultuario milite; sine more, sine auspiciis populus ductu irae suae egressus fortuita raptaque pro armis gessit, deinde magna clade temeritatem audacis irae luit.
- 6. Hic barbaris forte inruentibus in bella exitus est: cum mobiles animos species iniuriae perculit, aguntur statim et qua dolor traxit

ruinae modo legionibus incidunt, incompositi interriti incauti, pericula adpetentes sua; gaudent feriri et instare ferro et tela corpore urgere et per suum uulnus exire.

Ш.

- 1. 'Non est' inquis 'dubium quin magna ista et pestifera sit uis: ideo quemadmodum sanari debeat monstra.' Atqui, ut in prioribus libris dixi, stat Aristoteles defensor irae et uetat illam nobis exsecari: calcar ait esse uirtutis, hac erepta inermem animum et ad conatus magnos pigrum inertemque fieri.
- 2. Necessarium est itaque foeditatem eius ac feritatem coarguere et ante oculis ponere quantum monstri sit homo in hominem furens quantoque impetu ruat non sine pernicie sua perniciosus et ea deprimens quae mergi nisi cum mergente non possunt.
- 3. Quid ergo? sanum hunc aliquis uocat qui uelut tempestate correptus non it sed agitur et furenti malo seruit, nec mandat ultionem suam sed ipse eius exactor animo simul ac manu saeuit, carissimorum eorumque quae mox amissa fleturus est carnifex?
- 4. Hunc aliquis adfectum uirtuti adiutorem comitemque dat, consilia sine quibus uirtus nihil gerit obturbantem? Caducae sinistraeque sunt uires et in malum suum ualidae in quas aegrum morbus et accessio erexit.
- 5. Non est ergo quod me putes tempus in superuacuis consumere, quod iram, quasi dubiae apud homines opinionis sit, infamem, cum sit aliquis et quidem de inlustribus philosophis qui illi indicat operas et tamquam utilem ac spiritus subministrantem in proelia, in actus rerum, ad omne quodcumque calore aliquo gerendum est uocet.
- 6. Ne quem fallat tamquam aliquo tempore, aliquo loco profutura, ostendenda est rabies eius effrenata et attonita apparatusque illi reddendus est suus, eculei et fidiculae et ergastula et cruces et circumdati defossis corporibus ignes et cadauera quoque trahens uncus, uaria uinculorum genera, uaria poenarum, lacerationes membrorum, inscriptiones frontis et bestiarum immanium caueae: inter haec instrumenta conlocetur ira dirum quiddam atque horridum

stridens, omnibus per quae furit taetrior.

IV.

- 1. Vt de ceteris dubium sit, nulli certe adfectui peior est uultus, quem in prioribus libris descripsimus: asperum et acrem et nunc subducto retrorsus sanguine fugatoque pallentem, nunc in os omni calore ac spiritu uerso subrubicundum et similem cruento, uenis tumentibus, oculis nunc trepidis et exilientibus, nunc in uno obtutu defixis et haerentibus;
- 2. adice dentium inter se arietatorum ut aliquem esse cupientium non alium sonum quam est apris tela sua adtritu acuentibus; adice articulorum crepitum cum se ipsae manus frangunt et pulsatum saepius pectus, anhelitus crebros tractosque altius gemitus, instabile corpus, incerta uerba subitis exclamationibus, trementia labra interdumque compressa et dirum quiddam exsibilantia.
- 3. Ferarum mehercules, siue illas fames agitat siue infixum uisceribus ferrum, minus taetra facies est, etiam cum uenatorem suum semianimes morsu ultimo petunt, quam hominis ira flagrantis. Age, si exaudire uoces ac minas uacet, qualia excarnificati animi uerba sunt!
- 4. Nonne reuocare se quisque ab ira uolet, cum intellexerit illam a suo primum malo incipere? Non uis ergo admoneam eos qui iram <in> summa potentia exercent et argumentum uirium existimant et in magnis magnae fortunae bonis ponunt paratam ultionem, quam non sit potens, immo ne liber quidem dici possit irae suae captiuus?
- 5. Non uis admoneam, quo diligentior quisque sit et ipse se circumspiciat, alia animi mala ad pessimos quosque pertinere, iracundiam etiam eruditis hominibus et in alia sanis inrepere? adeo ut quidam simplicitatis indicium iracundiam dicant et uulgo credatur facillimus quisque huic <maxime> obnoxius.

V.

- 1. 'Quorsus' inquis 'hoc pertinet?' Vt nemo se iudicet tutum ab illa, cum lenes quoque natura et placidos in saeuitiam ac uiolentiam euocet. Quemadmodum aduersus pestilentiam nihil prodest firmitas corporis et diligens ualetudinis cura (promiscue enim inbecilla robustaque inuadit), ita ab ira tam inquietis moribus periculum est quam compositis et remissis, quibus eo turpior ac periculosior est quo plus in illis mutat.
- 2. Sed cum primum sit non irasci, secundum desinere, tertium alienae quoque irae mederi, dicam primum quemadmodum in iram non incidamus, deinde quemadmodum nos ab illa liberemus, nouissime quemadmodum irascentem retineamus placemusque et ad sanitatem reducamus.
- 3. Ne irascamur praestabimus, si omnia uitia irae nobis subinde proposuerimus et illam bene aestimauerimus. Accusanda est apud nos, damnanda; perscrutanda eius mala et in medium protrahenda sunt; ut qualis sit appareat, comparanda cum pessimis est.
- 4. Auaritia adquirit et contrahit, quo aliquis melior utatur: ira inpendit, paucis gratuita est. Iracundus dominus quot in fugam seruos egit, quot in mortem! Quanto plus irascendo quam id erat propter quod irascebatur amisit! Ira patri luctum, marito diuortium attulit, magistratui odium, candidato repulsam.
- 5. Peior est quam luxuria, quoniam illa sua uoluptate fruitur, haec alieno dolore. Vincit malignitatem et inuidiam; illae enim infelicem fieri uolunt, haec facere; illae fortuitis malis delectantur, haec non potest expectare fortunam: nocere ei quem odit, non noceri uult.
- 6. Nihil est simultatibus grauius: has ira conciliat. Nihil est bello funestius: in hoc potentium ira prorumpit; ceterum etiam illa plebeia ira et priuata inerme et sine uiribus bellum est. Praeterea ira, ut seponamus quae mox secutura sunt, damna insidias perpetuam ex

certaminibus mutuis sollicitudinem, dat poenas dum exigit; naturam hominis eiurat: illa in amorem hortatur, haec in odium; illa prodesse iubet, haec nocere.

- 7. Adice quod, cum indignatio eius a nimio sui suspectu ueniat, ut animosa uideatur, pusilla est et angusta; nemo enim non eo a quo se contemptum iudicat minor est. At ille ingens animus et uerus aestimator sui non uindicat iniuriam, quia non sentit.
- 8. Vt tela a duro resiliunt et cum dolore caedentis solida feriuntur, ita nulla magnum animum iniuria ad sensum sui adducit, fragilior eo quod petit. Quanto pulchrius uelut nulli penetrabilem telo omnis iniurias contumeliasque respuere! Vltio doloris confessio est; non est magnus animus quem incuruat iniuria. Aut potentior te aut inbecillior laesit: si inbecillior, parce illi, si potentior, tibi.

VI.

- 1. Nullum est argumentum magnitudinis certius quam nihil posse quo instigeris accidere. Pars superior mundi et ordinatior ac propinqua sideribus nec in nubem cogitur nec in tempestatem inpellitur nec uersatur in turbinem; omni tumultu caret: inferiora fulminantur. Eodem modo sublimis animus, quietus semper et in statione tranquilla conlocatus, omnia infra se premens quibus ira contrahitur, modestus et uenerabilis est et dispositus; quorum nihil inuenies in irato.
- 2. Quis enim traditus dolori et furens non primam reiecit uerecundiam? Quis impetu turbidus et in aliquem ruens non quidquid in se uenerandi habuit abiecit? Cui officiorum numerus aut ordo constitit incitato? Quis linguae temperauit? Quis ullam partem corporis tenuit? Quis se regere potuit inmissum?
- 3. Proderit nobis illud Democriti salutare praeceptum, quo monstratur tranquillitas si neque priuatim neque publice multa aut maiora uiribus nostris egerimus. Numquam tam feliciter in multa discurrenti negotia dies transit ut non aut ex homine aut ex re offensa nascatur quae animum in iras paret.
- 4. Quemadmodum per frequentia urbis loca properanti in multos incursitandum est et aliubi labi necesse est, aliubi retineri, aliubi respergi, ita in hoc uitae actu dissipato et uago multa inpedimenta, multae querellae incidunt: alius spem nostram fefellit, alius distulit, alius intercepit; non ex destinato proposita fluxerunt.
- 5. Nulli fortuna tam dedita est ut multa temptanti ubique respondeat; sequitur ergo ut is cui contra quam proposuerat aliqua cesserunt inpatiens hominum rerumque sit, ex leuissimis causis irascatur nunc personae, nunc negotio, nunc loco, nunc fortunae, nunc sibi.
- 6. Itaque ut quietus possit esse animus, non est iactandus nec multarum, ut dixi, rerum actu fatigandus nec magnarum supraque uires adpetitarum. Facile est leuia aptare ceruicibus et in hanc aut

illam partem transferre sine lapsu, at quae alienis in nos manibus inposita aegre sustinemus, uicti in proximo effundimus; etiam dum stamus sub sarcina, inpares oneri uacillamus.

VII.

- 1. Idem accidere in rebus ciuilibus ac domesticis scias. Negotia expedita et habilia sequuntur actorem, ingentia et supra mensuram gerentis nec dant se facile et, si occupata sunt, premunt atque abducunt administrantem tenerique iam uisa cum ipso cadunt: ita fit ut frequenter inrita sit eius uoluntas qui non quae facilia sunt adgreditur, sed uult facilia esse quae adgressus est.
- 2. Quotiens aliquid conaberis, te simul et ea quae paras quibusque pararis ipse metire; faciet enim te asperum paenitentia operis infecti. Hoc interest utrum quis feruidi sit ingenii an frigidi atque humilis: generoso repulsa iram exprimet, languido inertique tristitiam. Ergo actiones nostrae nec paruae sint nec audaces et inprobae, in uicinum spes exeat, nihil conemur quod mox adepti quoque successisse miremur.

VIII.

- 1. Demus operam ne accipiamus iniuriam, quia ferre nescimus. Cum placidissimo et facillimo et minime anxio morosoque uiuendum est; sumuntur a conuersantibus mores et ut quaedam in contactos corporis uitia transiliunt, ita animus mala sua proximis tradit: ebriosus conuictores in amorem meri traxit, inpudicorum coetus fortem quoque et silice natum uirum emolliit, auaritia in proximos uirus suum transtulit.
- 2. Eadem ex diuerso ratio uirtutum est, ut omne quod secum habent mitigent; nec tam ualetudini profuit utilis regio et salubrius caelum quam animis parum firmis in turba meliore uersari.
- 3. Quae res quantum possit intelleges, si uideris feras quoque conuictu nostro mansuescere nullique etiam immani bestiae uim suam permanere, si hominis contubernium diu passa est: retunditur omnis asperitas paulatimque inter placida dediscitur. Accedit huc quod non tantum exemplo melior fit qui cum quietis hominibus uiuit, sed quod causas irascendi non inuenit nec uitium suum exercet. Fugere itaque debebit omnis quos inritaturos iracundiam sciet. 'Qui sunt' inquis 'isti?'
- 4. Multi ex uariis causis idem facturi: offendet te superbus contemptu, dicax contumelia, petulans iniuria, liuidus malignitate, pugnax contentione, uentosus et mendax uanitate; non feres a suspicioso timeri, a pertinace uinci, a delicato fastidiri.
- 5. Elige simplices faciles moderatos, qui iram tuam nec euocent et ferant; magis adhuc proderunt summissi et humani et dulces, non tamen usque in adulationem, nam iracundos nimia adsentatio offendit: erat certe amicus noster uir bonus sed irae paratioris, cui non magis tutum erat blandiri quam male dicere.
- 6. Caelium oratorem fuisse iracundissimum constat. Cum quo, ut aiunt, cenabat in cubiculo lectae patientiae cliens, sed difficile erat illi in copulam coniecto rixam eius cui cohaerebat effugere; optimum iudicauit quidquid dixisset sequi et secundas agere. Non tulit Caelius

- adsentientem et exclamauit, 'dic aliquid contra, ut duo simus!' Sed ille quoque, quod non irasceretur iratus, cito sine aduersario desit.
- 7. Eligamus ergo uel hos potius, si conscii nobis iracundiae sumus, qui uultum nostrum ac sermonem sequantur: facient quidem nos delicatos et in malam consuetudinem inducent nihil contra uoluntatem audiendi, sed proderit uitio suo interuallum et quietem dare. Difficiles quoque et indomiti natura blandientem ferent: nihil asperum tetricumque palpanti est.
- 8. Quotiens disputatio longior et pugnacior erit, in prima resistamus, antequam robur accipiat: alit se ipsa contentio et demissos altius tenet; facilius est se a certamine abstinere quam abducere.

IX.

- 1. Studia quoque grauiora iracundis omittenda sunt aut certe citra lassitudinem exercenda, et animus non inter dura uersandus, sed artibus amoenis tradendus: lectio illum carminum obleniat et historia fabulis detineat; mollius delicatiusque tractetur.
- 2. Pythagoras perturbationes animi lyra componebat; quis autem ignorat lituos et tubas concitamenta esse, sicut quosdam cantus blandimenta quibus mens resoluatur? Confusis oculis prosunt uirentia et quibusdam coloribus infirma acies adquiescit, quorundam splendore praestringitur: sic mentes aegras studia laeta permulcent.
- 3. Forum aduocationes iudicia fugere debemus et omnia quae exulcerant uitium, aeque cauere lassitudinem corporis; consumit enim quidquid in nobis mite placidumque est et acria concitat.
- 4. Ideo quibus stomachus suspectus est, processuri ad res agendas maioris negotii bilem cibo temperant, quam maxime mouet fatigatio, siue quia calorem in media conpellit et nocet sanguini cursumque eius uenis laborantibus sistit, siue quia corpus attenuatum et infirmum incumbit animo; certe ob eandem causam iracundiores sunt ualetudine aut aetate fessi. Fames quoque et sitis ex isdem causis uitanda est: exasperat et incendit animos.
- 5. Vetus dictum est a lasso rixam quaeri; aeque autem et ab esuriente et a sitiente et ab omni homine quem aliqua res urit. Nam ut ulcera ad leuem tactum, deinde etiam ad suspicionem tactus condolescunt, ita animus adfectus minimis offenditur, adeo ut quosdam salutatio et epistula et oratio et interrogatio in litem euocent: numquam sine querella aegra tanguntur.

X.

- 1. Optimum est itaque ad primum mali sensum mederi sibi, tum uerbis quoque suis minimum libertatis dare et inhibere impetum.
- 2. Facile est autem adfectus suos, cum primum oriuntur, deprehendere: morborum signa praecurrunt. Quemadmodum tempestatis ac pluuiae ante ipsas notae ueniunt, ita irae amoris omniumque istarum procellarum animos uexantium sunt quaedam praenuntia.
- 3. Qui comitiali uitio solent corripi iam aduentare ualetudinem intellegunt, si calor summa deseruit et incertum lumen neruorumque trepidatio est, si memoria sublabitur caputque uersatur; solitis itaque remediis incipientem causam occupant, et odore gustuque quidquid est quod alienat animos repellitur, aut fomentis contra frigus rigoremque pugnatur; aut, si parum medicina profecit, uitauerunt turbam et sine teste ceciderunt.
- 4. Prodest morbum suum nosse et uires eius antequam spatientur opprimere. Videamus quid sit quod nos maxime concitet: alium uerborum, alium rerum contumeliae mouent; hic uult nobilitati, hic formae suae parci; hic elegantissimus haberi cupit, ille doctissimus; hic superbiae inpatiens est, hic contumaciae; ille seruos non putat dignos quibus irascatur, hic intra domum saeuus est, foris mitis; ille rogari iniuriam iudicat, hic non rogari contumeliam. Non omnes ab eadem parte feriuntur; scire itaque oportet quid in te inbecillum sit, ut id maxime protegas.

XI.

- 1. Non expedit omnia uidere, omnia audire. Multae nos iniuriae transeant, ex quibus plerasque non accipit qui nescit. Non uis esse iracundus? ne fueris curiosus. Qui inquirit quid in se dictum sit, qui malignos sermones etiam si secreto habiti sunt eruit, se ipse inquietat. Quaedam interpretatio eo perducit ut uideantur iniuriae; itaque alia differenda sunt, alia deridenda, alia donanda.
- 2. Circumscribenda multis modis ira est; pleraque in lusum iocumque uertantur. Socraten aiunt colapho percussum nihil amplius dixisse quam molestum esse quod nescirent homines quando cum galea prodire deberent.
- 3. Non quemadmodum facta sit iniuria refert, sed quemadmodum lata; nec uideo quare difficilis sit moderatio, cum sciam tyrannorum quoque tumida et fortuna et licentia ingenia familiarem sibi saeuitiam repressisse.
- 4. Pisistratum certe, Atheniensium tyrannum, memoriae proditur, cum multa in crudelitatem eius ebrius conuiua dixisset nec deessent qui uellent manus ei commodare et alius hinc alius illinc faces subderent, placido animo tulisse et hoc inritantibus respondisse, non magis illi se suscensere quam si quis obligatis oculis in se incucurrisset.

XII.

- 1. Magna pars querellas manu fecit aut falsa suspicando aut leuia adgrauando. Saepe ad nos ira uenit, saepius nos ad illam. Quae numquam arcessenda est: etiam cum incidit, reiciatur.
- 2. Nemo dicit sibi, 'hoc propter quod irascor aut feci aut fecisse potui'; nemo animum facientis sed ipsum aestimat factum: atqui ille intuendus est, uoluerit an inciderit, coactus sit an deceptus, odium secutus sit an praemium, sibi morem gesserit an manum alteri commodauerit. Aliquid aetas peccantis facit, aliquid fortuna, ut ferre ac pati aut humanum sit aut utile.
- 3. Eo nos loco constituamus quo ille est cui irascimur: nunc facit nos iracundos iniqua nostri aestimatio et quae facere uellemus pati nolumus.
- 4. Nemo se differt; atqui maximum remedium irae dilatio est,ut primus eius feruor relanguescat et caligo quae premit mentem aut residat aut minus densa sit. Quaedam ex his quae te praecipitem ferebant hora, non tantum dies molliet, quaedam ex toto euanescent; si nihil egerit petita aduocatio, apparebit iam iudicium esse, non iram. Quidquid uoles quale sit scire, tempori trade: nihil diligenter in fluctu cernitur.
- 5. Non potuit inpetrare a se Plato tempus, cum seruo suo irasceretur, sed ponere illum statim tunicam et praebere scapulas uerberibus iussit, sua manu ipse caesurus; postquam intellexit irasci se, sicut sustulerat manum suspensam detinebat et stabat percussuro similis; interrogatus deinde ab amico qui forte interuenerat quid ageret, 'exigo' inquit 'poenas ab homine iracundo.'
- 6. Velut stupens gestum illum saeuituri deformem sapienti uiro seruabat, oblitus iam serui, quia alium quem potius castigaret inuenerat. Itaque abstulit sibi in suos potestatem et ob peccatum quoddam commotior 'tu,' inquit 'Speusippe, seruulum istum uerberibus obiurga; nam ego irascor.'

7. Ob hoc non cecidit propter quod alius cecidisset. 'Irascor' inquit; 'plus faciam quam oportet, libentius faciam: non sit iste seruus in eius potestate qui in sua non est.' Aliquis uult irato committi ultionem, cum Plato sibi ipse imperium abrogauerit? Nihil tibi liceat dum irasceris. Quare? quia uis omnia licere.

XIII.

- 1. Pugna tecum ipse: si <uis> uincere iram, non potest te illa. Incipis uincere, si absconditur, si illi exitus non datur. Signa eius obruamus et illam quantum fieri potest occultam secretamque teneamus.
- 2. Cum magna id nostra molestia fiet (cupit enim exilire et incendere oculos et mutare faciem), sed si eminere illi extra nos licuit, supra nos est. In imo pectoris secessu recondatur, feraturque, non ferat. Immo in contrarium omnia eius indicia flectamus: uultus remittatur, uox lenior sit, gradus lentior; paulatim cum exterioribus interiora formantur.
- 3. In Socrate irae signum erat uocem summittere, loqui parcius; apparebat tunc illum sibi obstare. Deprendebatur itaque a familiaribus et coarguebatur, nec erat illi exprobratio latitantis irae ingrata. Quidni gauderet quod iram suam multi intellegerent, nemo sentiret? Sensissent autem, nisi ius amicis obiurgandi se dedisset, sicut ipse sibi in amicos sumpserat.
- 4. Quanto magis hoc nobis faciendum est! Rogemus amicissimum quemque ut tunc maxime libertate aduersus nos utatur cum minime illam pati poterimus, nec adsentiatur irae nostrae; contra [nos] potens malum et apud nos gratiosum, dum consipimus, dum nostri sumus, aduocemus.
- 5. Qui uinum male ferunt et ebrietatis suae temeritatem ac petulantiam metuunt, mandant suis ut e conuiuio auferantur; intemperantiam in morbo suam experti parere ipsis in aduersa ualetudine uetant.
- 6. Optimum est notis uitiis inpedimenta prospicere et ante omnia ita componere animum ut etiam grauissimis rebus subitisque concussus iram aut non sentiat aut magnitudine inopinatae iniuriae exortam in altum retrahat nec dolorem suum profiteatur.
- 7. Id fieri posse apparebit, si pauca ex turba ingenti exempla

protulero, ex quibus utrumque discere licet, quantum mali habeat ira ubi hominum praepotentium potestate tota utitur, quantum sibi imperare possit ubi metu maiore compressa est.

XIV.

- 1. Cambysen regem nimis deditum uino Praexaspes unus ex carissimis monebat ut parcius biberet, turpem esse dicens ebrietatem in rege, quem omnium oculi auresque sequerentur. Ad haec ille 'ut scias' inquit 'quemadmodum numquam excidam mihi, adprobabo iam et oculos post uinum in officio esse et manus.'
- 2. Bibit deinde liberalius quam alias capacioribus scyphis et iam grauis ac uinolentus obiurgatoris sui filium procedere ultra limen iubet adleuataque super caput sinistra manu stare. Tunc intendit arcum et ipsum cor adulescentis (id enim petere se dixerat) figit rescissoque pectore haerens in ipso corde spiculum ostendit ac respiciens patrem interrogauit satisne certam haberet manum. At ille negauit Apollinem potuisse certius mittere.
- 3. Di illum male perdant animo magis quam condicione mancipium! eius rei laudator fuit cuius nimis erat spectatorem fuisse. Occasionem blanditiarum putauit pectus filii in duas partes diductum et cor sub uulnere palpitans: controuersiam illi facere de gloria debuit et reuocare iactum, ut regi liberet in ipso patre certiorem manum ostendere.
- 4. O regem cruentum! o dignum in quem omnium suorum arcus uerterentur! Cum execrati fuerimus illum conuiuia suppliciis funeribusque soluentem, tamen sceleratius telum illud laudatum est quam missum. Videbimus quomodo se pater gerere debuerit stans super cadauer fili sui caedemque illam cuius et testis fuerat et causa: id de quo nunc agitur apparet, iram supprimi posse.
- 5. Non male dixit regi, nullum emisit ne calamitosi quidem uerbum, cum aeque cor suum quam fili transfixum uideret. Potest dici merito deuorasse uerba; nam si quid tamquam iratus dixisset, nihil tamquam pater facere potuisset.
- 6. Potest, inquam, uideri sapientius se in illo casu gessisse quam cum

de potandi modo praeciperet <ei> quem satius erat uinum quam sanguinem bibere, cuius manus poculis occupari pax erat. Accessit itaque ad numerum eorum qui magnis cladibus ostenderunt quanti constarent regum amicis bona consilia.

XV.

- 1. Non dubito quin Harpagus quoque tale aliquid regi suo Persarumque suaserit, quo offensus liberos illi epulandos adposuit et subinde quaesiit an placeret conditura; deinde, ut satis illum plenum malis suis uidit, adferri capita illorum iussit et quomodo esset acceptus interrogauit. Non defuerunt misero uerba, non os concurrit: 'apud regem' inquit 'omnis cena iucunda est.' Quid hac adulatione profecit? ne ad reliquias inuitaretur.
- 2. Non ueto patrem damnare regis sui factum, non ueto quaerere dignam tam truci portento poenam, sed hoc interim colligo, posse etiam ex ingentibus malis nascentem iram abscondi et ad uerba contraria sibi cogi.
- 3. Necessaria ista est doloris refrenatio, utique hoc sortitis uitae genus et ad regiam adhibitis mensam: sic estur apud illos, sic bibitur, sic respondetur; funeribus suis adridendum est. An tanti sit uita uidebimus: alia ista quaestio est. Non consolabimur tam triste ergastulum, non adhortabimur ferre imperia carnificum: ostendemus in omni seruitute apertam libertati uiam. Is aeger animo et suo uitio miser est. cui miserias finire secum licet.
- 4. Dicam et illi qui in regem incidit sagittis pectora amicorum petentem et illi cuius dominus liberorum uisceribus patres saturat: 'quid gemis, demens? Quid expectas ut te aut hostis aliquis per exitium gentis tuae uindicet aut rex a longinquo potens aduolet? quocumque respexeris, ibi malorum finis est. Vides illum praecipitem locum? illac ad libertatem descenditur. Vides illud mare, illud flumen, illum puteum? libertas illic in imo sedet. Vides illam arborem breuem retorridam infelicem? pendet inde libertas. Vides iugulum tuum, guttur tuum, cor tuum? effugia seruitutis sunt. Nimis tibi operosos exitus monstro et multum animi ac roboris exigentes? Quaeris quod sit ad libertatem iter? quaelibet in corpore tuo uena.'

XVI.

- 1. Quam diu quidem nihil tam intolerabile nobis uidetur ut nos expellat e uita, iram, in quocumque erimus statu, remoueamus. Perniciosa est seruientibus; omnis enim indignatio in tormentum suum proficit et imperia grauiora sentit quo contumacius patitur. Sic laqueos fera dum iactat adstringit; sic aues uiscum, dum trepidantes excutiunt, plumis omnibus inlinunt. Nullum tam artum est iugum quod non minus laedat ducentem quam repugnantem: unum est leuamentum malorum ingentium, pati et necessitatibus suis obsequi.
- 2. Sed cum utilis sit seruientibus adfectuum suorum et huius praecipue rabidi atque effreni continentia, utilior est regibus: perierunt omnia ubi quantum ira suadet fortuna permittit, nec diu potest quae multorum malo exercetur potentia stare; periclitatur enim ubi eos qui separatim gemunt communis metus iunxit. Plerosque itaque modo singuli mactauerunt, modo uniuersi, cum illos conferre in unum iras publicus dolor coegisset.
- 3. Atqui plerique sic iram quasi insigne regium exercuerunt, sicut Dareus, qui primus post ablatum mago imperium Persas et magnam partem orientis obtinuit. Nam cum bellum Scythis indixisset orientem cingentibus, rogatus ab Oeobazo nobili sene ut ex tribus liberis unum in solacium patri relinqueret, duorum opera uteretur, plus quam rogabatur pollicitus omnis se illi dixit remissurum et occisos in conspectu parentis abiecit, crudelis futurus si omnis abduxisset.
- 4. At quanto Xerses facilior! qui Pythio quinque filiorum patri unius uacationem petenti quem uellet eligere permisit, deinde quem elegerat in partes duas distractum ab utroque uiae latere posuit et hac uictima lustrauit exercitum. Habuit itaque quem debuit exitum: uictus et late longeque fusus ac stratam ubique ruinam suam cernens medius inter suorum cadauera incessit.

XVII.

- 1. Haec barbaris regibus feritas in ira fuit, quos nulla eruditio, nullus litterarum cultus inbuerat: dabo tibi ex Aristotelis sinu regem Alexandrum, qui Clitum carissimum sibi et una educatum inter epulas transfodit manu quidem sua, parum adulantem et pigre ex Macedone ac libero in Persicam seruitutem transeuntem.
- 2. Nam Lysimachum aeque familiarem sibi leoni obiecit. Numquid ergo hic Lysimachus felicitate quadam dentibus leonis elapsus ob hoc, cum ipse regnaret, mitior fuit?
- 3. Nam Telesphorum Rhodium amicum suum undique decurtatum, cum aures illi nasumque abscidisset, in cauea uelut nouum aliquod animal et inusitatum diu pauit, cum oris detruncati mutilatique deformitas humanam faciem perdidisset; accedebat fames et squalor et inluuies corporis in stercore suo destituti;
- 4. callosis super haec genibus manibusque, quas in usum pedum angustiae loci cogebant, lateribus uero adtritu exulceratis non minus foeda quam terribilis erat forma eius uisentibus, factusque poena sua monstrum misericordiam quoque amiserat. Tamen, cum dissimillimus esset homini qui illa patiebatur, dissimilior erat qui faciebat.

XVIII.

- 1. Vtinam ista saeuitia intra peregrina exempla mansisset nec in Romanos mores cum aliis aduenticiis uitiis etiam suppliciorum irarumque barbaria transisset! M. Mario, cui uicatim populus statuas posuerat, cui ture ac uino supplicabat, L. Sulla praefringi crura, erui oculos, amputari linguam manus iussit, et, quasi totiens occideret quotiens uulnerabat, paulatim et per singulos artus lacerauit.
- 2. Quis erat huius imperii minister? quis nisi Catilina iam in omne facinus manus exercens? Is illum ante bustum Quinti Catuli carpebat grauissimus mitissimi uiri cineribus, supra quos uir mali exempli, popularis tamen et non tam inmerito quam nimis amatus, per stilicidia sanguinem dabat. Dignus erat Marius qui illa pateretur, Sulla qui iuberet, Catilina qui faceret, sed indigna res publica quae in corpus suum pariter et hostium et uindicum gladios reciperet.
- 3. Quid antiqua perscrutor? modo C. Caesar Sex. Papinium, cui pater erat consularis, Betilienum Bassum quaestorem suum, procuratoris sui filium, aliosque et senatores et equites Romanos uno die flagellis cecidit, torsit, non quaestionis sed animi causa;
- 4. deinde adeo inpatiens fuit differendae uoluptatis, quam ingentem crudelitas eius sine dilatione poscebat, ut in xysto maternorum hortorum (qui porticum a ripa separat) inambulans quosdam ex illis cum matronis atque aliis senatoribus ad lucernam decollaret. Quid instabat? Quod periculum aut priuatum aut publicum una nox minabatur? Quantulum fuit lucem expectare denique, ne senatores populi Romani soleatus occideret!

XIX.

- 1. Quam superba fuerit crudelitas eius ad rem pertinet scire, quamquam aberrare alicui possimus uideri et in deuium exire; sed hoc ipsum pars erit irae super solita saeuientis. Ceciderat flagellis senatores: ipse effecit ut dici posset 'solet fieri'. Torserat per omnia quae in rerum natura tristissima sunt, fidiculis talaribus, eculeo igne uultu suo.
- 2. Et hoc loco respondebitur: 'magnam rem! si tres senatores quasi nequam mancipia inter uerbera et flammas diuisit homo qui de toto senatu trucidando cogitabat, qui optabat ut populus Romanus unam ceruicem haberet, ut scelera sua tot locis ac temporibus diducta in unum ictum et unum diem cogeret.' Quid tam inauditum quam nocturnum supplicium? Cum latrocinia tenebris abscondi soleant, animaduersiones quo notiores sunt plus in exemplum emendationemque proficiunt.
- 3. Et hoc loco respondebitur mihi: 'quod tanto opere admiraris isti beluae cotidianum est; ad hoc uiuit, ad hoc uigilat, ad hoc lucubrat.' Nemo certe inuenietur alius qui imperauerit omnibus iis in quos animaduerti iubebat os inserta spongea includi, ne uocis emittendae haberent facultatem. Cui umquam morituro non est relictum qua gemeret? Timuit ne quam liberiorem uocem extremus dolor mitteret, ne quid quod nollet audiret; sciebat autem innumerabilia esse quae obicere illi nemo nisi periturus auderet.
- 4. Cum spongeae non inuenirentur, scindi uestimenta miserorum et in os farciri pannos imperauit. Quae ista saeuitia est? Liceat ultimum spiritum trahere, da exiturae animae locum, liceat illam non per uulnus emittere.
- 5. Adicere his longum est quod patres quoque occisorum eadem nocte dimissis per domos centurionibus confecit, id est, homo misericors luctu liberauit. Non enim Gai saeuitiam sed irae propositum

est describere, quae non tantum uiritim furit sed gentes totas lancinat, sed urbes et flumina et tuta ab omni sensu doloris conuerberat.

XX.

- 1. Sic rex Persarum totius populi nares recidit in Syria, unde Rhinocolura loco nomen est. Pepercisse illum iudicas quod non tota capita praecidit? nouo genere poenae delectatus est.
- 2. Tale aliquid passi forent et Aethiopes, qui ob longissimum uitae spatium Macrobioe appellantur; in hos enim, quia non supinis manibus exceperant seruitutem missisque legatis libera responsa dederant, quae contumeliosa reges uocant, Cambyses fremebat et non prouisis commeatibus, non exploratis itineribus, per inuia, per arentia trahebat omnem bello utilem turbam. Cui intra primum iter deerant necessaria, nec quicquam subministrabat sterilis et inculta humanoque ignota uestigio regio;
- 3. sustinebant famem primo tenerrima frondium et cacumina arborum, tum coria igne mollita et quidquid necessitas cibum fecerat; postquam inter harenas radices quoque et herbae defecerant apparuitque inops etiam animalium solitudo, decimum quemque sortiti alimentum habuerunt fame saeuius.
- 4. Agebat adhuc regem ira praecipitem, cum partem exercitus amisisset, partem comedisset, donec timuit ne et ipse uocaretur ad sortem: tum demum signum receptui dedit. Seruabantur interim generosae illi aues et instrumenta epularum camelis uehebantur, cum sortirentur milites eius quis male periret, quis peius uiueret.

XXI.

- 1. Hic iratus fuit genti et ignotae et inmeritae, sensurae tamen: Cyrus flumini. Nam cum Babylona oppugnaturus festinaret ad bellum, cuius maxima momenta in occasionibus sunt, Gynden late fusum amnem uado transire temptauit, quod uix tutum est etiam cum sensit aestatem et ad minimum deductus est.
- 2. Ibi unus ex iis equis qui trahere regium currum albi solebant abreptus uehementer commouit regem; iurauit itaque se amnem illum regis comitatus auferentem eo redacturum ut transiri calcarique etiam a feminis posset.
- 3. Hoc deinde omnem transtulit belli apparatum et tam diu adsedit operi donec centum et octoginta cuniculis diuisum alueum in trecentos et sexaginta riuos dispergeret et siccum relinqueret in diuersum fluentibus aquis.
- 4. Periit itaque et tempus, magna in magnis rebus iactura, et militum ardor, quem inutilis labor fregit, et occasio adgrediendi inparatos, dum ille bellum indictum hosti cum flumine gerit.
- 5. Hic furor quid enim aliud uoces? Romanos quoque contigit. C. enim Caesar uillam in Herculanensi pulcherrimam, quia mater sua aliquando in illa custodita erat, diruit fecitque eius per hoc notabilem fortunam; stantem enim praenauigabamus, nunc causa dirutae quaeritur.

XXII.

- 1. Et haec cogitanda sunt exempla quae uites, et illa ex contrario quae sequaris, moderata, lenia, quibus nec ad irascendum causa defuit nec ad ulciscendum potestas.
- 2. Quid enim facilius fuit Antigono quam duos manipulares duci iubere, qui incumbentes regis tabernaculo faciebant quod homines et periculosissime et libentissime faciunt, de rege suo male existimabant? Audierat omnia Antigonus, utpote cum inter dicentes et audientem palla interesset; quam ille leuiter commouit et 'longius' inquit 'discedite, ne uos rex audiat.'
- 3. Idem quadam nocte, cum quosdam ex militibus suis exaudisset omnia mala inprecantis regi, qui ipsos in illud iter et inextricabile lutum deduxisset, accessit ad eos qui maxime laborabant et cum ignorantis a quo adiuuarentur explicuisset, 'nunc' inquit 'male dicite Antigono, cuius uitio in has miserias incidistis; ei autem bene optate qui uos ex hac uoragine eduxit.'
- 4. Idem tam miti animo hostium suorum male dicta quam ciuium tulit. Itaque cum in paruulo quodam castello Graeci obsiderentur et fiducia loci contemnentes hostem multa in deformitatem Antigoni iocarentur et nunc staturam humilem, nunc conlisum nasum deriderent, 'gaudeo' inquit 'et aliquid boni spero, si in castris Silenum habeo.'
- 5. Cum hos dicaces fame domuisset, captis sic usus est ut eos qui militiae utiles erant in cohortes discriberet, ceteros praeconi subiceret, idque se negauit facturum fuisse, nisi expediret iis dominum habere qui tam malam haberent linguam.

XXIII.

- 1. Huius nepos fuit Alexander, qui lanceam in conuiuas suos torquebat, qui ex duobus amicis quos paulo ante rettuli alterum ferae obiecit, alterum sibi. Ex his duobus tamen qui leoni obiectus est uixit.
- 2. Non habuit hoc auitum ille uitium, ne paternum quidem; nam si qua alia in Philippo uirtus, fuit et contumeliarum patientia, ingens instrumentum ad tutelam regni. Demochares ad illum Parrhesiastes ob nimiam et procacem linguam appellatus inter alios Atheniensium legatos uenerat. Audita benigne legatione Philippus 'dicite' inquit 'mihi facere quid possim quod sit Atheniensibus gratum.' Excepit Demochares et 'te' inquit 'suspendere.'
- 3. Indignatio circumstantium ad tam inhumanum responsum exorta erat; quos Philippus conticiscere iussit et Thersitam illum saluum incolumemque dimittere. 'At uos' inquit 'ceteri legati, nuntiate Atheniensibus multo superbiores esse qui ista dicunt quam qui inpune dicta audiunt.'
- 4. Multa et diuus Augustus digna memoria fecit dixitque ex quibus appareat iram illi non imperasse. Timagenes historiarum scriptor quaedam in ipsum, quaedam in uxorem eius et in totam domum dixerat, nec perdiderat dicta; magis enim circumfertur et in ore hominum est temeraria urbanitas.
- 5. Saepe illum Caesar monuit, moderatius lingua uteretur; perseueranti domo sua interdixit. Postea Timagenes in contubernio Pollionis Asini consenuit ac tota ciuitate direptus est: nullum illi limen praeclusa Caesaris domus abstulit.
- 6. Historias quas postea scripserat recitauit [et combussit] et libros acta Caesaris Augusti continentis in ignem inposuit; inimicitias gessit cum Caesare: nemo amicitiam eius extimuit, nemo quasi fulguritum refugit, fuit qui praeberet tam alte cadenti sinum.

- 7. Tulit hoc, ut dixi, Caesar patienter, ne eo quidem motus quod laudibus suis rebusque gestis manus attulerat; numquam cum hospite inimici sui questus est.
- 8. Hoc dumtaxat Pollioni Asinio dixit, 'theriotropheis'; paranti deinde excusationem obstitit et 'fruere,' inquit 'mi Pollio, fruere!' et cum Pollio diceret 'si iubes, Caesar, statim illi domo mea interdicam', 'hoc me' inquit 'putas facturum, cum ego uos in gratiam reduxerim?' Fuerat enim aliquando Timageni Pollio iratus nec ullam aliam habuerat causam desinendi quam quod Caesar coeperat.

XXIV.

- 1. Dicat itaque sibi quisque, quotiens lacessitur: 'numquid potentior sum Philippo? illi tamen inpune male dictum est. Numquid in domo mea plus possum quam toto orbe terrarum diuus Augustus potuit? ille tamen contentus fuit a conuiciatore suo secedere.'
- 2. Quid est quare ego serui mei clarius responsum et contumaciorem uultum et non peruenientem usque ad me murmurationem flagellis et compedibus expiem? Quis sum, cuius aures laedi nefas sit? Ignouerunt multi hostibus: ego non ignoscam pigris neglegentibus garrulis?
- 3. Puerum aetas excuset, feminam sexus, extraneum libertas, domesticum familiaritas. Nunc primum offendit: cogitemus quam diu placuerit; saepe et alias offendit: feramus quod diu tulimus. Amicus est: fecit quod noluit; inimicus: fecit quod debuit.
- 4. Prudentiori credamus, stultiori remittamus; pro quocumque illud nobis respondeamus, sapientissimos quoque uiros multa delinquere, neminem esse tam circumspectum cuius non diligentia aliquando sibi ipsa excidat, neminem tam maturum cuius non grauitatem in aliquod feruidius factum casus inpingat, neminem tam timidum offensarum qui non in illas dum uitat incidat.

XXV.

- 1. Quomodo homini pusillo solacium in malis fuit etiam magnorum uirorum titubare fortunam et aequiore animo filium in angulo fleuit qui uidit acerba funera etiam ex regia duci, sic animo aequiore fert ab aliquo laedi, ab aliquo contemni, cuicumque uenit in mentem nullam esse tantam potentiam in quam non occurrat iniuria.
- 2. Quod si etiam prudentissimi peccant, cuius non error bonam causam habet? Respiciamus quotiens adulescentia nostra in officio parum diligens fuerit, in sermone parum modesta, in uino parum temperans. Si iratus est, demus illi spatium quo dispicere quid fecerit possit: ipse se castigabit. Denique debeat poenas: non est quod cum illo paria faciamus.
- 3. Illud non ueniet in dubium, quin se exemerit turbae et altius steterit quisquis despexit lacessentis: proprium est magnitudinis uerae non sentire percussum. Sic immanis fera ad latratum canum lenta respexit, sic inritus ingenti scopulo fluctus adsultat. Qui non irascitur, inconcussus iniuria perstitit, qui irascitur, motus est.
- 4. At ille quem modo altiorem omni incommodo posui tenet amplexu quodam summum bonum, nec homini tantum sed ipsi fortunae respondet: 'omnia licet facias, minor es quam ut serenitatem meam obducas. Vetat hoc ratio, cui uitam regendam dedi. Plus mihi nocitura est ira quam iniuria. Quidni plus? illius modus certus est, ista quo usque me latura sit dubium est.'

XXVI.

- 1. 'Non possum' inquis 'pati; graue est iniuriam sustinere.' Mentiris; quis enim iniuriam non potest ferre qui potest iram? Adice nunc quod id agis ut et iram feras et iniuriam. Quare fers aegri rabiem et phrenetici uerba, puerorum proteruas manus? nempe quia uidentur nescire quid faciant. Quid interest quo quisque uitio fiat inprudens? inprudentia par in omnibus patrocinium est.
- 2. 'Quid ergo?' inquis 'inpune illi erit?' Puta uelle te, tamen non erit; maxima est enim factae iniuriae poena fecisse, nec quisquam grauius adficitur quam qui ad supplicium paenitentiae traditur.
- 3. Deinde ad condicionem rerum humanarum respiciendum est, ut omnium accidentium aequi iudices simus; iniquus autem est qui commune uitium singulis obiecit. Non est Aethiopis inter suos insignitus color, nec rufus crinis et coactus in nodum apud Germanos uirum dedecet: nihil in uno iudicabis notabile aut foedum quod genti suae publicum est. Et ista quae rettuli unius regionis atque anguli consuetudo defendit: uide nunc quanto in iis iustior uenia sit quae per totum genus humanum uulgata sunt.
- 4. Omnes inconsulti et inprouidi sumus, omnes incerti queruli ambitiosi quid lenioribus uerbis ulcus publicum abscondo? omnes mali sumus. Quidquid itaque in alio reprenditur, id unusquisque in sinu suo inueniet. Quid illius pallorem, illius maciem notas? pestilentia est. Placidiores itaque inuicem simus: mali inter malos uiuimus. Vna nos res facere quietos potest, mutuae facilitatis conuentio.
- 5. 'Ille iam mihi nocuit, ego illi nondum.' Sed iam aliquem fortasse laesisti, sed laedes. Noli aestimare hanc horam aut hunc diem, totum inspice mentis tuae habitum: etiam si nihil mali fecisti, potes facere.

XXVII.

- 1. Quanto satius est sanare iniuriam quam ulcisci! Multum temporis ultio absumit, multis se iniuriis obicit dum una dolet; diutius irascimur omnes quam laedimur. Quanto melius est abire in diuersum nec uitia uitiis opponere! Numquis satis constare sibi uideatur, si mulam calcibus repetat et canem morsu?
- 2. 'Ista' inquis 'peccare se nesciunt.' Primum quam iniquus est apud quem hominem esse ad inpetrandam ueniam nocet! Deinde, si cetera animalia hoc irae tuae subducit quod consilio carent, eodem loco tibi sit quisquis consilio caret; quid enim refert an alia mutis dissimilia habeat, si hoc quod in omni peccato muta defendit simile habet, caliginem mentis?
- 3. Peccauit: hoc enim primum? hoc enim extremum? Non est quod illi credas, etiam si dixerit 'iterum non faciam': et iste peccabit et in istum alius et tota uita inter errores uolutabitur. Mansuete inmansueta tractanda sunt.
- 4. Quod in luctu dici solet efficacissime, et in ira dicetur: utrum aliquando desines an numquam? Si aliquando, quanto satius est iram relinquere quam ab ira relinqui! An semper haec agitatio permanebit? Vides quam inpacatam tibi denunties uitam? qualis enim erit semper tumentis?
- 5. Adice nunc quod, cum bene te ipse succenderis et subinde causas quibus stimuleris renouaueris, sua sponte ira discedet et uires illi dies subtrahet: quanto satius est a te illam uinci quam a se!

XXVIII.

- 1. Huic irasceris, deinde illi; seruis, deinde libertis; parentibus, deinde liberis; notis, deinde ignotis: ubique enim causae supersunt nisi deprecator animus accessit. Hinc te illo furor rapiet, illinc alio, et nouis subinde inritamentis orientibus continuabitur rabies: age, infelix, ecquando amabis? O quam bonum tempus in re mala perdis!
- 2. Quanto nunc erat satius amicos parare, inimicos mitigare, rem publicam administrare, transferre in res domesticas operam, quam circumspicere quid alicui facere possis mali, quod aut dignitati eius aut patrimonio aut corpori uulnus infligas, cum id tibi contingere sine certamine ac periculo non possit, etiam si cum inferiore concurses!
- 3. Vinctum licet accipias et ad arbitrium tuum omni patientiae expositum: saepe nimia uis caedentis aut articulum loco mouit aut neruum in iis quos fregerat dentibus fixit; multos iracundia mancos, multos debiles fecit, etiam ubi patientem est nancta materiam. Adice nunc quod nihil tam inbecille natum est ut sine elidentis periculo pereat: inbecillos ualentissimis alias dolor, alias casus exaequat.
- 4. Quid quod pleraque eorum propter quae irascimur offendunt nos magis quam laedunt? Multum autem interest utrum aliquis uoluntati meae obstet an desit, eripiat an non det. Atqui in aequo ponimus utrum aliquis auferat an neget, utrum spem nostram praecidat an differat, utrum contra nos faciat an pro se, amore alterius an odio nostri.
- 5. Quidam uero non tantum iustas causas standi contra nos sed etiam honestas habent: alius patrem tuetur, alius fratrem, alius patriam, alius amicum; his tamen non ignoscimus id facientibus quod nisi facerent inprobaremus, immo, quod est incredibile, saepe de facto bene existimamus, de faciente male.
- 6. At mehercules uir magnus ac iustus fortissimum quemque ex hostibus suis et pro libertate ac salute patriae pertinacissimum

suspicit et talem sibi ciuem, talem militem contingere optat.

XXIX.

- 1. Turpe est odisse quem laudes; quanto uero turpius ob id aliquem odisse propter quod misericordia dignus est, si captiuus in seruitutem subito depressus reliquias libertatis tenet nec ad sordida ac laboriosa ministeria agilis occurrit, si ex otio piger equum uehiculumque domini cursu non exaequat, si inter cotidiana peruigilia fessum somnus oppressit, si rusticum laborem recusat aut non fortiter obiit a seruitute urbana et feriata translatus ad durum opus!
- 2. Distinguamus utrum aliquis non possit an nolit: multos absoluemus, si coeperimus ante iudicare quam irasci. Nunc autem primum impetum sequimur, deinde, quamuis uana nos concitauerint, perseueramus, ne uideamur coepisse sine causa, et, quod iniquissimum est, pertinaciores nos facit iniquitas irae; retinemus enim illam et augemus, quasi argumentum sit iuste irascentis grauiter irasci.

XXX.

- 1. Quanto melius est initia ipsa perspicere quam leuia sint, quam innoxia! Quod accidere uides animalibus mutis, idem in homine deprendes: friuolis turbamur et inanibus. Taurum color rubicundus excitat, ad umbram aspis exsurgit, ursos leonesque mappa proritat: omnia quae natura fera ac rabida sunt consternantur ad uana.
- 2. Idem inquietis et stolidis ingeniis euenit: rerum suspicione feriuntur, adeo quidem ut interdum iniurias uocent modica beneficia, in quibus frequentissima, certe acerbissima iracundiae materia est. Carissimis enim irascimur quod minora nobis praestiterint quam mente concepimus quamque alii tulerunt, cum utriusque rei paratum remedium sit.
- 3. Magis alteri indulsit: nostra nos sine comparatione delectent; numquam erit felix quem torquebit felicior. Minus habeo quam speraui: sed fortasse plus speraui quam debui. Haec pars maxime metuenda est, hinc perniciosissimae irae nascuntur et sanctissima quaeque inuasurae.
- 4. Diuum Iulium plures amici confecerunt quam inimici, quorum non expleuerat spes inexplebiles. Voluit quidem ille neque enim quisquam liberalius uictoria usus est, ex qua nihil sibi uindicauit nisi dispensandi potestatem sed quemadmodum sufficere tam inprobis desideriis posset, cum tantum omnes concupiscerent quantum unus poterat?
- 5. Vidit itaque strictis circa sellam suam gladiis commilitones suos, Cimbrum Tillium, acerrimum paulo ante partium defensorem, aliosque post Pompeium demum Pompeianos. Haec res sua in reges arma conuertit fidissimosque eo conpulit ut de morte eorum cogitarent pro quibus et ante quos mori uotum habuerant.

XXXI.

- 1. Nulli ad aliena respicienti sua placent: inde dis quoque irascimur quod aliquis nos antecedat, obliti quantum hominum retro sit et paucis inuidentem quantum sequatur a tergo ingentis inuidiae. Tanta tamen inportunitas hominum est ut, quamuis multum acceperint, iniuriae loco sit plus accipere potuisse.
- 2. 'Dedit mihi praeturam, sed consulatum speraueram; dedit duodecim fasces, sed non fecit ordinarium consulem; a me numerari uoluit annum, sed deest mihi ad sacerdotium; cooptatus in collegium sum, sed cur in unum? consummauit dignitatem meam, sed patrimonio nihil contulit; ea dedit mihi quae debebat alicui dare, de suo nihil protulit.'
- 3. Age potius gratias pro his quae accepisti; reliqua expecta et nondum plenum esse te gaude: inter uoluptates est superesse quod speres. Omnes uicisti: primum esse te in animo amici tui laetare. Multi te uincunt: considera quanto antecedas plures quam sequaris. Quod sit in te uitium maximum quaeris? falsas rationes conficis: data magno aestimas, accepta paruo.

XXXII.

- 1. Aliud in alio nos deterreat: quibusdam timeamus irasci, quibusdam uereamur, quibusdam fastidiamus. Magnam rem sine dubio fecerimus, si seruulum infelicem in ergastulum miserimus! Quid properamus uerberare statim, crura protinus frangere? non peribit potestas ista, si differetur.
- 2. Sine id tempus ueniat quo ipsi iubeamus: nunc ex imperio irae loquemur; cum illa abierit, tunc uidebimus quanto ista lis aestimanda sit. In hoc enim praecipue fallimur: ad ferrum uenimus, ad capitalia supplicia, et uinculis carcere fame uindicamus rem castigandam flagris leuioribus.
- 3. 'Quomodo' inquis 'nos iubes intueri quam omnia per quae laedi uideamur exigua misera puerilia sint!' Ego uero nihil magis suaserim quam sumere ingentem animum et haec propter quae litigamus discurrimus anhelamus uidere quam humilia et abiecta sint, nulli qui altum quiddam aut magnificum cogitat respicienda.

XXXIII.

- 1. Circa pecuniam plurimum uociferationis est: haec fora defetigat, patres liberosque committit, uenena miscet, gladios tam percussoribus quam legionibus tradit; haec est sanguine nostro dilibuta; propter hanc uxorum maritorumque noctes strepunt litibus et tribunalia magistratuum premit turba, reges saeuiunt rapiuntque et ciuitates longo saeculorum labore constructas euertunt ut aurum argentumque in cinere urbium scrutentur.
- 2. Libet intueri fiscos in angulo iacentis: hi sunt propter quos oculi clamore exprimantur, fremitu iudiciorum basilicae resonent, euocati ex longinquis regionibus iudices sedeant iudicaturi utrius iustior auaritia sit.
- 3. Quid si ne propter fiscum quidem sed pugnum aeris aut inputatum a seruo denarium senex sine herede moriturus stomacho dirrumpitur? Quid si propter usuram uel milesimam ualetudinarius fenerator distortis pedibus et manibus ad computandum non relictis clamat ac per uadimonia asses suos in ipsis morbi accessionibus uindicat?
- 4. Si totam mihi ex omnibus metallis quae cum maxime deprimimus pecuniam proferas, si in medium proicias quidquid thesauri tegunt, auaritia iterum sub terras referente quae male egesserat, omnem istam congeriem non putem dignam quae frontem uiri boni contrahat. Quanto risu prosequenda sunt quae nobis lacrimas educunt!

XXXIV.

- 1. Cedo nunc, persequere cetera, cibos potiones horumque causa paratas in ambitionem munditias, uerba contumeliosa, motus corporum parum honorificos, contumacia iumenta et pigra mancipia, et suspiciones et interpretationes malignas uocis alienae, quibus efficitur ut inter iniurias naturae numeretur sermo homini datus: crede mihi, leuia sunt propter quae non leuiter excandescimus qualiaque pueros in rixam et iurgium concitant.
- 2. Nihil ex iis quae tam tristes agimus serium est, nihil magnum: inde, inquam, uobis ira et insania est, quod exigua magno aestimatis. Auferre hic mihi hereditatem uoluit; hic me diu in spem supremam captato criminatus est; hic scortum meum concupiuit: quod uinculum amoris esse debebat seditionis atque odi causa est, idem uelle.
- 3. Iter angustum rixas transeuntium concitat, diffusa et late patens uia ne populos quidem conlidit: ista quae adpetitis, quia exigua sunt nec possunt ad alterum nisi alteri erepta transferri, eadem adfectantibus pugnas et iurgia excitant.

XXXV.

- 1. Respondisse tibi seruum indignaris libertumque et uxorem et clientem: deinde idem de re publica libertatem sublatam quereris quam domi sustulisti. Rursus, si tacuit interrogatus, contumaciam uocas.
- 2. Et loquatur et taceat et rideat! 'Coram domino?' inquis. Immo coram patre familiae. Quid clamas? quid uociferaris? quid flagella media cena petis quod serui loquuntur, quod non eodem loco turba contionis est, silentium solitudinis?
- 3. In hoc habes aures, ut non modulata tantum et mollia et ex dulci tracta compositaque accipiant: et risum audias oportet et fletum, et blanditias et lites, et prospera et tristia, et hominum uoces et fremitus animalium latratusque. Quid miser expauescis ad clamorem serui, ad tinnitum aeris aut ianuae inpulsum? cum tam delicatus fueris, tonitrua audienda sunt.
- 4. Hoc quod de auribus dictum est transfer ad oculos, qui non minus fastidio laborant si male instituti sunt: macula offenduntur et sordibus et argento parum splendido et stagno non ad solum perlucente.
- 5. Hi nempe oculi, qui non ferunt nisi uarium ac recenti cura nitens marmor, qui mensam nisi crebris distinctam uenis, qui nolunt domi nisi auro pretiosiora calcare, aequissimo animo foris et scabras lutosasque semitas spectant et maiorem partem occurrentium squalidam, parietes insularum exesos rimosos inaequales. Quid ergo aliud est quod illos in publico non offendat, domi moueat, quam opinio illic aequa et patiens, domi morosa et querula?

XXXVI.

- 1. Omnes sensus perducendi sunt ad firmitatem; natura patientes sunt, si animus illos desit corrumpere, qui cotidie ad rationem reddendam uocandus est. Faciebat hoc Sextius, ut consummato die, cum se ad nocturnam quietem recepisset, interrogaret animum suum: 'quod hodie malum tuum sanasti? Cui uitio obstitisti? Qua parte melior es?'
- 2. Desinet ira et moderatior erit quae sciet sibi cotidie ad iudicem esse ueniendum. Quicquam ergo pulchrius hac consuetudine excutiendi totum diem? Qualis ille somnus post recognitionem sui sequitur, quam tranquillus, quam altus ac liber, cum aut laudatus est animus aut admonitus et speculator sui censorque secretus cognouit de moribus suis!
- 3. Vtor hac potestate et cotidie apud me causam dico. Cum sublatum e conspectu lumen est et conticuit uxor moris iam mei conscia, totum diem meum scrutor factaque ac dicta mea remetior; nihil mihi ipse abscondo, nihil transeo. Quare enim quicquam ex erroribus meis timeam, cum possim dicere: 'uide ne istud amplius facias, nunc tibi ignosco.
- 4. In illa disputatione pugnacius locutus es: noli postea congredi cum imperitis; nolunt discere qui numquam didicerunt. Illum liberius admonuisti quam debebas, itaque non emendasti sed offendisti: de cetero uide, [ne] non tantum an uerum sit quod dicis, sed an ille cui dicitur ueri patiens sit: admoneri bonus gaudet, pessimus quisque rectorem asperrime patitur.

XXXVII.

- 1. In conuiuio quorundam te sales et in dolorem tuum iacta uerba tetigerunt: uitare uulgares conuictus memento; solutior est post uinum licentia, quia ne sobriis quidem pudor est.
- 2. Iratum uidisti amicum tuum ostiario causidici alicuius aut diuitis quod intrantem summouerat, et ipse pro illo iratus extremo mancipio fuisti: irasceris ergo catenario cani? et hic, cum multum latrauit, obiecto cibo mansuescit.
- 3. Recede longius et ride! Nunc iste se aliquem putat quod custodit litigatorum turba limen obsessum; nunc ille qui intra iacet felix fortunatusque est et beati hominis iudicat ac potentis indicium difficilem ianuam: nescit durissimum esse ostium carceris. Praesume animo multa tibi esse patienda: numquis se hieme algere miratur, numquis in mari nausiare, in uia concuti? Fortis est animus ad quae praeparatus uenit.
- 4. Minus honorato loco positus irasci coepisti conuiuatori, uocatori, ipsi qui tibi praeferebatur: demens, quid interest quam lecti premas partem? honestiorem te aut turpiorem potest facere puluinus?
- 5. Non aequis quendam oculis uidisti, quia de ingenio tuo male locutus est: recipis hanc legem? Ergo te Ennius, quo non delectaris, odisset et Hortensius simultates tibi indiceret et Cicero, si derideres carmina eius, inimicus esset. Vis tu aequo animo pati candidatus suffragia?'

XXXVIII.

- 1. Contumeliam tibi fecit aliquis: numquid maiorem quam Diogeni philosopho Stoico, cui de ira cum maxime disserenti adulescens proteruus inspuit? Tulit hoc ille leniter et sapienter: 'non quidem' inquit 'irascor, sed dubito tamen an oporteat irasci.'
- 2. Quanto <Cato> noster melius! qui, cum agenti causam in frontem mediam quantum poterat adtracta pingui saliua inspuisset Lentulus ille patrum nostrorum memoria factiosus et inpotens, abstersit faciem et 'adfirmabo' inquit 'omnibus, Lentule, falli eos qui te negant os habere.'

XXXIX.

- 1. Contigit iam nobis, Nouate, bene componere animum: aut non sentit iracundiam aut superior est. Videamus quomodo alienam iram leniamus; nec enim sani esse tantum uolumus, sed sanare.
- 2. Primam iram non audebimus oratione mulcere: surda est et amens; dabimus illi spatium. Remedia in remissionibus prosunt; nec oculos tumentis temptamus uim rigentem mouendo incitaturi, nec cetera uitia dum feruent: initia morborum quies curat.
- 3. 'Quantulum' inquis 'prodest remedium tuum, si sua sponte desinentem iram placat!' Primum, ut citius desinat efficit; deinde custodit, ne reccidat; ipsum quoque impetum, quem non audet lenire, fallet: remouebit omnia ultionis instrumenta, simulabit iram ut tamquam adiutor et doloris comes plus auctoritatis in consiliis habeat, moras nectet et, dum maiorem poenam quaerit, praesentem differet.
- 4. Omni arte requiem furori dabit: si uehementior erit, aut pudorem illi cui non resistat incutiet aut metum; si infirmior, sermones inferet uel gratos uel nouos et cupiditate cognoscendi auocabit. Medicum aiunt, cum regis filiam curare deberet nec sine ferro posset, dum tumentem mammam leniter fouet, scalpellum spongea tectum induxisse: repugnasset puella remedio palam admoto, eadem, quia non expectauit, dolorem tulit. Quaedam non nisi decepta sanantur.

XL.

- 1. Alteri dices 'uide ne inimicis iracundia tua uoluptati sit', alteri 'uide ne magnitudo animi tui creditumque apud plerosque robur cadat. [alteri] Indignor mehercules et non inuenio dolendi modum, sed tempus expectandum est; dabit poenas. Serua istud in animo tuo: cum potueris, et pro mora reddes.'
- 2. Castigare uero irascentem et ultro obirasci incitare est: uarie adgredieris blandeque, nisi forte tanta persona eris ut possis iram comminuere, quemadmodum fecit diuus Augustus, cum cenaret apud Vedium Pollionem. Fregerat unus ex seruis eius crustallinum; rapi eum Vedius iussit ne uulgari quidem more periturum: murenis obici iubebatur, quas ingentis in piscina continebat. Quis non hoc illum putaret luxuriae causa facere? saeuitia erat.
- 3. Euasit e manibus puer et confugit ad Caesaris pedes, nihil aliud petiturus quam ut aliter periret, ne esca fieret. Motus est nouitate crudelitatis Caesar et illum quidem mitti, crustallina autem omnia coram se frangi iussit conplerique piscinam.
- 4. Fuit Caesari sic castigandus amicus; bene usus est uiribus suis: 'e conuiuio rapi homines imperas et noui generis poenis lancinari? Si calix tuus fractus est, uiscera hominis distrahentur? Tantum tibi placebis ut ibi aliquem duci iubeas ubi Caesar est?'
- 5. Sic cui tantum potentiae est ut iram ex superiore loco adgredi possit, male tractet, at talem dumtaxat qualem modo rettuli, feram immanem sanguinariam, quae iam insanabilis est nisi maius aliquid extimuit.

XLI.

- 1. Pacem demus animo quam dabit praeceptorum salutarium adsidua meditatio actusque rerum boni et intenta mens ad unius honesti cupiditatem. Conscientiae satis fiat, nil in famam laboremus; sequatur uel mala, dum bene merentis. 2. 'At uulgus animosa miratur et audaces in honore sunt, placidi pro inertibus habentur.' Primo forsitan aspectu; sed simul aequalitas uitae fidem fecit non segnitiem illam animi esse sed pacem, ueneratur illos populus idem colitque.
- 3. Nihil ergo habet in se utile taeter iste et hostilis adfectus, at omnia ex contrario mala, ferrum et ignes. Pudore calcato caedibus inquinauit manus, membra liberorum dispersit, nihil uacuum reliquit a scelere, non gloriae memor, non infamiae metuens, inemendabilis cum ex ira in odium occalluit.

XLII.

- 1. Careamus hoc malo purgemusque mentem et exstirpemus radicitus quae quamuis tenuia undecumque haeserint renascentur, et iram non temperemus sed ex toto remoueamus quod enim malae rei temperamentum est? Poterimus autem, adnitamur modo.
- 2. Nec ulla res magis proderit quam cogitatio mortalitatis. Sibi quisque atque alteri dicat: 'quid iuuat tamquam in aeternum genitos iras indicere et breuissimam aetatem dissipare? Quid iuuat dies quos in uoluptatem honestam inpendere licet in dolorem alicuius tormentumque transferre? Non capiunt res istae iacturam nec tempus uacat perdere.
- 3. Quid ruimus in pugnam? Quid certamina nobis arcessimus? Quid inbecillitatis obliti ingentia odia suscipimus et ad frangendum fragiles consurgimus? Iam istas inimicitias quas inplacabili gerimus animo febris aut aliquod aliud malum corporis uetabit geri; iam par acerrimum media mors dirimet.
- 4. Quid tumultuamur et uitam seditiosi conturbamus? stat supra caput fatum et pereuntis dies inputat propiusque ac propius accedit; istud tempus quod alienae destinas morti fortasse circa tuam est.

XLIII.

Quin potius uitam breuem colligis placidamque et tibi et ceteris praestas? Quin potius amabilem te dum uiuis omnibus, desiderabilem cum excesseris reddis? Quid illum nimis ex alto tecum agentem detrahere cupis? Quid illum oblatrantem tibi, humilem quidem et contemptum sed superioribus acidum ac molestum, exterere uiribus tuis temptas? Quid seruo, quid domino, quid regi, quid clienti tuo irasceris? Sustine paulum: uenit ecce mors quae uos pares faciat.

- 2. Videre solemus inter matutina harenae spectacula tauri et ursi pugnam inter se conligatorum, quos, cum alter alterum uexarunt, suus confector expectat: idem facimus, aliquem nobiscum adligatum lacessimus, cum uicto uictorique finis et quidem maturus immineat. Quieti potius pacatique quantulumcumque superest exigamus; nulli cadauer nostrum iaceat inuisum.
- 3. Saepe rixam conclamatum in uicinia incendium soluit et interuentus ferae latronem uiatoremque diducit: conluctari cum minoribus malis non uacat, ubi metus maior apparuit. Quid nobis cum dimicatione et insidiis? Numquid amplius isti cui irasceris quam mortem optas? etiam te quiescente morietur. Perdis operam, si facere uis quod futurum est.
- 4. "Nolo" inquis "utique occidere, sed exilio, sed ignominia, sed damno adficere." Magis ignosco ei qui uulnus inimici quam qui pusulam concupiscit; hic enim non tantum mali animi est sed pusilli. Siue de ultimis suppliciis cogitas siue de leuioribus, quantulum est temporis quo aut ille poena sua torqueatur aut tu malum gaudium ex aliena percipias!
- 5. Iam istum spiritum expuemus. Interim, dum trahimus, dum inter homines sumus, colamus humanitatem; non timori cuiquam, non periculo simus; detrimenta iniurias, conuicia uellicationes contemnamus et magno animo breuia feramus incommoda: dum

respicimus, quod aiunt, uersamusque nos, iam mortalitas aderit.'

Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do Volume I e Volume II, aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

Obras filosóficas de Sêneca:

- Cartas de um Estoico, Vol I (Epistulae morales ad Lucilium)
- Cartas de um Estoico, Vol II
- Cartas de um Estoico, Vol III
- Sobre a Ira (De Ira)
- Consolação a Márcia (Ad Marciam, De consolatione)
- <u>Consolação a Minha Mãe Hélvia</u> (Ad Helviam matrem, De consolatione)
- Consolação a Políbio (De Consolatione ad Polybium)
- Sobre a Brevidade da vida(De Brevitate Vitae)
- <u>Da Clemência</u> (De Clementia)
- Sobre Constância do sábio (De Constantia Sapientis)
- A Vida Feliz (De Vita Beata)
- Sobre os Benefícios (De Beneficiis)
- Sobre a Tranquilidade da alma (De Tranquillitate Animi)
- Sobre o Ócio (De Otio)
- Sobre a Providência Divina (De Providentia)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Obras Filosóficas

Meditações de Marco Aurélio

- A Arte de ter Razão por Arthur Schopenhauer
- Estoicismo, Guia Definitivo por St. George Stock
- <u>Ciropédia</u> por Xenofonte
- **Utopia** por *Thomas More*
- <u>Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres</u> por *Diógenes*

Laércio

- Andar a Pé por Henry David Thoreau
- Carta a Meneceu sobre a felicidade por Epicuro
- Epicuro, Cartas e Princípios por Epicuro
- O Dever do Advogado por Ruy Barbosa
- Os Sermões por Padre António Vieira



I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

- 1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.
- 2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.
- 3. Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse. Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o

tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

- 4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.
- 5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa gratior et pulchro veniens e corpore virtus. ¹

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

- 4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu temos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.
- 5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos²? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.
- 6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, - a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria virtude.
- 7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas

- há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.
- 8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.
- 9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.
- 10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.
- 11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão

correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

- 12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; consequentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.
- 13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição³. Grande também são as almas dos defensores homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: Providencia, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude o que torna a alma reta e inabalável.
- 14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

- 15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.
- 16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.
- 17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.
- 18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris⁴, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num

- banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?
- 19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.
- 20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abranda todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.
- 21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.
- 22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

- 23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.
- 24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.
- 25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.
- 26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente; aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressase de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto

Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

- 27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.
- 28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.
- 29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.
- 30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.
- 31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja

- sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos enchem de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.
- 32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.
- 33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.
- 34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, um é agradável, outro é feio; da fortuna, este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.
- 35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil⁵. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o

que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

- 36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.
- 37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.
- 38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.
- 39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz,

- "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.
- 40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".
- 41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, estão todos de acordo com a natureza.
- 42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.
- 43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é

igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

- 44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaja em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.
- 45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta Providencia?
- 46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.
- 47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E

há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

- 48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.
- 49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.
- 50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.
- 51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo?

Lá estava Múcio⁶, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

- 52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.
- 53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte, Mantenha-se Bem.

NOTAS:

- 1 Trecho de Eneida de Virgílio.
- 2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.
- 3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos

pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

- 4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.
- 5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores um princípio do epicurismo.
- 6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.

Sumário

```
Introdução
    Sobre o autor
    Sobre a tradução
Livro I
    Ш
    Ш
    IV
    ٧
    VI
    VII
    VIII
    IX
    Χ
    ΧI
    XII
    XIII
    XIV
    XV
    XVI
    XVII
```

XVIII

XIX

XX

XXI

Livro II

I

П

Ш

IV

٧

VI

VII

VIII

IX

Χ

ΧI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

XXXV

XXXVI

LIVRO III

I

П

Ш

IV

٧

VI

VII

VIII

XIV

Χ

ΧI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIV

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

XXXV

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

XL

XLI

XLII

XLIII

On Anger

BOOK I

١.

П.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV. XV. XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

XX.

XXI.

BOOK II

I.

II.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

XX.

XXI.

XXII.

XXIII.

XXIV.

XXV.

XXVI.

XXVII.

XXVIII.

XXIX.

XXX.

XXXI.

XXXII.

XXXIII.

XXXIV.

XXXV.

XXXVI.

BOOK III

I.

II.

Ш.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

XX.

XXI.

XXII.

XXIII.

XXIV.

XXV.

XXVI.

XXVII.

XXVIII.

XXIX.

XXX. XXXI. XXXII. XXXIII. XXXIV. XXXV. XXXVI. XXXVII. XXXVIII. XXXIX. XL. XLI. XLII. XLIII. AD NOVATVM DE IRA LIBER I I. II. III. IV. V. VI. VII. VIII. IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

XX.

XXI.

LIBER II

I.

II.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVII.

XVIII.

XIX.

XX.

XXI.

XXII.

XXIII.

XXIV.

XXV.

XXVI.

XXVII.

XXVIII.

XXIX.

XXX.

XXXI.

XXXII.

XXXIII.

XXXIV.

XXXV.

XXXVI.

LIBER III

١.

II.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

XX.

XXI.

XXII.

XXIII.

XXIV.

XXV.

XXVI.

XXVII. XXVIII. XXIX. XXX. XXXI. XXXII. XXXIII. XXXIV. XXXV. XXXVI. XXXVII. XXXVIII. XXXIX. XL. XLI. XLII. XLIII. Bônus

Carta I. Sobre aproveitar o tempo

Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Sumário

Cronologia

Cronologia

Para a maioria das obras de Sêneca não podemos dar datas definitivas

138- 78 aC	Lucius Cornelius Sulla.
106- 43 aC	Marcus Tullius Cicero.
100- 44 aC	Gaius Júlio César.
55 aC	pai de Sêneca, nasce em Corduba, Espanha.
31 aC	Derrota de Antonio na batalha de Actium, final da República.
31 aC- 14	Principado de Augusto.
1 aC	Sêneca nascido em Corduba; educação em Roma em retórica e filosofia.
14- 37	Principado de Tibério; Sêneca vai para por Egito por razões de saúde.
31	Seneca volta para a Itália; prossegue uma carreira política, eventualmente tornando-se um questor.
37-	Principado de Caligula; Sêneca escreve a Consolação para

41	Marcia
39	Sêneca desperta o ciúme de Caligula e é ameaçado com execução.
41	Sêneca acusado de adultério com Julia Livilla (irmã de Caligula); exilado para a Córsega até 49. Escreve Consolação para Helvia e Consolação a Polybeus.
41- 54	Principado de Claudius.
49	O retorno de Sêneca a Roma é garantido por Agripina; torna- se tutor para seu filho, o jovem Nero, assim como o pretor. Provável que escreve "Sobre a Ira", "Sobre a Tranquilidade da Alma" e "Sobre a brevidade da vida"
54- 68	Principado de Nero. Escreve "Sobre a Vida Feliz"
54- 62	Consultor principal de Nero (juntamente com Burrus, prefeito da Guarda pretoriana).
55	Nero envenena seu irmão mais novo, Britannicus
55-6	Escreve "Sobre a Misericordia"
59	Nero mata sua mãe, Agripina. Escreve "Sobre lazer."
62	Morte de Burrus. Sobre Benefícios. Sêneca se aposenta da vida pública. Provavelmente escreve "Sobre a Providência", "Perguntas naturais" e "Cartas para Lucílio" neste período.
65	Sêneca comete suicídio, sob ordens de Nero, depois de ter sido implicado, erroneamente, na conspiração pisoniana contra o imperador.